

THEOPHILO BRAGA

CONTOS
TRADICIONAES

DO

POVO PORTUGUEZ

Historias e Exemplos de thema tradicional
e fôrma litteraria

Litteratura dos Contos populares em Portugal

SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA



LISBOA

J. A. RODRIGUES & C.^ª—EDITORES

186—RUA AUREA—186

1915

C.
4



BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

CONTOS TRADICIONAES
DO POVO PORTUGUEZ

BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

(EDIÇÃO INTEGRAL E DEFINITIVA EM 10 VOLUMES)

- I — *Historia da Poesia popular portugueza* (3.^a edição) 2 vol.
 1.^o As Origens... 1902. De xvi-480 p. 800 réis.
 2.^o Cyclos épicos. 1905. De vi-570 p. 800 réis.

Tiragem especial. — D'esta 3.^a edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho.—Cada vol. 3,7000 réis.

- II — *Cancioneiro popular portuguez* (2.^a edição)... 2 vol.
 1.^o Cancioneiro de Amor: Cantigas de Viola e Terreiro — Despiques de Conversados — Colloquios — A B C de Amôres — Retratos — Canções — Orações parodiadas — Fados. Lisboa, 1911, 1 vol. De viii-540 p., 800 réis.
 2.^o Cancioneiro sagrado — Infantil — Politico — Lisboa, 1913, 1 vol. De 528 p., 800 réis.

- III — *Romanceiro geral portuguez* (2.^a edição)..... 3 vol.
 1.^o Romances heroicos, Novellescos e de Aventuras. Lisboa 1906. De viii-540 p., 1,7000 réis.
 2.^o Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros. 1907. De 558 p., 800 réis.
 3.^o Romances com fórma litteraria, do seculo XV a XVII. Notas e Paradigmas comparativos. Lisboa, 1909. De 634 p., 1,7000 réis.

Obra completa, 3 vol., 2,7500 réis.

Tiragem especial — D'esta 2.^a edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho.—Cada vol., 3,7000 réis.

- IV — *Theatro popular portuguez*: Reisadas — Lapi-nhas — Mouriscadas — Jogos figurados. (*No prélo*)..... 1 vol.

- V — *Adagiario portuguez* 1 vol.

- VI — *Contos tradicionaes do Povo portuguez* (2.^a edição) 2 vol.
 1.^o Contos de Fadas — Casos e Facecias. Com Notas comparativas. Estudo sobre a Novelística. Lisboa, 1914. 1 vol. De lxxi-304 p., 600 réis
 2.^o Historias e Exemplos de thema tradicional e fórma litteraria. Litteratura dos Contos populares. Lisboa, 1915. 1 vol. D. lxxiv-340 p., 600 réis.

THEOPHILO BRAGA



CONTOS TRADICIONAES

DO

POVO PORTUGUEZ

Historias e Exemplos de thema tradicional
e fôrma litteraria

Litteratura dos Contos populares em Portugal

SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA



LISBOA

J. A. RODRIGUES & C.^a—EDITORES

186—RUA AUREA—186



COMPRA
269719

2
78887

1915

Composto e Impresso na *Typografia Ferros & Ferros F.ºs*
41, R. dos Retrozeiros, 43 — LISBOA

Litteratura dos Contos populares em Portugal

I

Philomythia — Philosophia — Philologia

Reconhecida a quasi generalidade da origem oriental dos Contos populares, pelas fontes d'onde provieram e pelas adaptações que receberam, melhor se poderão seguir as transformações d'esse elemento tradicional através dos meios sociaes e epocas historicas porque passaram modificando-se, e deduzir das suas transformações como actuaram na revelação dos genios litterarios, elevando as linguas vulgares nacionaes á expressão esthetica. Escreveu Gaston Paris sobre este complexo problema: «Penetrando successivamente em meios bem differentes d'aquelles em que fôram inventados, os Contos orientaes soffreram naturalmente certas transformações, que por vezes os melhoraram e na maior parte das vezes estragaram-os não sendo bastante importantes, porque a critica aproximando-as com arte todas as variantes que haja colligido, chegue quasi sempre a reduzir as fórmas occidentaes á sua origem asiatica, e possa seguir os estádios d'estas narrativas emigrantes através dos seculos e das nações.» (*La Poésie du Moyen-Age*, pag. 752.) Até aqui chega o simples processo folk-lorico; ha mais que avançar, para a Morphologia litteraria apartando dos elementos lendarios de criação anonyma, elementos que *variam* indefinidamente, umas vezes abreviando-se em um laconismo claro e logico, outras prolongando-se pelo interesse da narrativa por episodios syncreticamente agrupados. Por este conjuncto cyclico, um mesmo conto reveste fórmas diversas pelos seus episodios, tornando-se facil a sua transmigração e adaptação em diferentes meios e epocas sociaes ou historicas.

O fóco *oriental* é uma expressão vaga, que importa definir pelos modernos recursos philologicos: ha o *Orientalismo* Aryano, d'onde provieram os Contos diffundidos pelo proselytismo dos Buddhistas, e Medo-Persa, cujos contos se propagaram pela acção expansiva dos Arabes na Europa occidental; ha tambem o *Orientalismo* Semita, d'onde as tradições hebraicas tambem pelos Arabes espalhadas na cultura

hispanica. E estes dois fôcos orientaes, ainda se fortalecem com o effeito das expedições de Alexandre na India, pela irradiação das Côrtes byzantinas e regressos dos Cruzados, como tambem pela Egreja, na propaganda catholica medieval. Assim a Europa achou-se com o conhecimento das concepções primitivas da Humanidade e que já fôram as Syntheses emotivas, que precederam as abstrações philosophicas; por isso lhes chamou Aristoteles *Philomythia*, um estado mental de credulidade, em que ficaram os povos que não chegaram pela duvida e scepticismo ás noções racionaes da *Philosophia*. Disse Aristoteles, que o que mais nos encanta é aquillo em que acreditamos. Pelos trabalhos folk-loricos se confirma; é essa credulidade que prevalece na creança e na gente rude e ingenua; e isso é que torna sympathicas todas as tradições, conservando-as e transmittindo-as; e é por essa *credulidade*, que os Moralistas modificaram os Contos vindos das civilizações polytheicas dar encanto á creança christã. Todos esses materiaes ethnologicos dispersos e truncados, constituem o *Saber popular*, que syntheticamente tem a designação de *Folk-Lorismo*, mas denomina-se *Philomythia*, como definiu Aristoteles esse estado mental contraposto á *Philosophia*.

Podem seguir-se estas concepções na vida moderna, porque esse estado philomythico persiste nas creanças, nas mulheres, nos velhos, em geral no vulgo, no automatismo dos costumes, na emoção das grandes catastrophes, e em um mysticismo espontaneo. E' um precioso campo de psychologia collectiva. Mas para as origens remotas só o Oriente, que ainda persiste no estado philomythico é que presta a mais vasta e segura documentação nos seus livros sagrados, ritos, epopeas, symbolos, apólogos, fabulas, contos, em que a noção racional se deduz da impressão sensorial. Como explicar toda essa riqueza contida em linguas e litteraturas inacessivel á cultura normal, em Civilizações historicas extinctas e em meios longinquos? Pela Erudição; não a erudição isolada, especial, de uma preocupação sem destino, que se torna impertinente e pedantesca, mas aquella que pela designação de *Philologia*, Vico entreviu na marcha do estudo philosophico. Vico, na *Sciencia Nova*, chegou á concepção simples, que o *saber* é a condição de espirito na sua perfeita intellectualidade; por este *saber* se obtêm os elementos subjectivos da realidade, interpretando as ficções primitivas como residuos das concepções peculiares do passado humano. Veiu pois esse *saber* a systematisar-se em um corpo de doutrina já denominado *Philologia*. E' certo que o estudo das obras de Bacon conduziu Vico a esta disciplina mental, que anteriormente se limitava á erudição humanista; elle procurou relacionar as especulações philosophicas com o saber encyclopedico (e n'isto o continuou Comte) e a designação mysteriosa de *Sciencia*

Nova, com que emprehendia uma renovação do criterio racional, no fundo era a alliança da *Philosophia* com a *Philologia*. N'isto assenta o influxo de Vico no espirito dos pensadores do seculo XVIII e XIX; a Erudição especialisava-se e esterilizar-se-ia, se não fôsse fecundada por uma concepção de conjuncto — a *Philologia*. Para este saber geral contribuíram Indianistas, Zenticistas, Egyptologos, Semitologos, Sinologos, Hellenistas, Romanistas, ethnologos, constituindo a essencia de tão vasto material a *Philomythia*.

Pelo criterio seguro da *Philologia*, as Litteraturas são estudadas nas suas origens tradicionaes e populares; Max Muller observou em quanto á Mythologia grega: «Herodoto propagou a ideia de Homero e Hesiodo é que cream a Mythologia da Grecia desfigurando a verdadeira natureza da Fabula como producto natural do pensamento popular, e a inevitavel sobrevivencia dos colloquios do vulgo. Só modernamente é que a theoria de Herodoto desapareceu deante de uma vista mais perfeita, e que a tradição popular, o folk-lore tem equal importancia ao lado da fabula classica.» (*Myth*, p. 77, 83.) Os mythographos gregos Paléphale e Herochito, consideravam essas lendas populares como degradação e deturpação dos mythos hellenicos, da fórma como tinham sido systemasados nos poemas homericos e hesiodicos. A *Philologia* moderna restabelecendo esse fundo primario popular, mostra-nos como os generos poeticos da Litteratura grega provieram tambem de germens populares no seu desenvolvimento e progresso artistico. «A Litteratura grega, como observa Boissier, viveu nos seus mais florescentes annos, de um certo numero de narrativas transmittidas pela tradição desde os tempos mais remotos e accumuladas na memoria do povo. Essas narrativas repetiram-se incessantemente, sendo o fundo ou thema d'esses poemas de todos os generos, que causam a admiração do mundo. Os gregos não sentiam então a necessidade de crear assumptos novos, os antigos lhe bastavam. O prazer consistia para elles em vêr como estes assumptos antigos seriam tratados de uma maneira nova, e de que modo se chegava a commovel-os pelas aventuras que tantas vezes os tinha commovido.» E assim um thema se tornava obra de arte, pelo destaque da individualidade de genio e de estylo. A *Philologia* estabeleceu a evolução dos germens tradicionaes, e a criação da Litteratura, reflectindo-se a obra dos genios na sympathia popular, que elabora na transmissão oral os episodios, que vêm cyclicamente dar relêvo aos themas que mais encantaram. Isto observou Schuré: «Toda a grande arte começa por ser uma arte espontanea. Não nasce do povo nem de uma aristocracia, mas do concurso intelligente de ambos. Produz-se ordinariamente quando uma classe superior da sociedade, ou um homem de genio se apposa da arte

popular espontanea para aperfeiçoal-a.» (*Hist. du Drame music.*, pag. 231.)

A Litteratura dos Contos populares é o quadro da transmissao oral das tradições recebendo a nitidez e belleza esthetica da fórma escripta.

Sob estes titulos geraes, agrupamos as Sciencias especiaes :

I

Philomythia

CONHECIMENTO PELAS CONCEPÇÕES SUBJECTIVAS EMOCIONAES

Cosmogonias.
Theogonias.
Mythos sideraes e solares.
Mythos teluricos e meteorologicos.
Mythos anthropomorphicos e anthropopathicos.
Symbolos e Emblemas.
Allegorias.
Fabulas e Comparações.
Legendas.
Ritos, drama cultural, Iconographia.

II

Philosophia

CONHECIMENTO PELAS CONCEPÇÕES GERAES E ABSTRACTAS
FORMADAS POR NOÇÕES RACIONAES

Philosophia primeira : Disciplina da racionalidade.
Philosophia segunda : Generalisação dos dados objectivos verificaveis constituindo Sciencias.
Philosophia terceira : Synthese dos phenomenos moraes relativos ao fim humano.

III

Philologia

CONHECIMENTO ENCYCLOPEDICO RELACIONANDO TODAS
AS REPRESENTAÇÕES MENTAES DISPERSAS POR OBSERVAÇÕES ESPECIAES,
APROXIMANDO-AS PELO CRITERIO COMPARATIVO

Paleontologia — Archeologia — Ethnologia — Anthropologia — Geographia historica — Hierologia — Litteratura — Glottologia. — Instituições. = Historia universal.

Assim como na linguagem existem duas correntes de elaboração, uma popular ou dialectal e outra escripta, ou regularizada por uma norma grammatical, acontecendo muitas vezes desconhecerem-se estas duas correntes, ou entre-cruzarem-se por effeito de causas sociaes e historicas, o mesmo phenomeno se observa com as tradições novellescas: um grande numero de Contos persiste exclusivamente na transmissão *oral* do povo, que os transforma desde a primitiva concepção mythica até á simples aventura faceta ou á referencia vaga de qualquer adagio; existe simultaneamente um outro grupo de Contos conservados por via da redacção *litteraria* e escriptos com uma certa intencionalidade moral ou artistica. Nem sempre estas duas correntes se communicam, havendo comtudo uma epoca em que os escriptores deram fórma litteraria aos themas tradicionaes ou os imitaram, e em que os contos escriptos por seu turno vieram a influir na imaginação popular pelo emprego da *Parabola* na prédica religiosa e do *Exemplo* na doutrinação concreta da moral. A universalidade dos Contos populares na tradição *oral* não se póde explicar historicamente; este processo compete aos Contos generalizados pela fórma *litteraria*, cuja transmissão se estabelece quasi de um modo chronologico e por documentos que subsistem. Huet, Sacy, Loiseleur des Longchamps, Benfey e Max Müller, segundo os recursos da sciencia da sua epoca, a Philologia, fixaram os caminhos diversos por onde os Contos do Oriente fizeram a sua migração para a Europa. Proventes de collecções litterarias, de que a mais antiga conhecida é o *Pantchatantra*, elles acompanham os accidentes da historia da civilização da Europa, implantando-se no Occidente com a invasões dos Arabes, propagando-se como ultimos lampejos do hellenismo, com as Cruzadas, sendo o assumpto de redacção dos novos dialectos românicos e dos prégadores catholicos da Edade Média. A Igreja afastando os povos da Europa do contacto da civilização greco-romana, aproveitou-se d'este fundo tradicional para actuar sobre a imaginação da gente rude, e assim as litteraturas começaram o seu desenvolvimento sobre uma base e com um destino popular. A redacção litteraria dos Contos e fabulas indianas foi provocada pela profunda revolução religiosa do Buddhismo, que batendo as abstracções metaphysicas da casta sacerdotal brahmânica e procurando os seus proselytos entre as raças inferiores e amarellas, teve de propagar se pela exposição pittoresca dos Contos; onde quer que o Buddhismo se divulgou, ahi encontram-se os Contos como meio de propaganda. As collecções da China, como os *Avadanas*, e as do Thibet, resultaram d'essa crise religiosa; no rarissimo livro das *Cartas do Japão* (fl. 99 v.) se lê: «Ha y mais duas Seitas, que chamam Iexu e Muraçaqui. Estes são

dados a meditações, tem somma d'ellas de cousas como *fabulas e comparações*.» Na lucta do Christianismo contra o polytheismo, e mais tarde contra o Islamismo e o Protestantismo, a polemica religiosa fez-se á custa de contos Moraes, de facil comprehensão, chamados *Exemplos*. Esta similaridade de crise religiosa coincidiu com o conhecimento dos Contos indianos traduzidos para arabe na côrte de Bagdad, e trazidos na invasão mussulmana da Europa occidental. Os trovadores nas suas canções, os tropeiros nos seus fabliaux, os menestreis nos seus lais, secularisaram o conto com esse espirito de livre exame communicado pela civilização dos Arabes.

Pelos resultados da Novellistica geral e pelo estudo da Litteratura dos Contos populares, chegou-se a esta conclusão formulada por Gaston Paris: «Por um phenomeno que, com surpresa a sciencia constata cada vez melhor, parece que a imaginação moderna e occidental, mesmo nos espiritos mais brilhantes, é incapaz de inventar um conto equal áquelles que, creados na sua maior parte na Asia ha já longos seculos, de lá se propagaram nos nossos paizes e constituem ainda hoje o fundo quasi exclusivo do nosso patrimonio de ficção.» (*Poesie du Moyen Age*, p. 152.) E' a consequencia logica do estudo mental da *Philomythia*.

II

Contos dos seculos XII a XV, da corrente oriental e Edade Média

No periodo mais activo da organização das sociedades modernas, no seculo XII, é que se constituiu a Nacionalidade portugueza; dirigida a sua cultura pelos latinistas ecclesiasticos, os primeiros documentos litterarios em prosa fôram Contos traduzidos do arabe e com uma intenção moral exclusiva. Com as correntes cultas de outros elementos medievaes, como os trovadores da Provença, os jograes francezes e menestreis bretãos, alargaram-se as fontes litterarias dos Contos, estabelecendo-se essa unanimidade de sentimento da Civilização occidental. Indicaremos estes diferentes vehiculos.

Desde o seculo XIII que se conheceu na Hespanha a colleção arabe do *Kalila e Dimna*, não só pela traducção castelhana do infante D. Affonso (1289), como pelo *Exemplario contra enganos y peligros del mundo*. Succederam-se as imitações litterarias, e a fonte escripta apparece citada com fre-

quencia nos poetas do principio do seculo xv, como se vê pelo Cancioneiro de Baena, (Ed. Pidal, t. I, 115) :

Reyne de Byrra todo su feresa,
E las falsedades de *Cadyna Dina*... (1)

Que mudan discordias, consejos peores
Que *Dyna y Cadyna* con su lealdad... (ib. 119.)

O nome d'esta collecção é tirado das aventuras passadas entre os dois chacaes *Karataka* e *Damanaka*, que no persa ante-islamico se abrandou na fórma *Kalilak* e *Dannak* vulgarisada pelos arabes. Assim na Hespanha o chagal identificou-se com a raposa, e as aventuras do Kalila e Dimna fôram designadas pela palavra generica de *raposias* :

Sea asno ó letrado por contradicion
Segunt que del dixo la *sabia raposa*...

O nosso chronista Fernão Lopes, no principio do seculo xv, emprega esta designação de *raposias*. E' talvez por esta influencia arabe que o cyclo do *Roman du Renard*, que se desenvolveu na Europa com um caracter heterodoxo e hostil á egreja, não se propagou entre as nações catholicas.

O anexam portuguez *Quanto tens, tanto vales*, pertence á historia do *Rei Lear*, quando Cordelia lhe responde :

— Tant as, tant vaux et tant je t'aime.
Tant comme j'eue et tant valus
— Et tant aimé et privé fus.

E nos adagios portuguezes :

— Faze por ter, vir-te-hão ver.
— Tanto vale cada um na praça
Quanto vale o que tem na caixa. (F. Rol. 127.)

Pôde-se affirmar que estes anexins são outros tantos vestigios de contos obliterados, por isso que temos grande quantidade de anexins em que se dá este facto. Exemplificamos com um dos mais curiosos, e que se refere ao *Roman du Renard*, que litterariamente foi conhecido em Portugal: a Gesta de Maldizer de D. Affonso Lopes Baião personifica um burquez que se finge fidalgo com o nome de *D. Uelpelho*; na comedia *Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, escripta depois de 1521, (p. 84, ed. ult;) encontra-se esta importante revelação do espirito da satira burguesia ter penetrado no nosso povo :

O Lobo e a *Golpella* (Vulpecula)
Fizeram uma conselha.

Outro anexam popular : *Da pelle alheia grande correia*,

proveiu de um episodio do *Roman du Renard*, como o conta Fleury de Bellingen «O Leão achando-se afflicto com uma grande febre mandou chamar a Raposa para saber se no seu conselho poderia ter remedio a sua doenca; a Raposa fingindo de medico lhe disse: Que para a sua cura precisava cingir os rins com uma larga cintura tirada de fresco da pelle de um Lobo. Seguindo esta receita o Leão doente mandou chamar um Lobo, a quem a Raposa cortou ao largo do corpo uma comprida e larga correia. O Lobo com as dores uivava desesperado: Ah, senhora Raposa, da pelle que não é vossa tiraes correia larga.» O espirito do anexam derivou do antagonismo entre o Lobo (*Ysengrin*) e a Raposa (*Trigodin-le-Renard*) do velho poema. Ainda á phrase franceza *Piquer le Renard*, beber em jejum, corresponde no mesmo sentido em portuguez *Matar o bicho*.

A influencia arabe na peninsula foi simultaneamente popular e litteraria; Alvaro de Cordova allude ao gosto dos contos «*fabellis mille suis delectamur*.» Das colleções arabes passaram para os nossos documentos litterarios do seculo xiv bastantes contos intercalados no livro ascetico do *Orto do Esposo*, e na traducção da lenda mystica de *Barlaam e Josaphat*, tirada do *Lalita Vistara*, sendo Buddha sanctificado no christianismo. No *Nobiliario* do Conde Dom Pedro, o conto de *Gaia* é tambem nos seus episodios similhante ás narrativas arabes, das quaes persiste no gosto popular ainda a folha volante da *Donzella Theodora*.

A divulgação da poesia provençal veiu ajudar ao desenvolvimento da fórma litteraria dos Contos, com os *Noellaires*; temos um exemplo na tradição da *Chuva de Maio*, de que ha reminiscencias em um poeta do Cancioneiro de Resende, em Sá de Miranda e D. Francisco Manoel de Mello. Os jograes abandonavam por vezes os assumptos lyricos, e contavam fabulas ou narrativas com um intuito satirico.

Devido talvez a esta influencia jogralésca e á propagação dos *fableaux* francezes, é que os contos vieram a receber em Hespanha, embora no seculo xvi, o nome de *Francias*. A influencia bretã é tambem manifesta na fórma dos *lais*, que além do seu destino musical tinham um accentuado caracter narrativo, que veiu a desenvolver-se no cyclo da Tavola Redonda. No *Nobiliario* do Conde D. Pedro é aonde existem os principaes vestigios dos contos bretãos, como no Conto da *Dama pé de cabra*. No mesmo *Nobiliario* se encontra rapidamente narrado o conto do *Rei Lear*, a tradição de Merlin, e da *Isalvalon* (Ilha do Avalon).

A tradição do Solar dos *Marinhos* deriva tambem d'essas lendas heraldicas fundadas na crença das fadas terrestres, como a Melusina e a Dama pé de cabra, ou do mar como as Sereias, de que falla Gil Vicente:

Vae logo as *ilhas perdidas*,
 No mar de penas ouvinhas,
 Traze *trez fadas marinhas*
 Que sejam mui escolhidas. (Obras, t. III, p. 101.)

No Cancioneiro da Vaticana encontra-se uma allegoria satirica da Verdade, em uma canção de Ayres Nunes, que se avalia bem aproximando-a de um conto popular da Andaluzia. Eis o conto: A Verdade e a Justiça fôram pelo mundo mostrar-se, e como eram muito formosas, arranjaram muito dinheiro. No caminho aggregou-se-lhes a Avareza, e ella é que guardava o dinheiro. Quando resolveram voltar, a Avareza que não queria repartir o quinhão, ao passar por uma ponte baldeou a Verdade na agua, e por isso ella nunca mais appareceu no mundo. A Justiça tratou logo de castigar o crime, mas a Avareza refugiou-se com a bôlsa em uma egreja e nunca mais de lá saiu, e lá hade ficar até que as paredes venham abaixo. (1) Vejamos agora a sirvente de Ayres Nunes:

Porque no mundo mengou a Verdade,
 punhey hum dia de a hyr buscar,
 et hu per ela fu. preguntar
 disserom todos — Alhur a buscade ;
 cá de tal guisa se foy a perder,
 que non podemos en novas aver,
 nem já nom anda na yrmaydade.

Nos moesteyros dos frades regrados
 a demandey, et disserom-m'assy :
 Non busquedes vós a Verdade aqui,
 cá muytos annos avemos passados
 que non mor'en nosco, per boa fé,

 e d'al avemos maiores cuydados.

E em Cistel, hu Verdade soía
 sempre morar, disserom-me que nom
 morava hy, havia gram sazom.
 nem frade d'hy já nom a conhecia ;
 nem o abade us'outrosy nom estar,
 sol nom queria que fosse y pousar,
 et anda já fora da abbadia.

Em Santiago seend'albergado
 em mha pousada, chegarom romeus ;
 preguntey-os et disserom : Par deus,
 muyto levadel-o caminho errado ;
 ca se Verdade quiserdes achar
 outro caminho conven a buscar
 cá nom sabem aqui d'ela mandado. (2)

O Conto mais antigo, que se acha escripto na lingua portugueza, está inserido no Nobiliario do Conde D. Pedro, do

(1) *Folk-lore andaluz*, p. 126 ; R. Marin, *Cantos populares españoles*, t. II, p. 196.

(2) *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, Canç. n.º 455.

seculo xiv ; a allusão ao cavallo-fada *Pardallo* (o *pardullus* de Aristoteles) e ao *coouro* (o *gouril*, bretão) provam-nos uma origem erudita, que determinaremos abaixo, tornada tradicional nas lendas genealogicas. No Conto, hoje conhecido pelo titulo da *Dama pé de Cabra*, se lê : «E alguns ha em Biscaia, que disseram e dizem hoje em dia, que esta sua mãe de Enheguez Guerra, que este é o *coouro* de Biscaia.» E tambem : «E mais dizem hoje em dia hi, que jaz com algumas mulheres hi nas aldeias ainda que não queiram, e vem a ellas em figura de escudeiro, e todas aquellas com quem jaz tornam *escoouradas*.» Nas Costas de Finisterra acredita-se na existencia de uns diabos malignos, que dançam ao luar, chamados *courils*, que M de Cambraye descreve na sua *Voyage dans le Finisterre* (1791); Leroux de Lincy traz tambem as fórmas de *Gourils*, *Gories* e *Crious* (1). No velho francez *carole* significa a dansa em redor ; tanto no inglez *carol*, como no italiano *carola* e tambem no portuguez, este vocabulo exprime um vestigio de um costume britonico. Na comedia *Aulegraphia*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, escripta antes de 1554, vem esta locução popular : «soltam a *carola* á esperanza.» (Act. IV, sc. 5.)

As tradições eruditas da primeira Renascença receberam tambem uma fórma litteraria entre os latinistas ecclesiasticos ; da Bibliotheca de Alcobaca subsiste ainda a traducção portugueza da *Visão de Tundal*, sob cujo thema, a descida aos infernos, Dante escreveu a *Divina Comedia*, tradição que os padres da Igreja tomaram do Eucrates do *Philopseudes* de Luciano. D'esta corrente erudita deriva essa allusão do cavallo-fada *Pardallo*, citado no conto da *Dama pé de cabra*, que é evidentemente uma fórma do *Pardalus* de Aristoteles. No *Orto do Esposo* descrevendo-se os costumes da panthera, Frei Hermenegildo de Payo Pele, introduz o conto do animal agradecido : «Aconteceu hua vez que hum homem livrou da morte os filhos d'esta besta. E este homem cayo em hua cova e a besta o tirou fóra d'ella e o poz em salvo do deserto hindo com elle muy leda e afagando-o, em guisa que parecia que lhe dava graças.» (2)

D'este cyclo erudito da primeira Renascença data o conhecimento das *Gesta Romanorum* em Portugal. Na Bibliotheca do rei Dom Duartê guardavam-se as *Cantigas de Santa Maria* de Affonso X, o *Conde de Lucanor*, uma traducção portugueza dos versos do *Arcipreste de Hita*, e da *Confissão do Amante* de Gower, em que receberam fórma litteraria diver-

(1) *Livre des Legendes*, p. 167.

(2) *Orto do Esposo*, fl. 73, v.

sos contos da Edade-Media. Na côrte de Dom Duarte prevaleceu o gosto dos contos com intuito moral, chamados *estorias* e *exemplos*; na sua obra o *Leal Conselheiro*, cita o conto da *Manta e o chocalho*, que parece popular pela persistencia do anexam: «O diabo tem uma manta e um chocalho.» Acham-se ali tambem o conto allegorico das *Duas barcas* e do *Filho prodigo*: «e a festa que fez o padre ao filho degastador, que confessando seu desfalecimento dizia nom sou digno seer chamado teu filho...» (1) O rei Dom Duarte condemnava a leitura dos livros de contos, que ella aponta como um vicio entre a aristocracia portugueza do seculo xv: «taaes leituras aos que de semelhantes não téem boo conhecimento mais som para serem ensinados que para despender tempo ou se desfadar com o *livro d'estorias*, em que o entendimento pouco trabalha por entender ou se membrar» (2) Fernão Lopes, o nosso grande chronista, empregava a palavra *estoria* no sentido de tradição, tal como ainda subsiste entre o povo. O rei Dom Duarte condemnando o uso de ouvir contos, diz: «E d'aquesta guysa erramos per este desassecego: se no tempo de orar e ouvir officios, nos conselhos proveitosos, fallamentos ou desembargos, levantamos *estorias*, recontando longos *exemplos*.» (3) Gil Vicente conservou esta designação medieval:

Como diz o *exemplo* antigo,
Que não são eguaes os dedos.

No mesmo Nobiliario se encontra rapidamente narrado o conto do *Rei Lear* (Leyr), o que prova que a corrente britonica se estendeu a Portugal, onde o *Roman de Brut* teve auctoridade historica. A influencia franceza é manifesta em muitos romances populares, e mesmo n'este Nobiliario existe outro conto de um fidalgo que mata a mulher adultera e o frade que estava com ella, incendiando o seu castello e tudo o que estava lá dentro; o mesmo se encontra nas *Cem Novellas novas*. Os contos que receberam elaboração litteraria devem essa conservação não ao ter-se comprehendido o seu valor nem a uma renovação artistica individual, mas ao andarem ligadas ás lendas genealogicas das familias nobres de Portugal; tal é o conto da Serêa ou *Marinha*, d'onde tira sua origem o solar dos Marinhos, e o conto de *Gaia*, das tradições arabes, que vem no já citado Nobiliario, e se conserva ainda no onomastico local do Porto, em *Gaia* e *Mira*.

(1) *Leal conselheiro*, p. 81.

(2) *Ibidem*, p. 7.

(3) *Op. Ib.*, p. 192.

gaia D'estes contos existem algumas imitações litterarias de differentes épocas da litteratura portugueza ; o *Rei Leyr* é a base de um Auto de Antonio Prestes ; *Gaia* foi metrificada em outava rima no seculo xvii por João Vaz, de Evora, e a *Dama pé de Cabra* foi elaborada de novo por Alexandre Herculano nas suas *Lendas e Narrativas* ; Garrett tambem metrificou o conto de *Gaia* em uma série de quadras em rondilha que intitulou *Miragaia*. São estes os unicos vestigios dos contos populares do seculo xiv.

E' tambem um documento da existencia dos contos populares a designação com que entre nós foram conhecidos ; as *Fabulas* jogralescas, os *Rumores*, os *Noellaires* provençaes e *Lais* bretãos, apparecem-nos referidos nos escriptores dos seculos xiv e xv. No Regimento da Casa de D. Affonso iii, estatue-se a presença de tres jograes no palacio, e um d'elles, Martim Moxa, diz em uma canção :

Uns joglares
Sus nobles *falares*
Soyam dizer...

Affonso ix de Castella, ouvindo um *fableau* de Ramon Vidal, disse-lhe : «logral, tuas *fabulas* são agradaveis e formosas.» E' esta a mesma corrente indicada por Martim Moxa, que era como Vidal, da classe dos *Segreis* ou narradores. O conto allegorico provençal chamado *Noellaire* vem tambem citado por Martim Moxa :

D'estes privados não sei *noellar*...

A tradição popular das *Fadas* era aproveitada por estes metrificadores da classe jogralesca, de origem plebêa ; diz Martim Moxa, na sua canção :

As nossas *Fadas*
Iradas
San chegadas
Por este *fadar*, etc.

No seculo xv accentua-se mais na litteratura portugueza a existencia do conto, e são mais evidentes a relações intimas com a corrente franceza. Não se conheceu em Portugal, o *Roman du Renard*, mas Fernão Lopes allude a esse cyclo de aventuras na palavra *Raposias* ; e no *Cancioneiro de Baena*, d'esta mesma época, corresponde um igual vestigio da corrente litteraria :

Sea asno ó letrado por contradicion
Segunt que del dixo la *sabia raposa*.

(Ed. Pidal, t. i p. 118).

Na Encyclopédia da Idade Média portugueza, o *Leal Conselheiro*, de el-rei Dom Duarte, cita-se resumidamente o conto das *Duas barcas*, uma alegoria moral que parece ter inspirado Gil Vicente nos seus *Autos das Barcas* por via da tradição popular. Neste período o conto apresenta um caracter moral e ascetico, e é conhecido pelo nome de *Exemplos*, usados nas comparações religiosas dos prégadores. Entre os eruditos a tradição novellesca é conhecida pelo nome de *Estoria*, como o emprega Fernão Lopes, e ainda hoje o povo em muitos pontos de Portugal chama ao conto *Historia*. Pelo *Leal Conselheiro* sabe-se que mesmo na classe aristocratica era costume ouvir contos, tal como entre o povo, que ainda hoje faz *seroadas* á maneira das *zambras* mouriscas. Os dois termos *Exemplo* e *Estoria* acham-se na prosa de Dom Duarte, alludindo a este costume.

Do gosto dos Contos da Idade Media escreve o mesmo rei invectivando-os: «E d'aquesta guysa erramos per este desassessego: se no tempo de orar e ouvir officios divinos, nos conselhos proveitosos, fallamentos ou desembargo, *levantamos estorias, recontando longos exemplos.* (*Leal Cons.*, p. 192.) Era o rei D. Duarte essencialmente moralista, sendo para elle os livros de *estorias* ou novellas mero passatempo: «para despende tempo e se desenfadar com o livro de *estorias* em que o entendimento pouco trabalha por entender ou se membrar.» (*Ib.*, p. 7.) Os *Exemplos* e as Parabolas serviam-lhe o intuito moral; no *Leal Conselheiro* declara que o Exemplo das *Duas barcas* o mandara escrever pelo seu confessor Fr. Gil Lobo: «hum conselho apropriado as *duas barcas* que escreveu por minha envenção e mandado, por que em hum fallamento assy lho razoiei, e disseme que lhe parecia boa semelhança, porem lhe disse que a escrevesse, e lhe furtando seu trabalho, a envençom foi minha solamente e porem em conto das cousas por mym feitas vol-la faço escrever.» (*Ib.*, p. 435 e p. 447.)

O seculo xv é o período em que na litteratura portugueza maior influencia exerceu o cyclo das tradições epicas da *Tavola Redonda*; esses longos poemas enchem as estantes da livraria de el-rei D. Duarte e de seu irmão D. Fernando, e alguns nomes dos seus heroes tornaram-se populares e ficaram no uso do onomastico civil. Tudo isto favorecia o desenvolvimento do conto e lhe dava uma côr cavalheiresca. Infelizmente pouco se conservou na forma escripta e nem mesmo resta signal de conhecimento da collecção arabe de *Calila e Dimna*, que porventura seria tambem lida em Portugal:

E las falsedades de *Cadyña Dyna*
Sean mostradas, porque muy ayna
Gosen los nobles que aman limpieza.

(ed. Pidal, I, 115.)

Na *Chronica da Conquista de Guiné*, de Azurara, (ed. de Paris, p. 184) cita-se «*Obras dos Romãos*» indubitavelmente a *Gesta Romanorum*. No Catalogo dos Livros de uso, de el-rei D. Duarte, vem citadas as collecções hespanholas do *Conde de Lucanor*, as obras do Arcipreste de Hita e a *Conquista de Ultramar*. Cita-se tambem a collecção novellesca de João Gower, *Confissão do Amante*, que chegou a ser traduzida por um tal Roberto Payno. E' d'este seculo a folha manuscripta da bibliotheca do Porto, que traz a fabula do *Mons parturiens* em redondilhas, e da Bibliotheca de Alcobaça são os textos da traducção da *Visão de Tundal* e de *Baarlam e Josaphat*, do seculo xiv. No manuscripto do *Orto do Esposo*, acham-se para mais de vinte contos, alguns dos quaes ainda se repetem na tradição oral.

Nos versos de Affonso Valente, colligidos no Cancioneiro de Resende, allude-se á tradição popular : «*As Fadas que me fadaram...*» E em uns versos de Duarte da Gama, n'este mesmo Cancioneiro, allude-se ao *noellaire* provençal da *Chuva de Maio*. Nas festas do casamento do principe D. Affonso, filho de D. João II, representou-se ás portas de Aviz uma allegoria *fiabesca* ou *Mômo*, em que se prognosticava a ventura do consorcio :

Aqui as *Fadas* estavam,
Segundo lhes coube em sorte,
Que á princesa *fadaram*
Cada qual de sua sorte.

(Ayres Telles, st. XXI).

O nome de *Exemplo* especialisou-se aos Contos populares, que os prégadores intercalavam nos sermões da pa-renetica medieval, explorando o gosto do vulgo, com esse instincto com que procederam os propagandistas buddhistas. O verna do mundo antigo, como notou Vico, usava essa linguagem pittoresca e franca, a *vernacula*, que exprimiu a prosa legal da burguezia. Foi n'essa linguagem que a Igreja empregou os Exemplos, quando quiz dominar a alma popular.

O costume de contos era tão persistente entre o povo como entre a aristocracia portugueza. As nossas *seroadas* e o typo dos *patranheiros* populares derivarão dos costumes mouriscos das *zanbras*? As suas raizes são mais profundas, derivam da primitiva raça do Occidente; na Grecia havia uma classe de mulheres chamadas *paramythia*, encarregadas de contarem contos por officio; Guthrie descrevendo os velhos costumes da Russia, diz : «*Observa-se tambem nas casas dos grandes, mulheres encarregadas de contar contos, Skaski...*» A sua occupação consiste em entreter suas amas até que ellas

adormeçam, com contos semelhantes ás *Mil e uma Noites* arabes, antiquissimo costume entre os orientaes.» (1) Conhecida a intima relação que existe entre os contos russos e os sicilianos, comprehendemos a relação que deve haver entre os *Skaski* russos e os *Chascos* ou *Chascarilhos* com que ainda no seculo XVII se designavam em Hespanha os Contos face-tos. (2) Esse elemento mongolico que no seculo XIII propaga na Russia e no norte da Europa as ficções orientaes, é o mesmo que no Occidente sob a corrente iberica produz esta simi-laridade de tradições e de costumes.

Usavam-se os contos, na Edade Média, á meza dos princi-pes, sob o nome de *Rumor*. Na descripção das festas do ca-samento do principe D. Affonso vem :

Depois ledos tangedores
 Á vinda da princeza
 Fizeram fortes *Rumores*,
 Espanto da natureza.

Camões empregou este termo na locução : «*O rumor an-tigo conta.*» O conto do Boi Cardil parece-nos ter sido obje-to de um d'estes rumores, como se deprehende dos versos latinos :

Ad mensam magni principis
 Est rumor unius bovis...

A influencia oriental conhece-se melhor nas fabulas da *Ra-posa*, que, na Edade Média da Europa formaram um cyclo poetico, recebendo um sentido aggressivo ; em Portugal não passaram do rudimento de Apologos com a sua moralidade taes como se conservam na tradição oral popular. Nos Ane-xins apparecem allusões aos ardis da Raposa : «Muito sabe a Raposa, mas mais sabe quem a apanha.» (Delicado, *Adagios*, p. 22.) O chronista Fernao Lopes, allude a uma peripecia do *Roman du Renard* : «Come a Raposa quando está ao pé da arvore» (*Chr. de D. João I*, t. I, cap. 42.) Na lingua portu-gueza conserva-se o verbo *arraposar*, com o significado de fingir-se morto como a raposa : «E o caso foi senão, que o demonio viu que apertavam pelo sacrificio, *arraposou-se*, pa-rra que havendo-o por morto (assim o faz a raposa).» (Fr. Ro-que de Soveral, *Hist. do Alfarec.*, livro III, cap. 8.) Jorge Fer-reira de Vasconcellos tambem allude ao rifão : «O Lobo e a Golpelha (*Vulpecula*) fizeram uma conselha.» Como se vê,

(1) *Antiquités de Russie*, p. 151.

(2) Ticknor, *Hist. da Litteratura hesp.*, t. 111, p. 25, not. 38.

apenas alguns anexins fazem lembrar uma ou outra peripecia do grande poema das revoltas communaes e do sarcasmo da burguezia. Escreve Du Méril, nas Poesias populares latinas anteriores ao seculo XII: «Nos poemas do *Renard* não podia haver outra superioridade real senão a argucia e a força, d'onde resultavam tendencias democraticas e anti-clericas e que os impediriam de adquirir uma grande popularidade nos paizes aristocraticos ou profundamente catholicos. Tambem os inglezes, os hespanhoes e os italianos não tiveram poemas do *Renard*.» (Op. cit., p. 26.) Em Portugal prevaleceu o mesmo principio, sendo aliás a palavra *Raposa* synonymo de perfidia e de argucia, como se emprega em um conto popular. Nas tradições conservadas no Talmud, ha tambem uma fabula da Raposa convidando o peixe a trocar a agua pela terra firme; alguns d'estes contos correm na tradição oral portugueza, tal como o do homem entre duas edades, ou quarentão, tendo duas amantes, uma nova que lhe arranca os cabellos brancos, outra durazia, que o depila dos cabellos pretos. (*Talmud*, Babakana, livro 6.º). E o conto do côxo, que se põe ás costas do cego para o conduzir. (*Ib.*, *Talmud Sanhédrim*). Infere-se, que a influencia judaica reforçou o elemento oriental, na Peninsula, que se attribuia unicamente aos Arabes. (1)

O *Livro de Esopo*, texto portuguez do fim do seculo XIV, publicado por Leite de Vasconcellos. com um largo e proficiente estudo philologico, mostra-nos como a litteratura portugueza compartilhava com o espirito europeu libertando-se da apathia mystica pelo bom senso dos Fabularios medievaes. E' uma paraphrase liberrima de *Romulus vulgaris* encostando-se a compilação em prosa de uso escholar, com commentos e vulgarmente chamadas *Isopet*, allusivo ao original grego. No seu processo comparativo Leite de Vasconcellos expõe: «A conclusão a que chego é que o *Livro de Esopo*, com quanto effectivamente se relacione com o Fabulario *Anonymus* de Nevelet (Walter) não provém directamente d'este, mesmo com alterações, mas provém de algum texto em prosa, latino ou romanico, derivado do Fabulario gualteriano.» E acrescenta: «Houve uma dissolução latina, em prosa, dos versos do *Anonymus* de Nevelet, d'onde provém directamente as nossas fabulas, — dissolução que o compilador portuguez, ainda assim, modificou mais ou menos, pois enriqueceu de adagios nacionaes e de reflexões moralisticas os epithymios.

(1) Comprova-se a doutrina d'estes capitulos com as Notas dos Contos *Bilha de Azeite* (p. 263); *O Pagem da Rainha* (pag. 284); *O Anjo e o Eremita* (p. 296); e *Gaia* (p. 309).

— o compilador portuguez, em logar de utilizar um texto em prosa — não se poderá negar que teve presente ao acto da traducção outros Fabularios.» (*Revista Lusitana*, vol. IX, p. 103).

III

Contos do Seculo XVI: Renascença e Reforma — Corrente novellesca italiana

O seculo XVI, a grande época de esplendor da litteratura portugueza, coincide com um maior conhecimento da tradição popular e dos contos, bem como dos cantares heroicos ou Romances. Basta conhecer o phenomeno extraordinario da situação de Portugal em frente da civilisação da Europa desde o seculo XVI, para deduzir que pela reacção violenta contra a Reforma, pela elaboração scientifica do seculo XVII e pela renovação critica do nosso tempo, deve ser compensada por uma rudeza ingenua, em que se reúnem as condições de vitalidade e interesse das antigas tradições da Edade Média. Mas essa indiferença produzida pelos terrores de um catholicismo sanguinario e por uma monarchia alliada com o *Queimadeiro*, atrophiam este povo, a ponto quasi de se obliterarem as suas tradições e ignorar as proprias origens. As tradições persistem na realidade, mas em um syncretismo resultante das variantes com que as remodelam. Na litteratura portugueza do seculo XVI os maiores escriptores são aquelles que mais se inspiraram das tradições populares, taes como Gil Vicente, Sá de Miranda e Jorge Ferreira de Vasconcellos, como se verifica apontando os contos a que elles alludem. E' no seculo XVI que achamos vulgarizadas as principaes collecções de Novellas do fim da Edade Média, e póde-se com certeza affiançar que a influencia franceza dos dois seculos anteriores está aqui substituida pela litteratura italiana. Pelos *Indices Expurgatorios* do Santo Officio conhece-se o gráo de vulgarisação d'esses livros de Novellas; no Index de 1564, fl. 168, expunge-se: «Boccacio, *Decades, seu Novella centum*»; e a prova de que já esta collecção era anteriormente conhecida, é o achar-se citada no *Espelho de Casados* do dr. João de Barros, que diz: «*João Boccacio fez muitas Novellas contra as mulheres, e d'ellas diz mal no livro da *Caídas dos Principes**» (fl. 125). No *Index Expurgatorio* de 1581, fl. 17, v., cita-se: «*Cento Novelle scelte da piu nobili scriptori de la lengua volgari, con la junta de Cento altre Novelle*»: e n'este mesmo Index vem citado: «*Facecie e motti e burle raccolte per M. Ludovico Domenico e Guiejardin*» (fl. 19). No mesmo Index

(fl. 21, v.) cita-se o *Pecorone di Messer Jovani Fiorentino*. No Index de 1597, fl. 29, enumeram-se entre os livros, cuja leitura era prohibida em Portugal: *Gesta Romanorum e Cymbalum mundi, de Bonaventura Perier*. Por esta lista succinta se póde fazer uma idéa das leituras da classe illustrada, que durante o seculo XVI costumava ir educar-se á Italia.

Mais se accentua a influencia da novellistica italiana, com a traducção portugueza da *Fiameta* de Boccacio, referida pelo bispo Cenaculo nas *Memorias do Ministerio do pulpito*; e ainda nas *Noite Piacevole* de Straparola, d'onde veiu para os nossos livros populares a *Historia dos tres Corcovados de Setubal*. (Noite V, fol. 3).

Nos costumes palacianos e universitarios, o conto tomou uma grande importancia, sobretudo desde que os prégadores os introduziram nos seus sermões a titulo de *Exemplos*. Na *Vida do Infante D. Duarte*, por mestre André de Resende, se fala d'este uso: «Ora, senhor, deixemos a febre e fallemos em cousa de passatempo. Comecei-lhe então a dizer *patranhas*, com que o tornei alegre.» O pobre infante, victima de uma premente educação catholica, fingiu-se doente para não dar lição ao jurisconsulto Madeira; André de Resende tirou-o da sua apprehensão com contos mentirosos. Aqui a palavra *patranha*, significa o conto imaginoso, e ainda hoje é o nome de desprezo com que se designam as narrativas populares. Nos seus versos, Sá de Miranda referindo-se ao conto de um rei mouro, diz: «Não do rei mouro a *patranha*. . .» (Ed. 1804, p. 104.)

Em Antonio Prestes (Autos, pag. 426):

Podeis levar,
Comadre, que vos lá conte
Patranhas de rir e folgar.

Pelo alvará de 23 de setembro de 1538, vê-se quanto se intermettia no ensino publico o conto, substituindo por um pedantismo de moralista a disciplina scientifica; n'esse alvará encontramos: «Eu el-rei, faço saber a vós reverendo bispo reitor dos estudos e Universidade de Coimbra, e aos reitores que ao diante pollos tempos forem, que per quanto ás vezes acontece a lentes nas lições que leem, e nos Autos publicos que se fazem, dizerem palavras de outros lentes ou letrados, que nos ditos autos estam presentes, recebem escandalo, e assi os ditos lentes nas lições que lêm se põe a *contar Estorrias* fóra da materia da lição, em que guastam o tempo sem proveito, hei por bem que o lente que cada uma das ditas cousas fizer, por cada vez perqua ho ordenado da lição d'aquelle dia. . .» O conto tornava-se um logar commum das conversas. Em uma carta a el-rei D. Manuel, um capitão da ilha de S. Miguel dizia-lhe: «estou aqui como o *Peregrino de*

Jerusalem», alludindo á situação de algum conto sabido.

Este uso domestico acha-se descripto no viver da principal aristocracia do seculo XVI: «O mesmo usava D. Joanna de Vilhena com as senhoras que a vinham visitar, dando a cada uma d'ellas algum trabalho com que se entretêr; e entretanto ou lhe lia algum capitulo dos documentos que o conde tinha composto, ou *lhe contava algum Exemplo* ou historia santa com que adoçar o trabalho; o que fazia com tanta graça que assim D. Brites, duqueza de Coimbra e Aveiro, como todas as mais senhoras, frequentavam com gosto a escola de D. Joanna.» (1)

Nos escriptores quinhentistas é que se encontram mais referencias aos Contos populares:

E folgam de ouvir *Novellas*
Que durem noites e dias. (Gil Vicente, *Obras III*, 287).

E' o segredo das Canas
das orelhas do rei *Mida*.

(Autos, p. 259.)

Em Bernardim Ribeiro vem a referencia:

«Quando eu era da vossa idade e estava em casa de meu pae, nós longos serões das espaçosas noites de inverno, entre as outras mulheres da casa, d'ellas fiando e outras devando, muitas vezes pera enganarmos o trabalho, ordenavamos que alguma de nós contasse historias, que não deixassem parecer o serão longo; e uma mulher da casa, já velha, que vira muitas e ouvira muitas cousas, por mais anciã, dizia sempre, que a ella pertencia aquelle officio. E então contava historias de cavalleiros andantes.» (*Menina e Mõça*, P. I, cap. III). O Poeta das *Saudades* tambem aponta uma fabula allegorica:

A *Dita e a Formusura*
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia,
Sendo de antes muito amigas.

Camões descreve nos *Lusiadas*, ao encetar a narrativa dos Doze de Inglaterra como os marinheiros contavam contos e casos mil para vencerem o somno nos quartos de vigilia.

A Reforma acabou com os *Exemplos* ou Contos allegoricos nos sermões, que foram o vehiculo das Tradições da Édade médio. Calvino escreve em uma Epistola a Sadoletto, que uma parte dos sermões até então se passava, «em fabulas di-

(1) P. Francisco da Fonseca, *Evora Gloriosa*, p. 627.

vertidas e especulações recreativas, para excitar e mover o coração do povo á jovialidade.» Os nossos escriptores moralistas e mysticos incorreram n'este julgamento de Calvino; os seus livros são manancial de Contos do Decameron popular portuguez, transmitindo o espirito faceto em historias tenebrosas e infernaes para terrorisar os crédulos.

O desprezo pelos Contos populares foi-se tornando mais pezado á medida que prevaleceu a erudição na litteratura, e este veio tradicional chegou a perder-se completamente; Soropita, o editor das *Rimas* de Camões, falla d'esses contos do fim do seculo XVI com um desdem notavel: «Primeiramente, assim no topete da obra appareceram certos aventureiros pagens da lança da tolice, cujo officio é contar Contos *prolixos*, de uns certos manganazes desencadernados, que primeiro que preguem uma lança do que querem contar, irão cem vezes a Roma; e os ditos meios assim lhes aguardam pelo fundo da alma, como se de suas mãos houvesse de sair as táboas d'Apelles. E se vem á mão, ou por a *historia* não ser tão branda que se deixe facilmente conversar, ou pelos seus entendimentos serem de ferro, tal que não cortarão por um queijo fresco, ao cabo de os pobres historiadores torcerem o queixo trezentas vezes e metterem toda a munição que podem para se declararem, ficam elles tão virgens do negocio como se nunca ouviram nada.» (*Poesias e Pros.*, pag. 103).

Este desprezo caracteriza em geral a litteratura portugueza, nos escriptores eruditos que estiveram em contradição com a alma popular; fazem uma excepção a esta regra Jorge Ferreira de Vasconcellos, Sá de Miranda e Gil Vicente, os quaes pela sua comprehensão das tradições se tornaram organicamente nacionaes. Antes de Pérrault colher da tradição oral o conto da *Cendrillon*, já elle era conhecido em Portugal, como vemos pela comedia *Ulyssipo*, escripta por 1546; ahi diz Jorge Ferreira: «Pois eu tambem não quero *Gatas borralheiras*» (Fl. 32; e fl. 14). E' este o titulo com que a *Cendrillon* é conhecida entre o povo.

O conto ainda hoje repetido entre o povo, as *Tres Cidras do Amor*, acha-se citado por Soropita, no fim do seculo XVI: «Se não quando, falando com referencia, appareceram por prôa as *Tres Cidras do Amor*.» (*Poes. e Pros.*, pag. 103). Na *Grammatica* do chronista João de Barros, a proposito de uma figura de dicção, vem narrado o conto de um pae que deixa a herança a um amigo com a condição de dar ao filho o que elle quizesse; (op. cit., p. 170) este conto estava já tres seculos antes colligido no *Novellino*.

Sá de Miranda introduz nas suas obras *contos e fabulas*, quasi sempre do origem litteraria; uns vêm narrados por inteiro, como a *Fabula do Rato do campo e o Rato da cidade*, e

o noellaire provençal da *Chuva de Maio*; do *Cavallo que se deixa enfriar para vencer o seu inimigo*; do *Bacoro ove-lheiro*; e a fabula philosophica de *Psyche*. Outras vêm simplesmente esboçadas ou alludidas em um verso; taes são:

A cabeça os membros manda, (pag. 39)

alludindo á fabula entre os membros e a cabeça, attribuida a Mnenio Aggripa, a qual já se encontra nos *Avadanas* traduzidos do chinez por Stanislas Julien. Seguem-se outras fabulas alludidas no texto:

Ao Leão deram a corôa
Entre a gente montesinha... (p. 39)

Com que lhes fazem das leis
Fracas têas das aranhas. (p. 40)

Diogenes claro o dia. (p. 59 e 72)

Em outros versos allude á fabula da *Cigarra e da Formiga*:

Ajunto como as Formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á Cegarréga em rosto
No dezembro que bailasse,
Pois cantára em agosto. (p. 59)

Mas quien corriendo acá viene?
En la *conseja es el lobo*.

Sá de Miranda, p. 140
(Ed. Mirb.)

Un raposo dió mil saltos
Per alcanzar los parrales;
Nunca pudo, que eran altos;
Dijo de las uvas males,
Que eran verdes! mal bocado.

(Id., p. 126.)

Cita tambem a fabula de *Apelles* (p. 119) e o *Parto da montanha* (p. 144). Estas fabulas litterarias têm um ponto de contacto com o conto, na moralidade final, e confundem-se entre si com o titulo de *Exemplos*, designação frequentemente empregada por Sá de Miranda e Gil Vicente:

Como diz o *Exemplo* antigo:
Que não são eguaes os dedos.

João de Barros, na *Ropica Pnefma*, allude á fabula eso-

pica: «seguia a ignorancia do cão da fabula...»: e tambem: como a *gralha da fabula*, vestindo-se das pennas de todas as formosas aves: mas o pavam vendo que o precedia em fermosura, houve-lhe enveja, e fez com as aves que cada uma pedisse sua penna, para ficar em pior estado.» (Op. cit., p. 112 e 314.)

Ainda hoje entre o povo portuguez é vulgar a locução: *Como diz o outro*, com que precede todos os seus aphorismos. E' em Gil Vicente que se encontra a maior riqueza para se recompôr a área da tradição popular portugueza; o conto da *Bilha de Azeite*, sobre que Max Müller fez uma monographia importante por onde demonstra a universalidade das tradições, acha-se em uma fôrma ingenua no auto de *Mofina Mendes*, que o illustre philologo desconheceu, e que pertence ao primeiro quartel do seculo XVI. N'esse conto escreve Gil Vicente:

Vou me á feira de *Trancoso*... (t. I, p. 117)

Trancoso, na Beira, era no seculo XVI um centro popular de contos, prophcias e superstições; d'ali são naturaes os dois escriptores mais populares, Gonçalo Eannes Bandarra, cujas prophcias se ligavam ao futuro da nacionalidade portugueza, e Gonçalo Fernandes Trancoso, celebre pela sua collecção de *Contos proveitosos*, de que adeante fallaremos. Da Beira saíram os typos populares dos *Ratinhos*, dos autos hieraticos do seculo XVI; escreve Gil Vicente:

Muitos *ratinhos* vão lá
De cá da Serra a ganhar,

e Serrão de Castro, na sua satira:

Quando tão aproveitados
Da Beira são os *ratinhos*.

e o conto popular de João *Ratão*, é uma synthese d'este typo nacional de Marculpho

Os castelhanos na sua desdenhosa antithese designam assim Portugal inteiro:

Entre Duero y Miño
Portugal *ratinho*.

Gil Vicente cita nos seus Autos cançonetas e musicas francezas, e no auto da *Floresta de Enganos*, traz a scena do *Doutor Justiça Mayor*, que já se acha no conto xvii, das *Cem Novellas novas*; isto provém do resto da influencia franceza, a que obedecemos no seculo XV. Gil Vicente abunda

em allusões á crença popular das *Fadas*, thema fundamental dos contos.

A tradição erudita das *Sereias*, chamadas, pelo povo das ilhas dos Açores, *Marinhas*, acha-se com este mesmo nome em Gil Vicente. Nos *Cantos populares do Archipelago açoriano* (n.º 32, p. 271) um romance começa:

Escutae, se quereis ouvir
Um rico, doce cantar,
Devem de ser as *Marinhas*,
Ou os peixinhos no mar.

Elle não são as *Marinhas*...

E no romance n.º 28, da mesma collecção: (p. 259)

Que vozes do céu são estas
Que eu aqui ouço cantar?
Ou são os anjos no céu,
Ou as *Sereias* no mar.

O nome de *Fada* é com que se designa o maravilhoso popular em Portugal; é a forma generica por excellencia. Temos muitos anexins, em que as *Fadas* symbolisam a idéa moral, e que sobretudo, são restos mal lembrados de contos primitivos; taes são: «Cá e lá *más Fadas* ha — A *más Fadas* *más pragas*.» Ou tambem:

— De gallinhas e *más Fadas*
Cedo se enchem as casas.

— Quem *más Fadas* não acha,
Das *boas* se enfada.

— Cerejas e *Fadas*
Cuidaes tomar poucas
E vêm dobradas.

Por esses anexins, todos do seculo XVI, vêmos que as *Fadas* se dividiam em *boas* e *más*, conforme o que fadavam; Gil Vicente, que é o escriptor aonde a vida portugueza se encontra mais intimamente retratada, allude a estes dois caracteres:

— *Más Fadas* que vós fadaram. (C. III, 19)
— *Boas Fadas* vós hajaes.
— Bom prazer veja eu de vós, (C. II, p. 45)
E *boas Fadas*. (C. III, ib. 93.)

— Ando nas *encruzilhadas*
A's horas que as *boas Fadas*
Dormem somno repousado. (Ib.)
— Por sus tristes *negras hadas*... (1)

(1) Gil Vicente, apud. Gallardo, p. 983.

A crença erudita das *Sereias*, não podia deixar de ser adoptada em Portugal, por este povo essencialmente navegante; chamavam-lhe *Fadas marinhas*:

Vae logo as *Ilhas perdidas*
No mar das penas ouvinhas,
Traze tres *Fadas marinhas*
Que sejam mui escolhidas (ib. p. 101.)

Nos romances populares tambem se repete esta crença; na *Infanta de França* (Rom. ger., P. 10 e 11) vem, como horoscopo da donzella:

Sete *fadas me fadaram*
No collo da madre minha,
Fadaram-me ha sette annos
Por sette annos e um dia
Hoje se acabam os annos
A manhã por noite o dia...

E' como no *Roman de Partinopeux de Blois*.

Nas ilhas dos Açores é que as *Fadas marinhas* ou *Sereias* occupam a imaginação; ha ali as duas designações de *Marinhas* e de *Sereias*.

Nos *Contos populares do Archipelago açoriano*. (n.º 32, p. 271) começa um romance assim:

Escutae, se quereis ouvir:
Um rico doce cantar,
Devem de ser as *Marinhas*
Ou os peixinhos do mar,
«Elle não são as *Marinhas*,
Nem os peixinhos do mae,
Deve de ser Dom Duardos
Que aqui nos vem visitar.

E no romance n.º 28, (p. 259):

Que vozes do céu são estas
Que eu aqui ouço cantar
Ou são os anjos no céu,
Ou as *Sereias* no mar.

Nas cantigas soltas da mesma collecção encontra-se esta bella quadra (p. 5):

A *Sereia* quando canta
Canta no pégo do mar;
Tanto navio se perde,
Oh que tão doce cantar.

No *Auto das Fadas*, representado por Gil Vicente diante de el-rei D. João III, perseguidor incansavel das inoffensivas superstições da rudeza popular, o poeta pede tolerancia para a

innocente credulidade. Ali evoca as *Fadas Marinhas* ou *Sereias*, que vem fadar o rei, a rainha e os infantes e a aristocracia que estava assistindo á representação. É Gil Vicente o unico escriptor portuguez que introduziu na litteratura este riquissimo elemento nacional; faltou-lhe a liberdade de um Shakespeare, para poder dar fórma a uma creação como o *Sonho de uma noite de San João*; o poeta era dotado de um sentimento lyrico profundo para realisar uma idéa assim bella:

Ora sus! má creatura,
I-me logo polas *Fadas*
Marinhas, bem assombradas
E tornaes essa amargura.

«D'onde vindes? — D'Almolina.
«Que trazedes? — Farinha.
Tornaes lá, que não é minha (1).
.....

E traga as *Fadas* ásinha.
O' Senhora Ladainha,
Ajudade-me ora vós;
Cabra preta vae por vinha,
Vae por vinha, mana minha,
Te rogamus, audi nos.

Quando fordes á Igreja
Não vos esqueça a soberba,
Tomad'ora meu conselho
O' açoites do concelho
Que estream meus avós:
Te rogamus audi nos.

Ladainha da Pereira
Escrepta em pelle de rata,
Tinta de pingo de pata
Assada por mão demogueira.
O' picóta da Ribeira
Que estream meus avós,
Te rogamus audi nos.

«e vem as *Fadas marinhas* cantando a cantiga seguinte:

FADAS

Qual de nós vem mais cançada
N'esta cançada jornada?
Qual de nós vem mais cançada?

(1) Ainda hoje jogo popular.

FEITICEIRA

Pitas, pitas, pitas, pitas,
 Patelas, patelas, patelas,
 Bem venhaes, minhas donzellas,
 Linguadas, frescas, fritas.
(*diç as Fadas*)
 Como vos vae n'esse mar
 Tão profundo e espaçoso ?

(*Respondem as SEREIAS cantando*)

«Nosso mar he fortunoso,
 Nosso viver lacrimoso,
 E o chegar rigoroso
 Ao cabo d'esta jornada:
 Qual de vós vem mais cansada
 N'esta cansada jornada ?

FEITICEIRA

Não podeis vá falar.
 Que respondedes cantando ?

FADAS

«Nós partimos caminhando,
 Com lagrimas suspirando,
 Sem saber como nem quando,
 Fará fim nossa jornada,
 Qual de nós vem mais cansada
 N'esta cansada jornada.

FEITICEIRA

.....
 Minhas flores da ribeira
 Descanço d'esta alma minha,
 Rainhas da vida marinha,
 Honrade ora esta romeira
Fadae de linda maneira
 Este estrado de *bôs fados*,
 Que Deus lh'os dará dobrados
 Praza a elle que assim virá.

«*Fadam as Fadas a el-Rei e á Rainha, cada uma por sua vez :*»

I.^a FADA

Os Fados que deram sér ás Estrellas,
 Quando a terra estava vasia
 Façam caminhos a vossa alegria,
 Por onde vos venha tão cara como ellas.
 E aquelles fados
 Que para dar dita são determinados
 Vos tragam as vossas das mais escolhidas,
 E os instrumentos que alongam as vidas
 Vos veja dobrados.

Os Fados que deram orvalhos ás rosas.
 Visitem as flores do vosso estrado,
 E todo o cuidar de triste cuidado
 Não hajam logar nas Altezas vossas.
 E aquellas *Fadas*
 Que tem as ribeiras de verde pintadas,
 Vos pintem as vidas d'alegre pintura,
 E as altas sortes, que parte Ventura
 Vos vejam guardadas.

2.^a FADA

As coisas que fazem a terra parir
 Lirios alvos e veias divinas,
 Cerquem os quadros de vossas cortinas,
 E sempre victoria vos faça dormir.
 E a *Fada* primeira
 Que fez a Fortuna geral dispenseira,
 E fez nossos mares e céos por medida,
 Vos faça gosar o goso da vida
 De nova maneira.

3.^a FADA

As novas que temos nas ondas do mar
 São, que na terra ha pouca verdade ;
 E pois de verdades ha má novidade,
 Por novidades as haveis de tomar.
 Ora he pera ver :
 Tome Vossa Alteza qualquer que quizer,
 Que todo é verdade as sortes que são,
 Tomae d'esses sete Planetas que hi vão
 A que vos vier.

«Aqui deram as Sortes primeiramente a el-Rei—á Rainha
 —ao Príncipe—á Infanta D. Isabel—á Infanta D. Beatriz,
 etc.

Na tragicomedia da *Rubena*, representada em 1521, intro-
 duz Gil Vicente duas Fadas, que vêm dotar *Cismena*, do mes-
 mo modo que no romance da *Infantina*:

FEITICEIRA

Diabos, por meu amor
 Filhos meus e meus senhores,
 Ide á deosa maior.
 Dizei que por seu louvor
 Me mande as Fadas maiores :
 As mais duas fermozas
 Com melodia serena,
 Que me fadem a *Cismena*
 Sobre todas as ditosas.

Vem as Fadas Ledera e Minea, cantando, e acabando de cantar, diŕ:

LEDERA

Esta nascu em tal hora
Que hade correr gram tormenta
Dolorosa
Depois será gram senhora
De toda fortuna isempta
Mui ditosa.

Mas primeiro mui chorosa
Sem emparo aqui em Creta
Se verá ;
E a poder de fermosa
E de casta e de discreta
Tornará.

MINEA

O primeiro perigo he
Que a hão de querer ferrar
Para a vender
Por Moira, o ferro no p
Aqui a havemos de fadar
E benzer.

Que ella o possa entender
E se salve na bargagem
D'Arrouchella :
E lhe dará de comer
Uma bestial selvagem
De dão d'ella. (Obr. t. II, pag. 78, 29.)

«As Fadas que fadaram esta Cismena, vendo chegado o tempo em que lhe havia de acontecer o que em seu nascimento lhe disseram, a vieram avisar d'isso, andando com o gado n'aquelle monte; e vem cantando, etc.»

A *Fada*, que recebeu pela fatalidade da nossa ethnologia, um caracter maritimo e se confundiu com a *Sereia*, sendo chamada *Marinha*, tambem pelas nossas relações com os Arabes, adquiriu uma nova feição :  a *Moira encantada*.

A *Moira*  para o povo portuguez a fada que guarda os thesouros encantados; a *moira*  uma donzella arabe que vive sob encantamento desde que os Arabes foram banidos do solo hispanico pela reconquista christã. Ha um certo fundamento historico para esta tradição immensamente vulgar; ao renderem-se as cidades, os Arabes enterraram as suas riquezas, esperanados em que tornariam a dominar a Peninsula. A idéa da *Moira*, nada tem de commum com a idéa das parcas gregas que se chamavam *Moire*, nem com as divindades gaullezas analogas *Mairae*; a *Moira* peninsular, apezar de virgem

como a *meir* celtica, ou a *moer* scandinava, (1) tem um character maravilhoso, fatidico, e sobretudo caracterizado pela guarda de thesouros. O syncretismo dá-se sempre nas idéias e não nas designações das cousas; antes dos Arabes serem repellidos da Península era conhecida a tradição oriental de umas certas formigas monstruosas que excavavam no chão e amontoavam em volta de si areias de ouro; chamadas pelos gregos *murme.x*, os Persas, segundo Wahl, as denominaram *mur mess*, formiga grande; é de crêr que os Arabes, não só pela influencia culta que recebiam da Persia, como pela comunicação directa que tinham com as obras de sciencia grega, popularisassem esta tradição da zoologia maravilhosa, (2) das *mur mess*. D'estas formigas *mur* escreve Alberto Magno: «custodiunt montes aureos, et homines accedentes disceptunt etc.» (*De Animal.*, XXVI). Foi através dos Arabes que os livros gregos e os trabalhos scientificos se vulgarisaram na Europa; o povo portuguez d'esta incompleta lembrança de um phenomeno mal explicado formou uma tradição confundindo-o com o facto de terem os Arabes enterrado muitos thesouros. Podêmos crêr que a lenda das *Moiras* encantadas se firma sobre uma tradição erudita da Edade Media. Ainda hoje quando o noôso povo quer fixar uma epoca historica, exprime em phrase generica *no tempo dos Moiros*. Em Gil Vicente encontramos formulada a crença popular:

Fu tenho muitos *thezouros*
Que lhe poderão ser dados,
Mas ficaram enterrados
D'elles do tempo dos *Mouros*
D'elles dos tempos passados. (3)

Nas *Côrtes de Jupiter*, Gil Vicente introduz uma *Moira*, que vem fallar á Infanta D. Beatriz quando partiu para Sabyoya:

E a *Moira* ha de trazer
Tres cousas que vou dizer,
Para do Estreito avante:
Um *amel* seu encantado
E um *didal de condão*
E o precioso terçado
Que foi no campo achado
Depois de morto Roldão.
O Terçado para vencer:
O Didal é tão fecundo,
Que tudo lhe fará prazer;
O Annel para saber
O que se faz pelo mundo. (II, 415.)

(1) Alfred Maury, *Fées*, pag. 11.

(2) Berger de Xivrey, *Traditions teratologiques*, pag. 265.

(3) Obras, t. II, pag. 489.

O dote que a fada concedia chamava-se *condão*; n'esta passagem de Gil Vicente, no verso: «O terçado para vencer» allude á crença das espadas encantadas dos heroes dos poemas da Edade Media. Esta tradição liga-se pela nossa historia á espada do Condestavel feita pelo Alfageme de Santarem, como se lê na sua *Chronica anonyma*. Por estas citações de Gil Vicente, vemos que no seculo XVI, antes do estabelecimento da Inquisição em Portugal as tradições feéricas estavam vigorosas. Antes de Pérrault colligir da tradição oral o conto da *Cendrillon*, já elle era conhecido em Portugal, como vemos por um documento de 1546; na comedia *Ulyssipo*, escreve Jorge Ferreira de Vasconcellps: «Pois eu tambem não quero *gatas borralheiras*.» (Fl. 32 e fl. 14.) Na tradição popular portugueza é este o mesmo titulo dado a *Cendrillon*. Um dos contos mais bellos, não colligidos por Pérrault, é o que se intitula as *Tres Cidras do Amor*, no seculo XVI tão vulgar entre nós, que o Licenciado Soropita allude a elle: «senão quando, falando com reverencia, apparecêram por prôa as *Tres Cidras do Amor*. . .» (*Poesias e prosas*, p. 103.) Na poesia popular ha uma allusão á peripécia fundamental d'este conto:

Oh *Cidra*, considera oh cidra,
Oh *Cidra*, considera bem,
Depois da *cidra partida*,
Cidra, que remedio tem?

Além d'estas duas preciosas referencias, parece-nos que a locução popular *Cantar a Muliana*, que significa gritar com afflicção em um momento de perigo, se prende á locução franceza do *Cri de Melusine*, tradição heraldica da casa de Lusignan; temos a connexão historica para esta affirmacão na genealogia dos Monizes, dos quaes se lê nas Divisas de João Rodrigues de Sá:

Ambalas armas reaes
de Chipre e Jerusalem
com armas mistura tem
de Moniz; mas estas taes
a hum só d'elles convem:
hum só a quem com rasão
chama-se do Lusynhão,
seu pai lh'a fez alcançar
por se ajuntar e casar
com tão alta geração. (1)

Além d'estas preciosas indicações, temos nos Livros de Linhagens excellentes subsidios para fixarmos o nosso dominio

(1) Canc. ger., t. II, pag. 367.

feérico; sabe-se que em volta das genealogias se agrupavam estas lendas maravilhosas, para darem á nobreza uma origem quasi divina.

Finalmente, na novella de cavallaria de *Amadis de Gaula*, ha o typo do magico *Archelão* que é uma especie de *Barbe Bleu* de Pérrault; mas pertencente aos fins do seculo XIV; a fada *Urganda a desconhecida*, é a boa fada que anda evitando os desastres na sua passagem. O *Amadis de Gaula* é portuguez, e esta feição feérica vista pela aproximação da epoca em que foi escripto e em que contos britonicos entraram no Nobiliario, são um forte argumento da sua redacção portugueza.

Foi no seculo XVI que o Conto recebeu a fórma litteraria, dada por Gonçalo Fernandes Trancoso. (1) Antes de fallarmos da sua collecção, importa definir as relações com os novellistas italianos e francezes da grande epoca da Renascença, que n'este tempo foram lidos em Portugal. Pelos *Indices expurgatorios* conhece-se essa corrente da leitura dos livros de Novellas.

As *Notte piacevoli* de Straparola foram conhecidas em Portugal, como se infere de algumas novellas de Trancoso, que traduziu o conto de Griselidis do folheto italiano, sem data, *La Novella di Gualtieri*, traduzida da redacção portugueza por Timoneda no seu *Patrañuelo*. E' um thema que recebeu todas as fórmas litterarias desde a Edadõ Media até hoje.

A comprovação de um vasto campo de tradições populares no seculo XVI, explica-nos o apparecimento de Gonçalo Fernandes Trancoso, auctor dos *Contos e Historias de proveito e exemplo*, para o qual fômos o primeiro que chamou a attenção dos criticos europeus. A collecção de Trancoso, tambem conhecida com o titulo de *Contos proveitosos*, compõe-se de vinte e nove contos, derivados em grande parte de fontes tradicionaes, alguns de proveniencia popular, como o provamos em notas adiante, outros de obras eruditas. Apesar de se acharem diluidos em divagações moraes, que embarçam as narrativas, e não obstante o estylo forçado, são importantes para alargarem a área dos estudos comparativos da Novellistica. Diremos algumas palavras da personalidade de Trancoso; era natural da provincia da Beira, tomando o appellido da localidade do seu nascimento; veio exercer para Lisboa a profissão de mestre de humanidades, isto é, latim e

(1) Os contos de Trancoso tornaram-se typos do genero: «Finalmente para prova do que tem dito, conta dois casos, que me parecem de Trancoso.» Frei Arsenio da Piedade, *Reflex. apologeticas*, p. 34.

rhetorica, em um tempo em que estas disciplinas não eram privilegio exclusivo dos Jesuitas. (1555.) Nos seus contos refere-se: «Ao glorioso S. Pedro, cujo freguez sou»; d'onde se deduz que vivia na freguezia de Alfama. A data em que começou a escrever os seus Contos fixamol-a em 1544, segundo esta referencia a uma armadilha de jogo: «e elle levava consigo duzentos e vinte reales de prata, que era isto o anno de 1544, que havia quasi tudo reales.» (1) No conto XIII, da primeira parte, que versa sobre o anexim do *real bem ganhado*, allude outra vez a esta moeda: «o qual com muito contentamento por vêr que soube escolher, lhe deu um real em dois meios, como ora costumam.» (2) E tambem: «metteu real e meio na mão.» (3) Estas referencias fixam irrevogavelmente a epoca em que Trancoso escrevia.

Uma das circumstancias que levaram Trancoso a proseguir na continuação dos seus Contos, foi o terror que espalhou a chamada *Peste grande* de Lisboa, em 1569, circumstancia que lembra a peste de Florença que determinou Boccaccio á composição do *Decameron*. No conto IX da segunda parte, declara Trancoso este motivo: «Assi o exemplo d'este Marquez, os que este anno de mil e quinhentos e sessenta e nove, a esta parte perdemos mulheres, filhos e fazenda, nos esforçaremos e não nos entristeçamos tanto, que caíamos em caso de desesperação sem comer e sem paciencia, dando occasião a nossa morte.» (4) D'esta peste, que ainda hoje se conhece entre o povo como uma data historica, a *Peste grande*, subsiste uma reminiscencia na chamada *Procissão da Saude*, que se faz em Lisboa. Inspirado pelo fervor religioso, que succedeu ao fim da peste, Trancoso publicou logo em 1570 um opusculo das *Festas mudaveis*, dedicado ao Arcebispo de Lisboa. A redacção dos contos ficou suspensa, desde que cessou a peste: «e assim eu, ainda que tenho desejo de escrever este mez trinta historias, as ditas para desenfadamento...» A perda de quasi toda a sua familia, mulher, filhos e a falta de lições, obrigaram-o durante tão tremenda crise a esses exercicios de desenfado, para se não deixar cahir em desfalecimento.

Na primeira edição dos *Contos proveitosos*, de 1575, de que conhecemos o exemplar unico, agora examinado pelos bibliographos, vem uma *Carta á Rainha D. Catharina*, regente de Portugal e viuva de D. João III, onde se descreve o desastre da *Peste grande* de 1569; n'essa Carta narra Trancoso,

(1) *Contos*, p. 153, ed. 1642.

(2) *Ibidem*, p. 46.

(3) *Ibid.*, p. 247.

(4) *Ibid.*, p. 208.

que lhe morreram em casa sua mulher, uma filha mais velha de vinte e quatro annos, um filho estudante e tambem um neto que era menino do côro. Sob o pezo da sua desgraça é que foi escrevendo os *Contos proveitosos*; pela Carta á Rainha infere-se que Trancoso casára pouco antes de 1544; as suas relações com a Rainha, extremamente severa, dão-nos o sentido da allusão á morte do príncipe D. João, pae de D. Sebastião, e por ventura auctorisam a crêr que Trancoso fôra mestre de lêr no paço.

A determinação de alguns paradigmas de Trancoso, e o confronto com contos populares ainda existentes prova-nos que elle se apropriou dos themas tradicionaes mais correntes na litteratura do seu tempo.

A collecção de Trancoso compõe-se de vinte e nove contos, derivados immediatamente da tradição popular na maior parte, outros de fontes eruditas, confundidos em diffusos commentarios catholicos e difficilmente narrados; ainda assim os *Contos proveitosos* são bastante importantes para o estudo comparativo.

Em uma edição dos *Contos proveitosos* de 1585 impressa depois da morte de Trancoso, por seu filho Affonso Fernandes, vem um prologo na segunda parte, que dá noticia, de que em 20 de Abril de 1570 acabára Gonçalo Fernandes Trancoso a primeira parte, dedicando-a á Rainha D. Catharina, que fez a mercê do papel para a sua impressão, sendo-lhe passado o alvará do privilegio em data de 20 de Abril d'esse anno, e em 26 de Novembro de 1571 ampliado á segunda e terceira parte «*por ser tudo uma historia*». «Eu el-Rey faço saber aos que este alvará virem que, avendo respeito ao que na petição atraz escrita diz Gonçalo Fernandes Trancoso, morador n'esta cidade de Lisboa, ey por bem e me praz que, no tempo de dez annos, empremidor nem livreiro algum nem outra pessoa de qualquer calidade que seja nam possa empremir nem vender em todos meus Reynos e senhorios nem trazer de fóra delles o *primeiro livro* contheudo na dita petição, salvo aquelles livreiros e pessoas que pera isso tiverem seu poder e licença... etc. Lisboa, 20 de Abril de 1570.» (Chancell. de D. Sebastião, Privilegios, Liv. VIII fl. 255, v.)

«Eu el-Rey faço saber aos que este alvará virem que, havendo respeito ao que na petição atraz escrita diz Gonçalo Fernandes Trancoso, morador na cidade de Lisboa, ey por bem e me praz, que elle possa vender *os tres livros* de que na dita petição faz menção, a prêço de cincoenta réis cada hum, e que o privilegio que lhe tenho conccido pera pessoa alguma não poder imprimir nem vender sem sua licença o *primeiro dos ditos livros*, se lhe cumpra e guarde *no segundo e no terceiro*, por ser em tudo húa estória... Almeirim, 26 de Novembro de 1571 » (Chancell. de D. Seb., Priv., Liv. VIII, fl. 98, v.)

«Eu el-Rey faço saber aos que este alvará virem, que avendo respeito ao que na petição atraz escrita diz Gonçalo Fernandes Trancoso, morador nesta cidade de Lisboa, ey por bem e me praz, que por tempo de dez annos mais além doutros dez que lhe já foram dados, imprimidor nem livreiro algum nem outra pessôa de qualquer callidade que seja não possa imprimir nem vender em todos meus Reynos e senhorios nem trazer de fóra d'elles a primeira, segunda e terceira partes do livro conteudo na dita petição... Lisboa, 9 de Agosto de 1581.» (Chancell. de D. Seb., Privil., Liv. XIII, fl. 249, S.)

O filho do auctor, Affonso Fernandes Trancoso, obteve privilegio de mais cinco annos sobre os já concedidos, em 10 de janeiro de 1585.

Presumível é, que a primeira parte fosse publicada isoladamente, e com a segunda se reunissem na edição de 1575. E' n'esta, extremamente rara, que vem o Prologo autobiographico, dirigido á Rainha:

«Ficando eu n'esta cidade de Lisbôa o anno de 1569, muyto alta e muito poderosa Rainha nossa Senhora, a tempo que por causa da peste (de que Deus nos guarde) quasi todos os seus moradores a despevoavam: vi tantas cousas que provocam os animos á tristeza, que quem quizera escrevellas, tinha materia para fazer grande e mui lastimoso Livro; porque da contagiosa infirmitade avia cada dia feridos que sacramentar, grande multidão de mortos que enterrar, e a muitos orfãos chorar. E em todos grandes necessidâdes que prover, a que o Senhor soccorreu com pessoas virtuosas, que por seu amor o fazião: a hûs por hûa parte sacramentavão, outros medicavão e davão pela cidade grandes e mui copiosas esmolâs, outras enterravão, que ainda que avia muitas a que acudir, não tantas as que n'estas obras virtuosas se exercitavão, que não ficou cousa sem se provêr, ainda que n'isso morrerão muitas (por mercê de Deus) não faltavão outras e outras. Neste tempo de tanto trabalho me tocou o Senhor, alcançando-me tanta parte, que perdi no terrestre naufragio hûa filha de vinte e quatro annos que em amor e em obras me era mãe, hum filho estudante, um neto môço do choro da Sé; e para minha lastima perdi a mulher, que por suas virtudes era de mim amada, que foi causa de grande tristeza minha, tanto que ainda que conhecia vir-me por meus peccados da mão do Senhor, a carne que he tão fraca, com a imaginação se ia cada dia metendo em tristes pensamentos, e taes, que me des-enquietavam e provocavam a grande melenconia, tanto que temi que o imaginar nos trabalhos presentes me fosse prejudicial ao corpo e alma, se Deus me não tivesse de sua mão (como por experiencia adiante se viu em outros). E com este temor por fugir d'aquellas tristezas, determinei prender a imaginação enferma. E com ajuda de Deus nosso Senhor, pude

tanto, que ao tempo que ella queria fazer chiminé de lamentações, a tirei d'ellas, e me puz a escrever *Contos de aventuras, historias de proveito e exemplo* de alguns ditos de pessoas prudentes e graves, da qual esta é a *primeira parte*. E tendo-a de todo acabado, por ser já tempo de saude e eu me achar desalivado das imaginações que forão causa de a escrever, quizera contentar-me com isso e guardar o livro. Mas vendo assifitava o proveito da obra para mi soo, e entendendo que nenhum bem he perfeito, se não he communicado, determinei imprimillo, por que todos gosassem d'estes contos, os quaes dando gosto aos ouvintes, nam carecem de liçam. Mas porem considerando como sempre (por nossos peccados) ha entre nós murmuradores, que não tendo mãos para escrever, tem linguas para danar e dentes para roer, receando por minhas faltas me espedaçassem a obra, pois sem ellas espedaçam e aniquillam obras de doctos varões, perfeitos e bons, buscando-lhe valhacouto firme, em que o livro estivesse seguro d'estes combates, achei que nam ha na terra outra senam vossa Real Alteza, a quem peso, que usando da sua grandeza e costumada liberalidade, que ha tempo de fazer mercês, m'a faça de aceitar este tratado: porque debaixo do seu favor ande seguro, ainda que indigno de tam grande mercê. E nam julgue a temeraria minha ousadia, que nasce do desejo de communicar com todos o premio de meu trabalho, esperando em Deus que sairá d'elle fructo virtuoso. E logo acabarei de imprimir a segunda parte: Rogando a nosso Senhor, prospere a vida e estado de vossa Real Alteza por longos annos com muyta felicidade. Amen.»

Vê-se por este final, que o privilegio de 20 de Abril de 1570 comprehendendo só a *primeira parte* dos Contos, fôra depois em 1571 reproduzido com a *segunda parte*, por ser tudo uma historia.

A dedicatória á rainha reproduzida na edição de 1575 ainda acompanhou a edição dos Contos de 1596. No anno da peste grande Trancoso ficara por fiador por vinte cruzados de um Francisco Lainez tendo de ir servir em Africa um anno; por ataque da peste morreu o Lainez estando já embarcado, e Trancoso requereu para que lhe fosse perdoada a fiança; foi atendido por alvará de 17 de Outubro de 1575. Os paradigmas dos *Contos proveitosos*, é que nos pôdem dar a conhecer a extensão das reminiscencias de Trancoso e a importancia do seu livro. O Conto do *segredo revelado á mulher*, do qual se serve contra o marido em um momento de colera, acha-se nas *Gesta Romanorum*; (cap. 144 do *Violier des Hist. rom.*) nas *Novellas de Sacchetti*, n.º xvi; nas *Cento Nouvelle antiche*, n.º 100; nas *Cem Novellas novas*, n.º lxi; nas *Notte piacevoli*, de Straparola, 1.ª da primeira noite; e no Livro de *Chevalier de la Tour*, cap. 128.

O Conto *das tres donzellas, que desejavam servir o rei*, acha-se tambem em Straparola (Nott. iv, fav. iii), e já foi submettido a um estudo comparativo por A. Coelho.

O Conto *do rapa que resgata a captiva christã e compra a reliquia*, acha-se tambem em Straparola, (Nott. xi, fav. 2).

O Conto, *o que Deus faz é pelo melhor*, acha-se em uma versãõ identica no *Condê de Lucanor*, de Don Juan Manuel, fl. 81, v.

O Conto de *minha mãe, calotes!* é uma variante do conto da *Bilha de leite*, de Gil Vicente, e tem as suas raizes tradicionaes no *Hitopadessa*.

O Conto de *D. Simãõ, que responde a todas as advinhaões que lhe propõe o rei*, acha-se ainda hoje na tradiõõ oral portugueza, com o titulo de *Padre Joãõ Sem cuidados*, e existe uma versãõ publicada no *Almanach de Lembranas* para 1866, p. 323; nas *Novellas de Sacchetti*, Nov. iv, se acha um paradigma litterario, o que torna mais extensas as suas fontes tradicionaes.

O Conto iv de Trancoso, acha-se nas *Gesta Romanorum* (*Violier*, p. 392); na *Disciplina clericalis* de Pedro Alfonso, e no *Decameron*, (Jorn. viii, nov. 10).

Trancoso tambem traz um extenso Conto da *Griselidis* digno de ser comparado nos seus principaes episodios com a versãõ de Boccacio, e com as demais fontes já accumuladas por Edelestand du Mèril. Como a versãõ de Timoneda na *Patrañuelo* seria tomada de um folheto italiano, isto explica a sua analogia com a liõ de Trancoso. Nos anexins portuguezes encontra-se um que parece alludir á historia de *Griselidis*, e por certo derivado da versãõ oral portugueza:

Pelo marido vassoura,
Pelo marido senhõra.

Em um jornal litterario do Porto, a *Harpa*, analysou Ad. Coelho segundo o systema empregado por Domenico Comparetti, o Canto xv da Parte primeira das *Historias proveitosas*, de Trancoso, aproximando-o dos paradigmas já reunidos por Benfey, na introducõõ ao *Pantehatantra*, § 166, seguindo assim a corrente tradicional nas versões thibetana, russa, alemã, italiana e inglesa.

D'esta analyse minuciosa conclue: «Vê-se que Trancoso não pôde tirar o seu Conto de nenhuma d'essas fórmãs conhecidas, nem das immediatamente anteriores, e como o Conto não se acha em nenhuma das collecões antigas de contos e novellas que maior giro tiveram na Europa, torna-se muitissimo provavel, podemos dizer, quasi indubitavel, que elle bebesse na *tradiõõ oral portugueza*, para onde elle viria

por algum dos muitos canaes, que cá trouxeram grande numero de contos orientaes.» Era esta a nossa opinião, que Coelho começou por combater no seu estudo: «Nada mais difficil a nosso vêr, do que provar que Trancoso bebeu na tradição popular, nenhum testemunho directo nol-o affirmar...»

O segundo conto analysado por Coelho, foi o *das tres irmãs*, e indica-lhe fontes arabes, florentinas, sicilianas, hungaras, allemãs, gregas, catalans, e tres versões populares do Minho, de Coimbra e de Castello Branco; conclue que Trancoso só poderia ter conhecido unicamente a fôrma litteraria de Straparola.

A collecção dos Contos de Trancoso compõe-se de tres partes, interrompida pela morte do auctor; a primeira parte deve fixar-se por 1544, e talvez impressa separadamente, como se poderá inferir de uma edição desconhecida, citada por Brunet.

A segunda parte, redigida em 1569, foi reimpressa ainda em vida de Trancoso com a primeira em 1575; a terceira parte, não continuada, appareceu depois da morte do auctor, publicada por seu filho Antonio Fernandes em 1596. Por estas edições se conhecem as relações litterarias de Trancoso com o poeta Luiz Brochado, auctor das popularissimas *Trovas do Moleyro*. Além das numerosas edições d'este livro, nos seculos xvii e xviii, acham-se tambem muitas referencias aos Contos nas Comedias de cordel.

O conto da *Imperatriz Porcina* foi romanceado por Balthazar Dias, poeta cego do tempo de Dom Sebastião, e o mais popular depois de Gil Vicente. Coube-lhe a sorte dos Demodocos; a cegueira deu-lhe o profundo character do sentimento popular. As origens historicas d'este romance encontram-se nas *Lendas allemãs*, de Jacob Grimm, (t. II, p. 120.) sob o titulo de *Hildegarda*: «O imperador Carlos partira para a guerra, deixando em casa a bella Hildegarda sua mulher. Durante este tempo, Taland, cunhado de Carlos, esperou que ella accedesse a seus desejos. Mas a virtuosa princeza antes queria môrter, do que ser infiel ao esposo; dissimulou comtudo, e prometeu ao infame de consentir, logo que construisse de proposito uma linda camera nupcial. Immediatamente Taland mandou construir a todo o custo um magnifico quarto de mulher, fechado por tres portas, depois pediu á rainha que o acompanhasse até alli. Hildegarda fingiu que o seguia, e obrigou-o a entrar primeiro. Quando transpoz os umbraes da terceira porta, ella a fechou de subito e correu um pezado ferrôlho. Taland permaneceu fechado na prizão até á volta de Carlos, depois da victoria sobre os Saxões. Então, commiserando-se d'elle, e cedendo a hypocritas supplicas, o poz em liberdade pensando que fôra assás punido. Mas

logo que Carlos o viu, perguntou porque estava assim tão magro e pallido. «Culpa de vossa esposa impia e impudica, respondeu Taland; quando ella descobriu a sollicitude com que eu a vigiava, e se viu impossibilitada de commetter faltas, mandou construir uma nova torre e alli me teve preso.» O rei ficou vivamente commovido com aquella nova, e n'um momento de cólera ordenou á sua gente de afogarem Hildegarda. Ella fugiu, e foi occultar-se em segredo em casa de uma de suas amigas; mas logo que o rei descobriu o refugio, deu novamente ordem para a conduzirem a uma floresta, de lhe vazarem os olhos, e de a banirem em seguida do territorio. O que succedeu? Quando a gente do rei a levava, encontraram no caminho um cavalleiro da casa de Freudemberg, que a condessa Adelgemd, sua irmã enviara encarregado de uma mensagem para Hildegarda. Logo que viu que perigo corria a rainha, arrancou-a das mãos dos algozes, e lhes deu o cão que o havia seguido. Tiraram os olhos ao cão e os levaram ao rei como prova de haverem cumprido as suas ordens. Salva d'este modo Hildegarda pelo soccorro de Deus, veiu a Roma em companhia de uma nobre dama, chamada Rosina, e exerceu ali com tanta felicidade e successo a medicina, que aprendera e praticara durante a vida, que em breve alcançou uma grande nomeada. No entretanto Deos puniu a impiedade de Taland tornando-o leproso e cego. Ninguem o podia curar; alfim ouviu dizer que em Roma uma mulher celebre pelos seus conhecimentos medicos, curava muito bem aquella doença. Quando Carlos veiu a Roma, Taland o acompanhou, indagou a morada da mulher, disse-lhe o nome, e pediu para a sua doença os soccorros da arte, sem saber que estava falando á rainha. Hildegarda ordenou que confessasse os seus peccados a um padre, fizesse penitencia, e que depois experimentaria n'elle a virtude da sua arte. Taland seguiu o conselho, confessou-se, veiu procural-a e ella lhe restituiu a saude. O papa e o rei ficaram tam maravilhados da cura, que desejaram vêr a mulher que a praticára e a mandaram chamar. Ella obedeceu, mas com a condição de no dia seguinte entrar para o convento de San Pedro. Foi ao paço e contou ao rei seu senhor como fôra trahida. Carlos reconheceu-a com alegria, e a tornou a tomar como mulher; mas condemnou á morte seu cunhado. Comtudo a rainha, a poder de rogos, obteve que lhe poupassem a vida, e assim ficou sómente abandonado á miseria.» (1)

(1) *Annalis Campidenenses*. — Nic. Frischlini, *Comedia: Hildegardis magna*. — Cf. Vinc Bellovac., *Sp. Hist.* VII, c. 90 — 92, e o velho poema allemão *Crescentia*. Grandes semelhanças da *Imperatriç Porcina* com a *Patraña* 21, de Timoneda.

D'onde viria esta tradição ao conhecimento de Balthazar Dias? Seria talvez dos *exemplos* que se usavam então nos sermões? E' certo, que como esta chegaram até nós muitas lendas da Edade Média, como o conto de *Griselidis* que traz o Trancoso, vindas talvez por Hespanha. O romance da *Imperatriç Porcina* ainda hoje anda no pregão dos cegos e faz as delicias do nosso povo. Dá-se com elle o facto notavel de ser na tradição oral mais breve e por isso mais lindo.

A *Historia da Imperatriç Porcina*, tão querida, reimpressa, procurada e apregoada, tornou-a classica em Portugal esse infeliz cego, natural da Madeira, o Gil Vicente do tempo de D. Sebastião, povo no seu estylo e cego como elle no mundo; foi por isso que o povo o comprehendeu como irmão, e se consolava com as phantasias que ia creando na solidão em que se achava. Ainda hoje os artifices das villas e arrabaldes das cidades encontram uma distracção predilecta no *Auto de Santo Aleixo* e no *Auto de Santa Catharina* de Balthazar Dias. (1) Pertence-lhe tambem o *Auto da malicia das mulheres* (2), e essa pérola perdida e modernamente desencantada pela vara magica de Garrett, que a salvou no terceiro tomo do seu *Romanceiro*, o *Marqueç de Mantua*, apeiado do proverbial barbante em que tantos annos cavalgou, despindo-o do papel pardo em que o traziam os vendilhões de feira e os cegos andantes; salvou este venerando romance do cyclo de Carlos Magno, máo grado o desdem supercilioso de hieraticos academicos. (3) O romance é de origem franceza; inclinamo-nos a crêr que viesse de Hespanha, deixando o character epico que lá tinha depois de dramatisado ao gosto popular por Balthazar Dias.

O nosso *Marqueç de Mantua*, que anda na litteratura de cordel, tinha sido transcripto na collecção do Cavalleiro de Oliveira, com uma variante no principio; Balthazar Dias o traduziu dos *pliegos sueltos* hespanhoes. Nas notas de *Don Quixote*, Pellecier attribue-o a Geronimo Treviño, mas Ochoa (*Tesoro*, p. 12, not. 3.) apenas o julga como editor, que lhe deu correcção e modificou o original antigo, fundado no encontro das consoantes forçadas, não usadas pelos poetas do seculo xiv e xv. Nos *Romanceiros* hespanhoes anda dividido em tres partes; na primeira encontra o Marquez seu sobrinho Baldovinos ferido mortalmente, que lhe conta a traição de

(1) Lê-se no volume I do *Panorama*: «publicou um grande numero de *Autos* e outras obras, humildes pelo estylo, mas com toques tão nacionaes e tão gostosos para o povo, que ainda hoje são lidos por este com avidez.»—Pag 14.

(2) *Dicc. Bibl.*, vol. I, Balthazar Dias.

(3) Garrett, *Romanceiro*, t. III, pag. 19^l. O snr. Innocencio dá-o como original de Balthazar Dias.

Carloto, e a vingança que jura; o segundo romance conta a embaixada a Carlos Magno para lhe pedir justiça contra seu filho, e a execução da sentença contra Carloto; o terceiro é o funeral de Baldovinos. Balthazar Dias, transformou os tres romances em um só, reduzindo egualmente as descrições epicas a rubricas dramaticas, servindo-se das fallas para o dialogo. Por aqui se vê quasi o processo artistico como o nosso poeta foi naturalisando e melhorando os romances hespanhoes. Quando Garrett sacou do lixo da Feira da Ladra esta pérola, ainda não sabia quem era o auctor.

A *Formosa Magalona*, que pertence á influencia do romance cavalleiresco francez sobre a peninsula, (1) depois de havel-a vertido por seu turno a Hespanha, chegou até nós. A *Formosa Magalona*, que andou entre nós tanto tempo montada no cordel do cego andante, e agora passou para a canastra do vendedor de phosphoros, foi, segundo Victor Le Clerc, escripta primitivamente em provençal ou em latim, no seculo xiv, pelo conego Bernard de Triviez. E' um dos mais correctos de todos os contos populares, e dizem que aos quatorze annos Petrarcha lhe retocara o texto. (2) O traductor portuguez alterou-lhe o titulo antigo — *Histoire de Pierre de Provence et de la belle Maguelone*. As traduções á letra não eram conhecidas na Edade Media. Apontamos aqui um excellente subsidio de estudo:

Historia Dily Niebel e Viglion Cavalier, *Pieder de Provença e della Biala Magelona*, Prinzessa de Neapel (versão surselvica). Na Zeitschrift fur romanische Philologie, 1881. V Band. 4 heft. (p. 480 a 497.)

IV

Os Contos no seculo XVII: Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Mello. A tendencia moralista ampliando os Contos

No seculo xvii o Conto recebia em Portugal duas poderosas influencias; Francisco Rodrigues Lobo, na *Côrte na Aldeia* procurava submetê-lo ás regras litterarias, discriminando os seus generos e estabelecendo o modo de narral-o; por outro lado Saraiva de Sousa, no *Baculo pastoral*, o padre

(1) Ticknor, *Histoire de la Litterature espagn.*, pag. 223.

(2) Victor Le Clerc, *Discours sur l'Etat des Lettres en France au quatorzième siècle*, pag. 53.

Manoel Bernardes na *Floresta e Estimulo pratico* limitam o Conto no destino ascetico, e Vieira na intenção moral.

No dialogo X da *Côrte na Aldeia*, traz Rodrigues Lobo a *Historia dos amores de Alêramo e Adelsia*, da qual diz um um dos seus interlocutores: «poderá servir — no modo como se devem contar outras semelhantes, com bôa discrição das pessoas, relação dos acontecimentos, razão dos tempos e logares, e uma pratica por parte de alguma das figuras, que mova mais a compaixão e piedade, que isto faz dobrar depois a alegria do bom successo. — Esta differença me parece que se deve fazer dos *Contos* para as *Historias*, que ellas pedem mais palavras que elles, e dão maior logar ao ornamento e concerto de rasões, levando-as de maneira que vão aperfeiçoando o desejo dos ouvintes, e os *Contos* não querem tanto de rhetorica, porque o principal em que consistem é na graça do que falla, e na que tem de seu a coisa que se conta.» Em applicação d'estas regras apresenta a *Historia dos amores de Manfredo e Eurice*, á imitação dos novellistas italianos, com divagações de estylo rhetorico, para confrontal-as com as narrativas populares «com mais *bordões* e moletas do que tem uma casa de romaria, porque me não escapam *termos das velhas*, nem remendos de descuidados, que lhe não mixture.» Em seguida exemplifica o processo com uma *Historia contada com o erro do costume dos ignorantes*:

«Dizem que era um rey; vem este rey casou por amores com a filha de um seu vassallo; era ella tão formosa, que podia por sua belleza ser confiada, pois por essa alcançara o ser rainha; mas sem lhe valerem esses privilegios, deu em tão ciosa, que bem á mão, não dava o marido um passo que ella não acompanhasse com as suas suspeitas; assim que apertavam estas tanto com ella, que jámais vivia em paz com seu gosto. Vem ella, e por vencer esta desconfiança, vae e manda secretamente chamar uma feiticeira, que n'aquella terra havia, de muita fama, em cujo engano achavam os namorados uma botica de remedios para seus males. Assim que dizia esta feiticeira por lhe vender mais cara sua diligencia, feitas algumas fingidas, meteu em cabeça á boa rainha ciosa, que o marido amava com grande extrêmo a uma criada sua, que ella pintou logo a mais galante, airosa, galharda e bem assombrada, que havia no paço. Quando ella aquillo ouviu, ficou (guarde-nos Deus) como uma mulher transportada e sem sangue; por maneira que prometeu áquella feiticeira que lhe faria e aconteceria se a desaffeioasse ao rey d'aquelles amores e empregasse n'ella todos os seus: a outra, que não queria mais que aquillo, vêde vós como ficaria contente, vem e promete á rainha que lhe daria tres aguas conficionadas, de tal maneira que huma, tanto que el rey a provasse, bebesse logo os ventos por ella, e lhe quizesse mais que o lume dos olhos

com que a via; a outra, que em a rainha a bebendo, parecesse a seu marido o maior extrêmo da formosura, que havia no mundo; a terceira, que tanto que a dama a bebesse, a desfigurasse de maneira que a todos aborrecesse a sua vista. As palavras não eram ditas, a rainha lhe deu muitos haveres e fez grandes mercês e promessas, que muito facil é de enganar a que deseja aquillo com que lhe mentem. Vae a feiteira d'ali a poucos dias, e traz aquellas aguas conficionadas, encarecendo muito a virtude e segredo d'ellas; mas ou porque lhe errou a tempera ou porque todas se resolvem n'estas boas obras, a mudança que ella queria houvesse na vontade e nos pareceres, lhe houverão de fazer na vida, que a peçonha, que é sempre material dos seus unguentos, penetrou de maneira, que os teve a todos tres em passamento, e a bem livrar ficaram d'ahi a poucos dias sem juizo. Inda bem a feiteira não soube o damno que fizera, e que por não trazer a mão certa n'aquelles adubos podia vir a estado de a pôrem na da justiça, desapareceu. Eis senão quando, se ajuntam todos os medicos eminentes que havia no reino, e depois de muitos mezes de cura (olhay vós quantas se fariam a taes pessoas) foram pouco e pouco cobrando os sentidos e entendimento; e com a força do mal lhes cahiu a todos o cabelo da cabeça, sem lhes ficar um só. E não foi tão ruim o partido, como era ter cabeça sem elle quem antes o trazia sem ella. Tornando ao meu proposito, tanto que a rainha se viu desfigurada, conhecendo o desatino que fizera, dando todas as culpas ao amor, confessou seu erro, a criada sua innocencia, e o rei sua desgraça; d'ali em diante, conformando-se com o exemplo d'aquelle successo, fizeram vida sem ciumes, que d'elles e de casamentos por amores não escapam senão com as mãos nos cabellos, ou com elles pellados.» (1)

Rodrigues Lobo continua definindo os diferentes generos de Contos: «A noite... se tocou n'esta conversação o modo que havia de ter o discreto em contar uma historia, fugindo muitos vicios e bordões que os nescios tem n'ellas introduzidos, e como em dependencia d'esta materia, se fallou nos *Contos galantes*, que tem d'ellas muyto grande differença: pois elles não consistem mais, que em dizer com breves e boas palavras uma cousa succedida graciosamente. São estes Contos de trez maneiras. Huns fundados em descuidos e desatentos, outros em mera ignorancia, outros em engano e subtiliza. Os primeiros e segundos têm mais graça e provocam mais o riso, e constam de menos razões, porque sómente se conta o caso, dizendo o cortezão com graça propria os erros alheios.

(1) Op. cit., pag. 146.

Os terceiros soffrem mais palavras, porque deve o que conta referir o como se houve o discreto com o outro que o era menos, ou que na occasião ficou mais enganado.» «Além d'estas tres ordens de contos, de que tenho fallado, ha outros muito graciosos e galantes, què por serem de descuido de pessoas, em que havia em todas as cousas de haver o maior cuidado, nem são dignos de entrar em regra, nem de serem trazidos por exemplos; a geral é que o desatento, ou ignorancia, d'onde menos se espera tem maior graça. Atraz dos Contos graciosos se seguem outros de subtiliza, como são furtos, enganos de guerra, outros de mêdos; fãntasmas, esforço, liberdade, desprezo, largueza e outras semelhantes, que obrigan mais a espanto que a alegria; e posto que se devem todos contar com o mesmo termo e linguagem, se devem n'elles usar palavras mais graves que risonhas.» «Os Contos e Ditos galantes devem ser na conversação como os passamanes e guarnições nos vestidos, que não pareça que cortaram a seda para elles, senão que cahirão bem e betaram com a côr da seda ou do panno sobre que os puzeram; porque ha alguns que querem trazer o seu Conto a remo quando lhe não dão vento os com que pratica, e ainda que com outras cousas lhe cortem o fiô, torna a têa e o faz comer requentado; tirando-lhe o gosto e graça que podia ter se caira a caso e proposito, que é quando se falla na materia de que elle trata, ou quando se contou outro semelhante. Assim convem muita advertencia e decoro para os dizer, outra maior se requiere para os ouvir, porque ha muitos tão soffregos do Conto ou Dito que sabem, que em o ouvindo começar a outrem ou se lhe adiantam, ou o vão ajudando a versos como se fora psalmo o que a mim me parece notavel erro...» «tambem eu não sou de opinião, que se um homem souber muitos Contos ou Ditos de uma mesma materia que se fallou, que os traga todos ao terreiro como jogador que levou rifa de um metal, mas que deixe lugar aos outros, e que não queira ganhar o de todos, nem fazer a conversação só consigo.» Rodrigues Lobo conhecia a collecção hespanhola de Timoneda, *El sobremesa y Allivio de Camiñantes* (1576), que tomava por typo:

«Antes me parecia a mim, que assim dos *Contos galantes*, *Ditos engraçados* e *Apodos risonhos*, se ordenasse que em uma d'estas noites, tomando um proposito, cada um contasse a elle o seu Conto, e dissesse o seu Dito: e seria um modo extremado para se tirar outro novo *Alivio de Camiñantes*, com melhor traça que o primeiro.» (*Côrte na Aldeia*, Dialogo XI.) Na tradição popular portugueza temos encontrado contos que apparecem no *Alivio de Camiñantes*, taes como: *A mulher afogada* que o marido busca indo contra a corrente do rio (Vol. I, p. 229); *Tudo andaremos* (I, p. 237); *Não lhe dar com o tom* (n.º 37); as *Orelhas do abbade* (I, p. 240); *Pa-*

ra quem canta o cuco? (p. 236); e o *Cego que recobra o seu thesouro* (p. 205).

Como Rodrigues Lobo, tambem D. Francisco Manuel de Mello soube inspirar-se nas tradições populares, que tanto nacionalisaram a epoca quinhentista. Nas suas *Cartas* allude por vezes D. Francisco Manuel de Mello aos Contos ainda hoje correntes na tradição oral: «E ainda que virei a ser aquella

Dona atrevida,
Doce na morte
E agra na vida.»
(Op. cit., p. 67.)

Em outro conto (Cent. II, p. 74), allude ás trovas de *Maria Castanha*, typo já afamado pela novella picaresca da *Lozana andaluza*: «Só vos peço, pois ides para terra de muitos castanheiros, que não caseis por lá com alguma *Maria Castanha*.» Tambem faz referencia ao conto dos *Frangãos e do Milhafre*. (Ib. p. 215.) Nos *Apologos Dialogaes* traz: «mas andaes fallando como quem bebe por pucaro pedrado, ou como a *historia do Salsinha*, que não haver de dizer *sim* nem *não*, é um maldito costume.» (Ib. p. 260.) Na *Feira de Anexins* cita o proverbial *Conto da Carochinha*: «— Esperae, contarvos-hei uma historia. — A da *Carochinha*? — Não! procurae outra mais cara, que essa é muito barata? — Pois digo-lhe que ainda com a *carócha*, é essa *historia o feitiço das crianças*.» (Op. cit., p. 8.) O escriptor seiscentista não escapou ao espirito da epoca, aproveitando os equivocos de *caro* e *Carochinha*, conto contrastando com a insignia tragica da *Carócha* ou mitra de papel que levavam os condemnados nos Autos de Fé. Na Egloga I (*Canfonha de Euterpe*, p. 60) faz sentir a predilecção das mulheres phantasiosas:

D'estas que lêem por *patranhas*,
Suspiram Motes de cor,
Entendem fallas extranhas,
Quer de amor's, quer de *Façanhas*
Livre-nos Nosso Senhor.

Nas *Obras metricas* tratou muitas fabulas, e é sempre com intenção artistica, que D. Francisco Manuel usa os anexins vulgares. Nas *Cartas* (Cent. IV, n.º 81): «Já ouvi que *não havia amigos em tempo de figos*; mas não em tempo de figas. Digo-o, senhor meu, porque estam-nol-as metendo nos olhos estes Brechotes...» O anexim: *Cantar mal e porfiar*, é derivado da fabula do cõrvo querendo cantar como a philomela, vulgarisado pelo *Dialogus Creaturarum* de Nicolau de Pergamo. (Ap. Du Méril, *Hist. de la Fable*, p. 152, not.)

O paé de D. João IV, D. Theodosio II, duque de Bragança costumava distrair-se nas suas insomnias ouvindo contos do

seu guarda-roupa Antonio Mouro, como se lê nas *Provas da Historia Genealogica*: «Contava muitas *historias* ao Duque, sem prejuizo de pessoa com que alliviava muito ao Duque de suas menenconias, que nunca faltavam, e como o Duque dormia pouco, as mais das noites gastava n'estas cousas.» (*Prov.*, t. VI, n.º 165.)

Em carta de Francisco de Sousa Coutinho a D. João IV: «cheguei a tempo em que quando V. Mag. era servido de o reparar honrando-me com algum titulo lh'o não houvera de acceitar; sou já vèlho para mudar de nome e sou muito conhecido pelo meu. Sei bem que diria a Vossa Magestade, quem isto ouvisse, o que *dizia a Raposa, de que eram verdes as uvas*, mas pela mesma vida de V. Mag. juro que o digo do meu coração . . .» (1)

Nos Sermonarios e obras asceticas do seculo XVII, tão rhetorico nos paizes catholicos, os Contos tradicionais e populares receberam uma exclusiva intenção moral, continuando pelas necessidades da casuistica a explorarem os Thesouros de Exemplos dos prégadores da Edade Media. O livro de Francisco Saraiva de Sousa, intitulado *Baculo pastoral* é um apanhado de uns Contos de materia predicavel; (2) ahí se encontra o conto do filho do rei a quem incutiram a ideia de que as mulheres eram os demonios, (*Novellino*, n.º XVI); o do principe castigado pelo mestre na pessoa de seus doze amigos (*Novellino*, n.º XLVIII), a adaptação portugueza da lenda do Pagem de Santa Izabel. Tambem o ascetico padre Manuel Bernardes, no *Estimulo pratico*, apresenta o conto dos trez cegos que entre si conversam, imitando o seu estylo popular; na *Floresta*, traz o apologo das *Cotovias* (I, p. 70); o Cavalleiro de Rhodes (I, 355); a Mulher marinha, (I, 403); o *Annel de benção*, II, 158); o *Animal agradecido* (II, 158); os *Tres beijos* (II, 228), e outros muitos nos Sermões e *Pão partido em pequeninos*. Tambem nas Comedias de Simão Machado encontram-se metrificados pequenos contos da tradição classica.

O poemeto *Gaia*, de João Vaz, de Evora, é apreciavel como elaboração litteraria de uma lenda arabe, que penetrou como relação historica nos Livros de Linhagens. A lenda da *Donzella da Torre*, que segundo Menendez y Pelayo, se referiria

(1) Carta de 11 de Nov. de 1536 (Corpo diplomatico, t. XIII, p. 372. N'esta data já havia sete dias que era o rei falecido.

(2) Nos Sermões improvisados do P. Antonio Vieira, elle intercalava anedoctas e casos, com que tornava interessante a prédica. E escrevia D. Francisco Manuel de Mello, alludindo a um grande interesse: «Como quem manda lançar tapete de madrugada em San Roque para ouvir o P. Vieira.» (*Carta* de 25 de Janeiro de 1650.)

á fuga de D. Thereza, irmã de D. Afonso V de Leão, para casar com um rei mouro, foi tratada como episodio por D. Bernarda Ferreira de Lacerda no poema *España libertada*, na Parte I, canto IV, em 49 estancias. A Infanta é ahí chamada D. Ximena. Lope da Vega dramatisou esta lenda heraldica dos Telles de Menezes nas duas Comedias famosas *Los Telles de Menezes* e *Valor y fortuna y lealdade de los Telles de Menezes*, 1635. (Parte XXI.) Menéndez y Pelayo acha n'esta lenda a synthese da independencia do povo trabalhador e honrado ante a fidalguia orgulhosa; confirma-o a cantiga portugueza:

Alfaiates não são homens,
Sapateiros tambem não;
Homens são os Lavradores
Que enchem a casa de pão.

O Conto na fórma litteraria desenvolve-se prolixamente em volumosas novellas, em que o estylo consiste em cada periodo diluir-se em impertinentes accessorios. São typos do genero os *Infortunios tragicos da constante Florinda* de Gaspar Pires Rebello. 1665. Compete com este insulso moralista, o Padre Matheus Ribeiro, com o *Allivio de Tristes, consolação de Queixosos*, (1688) e a *Roda da Fortuna e Vida de Alexandre e Jacinta* (1695). Bem mereciam o epitheto de carros de palha, que Carlyle applicava a um erudito inglez. Os jesuitas levaram o genero até á insania. (1) Eram os prodomos do Romance moderno, que se iniciara na Litteratura ingleza.

Os Livros populares portuguezes de *folha volante*, que se vendiam pelas feiras, na arqueta do belfurinho, ou no barbante do cego, foram tambem condemnados pelosmeticulosos da Censura inquisitorial: «Os vendedores de *Autos e Cartilhas*, não vendam, nem comprem para vender, outros livros sem primeiro os mostrarem ao Revedor: porque algumas pessoas escondidamente tem alguns livros, que elles compram e vendem, sem saber o que ha nos taes livros, e se seguem d'isso inconvenientes: e ha enformação, que nas taes tendas, se acham livros suspectos e perjudiciaes. E os sollicitadores do Santo Officio visitarão algumas vezes os ditos logares e farão saber ao Revedor, os livros que ali se vendem. O mesmo se fará dos *livros que se vendem nas feiras*.» (Index de 1581. Mais implacavel foi o Index de 1624.)

(1) *Satisfacam de Aggravos e confusam de Vingativos*, por modo de Dialogo, entre hum Hermitam e hum Soldado. Dividido em dois tratados com *Exemplos e Historias notaveis em confirmação*. Author O. P. M. Joam da Fonseca, da Companhia de Jesus. Evora, com as licenças necessarias na Officina da Universidade e Anno de 1700. (Licenças de 1695)

V

Do seculo XVIII ao Romantismo — Os Livros
populares — O Conto com intuito pedagogico condemnado
por Garrett — Folk-Lore

Apesar da profunda decadencia da Litteratura portugueza no seculo XVIII pela inintelligencia dos escriptores quanto ao elemento tradicional, os Contos de Trancoso, máo grado o desdem com que os leuitas o citam na polemica com Verney, continuaram a ser lidos com soffreguidão, e alguns poetas, como Filinto e Nicoláo Tolentino alludem ao grande interesse que ainda tinham os Contos populares. Na Comedia de cordel *Incisão da Peraltice* acham-se citados os Contos de Trancoso, e mesmo no *Folheto de ambas Lisboas*, n.º 25: «O dote d'ella consta de memorias, sem serem dos dedos, mas sim de *Contos de Trancoso*...» E Filinto Elysio, nas notas da na tradução das *Fabulas de Lafontaine*, repete: «Conta de in illo tempore: Como os *Contos de Trancoso*, do tempo de nossos avoengos.» (1) Este poeta ultra-classico, pela sua origem plebêa conservava certas reminiscencias tradicionaes; assim allude a varios contos: «*João Ratão* e a *Prinçeza Doinha*... Sem contar outras personagens, que não é muito que me esqueçam (por mais doutrinaes que sejam) contos que ouvi contar ha mais de setenta e dois annos!» (2) «Contem-me *Pelle de Asno*... conto em França tão conhecido como entre nós o das *Tres Cidras do Amor*.» (3) Filinto, nas notas dispersas pelas suas Obras, á maneira de uns *Tischreden*, ou cavacos á mesa, faz allusões importantes á novellistica e litteratura popular: «Com o titulo da *Gata Borralleira* contava minha mãe a historia da *Cendrillon*. E nunca minha mãe soube francez.» (4) A mãe de Filinto tinha sido uma tricana de Aveiro; pelas passagens supracitadas, vê-se que

(1) Op. cit., p. 444.

(2) Ibid., p. 51.

(3) *Obras*, p. 342.

(4) Ibid., t. III, p. 60. Por este texto se vê a verdade da nossa interpretação do texto de Jorge J. Ferreira.

Trancoso era ainda bastante lido pelos nossos avoengos, como o confirmam as edições das *Historias proveitosas* de 1710, 1722, 1734 e 1764. O gosto popular foi desvaireado por novas leituras, mas a predilecção do conto oral conservou-se mesmo nas classes aristocraticas em Portugal; diz Nicoláo Tolentino, alludindo aos Contos de fadas que contava á Marqueza de Alegrete, na sua infancia:

Quando eu a teus pés contava,
Mentiroso historiador;
Ora a do *Caixão de vidro*,
Ora a das *Cidras do Amor*

Quando os mesmos tenros annos
Á tua filha contar,
Todos os dias virei
Meu officio exercitar. (1)

Em outras passagens dos seus versos allude a esta predilecção familiar:

Contando *historias de Fadas*
Em horas que o pae não vem,
E co'as pernas encruzadas
Sentado ao pé do meu bem
Lhe dobo as alvas meadas,
(Ib., p. 262.)

São divertimento inutil,
São as *historias de fadas*
(Ib., p. 122.)

O Conto não foi desprezado pela litteratura ascetica do século XVIII, que se apropriou de elementos de erudição; o Padre Manoel Consciência, na *Academia universal de varia erudição*, traz o conto dos ladrões que fôram ao Thesouro de Rampsinito, narrado por Herodoto Encontrámol-o na tradição oral açoriana, em que um rei manda escutar pelas portas para descobrir onde se chora e assim descobrir-se a familia do morto. Ouviu-se chorar em uma casa, bateram á porta, e n'isto um dos filhos, que estava desmanchando um porco, deu com um machado n'um pé, e assim se encobriu o motivo verdadeiro porque se chorava. Na *Hora de Recreyo* do padre João Baptista de Castro vem alguns contos tradicionais, que já apparecem em collecções anteriores, como o da *Quarta de leite* (p. 29), a *Velha que dá o que tem á filha*

(1) *Obras* de Nicoláo Tolentino, p. 93. Ed. Castro Irmão.

(p. 81), o *Cego e o môço comêdo uvas* (p. 125), o *Estudante que furta a roupa do transeunte* (p. 130), e o conto decameronico do *Marido que confessa a mulher* (p. 16). O conto do estudante que se substitue ao burro que vae á feira, e do qual se originou o adágio *Quem não te conhecer que te cômpre*, já contado pelo Bluteau, acha-se outra vez narrado na *Hora de Recreyo*, (vol. II, p. 13).

Os Contos tornaram-se raros e foram deixando de ser lidos, ao passo que entre o povo se vulgarisavam as folhas volantes traduzidas do hespanhol desde o governo dos Philippes, taes como a *Donzella Theodora*, a *Formosa Magalona*, o *Roberto do Diabo*, a *Historia de Carlos Magno*, os *Sete Infantes de Lara*, que fórmam a base da litteratura popular portugueza; outros escriptores, como Balthazar Dias, descobriram tambem o segredo de se apoderar da imaginação do povo, e é d'este poeta cêgo a elaboração litteraria da grande lenda de *Crescencia*, conhecida e ainda vigente em Portugal sob o titulo de *Historia da Imperatriz Porcina*. As aventuras de *Bertholdo*, *Bertholdinho* e *Cacasseno* fôram traduzidas do italiano; resumiu-se do francez a *Historia de João de Calais*, (renovação do conto do *Morto agradecido*); e o velho conto oriental dos tres irmãos corcovados assimilado sob o titulo de *Historia dos tres corcovados de Setubal*.

A *Historia dos tres corcovados de Setubal*, é uma imitação do conto popular francez *Histoire des trois bossus de Bésançon*, já variante da que vem nos *Contos Tartaros* de Gueullette, e derivada das *Notte piacevoli* de Straparola. (Nott. V, fol 3.) A introduccão das fabulas orientaes na Europa, de que ha vestigios sensiveis nas *Gesta Romanorum*, na *Disciplina clericalis* e no *Conde de Lucanor*, caracteriza-se n'este conto dos Tres Corcovados, pelo episodio dos *afogados*, frequente nas creações imaginativas do Oriente. (1) Talvez que a sua primeira fórma seja a dos *Trois Bossus* de Durand, trovista do seculo XIII, inserta na collecção dos *Fabliaux* de Barbazan. (2)

E possivel que o conto andasse no Decameron popular não escripto dos nossos serões, introduzido pelo uso dos *Exemplos* da Edade Media; a sua vulgarisação entre nós é proveniente da especulação, e póde dizer-se que as variantes são devidas á ignorancia dos traductores, e á actualidade que procuram dar-lhe accomodando-o a novos logares.

A vulgarisação crescente d'estes opusculos explica-nos

(1) Por exemplo: as *Parabolas de Sindabar*. Vid. *Ensaio sobre as Fabulas indianas*, de Loiseleur des Longchamps, p. 655; — *Histoire litteraire de la France*, t. XXIII, pag. 165.

(2) *Fabliaux*, t. III. — Vid. Charles Nizard, *Hist. des Livres populaires*, t. I, pag. 237.

porque é que os Contos de Trancoso deixaram de ser lidos pelo povo; a classe média foi também desviada do seu gosto pela diffusão de deploraveis traducções dos mais deslavados romances francezes. A lenda de *Roberto do Diabo*, traducção abreviada da *Vie du terrible Robert le Diable, le quel après fut nommé l'Homme Dieu*, vulgarisou-se no — mercenario pregação do cego andante, — acceitando-o o povo com o interesse pelo prestigio diabolico e da conversão piedosa. Acha-se prohibida no Índice Expurgatorio de 1581.

Quem não conhece esse aventureiro *João de Calais*, que faz as delicias dos sapateiros remendões, e que tem um favor publico por todas as aldeias, que ninguem lhe disputa, e á sombra do qual se vae arreiando de anno para anno com edições successivas? E' um romance modernissimo, do seculo XVIII, escripto por madame Gomez (Madeleine-Angélique Poisson). Quando se fará uma edição dos raros folhetos da nossa *Litteratura de cordel*, como a dos *Volksbucher* de Görres?

Filinto Elisio, apesar de todo o seu classicismo horaciano, pela sua origem plebeia nunca esqueceu a poesia das tradições com que fóra embalado. Na Carta *Defeitos da Philo-phia*, (Obr., I, 148) descreve com sympathia as Seroadas portuguezas ante o espirito critico do começo do seculo XIX:

Emquanto nossos paes, nossos avós,
Encostados na fé do padre cura,
Criam Fadas, Duendes, criam bruxas.
Que felizes que foram! Que socego
Lhe adormentava então o entendimento!...

Junto do lar ardente, em cujo cerco,
Baixas as testas, corpos bem cerrados,
Toda a familia nos serões do inverno
Ebelesada n'estas ventoinhas
Inquilinas do mundo imaginario,
Não sente o como ronca, esbravejando
O vento pelo tremulo arvoredado,
Nem como a telha-vã remeche e grita
Por saltante pedrisco fustigada.
Apenas, quando vae o Conto em meio,
Arreda do leitor um tanto os olhos
Para dar um meneio á frigideira
Ou virar o bom lombo que repinga.
Um Cavalleiro que a viseira cala,
Embraça o seu broquel de amante mote,
É vae correr o mundo confiado
Na aguda lança e na cortante espada;
Que accomete arriscadas aventuras
Por livrar encantadas formosuras
De mimosas Princezas; de esquecidas
Masmórras retirar ao claro dia
Um Montesinhos, guapo Cavalleiro,
(Saudades da misera Belerma)
Que para o conquistar, em campo affronta
Gigantes, Malandrins, Dragos, Duendes,
E de toda a refrega sae com brio.

Descrever (como digo) essas proëzas
 Era o talento de uma *sabia pluma*
 Estimada na Côte e na cidade;
 Farta leitura de Villões e nobres, . . .
 De *Carlos Magno* o folheado livro,
 C'os *Doze Pares*, de esforçado pulso . . .
 Em duros corações que ternos golpes
 Não deram sempre as lagrimas pudicas,
 Os saxifragos rogos da formosa
 Lastimada *Floripes*? Qual fê nunca
 A dama bem nascida, bemcreada,
 Que lendo na Novella os altos feitos,
 Galhardias de justas e torneios,
 A's bellas delicadas e vencidas
 Não bebesse vangloria e bons desejos
 De correr semelhantes aventuras,
 A desconto de um susto, em negro bosque
 De um assalto de amor em leito ou cerco?

Que cousa ha hi nas matas espinhosas
 D'essa magra e subtil Philosophia
 Que emparelhar se atreva c'um bom Conto
 De Fadas, c'o condão de uma varinha?
 N'uma volta de mão c'um leve toque
 D'essa bemdita Vara milagrosa
 Vos faziam sahir lá das entranhas
 Da terra obediente altos Palacios
 De alabastro com seus capiteis de ouro
 Engastados de fina pedraria
 Sumptuosos jardins, fontes, passeios
 Que receiam, que servem, que aformosam
 Mil pagens cortezãos, mil nymphas bellas.
 De uma casca de noz cahir a rôdo
 As perlas em chuveiro, as esmeraldas,
 São prodigios que pasmam, que divertem . . .
 Nem conto os amimos, musicas e amores
 Surdindo da caverna mais escura
 Que as Princezas amantes, pensativas
 Na solidão maviosa deleitavam.

.
 Oh ricas Fadas, rico encantamento,
 Enleio dos sentidos agradável,
 Com que saudade crúa, e com que pena
 Vos choro, de entre nós affugentadas
 Por esses mãos Philosophos esquivos
 De todo o bom saber, toda a delicia
 De entretida lição, de útil estudo!

Quando Filinto escrevia esta carta a José Bonifacio de Andrada, que em missão scientifica viajava pela Allemanha, os eximios philologos Jacob e Guilherme Grimm encetavam o estudo scientifico da Novellistica, creando uma nova comprehensão do passado.

Na satira *Esfuziote*, consolando o seu amigo Sebastião Barroco de uma decepção de amor, exclama:

— Sempre os valentes,
 Bem o sabes, valeram mais co'as fêmeas,
 Que os sabios cidadãos, que os virtuosos,
 Esta paixão privou com ellas sempre;
 Esta fez, que as Princezas das Novellas

Presassem mais que tudo o ser amadas
 Dos andantes basbaques Cavalleiros,
 Só por que eram brigões, e promettiam
 Lançar-lhes, por fineza, aos pés rendidas
 Mil testas de Gigantes encantados ;
 E porque nos torneios e nas justas
 Para a sua Senhora ter a palma
 De mais formosa, entre as Senhoras todas,
 Faziam confessional-o assim aos outros,
 Ou a bôtes de lança em lide honrada
 Lhes faziam mordeer raivando a terra.
 Assim durou té gora incontestada
 Esta rasão de avaliar amates...

(Obra, t. V, p. 240.)

No periodo do Romantismo, em que as Litteraturas modernas se aproximaram das suas fontes tradicionaes, tambem Garrett e Herculano sentiram a necessidade de imprimir uma feição nacional á litteratura portugueza; Herculano romantizou o conto da *Dama pé-de-Cabra* nas suas *Lendas e Narrativas*, e Garrett metrificou a lenda de *Miragaia*, a *Gaia* do Nobiliario. Seguiu-lhes Castilho o exemplo na lenda de *Fuas Roupinho*.

Na lenda de *Gaia* ha um episodio que se encontra nas lendas germanicas. Lê-se no *Livro velho das Linhagens*: «fretou (Abencadão) seis naves e metteu-se em ellas; e veio aportar a Sanhoane da Furada; e pois que a nave entrou pela foz *co-briu-a de panos em tal guisa que cuidassem que eram ramos*, cá entonce Douro era coberto de uma parte e da outra d'arvores.» Em uma lenda franka, extrahida por Jacob Grimm de Aimonius, acha-se este mesmo estratagemma de guerra. «Quando Childebert entrou com um poderoso exercito nos estados de Gontran e Fredegond, a rainha exhortou os frankos a defenderem-se com arrojio... Fredegond imaginou um estratagemma. A' meia noite, no meio das trévas, o exercito guiado por Landerich, tutor do joven Chlotario, poz-se em marcha e foi para uma floresta; Landerick pegou de um machado e *cortou para si um ramo de arvore*, depois pendurou umas campainhas no pescoço do cavallo que montava. Deu ordem a todos os seus cavalleiros para que fizessem o mesmo; cada um d'elles *tomou um ramo de arvore na mão*, prendeu campainhas ao pescôço do seu cavallo, e todos, logo que o dia começou a alvorocer, puzeram-se a andar para o campo inimigo!... Uma das vedetas do exercito contrario os descobriu através da luz duvidosa do crepusculo; gritou logo para o companheiro: *Que floresta é esta*, que aqui vejo? em sitio onde ainda hontem á noite não havia o menor graveto? — Tu ainda estás emborrachado e de nada te lembras (disse o outro soldado) é gente nossa, que acharam na floresta visinha forragens para os seus cavallo. Não ouves o som das

campainhas penduradas ao pescoço dos corceis que pas-tam?... Em quanto as vedetas isto diziam, os Frankos *deixaram cahir os ramos* e a floresta ficou despojada de folhas, mas eriçada de lanças refulgentes que se levantaram como troncos. A confusão entrou no exercito do inimigo; o terror apoderou-se d'elles; deixaram o somno para entrarem n'uma batalha sangrenta e os que não poderam fugir foram ceifados pelo ferro; os commandantes só deveram a salvação á celeridade dos seus cavalloos.» (Jacob Grimm, *Lendas allemãs*, t. II, 107, trad. L. Héretier (de l'Ain) 1838.)

A lenda de D. Fuas Roupinho salvo pela intercessão da Virgem da Nazareth, do abysmo em que o seu cavallo o precipitava, apparece na tradição allemã attribuida a Hermann de Trefurt, que os chronistas Becherer, Toppius e Melissante, pintam como um teutão devasso, brutal, um senhor feudal despótico. No seu extracto, escreve Jacob Grimm: «Isto não obstava que fôsse sempre á missa e de rezar com devoção, o officio da Santa Virgem. De uma vez partira a cavallo para uma aventura de amor, depois de ter convenientemente seguido o seu costume, resado mui religiosamente o officio da Virgem; mas como cavalgava de noite sósinho nas trevas sobre o Hollestein, enganou-se no caminho e chegou ao pincaro mais elevado da montanha; alli o cavallo estacou de repente; mas o cavalleiro julgando que seria medo de alguma alimaria, esporou-lhe o flanco; o cavallo arrojou-se com o cavalleiro do alto do rochedo e morreu da queda; a sella desfez-se; a espada do cavalleiro fez-se em estilhaços; mas na sua queda o cavalleiro invocara a Virgem-Mãe, e pareceu-lhe que era segurado por uma mulher que o collocou em terra levemente e sem mal.» (*Lendas Allemãs*, t. II, p. 412.) Castilho tratou esta lenda deliciosamente nas *Excavações poeticas*.

No seu tratado *Da Educação*, escripto em 1830 por Garret, em Cartas dirigidas á Marqueza de Ponta Delgada, que instrua a princeza D. Maria da Gloria (D. Maria II) mostra-se contrario a que se contem ou leiam Fabulas e Contos ás creanças: «Em muitas partes é costume, especialmente em França, o ser um livro de Fabulas ou Apologos o primeiro que se dá ás creanças; *Maitre Corbeau* é a primeira personagem historica com quem fazem conhecimento os meninos francezes. — Mas ainda que o appresentador seja tão elegante e donairoso como o engraçado João Lafontaine, ainda assim *Maitre Corbeau sur un arbre perché* não é sujeito, que se escolha para a primeira amisade de uma criança.» *Il n'appartient qu'aux hommes de s'instruire dans les fables*, diz Rousseau com muita razão. Confirma diariamente a experiencia o que elle assevera, que nunca se vê tirarem as creanças uma illação moral do seu apologo; gostam porque é conto e faz rir, e acham nos versos de Phedro ou Lafontaine repetidos pelo Lobo e pelo

Cordeiro, a mesma graça que no «Tó, Carôcho! quem passa? el-Rei, que vae á caça,» do seu papagaio. Nunca pude descobrir o porquê rasoavel d'este costume, e vêjo-lhe mil inconvenientes. Será que apprendam melhor os meninos a moral prêgada com as visagens do macaco desembargador ou nos dialogos da formiga e da cigarra e semelhantes *eglogas* de alimarias? Não o creio; não acho que a ficção instrua melhor que a verdade.

«Inventaram-se para as pessoas grandes, para os grandes que não queriam ouvir, que se offendiam com a verdade nua e crúa, e só toleravam com alguma indulgencia quando assim condimentada e disfarçada em parabolias. — E por este modo e como os escravos romanos ou bôbos senhoriaes é que nós havemos de presentar ás portas da vida a receber o nosso pupillo para o guiar no caminho da experiencia com subterfugios de Fabulas e Contos da Carochinha? — Demais, Fabula quer dizer fingimento; e fingimento é mentira; e mentira nem zombando se deve ensinar ás crianças; é máo divertimento; não se lhes deve deixar folgar como elle. . . *No tempo que os bichos fallavam*: começam os Apologos da tradição oral, que se contam aos meninos; bem sabemos que ainda que creiam n'isso, não podem crêr muito tempo; mas para que é essa ideia falsa, por pouco que dure? Sempre é máo, — é péssimo; faz-lhes perder o horror á falsidade, ensina-lhes a *contar contos* e não a olhar a verdade como uma cousa santa, com a qual não é licito, não é possivel brincar, que nem se deve nem se pode saber dissimular ou alterar no mínimo ponto.» (*Carta IV.*) N'este juizo estava sendo influenciado pelo negativismo crítico do fim do seculo XVIII, de que se queixava Filinto na saudosa evocação das Seroadas portuguezas; e os Grimm já tinham fundado a escola que estudava as ficções poeticas tradicionaes como revelações do estado da consciencia humana primitiva isemptas de toda a mentira, e constituindo um dos mais ricos elementos da Demopsychologia. O que absolve Garrett é o abuso que se fez compondo Fabulas e imaginando Contos de méro artificio pedagogico, como os de M.^{me} de Beaumont, e congéneres; desnaturando o sentimento da tradição, que tanto se manifesta nas epocas de decadencia. A sympathia natural das crianças pelas Fabulas, corresponde ao atavismo do estado psychologico de um Feticchismo espontaneo primitivo que orientou a imaginação humana tão lucidamente estudado por Comte. (1)

(1) «Quanto á aptidão esthetica do feticchismo, ella é evidentissima, para exigir agora um exame especial. Porque, o systema que nos assemelha directamente todos os seres, até aos mais inertes, convem eminentemente á nossa expansão poetica, musical e mesmo plastica.» (*Politica positiva* t. III, p. 101.)

Mais tarde Mendes Leal fez uma especie de magica fiabesca das *Tres Cidras do Amor*, com toda a inintelligencia do ultra-romantico. Era preciso fazer a transição da emoção artistica para a critica consciente; esta phase do Romantismo europeu só veiu a operar-se muito tarde em Portugal, quando a Historia litteraria recebeu um espirito philosophico, e o corpo das tradições poeticas foi explorado com intuito scientifico. No ultimo quartel do seculo XIX o Conto popular continuou a receber fórma litteraria; (1) prevaleceu, porém, a direcção scientifica, havendo já numerosas collecções em que se vão archivando as tradições portuguezas, symptoma auspicioso de uma revivescência da nacionalidade. (2)

Depois de terem iniciado a colleccionação dos Contos populares da Allemanha em 1812 e 1813, os celebrados philologos Jacob e Guilherme Grimm, determinando em 1822 as fórmas do seu estudo em quanto ás origens mythicas e universalidade d'esses themas novellescos e transmissão entre epochas e nações diversas pelo influxo das obras litterarias, esboçaram o processo critico da Novellistica, creando sobre este elemento tradicional uma nova Sciencia, a Demopsychologia. A ficção deixou de ser considerada como um capricho da phantasia, mas a concepção implicita na expressão subjectiva, que nos pode revelar estados primitivos da intelligencia. D'este automatismo tradicional através dos seculos, e sob os inevitaveis syncretismos, tal como acontece com a linguagem, nunca a ficção deixa na sua espontaneidade transparecer uma mentira propositada. Tal foi a descoberta fundamental de Jacob Grimm, affirmando a verdade da poesia do povo; pode essa tradição ser deturpada, e mesmo enganar-se, errar, mas subsiste imperterrita a verdade do que a transmitta. Que differença entre um Mytho e uma concepção scientifica! e comtudo o

(1) Ramalho Ortigão, nas suas *Farpas*, traz o conto do *Manto do Rei*, por ventura conhecido pela collecção de Andersen, mas já desde o seculo XIV vulgarizado na Península pelo *Conde de Lucanor*, de D. João Manoel. Em um outro numero das *Farpas*, traz o conto do lazarento que não quer que lhe enxotem as mósca; este conto é de P'sopo (coll. do Planudes) e Josepho cita-o nas *Antiguidades judaicas* (Livro XVIII, cap. 8) em nome de Trajano.

(2) O Dr. João Teixeira Soares iniciando na ilha de S. Jorge esta investigação, escrevia-nos acerca do Folk-Lore açoriano: «Aconteceu o outro dia passar aqui uma noite a Maria Inacia. Chamei-a e á minha creada para junto d'esta meza de trabalho para as interrogar sobre Contos populares a que o povo chama *Casos*. Desculpavam-se da falta da memoria juvenil, para entrarem francamente n'este campo, comtudo disseram bastante para me deixarem estupefacto. Que peripecias! que maravilha! que poesia! Affirmaram-me unânime que seria impossivel ao investigador mais diligente formar uma collecção completa de todos os *Casos* sabidos do povo: — Todos escriptos, enchiam esta casa! disse a Maria Inacia.»

mytho é verdadeiro, como documento revelador de um estado mental de subjectividade e credulidade. Esta alta comprehensão valorisou esses productos da imaginação, que se abandonavam ás reminiscencias da velhice e á fascinação das crianças, com o titulo de *Contos da Carochinha e Contos das velhas*; formaram-se por todas as nações sociedades de Folklore, para colligirem esses materiaes da Sabedoria popular, a que chamariam *Demotica*, para completar a área das investigações. Jacob Grimm apontou tambem a necessidade do exame das obras litterarias das diversas nações nas epochas varias da sua cultura. No pequeno quadro que aqui intitulamos *Litteratura dos Contos populares em Portugal*, procuramos satisfazer a indicação suggestiva de Grimm. Quando o diplomata Conde de Lavradio foi á Allemanha induzido pela duqueza do Kent para tratar do casamento de D. Maria II com o joven Fernando de Coburgo, filho segundo do Duque reinante, escreveu no seu Diario-memorial:

«Novembro de 1835. A' noite reuniram-se em casa do Duque (Saxe-Coburgo) diversos homens sabios do paiz, entre outros *Mr. Jacob, que gosa de grande reputação na Allemanha; pareceu-me homem de conhecimentos muito variados, bom saber e muita jovialidade, não obstante a sua avançada idade.*» Era o grande philologo revelador do genio germanico; contava então cincoenta annos, e é curiosa esta nota do seu saber alliado á muita jovialidade. (*Memor.*, fl. 209.)

Ao contrario do que pensara Garrett, a generalisação dos estudos do Folk-Lore actuou na transformação da pedagogia infantil, entre os educadores inglezes, allemães, belgas, suissos e escandinavos, servindo-se de todos os meios naturaes e moraes para acordar o interesse e a intelligencia da criança; formaram os formosos livros de Contos, as colleções de Cantares, principalmente de Balladas narrativas, os brinquedos instructivos, os albuns de estampas coloridas com intuito moral e artistico, e musicas alegres de valsas como as de Rudorff, e até dar ás visualidades da lanterna magica a forma fascinadora do Conto de Fadas em opera, como fez com tanta felicidade o sabio compositor Humperding. E n'esta arena de esforços tambem Portugal está bem representado por delicados espiritos femininos como Cael (D. Alice Pestana) e D. Anna de Castro Osorio, dignas da maior bene merencia.

As vias que se podem determinar para a introdução em Portugal dos Contos mais geraes da tradição universal são *litterarias e oraes*. As litterarias, são provençaes, bretans e francezas até ao seculo xv; eruditas e as provenientes da corrente dos novellistas italianos no seculo xvi. A via popular ou oral é mais difficil de determinar, mas uma das principaes foi a communicação com a sociedade arabe, influencia que

fez que em Hespanha se traduzisse o *Calila e Dimna*; as Cruzadas e as relações com as côrtes byzantinas; a corrente litteraria vulgarisava-se entre o povo, por via dos prègadores. Muitos contos conservam vestigios mythicos inconscientes. A persistencia da tradição entre o povo tem tambem o seu porque historico; os *Pagi*, na organisação social da Edade Média, eram as povoações ruraes, com a vida industrial propria, com a sua crença e igreja local, alheios a todo o movimento intellectual dos grandes centros.

Foi nos *Pagi*, que os restos do Polytheismo romano, do culto odínico germanico, do druidismo celtico, e dos cultos magicos trazidos pelos romanos e arabes dos Egepcios e Chaldeus, se encontraram com o christianismo ainda em estado sentimental. Mais tarde a Igreja, ao realizar a sua unidade, condemnou essas tradições populares, chamando-lhes *paganismo*. Nos Contos de fadas o caracter *pagão* é tanto mais evidente quanto maior é o syncretismo; toda esta complexidade de origens, recebe interesse historico, segundo as épocas que atravessa; n'esses contos allude-se ás grandes *fómes*; á anthropophagia dos *Ogres*, á brutalidade feudal na situação de *Griselidis*, ou ao symbolo juridico dos esponsaes pelo sapatinho, como na *Cendrilon*. O ponto de vista mythico é o mais importante e o verdadeiramente scientifico, hoje que Benfey e Max-Müller demonstraram a universalidade das tradições. O Conto é um resto dos mythos de um polytheismo decahido; Gubernatis determinou n'esta decadencia duas fórmas, uma *nacional*, que produz as fórmas da Epopêa, e outra domestica ou *familiar*, que se perpetúa no Conto. Póde-se dizer que estão achadas as leis da imaginação humana, e que a pretendida originalidade subjectiva se dissolveu do mesmo modo que perante a sciencia se dissolveu o dogma de uma criação do nada. A cadeia tradicional está reconstituída desde a sua fonte indiana até á Europa, e póde-se dizer, que até onde os *mythos vedicos* penetraram, já na fórma épica e purânica, já nas especulações buddhicas propagadas entre as raças amarellas, já no naturalismo das migrações indo-europêas, em toda a parte se fôram transformando em Contos populares.

Sendo o Conto uma phase de decadencia dos *mythos áricos*, confundidos com restos fetichicos nos *Bestiarios* e *Lapidarios*, existe um outro subsólo da imaginação humana, mais obliterado, mais inconsciente, é o das Superstições, restos provenientes de religiões ainda mais antigas que o polytheismo árico: taes são os cultos magicos turano-kuschitas, conservados pelos gregos, e trazidos pelos romanos e árabes para a Europa da tradição do Egypto e da Chaldêa. Não é menos importante esta fórma da vida da tradição, que se vae tornando pela leitura dos hieroglyphicos e dos cuneiformes, ob-

cto de uma sciencia. A *Superstição* e o *Conto* são duas decadencias de dois grandes e vastos systemas religiosos.

Anthero de Quental teve a intuição d'aquelle estado da *Philomythia*, descrevendo-o admiravelmente em uma das suas cartas: «Será isto só poesia? a poesia é tambem verdadeira: é a evidencia da alma. Se o pensamento indaga, o coração adivinha. — E' lá que a mesma lei da existencia vive occulta, e d'alli solta os seus oraculos sempre certos. Das ruinas das sociedades antigas quanto resta, quanto acceita o futuro, como parcella de oiro, depurado de tantas vezes seculares? . . . Serão os systemas, as abstracções, as *certezas*? Não; as *illusões* apenas — a Poesia. A poesia! O sonho da humanidade no berço infantil da sua primeira innocencia! a fada que lhe embalou os sonhos de criança! a sibylla reveladora das palavras mysteriosas, cujas glosas foram as primeiras crenças, as primeiras religiões, as primeiras sociedades! Do regaço d'ella nos caiu sobre as mães o mundo antigo, ardente, bello, luminoso, pelo contacto d'aquelle seio divino. Sobre esse candente alícerce firmámos as frias construcções do nosso mundo moderno. O chão sobre que assenta a certeza de hoje, formou-se pelas alluções successivas da intuição antiga. O que é sciencia foi já poesia; o sabio foi já cantor; o legislador, poeta; e a evidencia uma adivinhação, um admiravel palpito, cujas profundas conclusões são ainda o espanto, e porventura o desespero das mais rigorosas philosophias. E, se nadamos hoje em plena luz da razão, foi entretanto a poesia, foi essa doce mão, que nos guiou por entre o pallido crepusculo dos velhos sonhos. Velhos? não: sonhos eternos! — Sonharemos sempre! que o sonho consola, dá fé e virtude. Luminoso e bello deixará de ser tambem verdadeiro só por não ser verdadeiramente *logico*? Ha muitas logicas. O sentimento tem a sua; diversa, só, mas nem por isso menos segura. E' assim que a intelligencia de hoje tem confirmado todas as intuições da antiga poesia. A religião, o direito, a liberdade, o amor, tudo isso nos legou o velho mundo poetico; não o descobrimos nós. Aquilatámos novamente o valor d'esse oiro, d'essas pedras finas, pelos novos processos; e o valor não se acha minguado; cresceu talvez. A nobre confiança que a antiguidade depositára no sentimento, não a illudiu, não lhe mentiu. O que o coração segredou ao homem no doce crepusculo das éras instinctivas, pode hoje dizer-se, repetir-se bem alto, a grande luz d'esse céo de clareza e de razão, é a verdade.» (*Cartas*, p. 29.)

Depois d'esta pagina tão translucida em que Anthero de Quental nos dá expressão synthetica ao que Aristoteles chamou *Philomythia*, faz o contraste deprimente e esterilicante da *Philosophia* «a monotonia do espirito chamada logica — por onde mede o rythmo impassivel de suas palavras fatidicas»

(p. 28) e «a Sciencia, que está fóra da naturezá, é ella que se engana» (p. 32.) (1) O mundo moderno só alcançou o conhecimento d'esse estado da consciencia primitiva da humanidade, quando fóram reunidas as complexas sciencias na *Philologia*; e a Philosophia reconheceu n'esses Mythos, Lendas e Contos os *germens* immortaes, a que a Arte dá as formas plasticas, somaticas das creações litterarias.

(1) Aos estudos do Folk-Lore portuguez chamou Anthero de Quental, *erudicão em delirio*; e a Philosophia positiva, considerou a uma *banalidade franceza*: «O Positivismo, como quasi todas as cousas banaes, e particularmente as banalidades francezas, parece claro, não pede esforço algum da intelligencia para ser comprehendido.» (*Cartas*, p. 102) Junqueiro seguiu-o, considerando a Philosophia positiva propria para discutir depois de um bom jantar bur-guez.

Diante d'estes peremptorios juizos, devem causar pena, Bain e Stuart Mill que estudando juntos a Philosophia positiva concluíram que era um Systema perfeito, applicando-a á renovação da Logica moderna; Littré e Spencer, um devendo-lhe a disciplina mental da sua erudição e critica historica, este outro o valor da ideia de evolução para construir o systema da Philosophia synthetica; Maudslay, confessa quanto a orientação actuou na sua *Pathologia do Espirito*, e Carey segue Comte na organização da sua *Economia social*; grandes physiologistas como Charles Robin, Claude Bernard e o mathematico Pierre Lafite, auctor das Lições de *Philosophia primeira*, reconheceram em Comte o coordenador do pensamento moderno, como fóra Descartes para o seculo XVII.

PARTE II

HISTORIAS E EXEMPLOS DE THEMA TRADICIONAL E FÓRMA LITTERARIA

O REY LEIR

Quando foi morto rey Balduc o voador reynou seu filho que ouve nome Leyr. E este rey Leyr nom ouve filho, mas ouve tres filhas muy fermosas e amavaas muito. E huum dia ouve sas razoões com ellas e disse-lhes—Que lhe dissessem verdade quall dellas o amava mais. Disse a mayor — Que nom avia cousa no mundo que tanto amasse como elle. E disse a outra — Que o amava tanto como ssy meesma. E disse a terceira, que era a meor — Que o amava tanto como deve d'amar filha a padre.

E elle quislhe mall por en, e por esto nom lhe quis dar parte no reyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rey de Tostia, e nom curou da meor. Mas ella por sa ventuira casousse melhor que nenhuma das outras, ca se pagou della elrey de França e filhoua por molher. E depois seu padre della em sa velhiçe filharomlhe seus genros a terra e foy maladante, e ouve a tornar aa merçee delrey de França e de sa filha a meor a que nom quiz dar parte do rreyno. E elles receberomno muy bem e deromlhe todas as cousas que lhe foram mester e honrraromno mentre foi uiuo; e morreu em

seu poder. E depois se combateo elrey de França com ambos os cunhados de ssa molher e tolheolhes as terras.

(Port. Mon. historica (Scriptores),
Livros de Linhagens, p. 238.)

A DAMA PÉ DE CABRA

Dom Diego Lopez era muy booo monteyro, e estando hum dia em sa armada e atendendo quando verria o porco ouvyo cantar myita alta voz huma molher em çima de uma peña: e el foy pera lá e vio seer muy fermosa e muy bem vestida, e namorousse logo della muy fortemente e perguntoulhe quem era: e ella lhe disse que era huma molher de muito alto linhagem, e ell lhe disse que pois era molher dalto linhagem que casaria com ella se ella quisesse, ca elle era senhor d'aquella terra toda: e ella lhe disse que o faria se lhe promettesse que nunca sse santificasse, e elle lho outorgou, e ella foisse logo com elle. E esta dona era muy fermosa, e muy bem feita em todo seu corpo salvando que hum pee forçado como pee de cabra. E viverom gram tempo e ouverom dous filhos, e hum ouve nome Enheguez Guerra e a outra foy molher e ouve nome dona.

E quando comiam de suum, dom Diego Lopez e e sa molher assentava ell a par de sy o filho, e ella assentava a par de ssy a filha da outra parte. E hum dia foy elle a seu monte e matou hum porco muy grande e trouxeo pera sa casa, e poseo ante ssy hu sia comendo com ssa molher e com seus filhos: e lançaron hum osso da mesa e veerom a pellejar humm alaão e huma podenga sobrelle em tall maneyra que a podenga travou ao alaão em a garganta e matou. E dom Diego quando esto vyo teveo por millagre e synousse e disse — Santa Maria vall, quem viu nunca

tall cousa! E ssa molher quando o vyo assy sinar lamçou mão na filha e no filho, e dom Diego Lopez travou do filho e nom lho quiz leixar filhar: e ella rrecudio com a filha por huuma freesta do paaço e foysse pera as montanhas em guisa que a nom virom mais nem a filha.

Depois a cabo de tempo foy este dom Diego Lopez a fazer mall aos mouros, e prenderomno e levaromno pera Tolledo preso. E a seu filho Enhequez Guerra pesava muito de ssa prisom, e veo a fallar com os da terra per que maneyra o poderiam aver fóra da prisom. E elles disserom que nom sabiam maneira porque o pudessem aver, salvando sse fosse aas montanhas e achasse ssa madre, e que ella lhe daria como o tirasse. E ell foy a laá soo, em çima de seu cavallo, e achoua em çima de uma peña: e ella lhe disse: «Filho Enhequez Guerra, vem a mym ca bem sey eu ao que veens. E ell foy pera ella e ella lhe disse: «Veens a preguntar como tirarás teu padre de prisom.»

Entom chamou hum cavallo que andava solto pello monte que avia nome Pardallo e chamouo per seu nome: e ella meteo hum freo ao cavallo que tiinha, e disse-lhe que nom fezesse força pollo dessellar, nem pollo desenfrear nem por lhe dar de comer nem de beber nem de ferrar: e disselhe que este cavallo lhe duraria em toda sa vida, e que nunca entraria em lide que nom vemçesse delle. E disselhe que cavalgasse com elle e que o poria em Tolledo ante a porta hu jazia seu padre logo em esse dia, e que ante a porta hu o cavallo o posesse que alli deçesse e que acharia seu padre estar em hum corral e que o filhasse pella mão e fezesse que queria fallar com elle, que o fosse tirando contra a porta hu estava o cavallo e que desde alli fosse que cavalgasse em o cavallo e que pozesse seu padre ante ssy e que ante noite seria em sa terra com seu padre: e assy foy.

(*Livros de Linhagens*, p. 258.)

A MORTE SEM MEREÇIMENTO

Aconteço gram cajam a D. Fernam Rodriguez, porque huma covilheira de ssa molher dona Estevainha fazia mall com hum peom, e hia cada dia ao seraão a ell a hum pomar dèsque se deitava ssa senhora, e levava cada dia o pelote de ssa senhora vestido: e dom Fernam Rodriguez nom era entom hi, e dous escudeiros seus que hi ficarom viromno humas tres noites ou quatro, e como entrava o peom a ella per çima de um çarrado do pomar a fazer mall sa fazenda ssô huuma arvor. E quando chegou dom Fernam Rodriguez espediromselhe os escudeiros c feromse, e tornaram a elle outro dia e contaromlhe esta maneyra dizendo que ssa molher fazia tall feito e que a virom assi humas tres noites ou quatro e disserom que se fosse dalli e que lho fariam veer. E elle foysse e tornou hi de noute a furto com elles aaquelle lugar hu elles soyam a estar: e a cabo de pouco virom viir a covilheyra pera aquelle lugar meesmo e trazia vestido o pellote da ssa senhora bem como soya; e dom Fernam Rodriguez foy pera lá quanto pode e trauou no peom, e em quanto o matavo fugiu ella pera casa e colheusse só o leyte hu sa senhora jazia dormindo com seu filho dom Pero Fernandes nos braços. E desque Fernam Rodriguez matou o peom emderemçou pera o leito hu jazia sa molher dormindo com seu filho e chantou o cuytello em ella e matoua, e desque a matou pidiu lume, e quando a achou jazer em camisa e seu filho apar de ssy maravilhouse e catou toda a casa e achou a aleyvosa da covilheira com o pellote vestido de ssa senhora sô o leito, e perguntoulhe porque fizera tall feito, e ella lhe disse que fizera como máa e elle mândoua matar e queymar por aleyvosa: e ficou com gram pesar deste cajam que lhe acontecera e bem quisera sa morte.

(*Livros de Linhagens*, p. 266. Ed. cit.)

A LINHAGEM DOS MARINHOS

Foi hum cavalleiro boo que ouve nome dom Froyam, e era caçador e monteiro. A andando hum dia em seu cavallo per rriba do mar a seu monte achou huma molher marinha jazer dormindo na ribeira. E hiam com elle tres escudeiros seus, e ella quando os semtio quisesse acolher ao mar, e elles forom tanto em pôs ella ataa que a filharom ante que sse acolhesse ao mar; e depois que a filhou aaquelles que a tomarom fea poer em huuma besta e levoua pera sa casa. E ella era muy fermosa, e el fea bautizar, que lhe nom caia tanto nome nenhum como Marinha porque saira do mar, e assy lhe pos nome e chamarom-lhe dona Marinha; e ouve della seus filhos, dos quaaes ouve hum que ouve nome Joham Froyaz Marinho. E esta dona Marinha nom fallava nemygalha. Dom Froyam amavaa muyto e nunca lhe tantas cousas pode fazer que a podesse fazer fallar. E hum dia mandou fazer muy gram fogueyra em seu paaço, e ella viinha de fóra e tragia aquelle seu filho comsigo que amava tanto como seu coração, e dom Froyam foi filhar aquelle filho seu e della e fez que o queria enviar ao fogo; e ella com rayva do filho esforçou de braadar e com o braado deitou pella boca huuma peça de carne, e dalli em diante fallou. E dom Froyam rreçe beoa por molher e casou com ella.

(*Livros de Linhagens* p. 382.)

EXEMPLO DO PHILOSOPHO

E destes taaes (sc. um philosopho) diz hum exemplo e põe semelhaça de huma arvor que estava rreygada em huma pouca terra em meo de huma grande augua, e era bem basta de rrama e bem carregada de pomas. E em cima della estava um homem delei-

tandose muito em tomar ora de humas ora doutras. E em no pee darvor rroyam dous vermens, hum branco e outro preto e tiinhâlhe rroyda a rraiz pera cando daryã com ella em terra. E a huma parte estava hum lyom bravo cõ a gargãta aberta, tendo mentes quando el cayria, pera o arrebatat e comello. E a outra parte estava hum alicornyo muy espantoso, aguardando quando cayria a arvore, pollo debrotir e lastimar. E o mizquinho do humem tâto se deleitava em as pomas que nom parava mentes que nemnhumas destas cousas nem curava dello.

Esta arvor senifica este mundo em que se o homem deleyta, tanto que lhe esquece o feito de sua alma e nõ se nembra da hora da morte. E a terra sinifica a vida do homem que he breve e pouca, e que nom avera em que se asconda. A agua sinifica o medo e o grande espanto que o homem averá em a hora da morte. E os vermens, hum branco e outro preto, sinifica o dia e a noite que roe em na vida do homem e lhe tolhem cada dia huma jornada, E o leom senifica o inferno, e o olicornio sinifica o purgatorio que está prestes com fogo e cõ fryo e com graves tormêtos pera os homẽs pera sempre.

(Ms. de Alcobça, n.º 266; fl. 145, v. (Na Bib. publica.) Varios extractos 'na *Romania*, xi, foram publicados depois sob o titulo *Anciens textes portugais.*)

EXEMPLO DOS TRES AMIGOS

E desto põe a Escripura hum exemplo hu conta de hum homem que tiinha trez amigos, hum amava mais que sy, e outro tâto como sy, e o outro menos que sy. E este homem foy chamado a juizo perante el rrey. E ell temendosse de morte chegou ao primeiro amigo que amava mais que sy e disselhe que se fosse com

ell ante el rrey. E ell disse que nom ousava de hir ante ell rrey, mas pois, se ell temia de morte, que lhe baratarya cinco varas de pano que levasse ante os olhos. E des y chegou ao segundo amigo que amava tanto como sy e disse lhe que lhe acorresse e que lhe fosse boo, que nom avya em ell se nom morte. E ell disselhe que pois hy al nõ avya, que irya com ell ataa porta. E des y tornousse ao terceiro de que avia vergonça por que o amavatam pouco e disselhe que lhe accorresse, que nom avia em el vida. E ell esforçou e disselhe que nom ouvesse medo: que ell yria com ell ante ell rrey e rrogarya por ell que ouvesse dell mercee. E por esso diz o sabedor: «O boo amigo nõ fallece aa coyta.»

E este homem sinyfica cada hum daquelles que vivem em este mundo. E estes tres amigos, hum delles he a rryqueza que o homem ama mais que sy, aventurando a alma e o corpo a grandes perigos pollas ajuntar, e quãdo vem a hora da morte, leyxaas com grande dolor, e vaasse dellas deseioso que non leva d'ellas senõ hnm pouco de pano em que o envolvem. E por esto diz o sabedor: «Oo mundo, quem te ama, non te conhece.» O segundo amigo he a molher e os filhos que o homem ama tãto como sy, e quando vem a hora da morte dõoesse delle, mas polla falha que lhe fara e por a pena que el avera por quanto aca trabalhou pollos manter, des y vãa com ell ataa cova, e non curam del mais. E por esso diz Job: «Os vermens sã aly os seus irmãos.» E o terceiro amigo he misericordia que o homem ama muy pouco em quanto vive, en pero aa hora da morte aparece com elle aquelle bem que faz ante Deus pollo esforçar e pollo tirar do inferno e por lhe gançar coroa devida.

(Ms. da Livraria de Alcobça, n.º 266, fl. 147 e 148. Do seculo xiv. Na Bibl. publica de Lisboa. Vid. *Vieux Textes portugais*, p. 28.)

EXEMPLO ALLEGORICO DA REDEMPÇÃO

Huñ homem passou per acerca de hum edificio muy fremoso en o qual eram totalas cousas que pertenciam pera deleitaçom. E achou tres donzellas estar chorando acerca dos rios que sayam daquel castello, porque a senhora do castello estava tam enferma que era chegada aa morte. E disselhe aquel homem caminheyro :

— Ha esperanza de vida em vossa senhora.

E as donzellas responderam :

— Os fisicos desesperaram da sua vida ; mais ella espera continuadamente hum de hum Rey que ha em sy tres condições muy nobres. s. elle he muy fremoso e grande fisico e he virgem.

E disselhe o mancebo :

-- Eu soõ esse que ella espera que hey todas essas cousas muy compridamente.

E entom levaram aquellas donzellas aquelle mancebo ao castello mui cortezmente. E a senhora do castello o recebeu muy bem, e com grande reverença. E elle começou a fazer sua cura e suas meezi-nhas aa senhora do castello, E fez um banho de sangue do seu proprio braço deestro, que fez sair, e pozse a senhora em aquelle banho. E tanta foy a virtude d'aquell sangue muy casto, que com a queentura do sangue foy tornada aquella senhora a quentura natural, em guisa que sayu sãa, e curada daquel banho, depouys que foy banhada em elle sete vezes. E quando ella viu tam grande beneficio como este, ro-gou a aquel fisico que lhe prouguesse de curar quinhentos cavalleyros que forom mortos de muy cruel morte e jaziam ençarrados em huma cova muy es-cura. E o fisico veeo aaquella cova e bradou alta voz :

— Oo cavalleyros, levantadevos e alegredevos e cantade louvores ao vosso livrador.

E os cavalleyros forom logo tornados aa vida e começarom braadar em huma voz dizendo todos :

—Hu he a mã deestra daquelle que assy sooa?
Hu som os doens bem aventurados. Vem trigosamente e daanos as doas que perdemos em outro tempo. E esto contra o sabedor Tephon.

E per este edificio tam nobre se entende a sancta Igreja que he ajuntamento dos fiees.—E aquel castello da sancta Igreja estam a rredor delle tres donzellas, que som tres virtudes theologaes, convem a saber, fe, esperanza e caridade. E estas choravam polla linhagem humanal, que era enferma de morte aute a vinda de Jhuxpo...

(Fl. 16 e 17 do *Coto do Sposo*.
Ms. n.º 273 da Bibliotheca de Alcobaca, hoje na Bibl. nac. de Lisboa.)

A JURTIÇA DE TRAJANO

Hum emperador da roma que avya nome Trajano, hya huma vez a grande pressa a huma batalha. E huma viuva sayu a elle chorando e disselhe:—Rogo-te senhor, que faças justiça d'aquel que matou hum meu filho sem razom. E disselhe o emperador:

—Eu te farey justiça depois que veer.

Respondeu a viuva:

—E se tu morreres en a batalha quem me fará justiça?

E disse-lhe o emperador:

—Aquelle que reynar depos my.

E disse a viuva:

—E que aproveytará a ti se outrem fizer justiça?

E o emperador respondeu:

—Certamente nom me aproveytaua nenhuma cousa.

E disse a viuva:

—E pois nom he melhor que tu me faças justiça e ajas ende o gualardom ca o leixares a outrem.

E entom decendeo o emperador do cavallo com

piedade, e fez aly justiça da morte d'aquel filho da viuva. E outrossy aconteceu huma, que o filho deste emperador Trajano hya correndo pella villa em hum cavallo e per aquecimento sem seu grado, matou hum filho de huma viuva, e ella queyxou-se ao emperador chorando. E o emperador deu entom aquelle seu filho em logo d'aquelle que matára e deulhe muyto aver com elle.

(*Op. cit.* Fl. 20.)

A MORTE DOS AVARENTOS

Hum avarento jazia muy mal enfermo pera morte.

Este homem avia muytas riquezas e nunca se aproveitava d'ellas nem tanto a deus, nem quanto ao mundo, nem pera seu corpo. E jazendo assy chegado aa morte, sua molher entendendo que nom avia em elle vida, chamou huma sua servente e disselhe :

— Vay tostemente e compra tres varas de burel pera envolvermos meu marido em que o soterrrem.

E disselhe a servente :

— Senhora, vos avedes huma grande tea de pano de linho, dadelhe quatro ou cinco varas ou aquello que lhe avondar em que o soterrrem.

E a senhora disselhe queyxosamente :

— Vay faze o que te mando, ca bem lhe avondarom tres varas de burel, segunda eu sey a sua condiçom e a sua vontade.

E estando en esto fallando a dona e a servente, ouviu esto aquel homem avarento, e esforçousse quanto pode pera fallar e disse :

— Nom comrade mais que tres varas de burel, e fazedeme o sacco curto e grosso que se nom leixe en o lodo.

E depois que elle morreu assi lhe fezerom. E a molher casou com outro e lograram os beens que te sourou o avarento.

Mas per outra guisa fez outro homem que avia muytas riquezas. E quando se vio enfermo de morte, mandou trazer seu aver ante sy. E começoulhe a rrogar que o ajudasse en tal guisa que nom morresse. E quando viu que nom avia dellas ajuda nem conforto disse :

— Oo riquezas enganosas, eu vos amey de todo o coração e vos prezey e honrrey. E agora que soõ posto en necessidade nom possa aver de vós nenhum conselho nem ajuda, e queredesme desemparrar e nom vos queredes hir comigo. Pois assy he, eu vos leixarey de todo, E tanto que esto disse, deu-as todas em esmolas a pobres.

(Ib., Fl. 48.)

AS MISERIAS DA RIQUESA

Hum Rey era gentil e de maaos feitos. Avia hum boo conselheyro que avia desto grande tristeza e estava hum tempo convinhavel para o tirar do erro en que andava. Hum dia disse elrrey aaquelle seu privado :

— Vem e andemos pela cidade se per ventora veremos alguma cousa proveitosa.

E andando elles pela cidade, virom lume que luzia per hum furado. E tiveram mentes per elle, e viram huma casa soterranha em que estava hum homem muy pobre vestido en huma vestidura muy vil e muy rota. E ante elle estava sua molher que lhe escantava o vinho per hum vaso de vidro. E tanto que o marido tomou vaso de vinho na mão, começou de cantar altas vozes e ella outrossy a balhar ante elle e louval-o muyto, e tomavam ambos muyto prazer, E aquelles que iam com elrey, estiverõnos oolhando hum grande espaço, e maravilhavamse porque aquelles homees tã pobres que non aviam casa en que morasen, nem vestuduras senõ muy rotas, como faziam sua vida tan segura e

com tanto prazer. Entom disse elRey ao seu conse-
lheyro :

— Oo amigo, que maravilha he esta, que nunca a
nosso vida foy tan aprazivel nem tam leda a my nem
a ty porque avemos tantos meios e tantos avonda-
mentos, como he a sua destes sandeos, ca como que
ella aja vil e mesquinha a aspera, parcelhe a elles
leda e blanda.

Ouando esto ouvyo o privado entendeu que tinha
tempo de castigar elrey e disselhe :

— Senhor, quejanda te parece a vida destes homens?

Elrey disse :

— Parece-me que he a mais mesquinha e a mais
mal aventurada de todallas vidas que eu vy.

E disselhe o privado :

— Senhor, sabe por certo que por mais mesqui-
nha e mais mal aventurada teem a nossa vida aquel-
les que contemplam e recontam a gloria perduravel
e celeste que sobre poyam todo sido. Ca os vossos
paaços resplandecentes como ouro e as vossas vesti-
duras nobres e fermosas mais fedorentas e mais feias
parecem que o esterco aos olhos daquelles que con-
templam as fremosuras das moradas do ceo que
non som feitas com maõ e as vestiduras feitas per
deus, e as coroas que nunca seeram comrompidas,
que aparelhou o senhor deus aaquelles que o amam.
E assy como estes pobres homens parecem a vós san-
deus, bem assy e muyto mais nós que andamos neeste
mundo e pensamos que avemos grande avondança
em esta falsa gloria e com estas deleitações sem provey-
to, parecemos dignos e merecedores de lagrimas e
choros e de tristeza e de mesquindade, ante os olhos
daquelles que gostarom a dulçura de bões perdura-
veis, que enganõ os homens em esta vida fazendo-se
creer que ham em sy blandeza e dulçura grande e
verdadeyra, o que he o contrario e per esto sõ en-
ganados os viçosos.

(*lb.*, Fl. 53, v.)

O QUE DEUS FAZ É POR MELHOR

Hum escodeyro avya huma sua molher, que avia tam grande esperanza em Deus que toda cousa de novo que acontecia a sy ou aos seos, sempre dizia :

— Esto he por milhor.

E aconteceu que aquelle escodeyro per aquecimento perdeo hum olho. E sua molher trabalhouse de o confortar, dizendo que aquillo lhe leyxara deos acontecer por o milhor. E depois aconteceu a este escodeyro de se hyr a huma terra extranha que chamõo dos lutanos e servia hum principe daquella terra. E elle servia aquelle principe muy graciosamente em tal guisa que o principe o amava muyto. E aconteceu ao principe enfermidade de morte. E o costume daquella terra era tal, que quando o principe morria escolhiam hum dos seus sargentos dos melhores e mais graciosos, que morresse com elle, pera o servir en o outro mundo ; e queymavãno con o senhor segundo era seu costume. E esto avian per grande honrra aaquelle servente que assi era escolheito.

Entom aquelle princepe mandou dizer aaquelle seu escodeyro que nom avya mais que hum olho que elle o escolhia que morresse e fosse queymado com elle, porque elle o servia muy bem e muy fielmente, e que o amava muyto, e poren o queria assy honrrar mais que todollos seus serventes. Quando o escudeyro isto ouvyo dava a entender que se tiinha per muy honrrado desto, dando muytas graças ao principe pela mercee e honrra que lhe fazia. E disse aaquelles que lhe trouxerom o recado :

— Como quer que esto seja a my muy grande honrra, pero dizede a meu senhor que elle bem que sempre o servi muy fielmente e ainda agora em este caso quero seer fiel e quero leixar a minha honrra a outro que tenha dous olhos. Ca nom compre aa honrra de meu senhor que elle parecesse en o outro segle com servidor que non tevesse mais de um olho.

Quando o senhor ouviu esta resposta louvou-a e recebeu-a por boa, julgando que em esto lhe fazia aquelle escodeyro estremada e singular fieldade. E assy escapou aquelle escodeyro morte cruel per razom do olho que tinha quebrado.

(*Ib.*, Fl. 63 v)

UM HOMEM DE TAVERNA

Hem homen rico husava muyto em beber en as tavernas, en tal guisa que gastou o que havia. E depois meteu-se a servir os que beviã en as tavernas por tal que bevesse con elles. E dessy per tempo avorrecerõ e lançarõ dessy. E elle estando desesperado, veo a elle o diabo en semelhança de hum homem velho e disselhe:

— Vay tu aa taverna e eu te darey dinheyros que te avondem, por tal que dees aazo aos outros que bevam mais.

E elle assi o fez. E fazia muytas pelleyas en a taverna, e muytas bevedices de que se seguiã muytas pancadas e muytos maaos feytos. E elle fez hi hum fecto tal per que o mandarom enforçar. E pizeromno na forca per trez vezes e nunca pode morrer, porque o diabo o ajudava e o sostinha. E hum sancto homem que sabia a maa vida daquelle homen, veendo esto maravilhose e entendeo que o diabo o ajudava. E foise hu enforcavam aquelle homem e comecou a esconjurar o diabo pella virtude de Jhu xpõ que lhe dissesse a verdade daquelle feito porque nom podia morrer aquelle homem maaõ. E o diabo respondeo e disse:

— Que como quer que elle desejasse a morte daquelle homem porque morria enforcado; pero que elle fazia ir ao inferno tantos homens que ja os diabos eram cansados en os levar e receber; que por en o ajudava que nom morresse.

(*Ib.*, Fl. 55 v.)

OS QUATRO RIBALDOS

Hum rustico aldeano matou hum carneyro e esfolou e levava-o aas costas pera o vender en o mercado. E falaromse quatro ribaldos que estevessem en quatro lugares en a carreyra per hu avia de hir aquelle aldeão, e que cada hum lhe dissesse que aquel carneyro era cam, por tal que o deitasse de ssy, e que o ouvessem elles. E quando o aldeão passou per hu estava o primeiro ribaldo, disselhe :

— Pera que levaes assy esse cã?

Respondeu o aldeão :

— Irmaão, nom sabês o que dizees, ca certamente carneyro he e nom cam.

E o ribaldo aperfiou com elle que era cam. E asy o fezerom os outros tres ribaldos. E o aldeão veendo esto disse antre sy :

— Eu cuidava que esto era carneyro; mas poys todos dizem que he cam, nam hei que faça dele,— e lançou o carneyro em terra e foyse. E os ribaldos tomaram-no.

E bem assy communalmente todo o mundo falla mentirosamente.

(Orto do Sposo, de Frei Hermenegildo de fancos, alcobacense.)

A BOA ANDANÇA D'ESTE MUNDO

Hum cavaleyro era muy namorado d'hum dona muy filha d'algo, casada. E a dona era de boa vida e nom curava nada do cavaleyro como que a elle demandava muy aficadamente. E aconteceu que morreu o marido da dona. E o cavaleyro começou de a demandar mais aficadamente. E ella mandou-o chamar e disse-lhe :

— Vós sabedes que non sodes igual a mym; pero quero vos tomar por marido se vos iguardes a mym

al de menos em riquezas, e per esto me escusarey de meu linhagem,

E o cavaleyro pidyu a elrey e aos outros senhores e trouve aa dona muyto ouro e muyta prata e muytas doas. E ella por se escusar do seu casamento disse-lhe, que todo aquello era pouco, se mais non trouvesse. E entom o cavaleyro teve o caminho a hum mercador que levava muy grande aver e matou-o e soterrou-o fóra da carreyra e tomou todo o aver que levava e trouve-o aa dona, E ella entendeu que aquella riqueza era de maa gaanho, e disse ao cavaleyro que se lhe non dissesse d'onde ouvera aquelle aver que non casaria com elle. E o cavaleyro descobriu-lhe todo o que fezera. E ella lhe disse que fosse ao loguar hu jazia o mercador soterrado e que estivesse aly des o seraão ataa o galo cantante e que lhe non encubrisse todo o que lhe acontecesse, e se esto non fizesse que o non tomaria por marido. E elle fez assy como lhe a dona mandou. E viu sayr da cova o mercador e ficou os giolhos em terra e disse tres vezes:

«Senhor Jesus Chrysto, que és justo juiz, e que vees totalas cousas, posto que sejam feitas escondidamente; dá a mym vingança d'este cavaleyro que me matou e tomou-me totalas cousas porque viviamos eu e minha molher e meus filhos.»

E ouvyo huma voz que lhe disse:

«Eu te digo e prometto em em verdade, que se elle nom fazer peedença em triinta annos, que eu te darey d'elle tal vingança que será a todos exemplo.»

E tanto que esto foy dito tornou se o morto pera sua cova. E o cavaleyro muy espantado e tornou-se pera a dona e contou-lhe todo o que vira e ouvya. E ella recebeo-o por marido e ouve dele filhos e filhas. E ella lhe dizia muyto a meudo cada dia, que se lembrasse do espaço que lhe fôra dado pera fazer peedença. E este cavaleyro fez em hum seu monte humas casas muy nobres e muy fortes. E estando elle hum dia em aquelle loguar comendo

com sua molher e com seus filhos, e com seus netos em grande solaz com a boa andança d'este mundo, veo hum jogar e o cavaleyro feze-o asseentar a comer. E emtanto elle comya, os sargentos destemperaram o estormento do jograr e huntarom-lhe as cordas com frussura. E acabado o jantar tomou o jogar o seu estormento pera tanger e nunca o pode temperar. E o cavaleyro e os que estavam com elle começaram escarnecer do jograr e lançaram no fóra dos paaços com vergonça. E logo veo hum vento grande como tempestade e soverteo as casas e o cavaleyro com todolos que hy eram. E foy feito todo hum grande lago. E parou mentes o jograr tras sy e vyo em cima do lago andar humas luvas e hum sombreyro nadando, que lhe ficarom em na casa do cavaleyro quando o lançaram fóra.

(Ibid., fl. 89, 90. Ms. 274 da Livr. de Alcobça, hoje na Bib. nacional.)
Ainda subsiste na tradição oral.
Vid. *Contos populares portuguezes*, n.º 74.)

OS DOUS CAMINHOS

Eram dous irmãos, e hum era sabedor e o outro sandeu. E andavam ambos fóra de sua terra. E querendo-se tornar pera ella, chegarom a hum logar hu sse partlam dous caminhos. E acharom pastores que guardavam gaado, que lhes disserom que huuma carreyra daquellas era dura e fragosa e estreita e per aquellá hyriam direytamente e seguros a sua terra. E que a outra era ancha e chaã mas era perigosa e chea de ladrões. Quando esto ouvio o irmão sabedor quisera hyr pella carreyra fragosa e segura. E o irmão sandeo rogouo muyto que se fossem pela carreyra ancha e chã. E o sabedor consentyo. E foram-se ambos pella carreyra chã e perigosa. E foram-se e sayram os ladrões a elles e prenderamnos e

esbulharamnos e feriramnos. E lançaram o sandeo em huuma cova em que morresse. E levarom o outro pera o matarem; e dizia o sabedor ao sandeo:

— Maldito seias tu, ca por a tua sandice mouro eu.

E o sandeo lhe disse:

— Mas tu seias malditto, que sabias que eu era sandeo e trouvesteme.

E assy pereceram ambos. E bem assy acontece ao homem, ca a carne que he sandia quer hir pella carreya da boa andança e das deleytações do mundo, mas a alma que he sesuda querya andar pella carreya da peendencia e das tribulações do mundo, e a rrazom assy lho conselha, mas a sensualidade tem com a carne, e os prelados e pregadores que som os pastores demostram ao homem ambas as carreyras.

(Ms. 273, fl. 98.)

A PAPISA JOANNA

Huum papa que ouve nome Johãne, natural de Margantina de Ingraterra, foy molher. Ca ella seendo moça pequena levoua huum seu amigo aa cidade de Athenas em trajo de barom. E aprendeo tanto que foy sabedor en muytas ciencias, em tal guisa, que nom avia nenhum que fosse igual a ella. E depois veeo a Rroma e leeo hi de cadeira. E aprendiam della grandes meestres e muytos outros discipulos, em guisa que era de muy grande fama en a cidade de Roma. E porem foy eleito en concordia por papa. E seendo papa dormio com huum seu familiar e empenhou. E ella nom sabia o tempo do parto, e hindo huum dia da egreja de sam pedro pera sam joham de lettram veeromlhe as doores do parto e paryo aly en a carreya e morreo, e soterraromna aly. Pouco aproveitou a esta a fama e os louvores dos homeês, assy como empeeço a outro papa a desonrra que lhe foy facta.

(Ib., Fl. 99.)

O FIRMAL DE PRATA

Huum barom segral avia grande cobiça de fazer seu peccado com huuma molher. E ella era casta e boa, e porem nom se atrevia elle de a demandar, mas cuydou falsamente e arteyramente como cumpriria sua maa vontade. E tomou huum firmal de prata que era de grande preço e deuho em guarda aaquelle molher. E depois furtouo em guisa que o ella nom soube, e lançou o firmal en o mar, por tal que nom lh'o podendo ella dar, ficasse por sua serva, e assy cuydava husar com ella como lhe prouguesse. E depois que esto fez demandou o firmal aa boa molher. E ella entendeo o engano que lhe fora facto e acorreusse a huuma sancta virgem que avia nome brigida, e estando con ella veeo huum homem que trazia pe-xes do mar que elle tirara. E quando abrirom hum dellos acharcm en o ventre delle o firmal e deuo a boa molher aaquelle homem maa. E assy ficou vaão o seu pensamento e sua arteyrice.

(Fl. 105.)

OS QUATRO LADRÕES

Contam as historias antigas que em Roma eram quatro ladrões. E andando huuma nocte a furtrar sintirom a Justiça e fugirom e esconderomse em huuma cova. E quando a luz veeo, acharomse em huuma casa de abovada muy fremosa. E acharom em ella huum moymento de marmor muy fremoso. E disseram antre ssy:

— Este moymento foy de algum homem nobre e ryco. Abramollo e vejamos se acharemos hy algum bem. Ca em outros tempos acostumavam soterrar os grandos homens com doas e cousas de grande preço.

Entom abrirom o moymento e acharom o moymento cheo d'ouro e de prata e de pedras preciosas e de vasos e de copas d'ouro muy fremosas. E entre

elles era huuma copa muy fremosa e mayor que todallas outras. Quando este acharom, disserom antre sy:

— Ora somos nós ricos e de boa ventura, e seremos ricos pera sempre nós e nossos filhos, mas será bem que alguum de nós fosse aa vila per vianda.

E cada huum se escusava, dizendo que era conhecido en a cidade e se temia de o enforcarem. Em cabo disse huum delles :

— Se me vós derdes aquella maior e milhor copa, eu hirey pollo mantimento.

E os outros outorgarom, e elle foy e trouxe de comer. E hindo pello caminho levando a vyanda, cuydou como meteria em ella peçonha em guisa que comendoa seus companheyros morreriam e ficaria delle todo o que acharom en o moymento. E os trez ladrões que ficarom emquanto elle foy fallaromse antre sy e disserom :

— Aquelle era nosso companheiro nom quiz hir pollo mantimento senom que lhe dessemos a copa milhor, matemollo e ficará a nós todo o aver.

E disse hum d'elles:

— Como o mataremos sem perigo, cá elle he mais esforçado ca nós.

Respondeo o outro e disse :

— Quando elle veer digamoslhe que entre dentro e tome a copa e quando se antre dentro tiramos o madeyro que sostem as pedras e cayrom as pedras sobre elle e morrerá.

E quando veeo o outro fezeromno assy e ficou logo morto. E elles disserom :

— Comamos e bevamos e depois partiremos o aver antre nós.

E começarom a comer a vyanda que o outro trouxera e morrerom com a peçonha que em ella andava.

O CAVALLEIRO E O PACTO COM O DIABO

Huum cavalleyro nobre poderoso seendo rico despendeu todos seus bẽes tam sem descreçam, que cayo em muy gram pobreza. Este cavaleyro avia huuma sua molher muito casta e devota da benta virgem Maria. E veo huuma grande festa em que este cavaleyro soya dar muytas doas e fazer grande despeza. E por que nom tinha já que desse, com vergonça foyse esconder em huuma mata, e ali jazia fazendo seu doo ataa que passasse aquella festa. E estando elle em aquelle logar chegou a elle huuma creatura muy espantosa em cima de huum cavallo espantoso e perguntoulhe por que era assy triste. E o cavalleyro lhe contou toda sua fazenda. E a creatura espantosa lhe disse :

— Se quizeres fazer o que te eu mandar, eu te farey aver mays riquezas e mais honrras que ante avias.

E o cavalleyro lhe prometeo que faria todo o que elle quisesse, se elle comprisse todo o que lhe prometera. E o demo lhe disse :

— Vay a tua casa e cava em loguar e acharas muyto ouro. E prometeme que tal dia tragas aqui a mym tua molher.

E o cavalleyro lhe prometeo. E foyse a sua casa e achou muy grande riqueza segundo lhe dissera o diabo. E começou de viver honrradamente como ante. E quando veo o dia em que prometera levar sua molher ao diabo, disselhe que sobisse em huum cavallo que se avia d'ir longe con elle. E ella como quer que ouvesse grande temor, nom ousou contradizer ao marido e foyse com elle, commendando-se devotamente a sancta Maria. E hindo elles pello caminho, vyo ella huuma egreja de sancta Maria e deçeo do cavallo e entrou en a egreja, e o marido ficou fora attendendoa. E ella fazendo sua oraçom devotamente aa beenta virgem adormeçeu. E a beenta

virgem tomou semelhança daquella dona em todo e foyse fóra da egreja e cavalgou en o cavallo da dona. E foyse com o cavalleyro, pensando elle que era sua molher. E quando chegarom a o loguar veo logo o diabo tostemente. E quanto perto delles nom se ousou chegar, mais começou de tremer e aver grande pavor e asanharse. E disse ao cavaleyro :

— Oo falso e muy desleal cavaleyro porque me fezeste tam grande escarnho e me fezeste tanto mal por muytos beens que te eu figi, tu me prometeste que me trarias tua molher e trouveste Maria. Ca eu me quisera vinguar da tua molher por muytas enjurias que me faz, e tu trouvesteme esta que me atormenta gravemente e me lança en o abisso do inferno.

Quando esto ouvyo o cavalleyro ficou muy espantado e maravilhado, e com temor nom pode falar. E a beenta virgem disse ao diabo :

— Qual foy a tua ousança e o teu maaõ atrevimento que presumias empeecer aa minha devota ! mas nom escaparás assy sem pena, ca eu te mando que logo descendas aos abissos do inferno e que daqui em diante nom empeças a nenhuuma pessoa que me chamar com devoção.

Quando esto ouvio o diaboo, partiu-se logo dally tostemente huyvando e fazendo grande doo. E o cavalleyro deçeosse do cavallo e lançouse em terra aos pees da da beenta virgem. E esta o reprendeo do que fezera e mandoulhe que sse tornasse pera sua molher que acharia dormindo en a egreja e que lançasse de ssy aquellas riquezas que ouverom pollo diaboo. E a beenta virgem desapareceo. E o cavaleyro tornou-se aa egreja e espertou sua molher que jazia dormindo e contoulhe todo quanto lhe acontecera. E foramsse pera sua casa e lançaron de ssy todo aquelle aver que ouverom pollo diaboo. E perseveraron em louvores e em serviço da beenta virgem muy devotamente e depois ouverom per ella muyta riqueza a serviço do senhor deus. (Fl. 120)

O DIABOO ESCUDEIRO

Em huuma terra avia hum cavaleyro que era homem boo e sua molher outrossy. Este cavaleyro por amor e da gloriosa sua madre, mandou fazer spiritaaes e casas pera pobres e despendia en esto o que avia. E avia hum filho, e quando ouve de morrer chamou e recõmendoulhe os spiritaaes que fezera, e o escodeyro ficou com sua madre depois da morte de seu padre, e já quanto per vergonça de sua madre curava do que lhe seu padre encommendara; mas depois da morte de sua madre, começou elle a fazer maa vida e nom curava de semelhar seu padre, mas despendia em vaydade o que lhe seu padre e sua madre leyxarom.

Huum dia este escudeyro estando em sua casa veo a elle hum mancebo e disselhe que querya viver com elle e que o serviria muy bem, ca era homem fidalgo, e que sabia fazer todallas cousas que compriam a boo servidor. E o escudeyro recebeo em sua companhia e hia com elle muy a meude aa caça e tam bem sabia caçar que o escodeyro andava caçando com elle todo o dia ataa nocte per logares perigosos e fragosos. Em aquella terra avia hum bispo de boa vida que fora muito amigo d'aquelle cavaleyro e de sua molher. E hum dia dizendo elle missa pelas almas delles foy-lhe demonstrado per deus que aquelle servidor do escodeyro era diaboo. Entom o bispo foy veer o escodeyro e comeo com elle e o mancebo servia ante elles. E depois que comerom, perguntoulhe o bispo donde ouvera tal servidor, E o escudeyro gabou'lho muyto. Entom o bispo mandou chamar o servidor, e elle nom queria vyr ante elle. E o bispo mandou chamar outra vez mas elle fingeose doente. Entom o bisbo lhe mandou que veesse per obediencia, e elle veo contra sua vua vontade. E o bispo lhe perguntou:

— Dy-me que homem es tu?

E elle respondeu :

— Soo diaboo.

E disselhe o bispo :

— A que veeste ?

E elle respondeu :

— Viim pera matar este escudeyro, porque he mao homem e desviado da bondade de seu padre, e nom curou dos conselhos boos que elle deu.

E disselhe o bispo :

— Pois porque o nom mataste ?

Respondeu o diaboo :

— Porque avia em custume de dizer cada dia sete vezes avemaria, e porem andava eu com elle pelos montes e pelos luguares fragosos pera o matar se algum dia leixara de dizer aquellas sete avemarias, mas nunca foy dia que as non dissesse.

E o bispo lhe perguntou donde houvera o corpo que trazia e elle lhe disse que era o corpo de hum enforcado. Entom o bispo mandou-lhe que se fosse dally e que nom empeeçesse a nenhuum. E logo partyo d'aly e ficou aly o corpo que trazia morto e fedorento. Quando esto vio o escudeyro mudou sua vida em bem segundo lhe aconselhou o bispo.

(Fl. 124.)

AS MAAS ARTES DAS MOLHERES

Huum mancebo trabalhava muyto por saber a arte das molheres, E posse en sua vontade de casar, e ante que casasse demandou conselho ao mais sabedor homem d'aquella comarca hu vivia, como poderia guardar aquella molher com quem casar queria. E o sabedor lhe deu conselho que mandasse fazer huuma casa de muy altas paredes, e que pozesse dentro sua molher e lhe desse boo mantimento non sobejo. E que aquella casa nom tevesse mais de huuma porta e huuma fresta por que visse, en tal guisa que podesse

sair nem entrar nenhum. E o mancebo fez todo per aquella maneyra. E casou e pose dentro sua molher, e quando elle entrava ou saya, fechava elle muy bem a porta. E quando avia de dormir escondia as chaves, e a molher avia grande sabor en a freesta pera veer os que hyam ou viinham pela rua. E huum dia que o marido era hido fóra, sobiuisse ella en a freesta, e vio huum mancebo fremoso e pagousse d'elle, e mandou falar com elle, e depois que teve com elle formado sua maa preytesia, embevedava ameude seu marido, e depois que dormia, furtava-lhe as chaves e abria a porta e saya fazer sua vontade com aquelle mancebo. E porque o marido era ensinado sobre as artes das molheres parou mentes como sua lhe dava muyto a beber. E huum dia beveo mais que soya atiinte perante a molher pera veer o que fazia. E ella levantouse aa mea noyte e furtoulhe as chaves assy como avia en costume e abrio a porta e sayo a o mancebo; e o marido que jazia espreitando levantouse e çarrou a porta muy bem. E possesse en a freesta ataa que vio sua molher que se tornava em camisa, pera casa, e começou a puxur a porta; e o marido mostrando que nom sabia que era, perguntou quem estava aa porta? E ella pidyo-lhe perdõm, dizendo: que nunca mais sayria fóra; mas elle nom lhe quis abrir dizendo, que elle diria aquelle feito a seus parentes. E ella começou de gemer, dizendo que se lhe nom abrisse, que sse lançaria en huum poço que hi estava, e que elle daria conta della a seus parentes. Mas o marido nom a leixou porem entrar. E ella tomou huuma grande pedra e lançoua em o poço con esta entençom que seu marido ouviria o soõ da pedra quando caysse na agoa, e cuydaria que ella se lançara en o poço.

E tanto que ella lançou a pedra en o poço, escondeo-se de traz o poço. E o marido pensando que a molher jazia en o poço. saio fora da casa pera veer o poço. E ella quando vyo a porta aberta meteuse

en a casa, çarrou a porta sobre ssy. E sobyose en a freesta, e elle que a vyo estar, diselhe :

— Oo molher chea de maa arte e enganosa, leixame entrar e eu te perdoarey quanto fizeste.

E ella lhe disse que o nō faria, mas que diria a seus parentes que elle todallas noctes assy saya a fazer seu pecado con as maas molheres, assy o fez. E elles doestarō muy mal o marido. E per esta guisa tornou o seu maaõ fecto sobre seu marido. E nom lhe aproveitou nada a guarda que pose en ella.

(Fl. 137.)

O REY E OS CORTESÃOS

Huum Rey andava en huum carro dourado, e hiam com elle seus cavaleyros. E encontrou com huuns ho-meens vestidos de vestiduras velhas e viis, e eram magros e desfeytos. E ellRey quando òs viu sayosse logo do carro e lançousse aos pees delles e adorouos, e alçoouse e foyos beijar eu as faces. E os cavalleyros quando esto virom, nom ouverom esto por bem. E porque nom ousarom reprehender elRey por aquello que fez, disseromno a huum seu Irmaão, como elrey fezera tal cousa que nom pertencia a ell. E o Irmaão delrey (reprehendeu-o) daquello que fezera. Em aquelle Regno, avia tal custume, quando aviam de matar per justiça algum homem, mandava elrey a huum pregoeyro que tangessem huum tromba, que era pera aquello ante a porta d'aquelle que aviam de matar. E depois que o Irmaão delRey o rreprehendeo daquello que fezera, quando foy aa tarde mandou elrey tanger aquella tromba ante a porta de seu Irmaão. E fez seu testamento. E em outro dia pella manhaã vestiuse de vestiduras negras e com sua molher e com seus filhos foyssse aa porta do paaço delrey chorando. E elRey fazeo viir ante sy e disselhe :

— Oo sandeu, se tu ouveste temor do teu Irmaão,

que sabes que nom lhe erraste, como nom averey eu temor dos pregones do meu senhor deus, ao qual muyto pequey e errey, os quaes me significam a morte com mais nobre tromba e me demostram a viinda espantosa do Juizo.

E depois desto mandou fazer quatro arcas e duas dellas mandou fazer douradas de fora e mandou-as encher de ossos de mortos podres e fedorentos. E outras duas mandou huntar de fora de pez e mandou-as dentro encher de pedras preciosas. E mandou chamar aquelles cavaleyros que aviam dito a seu Irmaão aquello que elle fezera. E mandou poer ante e les aquellas arcas, e preguntoulhes quaes dellas eram de mayor preço. E elles disserom que as duas que eram douradas eram milhores e de mayor valor. E elRey mandou-as abrir. E sayo dellas muy maaõ fedor, e disse elrey :

— Semelhantes som estas arcas aaquelles que som vestidos em nobres vestiduras. E dentro em suas almas som cheos de pecados. Assy como estas duas arquas que som fremosas e douradas de fóra e som cheas de dentro dos ossos fedorentos.

Entom mandou abrir as outras duas arquaas huntadas de pez e parecerom as pedras preciosas e saia de dentro muy boo odor. E disse elrey :

— Estes som semelhantes aaquelles pobres servos de deus que eu honrrey, que como quer que andam vestidos de viis vistiduras pero dentro en a suas almas resplandecem com odor de virtude ; mas nom parades mentes senom aas cousas de fora e nom consi- rades aquellas cousas que som de dentro.

(Fl. 141.)

AS VESTIDURAS HONRADAS

Donde aconteceo que hum filosofo chegou ao paaço d'hum princepe en vestidura vil e nunca o leixa-

rom entrar dentro, pero o provou muytas vezes. Entom elle vistyose em outra vestidura fremosa, e logo o leixarom entrar. E quando chegou ante o princepe começou de beijar a sua vestidura meesma que elle trazia e fezelle reverença,

E a princepe se maravillhou d'esto. E perguntou porque o fazia. E o filosofo respondeo :

— Eu honrro aquella que me honrrou; porque aquillo que a virtude nom pode fazer, gaanhou a vestidura. E esto he grande vaidade dar a honrra pella vestidura a qual honrra he devida aa virtude.

(Fl. 142, v.)

ROSIMUNDA

Huum Rey dos Lombardos que avia nome Alburno era muy forte e muy poderoso em armas. Este Rey ouve batalha com outro rey. E Alburno venceo e matouo, e tomou huuma filha daquelle Rey por molher, que avia nome Rosimunda. E do testo da cabeça de seu padre, que matara, mandou fazer huuma copa e encastouha em prata e bevia per ella. E este Rey Alburno entrou em Italia e tomou todallas cidades della pella mayor parte. E estando elle em huuma cidade que chamom Verona, fez huum grande convite. E mandou ali trazer a copa que mandara fazer da cabeça do rey que matara, padre da sua molher Rosimunda; e bebeu per aquella copa e fez a sua molher que bevesse per ella, dizendolhe :

— Beve com teu padre.

E quando ella esto soube, ouve grande odio a elrey seu marido. E elrey avia huum duque que dormia com huuma donzella da rraynha. E huum dia nõ veendo hy elrey, dormiu com a rraynha, cuydando que era a donzella. E a Raynha fezelho conhecer, e disselhe :

— Sabe por certo que tu as feyto tal cousa, que

ou tu matarás a elrey Alburno, ou tu morrerás das suas mãos. E eu quero que me tu vingues d'elle que matou meu padre e fez copa da sua cabeça, e fez a my que bevesse per ella.

E o duque lhe disse o nom fazia, mas cataria outro que o fezesse. E entom ella guisou como se fezesse. E tyrou as armas fóra da camara delrey e le gou a espada que elle tinha aa cabeceyra em tal guisa que se nom podese tirar. E depois que elrey jouve em seu leyto, entrou aquelle que o queria matar. E quando o sentyo elrey, saltou fóra e quiz tirar a espada e nom pôde. E entom começou elrey de sse defender muy fortemente com huuma cadeyra que hy estava, mas pouco lhe valeo seu ardimento nem sua fortaleza. Ca o outro andava muy bem armado e pôde mays que elrey e matouo. E tomou todollos thesouros que achou en no paaço e fugio com a rraynha Rosimunda, pera huuma cidade que ha nome Ravena. E aly se pagou a rraynha de huum mancebo que era perfecto de Ravena. E por casar com ella deu peçonha aaquelle com quem fugira. E ella embevedou, syntio que era peçonha e fez que a Rosimunda que bevesse o que ficara a força da espada. E assy morrerom ambos. E assy parece que pouco prestou a fortaleza do corpo a elrey Alburno, nem ao outro que o matou, ca anbos morrerom maa morte.

(Fl 77.)

A VIUVA E O ALCAIDE (A Matrona de Epheso)

Hũa mulher tinha hũn seu marido, o qual ella dizia que amava sobre todas as cousas do mundo.

Avia per caso que lhe morreu este marido e ffoy sotterado em hũa ermida, pouco fóra da villa, quasy mea legoa. Aquesta sua mulher tomou gram nojo e foy se a esta sepultura com gram chanto, e sobre esta sepultura dizia que que queria viver e morrer, e nom

fazia se nom chorar ; padre nem madre nem parente nom a podiam d'aly tirar.

Aconteceo que hñn ladron, homem de grandes parentes, foy em aquell dia enforcado acerqua d'aquella irmida, e foy dado em guarda ao alcaide porque o nom furtassen de noyte seus parentes da forca, porque elle fosse exemplo aos outros malfectores ; e o senhor disse ao alcaide que se lh'o furtassem per sua maa guarda, que enforcariam a ell. E estando este a aguardar, ouve sêde e mandou aos seus que o guardassem bem, ca ell queria hir beber aaquella hermida hy acerqua, onde parecia hñn pouco de foguo. E em mentres que elle veo aaquella irmida, os seus se adormentarom, e foy furtado o enforcado, nom sabendo o alcaide parte dello, Quando alcaide chegou aa hermida derom-lhe da augua a beber. Depoys que bebeu, perguntou porque chorava aquella mulher. E foy lhe dicto porque lhe morreu ora aquy hñm seu marido que ella amava mayś que o seu coraçom. O alcaide lhe disse que ella nom tomasse uojo por aquella causa que ella nom podia cobrar por nenhũa rem do mundo, e ella disse que avia muy gram razom de chorar, ca ela nom podia já nunca achar homem que a tanto amasse como seu marido, fazia ; ho alcaide lhe disse que era homem que a amaria e servyria tanto e mais que ell, e que era tam rico e tam de proll como ell. E tanto lhe soube dizer com doces palavras, que já nom chorava, e namorou-se do alcaide, e recebeo-o por seu marido. Depoys tornou ell aa forca e achou que lhe furtarom o enforcado, e seus homens eram fugidos, e ell tornou loguo aaquella molher e disse-lhe como lhe furtarom o enforcado e que se temia que o senhor o faria enforçar. A dona, que já d'ell era namorada muito, lhe disse:

— Amiguo, nom tomades nojo nem perçadas per ende a terra, mas nós tomemos este meu marido e ponhamol-o na fôrca e eu vollo ajudarey a enforçar e a gente cuydaria que he o que furtarom.

E assy o fizeram e viverom ambos casados em suas vidas.

(*Fabulario portuguez* do seculo xv,
Ms da Bibl. de Vienna, fl. 24 ̄.
—*Revista Lusit.*, vol. viii, p. 127.)

O JUDEU, O ESCUDEIRO E AS PERDIZES

Hũn judeu queria passar pela terra de hũn rey com muytos haveres que comsiguo levava; e rogou a el-rey que lhe desse hũn de sua casa que o acompanhasse seguro, ataa que passasse seu reyno. Elrey lhe deu hũn seu scudeyro, do qual se fiava muyto, e mandoulhe que acompanhasse este judeu bem fielmente, ataa que passasse em salvo fóra de sua terra.

E quando este judeu foy em hũn mato, o escudeiro tirou fora de sua espada para o matar e roubar-lhe seu haver, e ho judeu lhe disse:

—Nom me mates, porque se me matas, aquellas perdizes que estam em aquella arvor te acusarom a teu senhor, e mandar-te-ha matar.

O escudeyro escarneceo do que o judeu dizia e matou-o, e tomou lhe todo seu haver que comsiguo levava.

E d'aly a pouco tempo presentarom a este rey perdzes, seendo a jantar. Este seu scudeyro cortava ante ell, e como a Deus prouve compeçou este escudeiro de ryr, e non se pedia teer nem fartar de ryr. Elrey seendo aa mesa nom lhe disse nada, e depouys que jantou chamou-o de parte, e por que rira tam fortemente aa mesa, que lhe dissesse a verdade. Ho escudeyro nom lh'o queria dizer, que se temia. Elrey antre afaagos e ameaças soube d'elle a verdade em como matara aquell judeu e lhe tomara todo seu aver, e como o judeu, antes que o matasse, lhe dissera que as perdizes que estavam na arvor o accusariam a ell, e que o mandaria matar. Elrey tomou d'elo gram nojo porque amava muyto o escudeyro:

— Por certo as perdizes te accusarom!
 Depoys ouve conselho com seus conselheynos:
 — O que merece este escudeyro?
 E acudiram todos, que morresse na fôrca.
 E assy foy o escudeyro enforcado pelo mal que fizera.

(*Fabulario portuguez*, seculo xv.
 Ms. da Bibl. de Vienna, fl. 33.
 — *Revista Lusit.*, vol. 8.º p. 136.)

O LEÃO E O PASTOR

Andando hũ leom seu caminho, entroulhe hũa espinha no pee; e este liom, andando muy tribulado con esta espinha pela mata, encontrouse com hũ pastor que guardava gaado. Ho pastor com gram medo quando vyo o leom e tomou hũ carneiro e pose-o d'avante o leom; ho leom nom lh'o quys tomar, e mostravalhe ho pee onde tinha a espinha, e rogava ao pastor que lh'a tirasse. E o pastor tomou uma so-vella, e tiroulhe a espinha e muyto vurmo que já trazia. Ho leom lambia a mão a este pastor.

Depoys que o leom se sentio saõ, sempre o acompanhou; e quando avia talante de comer, andava a caça das alimarias aa silva; e como avia seu mantimento, tornava se ao pastor. Em tal guysa lhe guardava seu gaado, que lobo nenhum nem outra anymalha nom lhe fazia dapno; e com todo esto o leom espreveu muy bem no seu coraçom o serviço que lhe o pastor fezera.

E d'ende a poucos dias foy tomado aquelle leom em hũ laço e foy posto em Roma com outros leões. D'aly a certo tempo o pastor fez hũ maleficio; e mandou a justiça que o metessem com os leões, que o matassem; e foy posto entre elles. O leom a que ell tirara a espinha ho canheceo e chegou-se a ell e andava o lambendo e defendia-o dos outros leões,

que lhe nom fizessem mal. Veendo os senadores esta maravilha, foram muyto espantados, e por esto perdoaram a morte ao pastor.

(*Fabulario portuguez*, seculo xv.
Ms. da Bibl. de Vienna, fl. 19 v.
—*Revista Lusit.*, vol. 8.º, p. 121.)

O LOBO E O CORDEIRO

Conta-se que o lobo bebia hũa vez em hũn ribeyro, da parte de cima, e o cordeiro bebia em aquell mesmo ribeyro, da parte do fundo. Disse o lobo ao cordeyro :

— Porque me luxas a augua e dapnas este rebeyro?

E o cordeyro respondeo e disse humildosamente :

— Eu nom te faço emjuria, nem luxo a o rio, porque a augoa corre contra mym, e a augua he muy clara ; e pero sse a quizesse abolver, nom poderia.

Outra vez o lobo braada forte e diz :

— Nom te avonda que tu me fazes emjuria e dapno, e ainda me ameaças?

E o cordeyro outro vez humildosamente respondeo :

— Nom te ameaço, mais eu me escuso com boa razom.

E o lobo respondeo outra vez :

— Ainda me ameaças? Já semelhavel enjuria me fizeste tu e teu padre, som ja bem seis meses.

O cordeyro disse :

— O' ladrom, eu nom ey tanto tempo!

E o lobo iroso disse :

— Oo maaõ rapaz, ainda ousas de falar?

E foy-se a ell e matou-o e comeu-o,

(*Fabulario portuguez*. Ms. de Vienna,
fl. 2.—*Rev. Lusit.*, vol. 8.º, p. 104.)

EXEMPLO DA CABEÇA E OS MEMBROS

«E esto podemos veer por exempro nas couzas naturaes, assy como he a cabeça, a qual, posto que seja a mais alta parte do corpo, e a maaes principal, nom pode por ende estar sem o officio e serviço dos outros membros, e per essa meesma guisa os outros nossos membros sem a saa cabeça se nom podem manteer, nem governar; assi que, nem a cabeça aos membros, nem os membros aa cabeça, poderom dizer = *Vaite, que te nom havemos mester*, = nem *Eu poderei viver sem ti* = porque será mentira, mas que huma nom pode escusar o outro, como he verdade: e assy de vós outros, que vos deve nembrar, como vos destes, e offerecestes e consagrastes a Deus per vossos votos e vossa propria vontade; cá a mim nom me prometestes nenhũa cousa, nem eu vos nom demandando, nem rrequieiro al senom, o que devees de pagar a Deus, que o entreguees e dees a mim que som seu procurador e moordomo, etc.» (*Carta II* de Frei João Alvarez, Abbade do Paço de Sousa, 1467, — Ap. J. P. Ribeiro, *Diss. chron.*, t. I, p. 368, ed. de 1860.)

A BILHA DE AZEITE

PAIO VAZ : Pois Deus quer que pague e peite
 Tão daninha pegureira,
 Em pago d'esta canceira
 Toma este Pote de azeite,
 E vae o vender á feira;
 E quiçaes, medrarás tu,
 O que eu comtigo não posso.

MOFINA MENDES: Vou-me á feira de Trancoso
 Logo; nome de Jesul
 E farei dinheiro grosso;
 Do que este azeite render
 Comprei ovos de pata,

Que é a cousa mais barata,
 Que eu de lá posso trazer.
 E estes ovos chocarão ;
 Cada ovo dará um pato,
 E cada pato um tostão,
 Que passará de um milhão
 E meio, a vender barato.
 Casarei rica e honrada,
 Por este ovo de pata,
 E o dia que fôr casada
 Sahirei ataviada
 Com um brial de escarlata ;
 E diante o desposado
 Que me estará namorando,
 Virei de dentro bailando,
 Assi d'esta arte bailando,
 Esta cantiga cantando.

(Estas cousas diz MOFINA MENDES com o Pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cae-lhe, e diz :)

PERO VAZ: Agora posso eu dizer
 E jurar e apostar
 Que és Mofina toda.
 PESSIVAL : E se ella baila na voda
 Qu'está ainda por sonhar,
 E os patos por nascer,
 E o azeite por vender,
 E o noivo por achar,
 E a Mofina a bailar ;
 Que menos podia ser ?

(Vae-se MOFINA MENDES cantando :)

Por mais que a dita me engeite
 Pastores, não me deis guerra ;
 Que todo o humano deleite
 Como o meu Pote de azeite
 Hade dar comsigo em terra

(Gil Vicente, *Obras*, t. I, p. 115. Ed. de Hamb.)

A CHUVA DE MAIO

Dia de Maio choveu,
A quantos a agua alcançou
O meôlo revolveu !
Houve um só que se salvou,
Que ao coberto se acolheu.
Dera vista as semeadas,
As que tinha mais visinhas,
Viu armar as travoadas,
Accolhe-se ás bem vedadas
Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia um lhe dava
Paparótes no nariz;
Vinha outro e o escornava,
Ahi tambem era o juiz,
Que de riso se finava.
Bradava elle : Homens ! estay.
Vam-lhe co' dêdo ao ôlho.
Disse então : -- E assi lhe vae ?
Não crea logo em meu pay,
Se me d'esta agua nãa molho. —

Apaixonado qual vinha,
Achou um charco que farte
(O conselho havido o tinha)
Molhar-se de toda a parte,
Tomando como mêninha.
Quanto viram lá correram,
Um que salta, outro que tróta,
Quantas graças lh'i fizeram !
Logo todos se entenderam,
Eil-os vão n'uma chacota.

(*Sá de Miranda*, p. 232. Ed. 1804.)

O ERMITÃO E O LADRÃO

Em um êrmo morava um virtuoso Ermitão, ao qual se chegou um salteador de caminhos, dizendo-lhe :

— Vós rogaes a Deus por todos; rogae-lhe que me tire d'este máo officio que trago, senão ey-vos de matar.

E indo d'ali tornava a fazer o mesmo que d'antes; e outra vez tornava a vir ao padre, dizendo:

— Vós não quereis rogar a Deus por mi, pois eyvos de matar.

Tantas vezes fez isto, que uma vez veiu determinando para matar o padre, o qual lhe pediu e lhe disse:

— Já que me quereis matar, tiremos primeiro ambos uma lagea que tenho sobre minha sepultura, e, morto lançar-me-heis dentro sem muito trabalho.

Elle o acceitou, e assi fôram ambos erguer a lagea; porém como o salteador trabalhava quanto podia por erguel-a, assi trabalhava o padre Ermitão por que não se erguesse, e d'esta maneira ambos não faziam mudança na lagea. Attentou o salteador no caso, e disse assi:

— E se vós não ajudaes como posso eu só erguel-a? que ainda que ergo da minha parte, vós fazeis da vossa com que não aproveite o que faço.

Antes que passasse adiante, disse o padre Ermitão:

— Vês ahi, irmão, o que te eu digo. Que me presta a mi rogar a Deus por ti, pedindo-lhe que te tire do peccado e máo officio que trazes, se tu não te queres tirar e estás muito de proposito perseverando n'elle?

*(Historias de proveito e Exemplo, de
Gonçalo Fernandes Trancoso. Par-
te 1, n.º 1.º)*

D'AQUELLAS SETE AO DIA

Uma virtuosa dona de boa vida tinha uma filha de tão má inclinação que não queria tomar os nobres conselhos da mãe, nem aprendia seus louvados costumes; mas em tudo seguia seu proprio parecer sem obediencia de pessoa alguma, nem correição de visinha nem parenta, porque era priguiçosa, gulosa, andêja, muito falladeira e de outras feias manhas. A

mãe, como mãe, desejosa de seu bem e de lhe dar marido, determinou dar a um mancebo tudo o que a pobre velha tinha por que casasse com a filha. E concertada com elle no dote, quiz o mancebo que não dessem conta á môça até que elle a fôsse vêr o dia seguinte, seguindo o conselho do rifão que diz : *Antes que cases, olha o que fazes.* Foi a velha contente e disse que assi faria ; porém, por que a filha estivesse sobreaviso e não caísse em alguma fraqueza a tal tempo, crendo que para casar tomaria seu conselho, lhe descobriu aquella noite tudo o que se passava, dizendo-lhe :

— Filha, toda tua vida seguiste tua opinião, sem querer entender meus conselhos ; agora te rogo que este dia me ouças e acceites o que te disser.

E com discretas palavras lhe amoestou que o dia seguinte não se erguesse de seu logar ; que sempre estivesse callada fiando, ou ao menos com a roca na cinta, por que pois o futuro marido a queria vêr a achasse quieta e occupada. E para mais ajuda fiou a velha aquelle serão quasi até meia noite, e pela manhã pôz-lhe á filha uma grande roca na cinta, e deixou-lhe as maçarócas que fiára no regaço ; fel-a assentar, tal que á vista dos olhos a quem a não conhecera parecia uma diligente fiandeira. Porém como aquelle não era seu costume, tanto que a mãe deceu á porta, (por que avia de esperar ali o mancebo) a môça deixou a róca, e com diligencia fez lume, e n'elle uma honesta tigellada de papas, e por que se esfriassem prestes as lançou em cinco ou seis escudellas, que logo chegou de redor de si, e soprando e fervendo estava a pobre môça apressada por acabar sua obra antes de ser sentida. A este tempo chegou o mancebo á porta, e ainda que o viu a velha e elle a ella, pelo que tinham concertado não fallaram, mas elle subiu de manso por vêr em que se occupava a que elle queria receber por molher. E a velha o deixou ir, tendo pera si acharia a filha ao

menos com a róca na cinta como a deixara; mas ainda que elle subiu dez ou doze degráos da escada, ella de occupada não o sentiu, nem, posto que metteu a cabeça em casa o não viu; mas ella foi d'elle muito bem vista, e notando o officio em que estava, disse entre si:

— Nunca nós faremos boa matalotagem; porque quem tanto e com tal pressa madruga a comer, pouca prol me póde fazer. Não é esta a que me arma.

E sem fallar se deceu; e a velha vendo o vir tam prestes, lhe perguntou:

— Que vos parece, filho? Que cuidado de môça!

E querendo-lh'a gabar, porque imaginava que estaria fiando, e mais com a róca cheia, lhe disse:

— Vistes a pressa que tinha, e a habilidade das suas mãos, e o que já tinha despachado; pois eu vos prometto que d'aquellas enche e vasa sete no dia.

Querendo a velha dizer as roçadas da róca; mas o mancebo sem descobrir o que lhe vira fazer, respondeu:

— Senhora, não me arma; que se ella é tal, não na posso sustentar, e assim estê-se em vossa casa, e se as vasar e encher tantas vezes, sejam embora de vossa farinha.

E foi-se.

(Trancoso, *Contos e Historias de Proveito e Exemplo*, P. 1, conto 2.º)

A DONZELLA RECATADA

Em uma populosa villa havia uma dona honrada que tinha uma filha muito virtuosa, sesuda, recolhida, e amiga de seu trabalho, que per elle alcançava com que honestamente se mantinham ambas das portas a dentro, mui limpamente tratadas. Fazendo-se uma vida de uma sua parenta, assi se passaram mais de

quatro mezes em recados até que a noiva lhe veiu a casa rogar que fosse um dia á sua o que a môça accitou por comprazer com a parente ; e chegando a noite, por ser menos vista, com um irmão mancebo que áquelle tempo viera de fóra da terra, saiu de sua casa para ir a casa da parenta. Na rua do proprio caminho por onde haviam de ir, estava um eschola de dança, a que o mancebo era inclinado, e a estas horas dançavam, e ao passar pella porta da eschola fez uma pequena detença ; mas a donzella, que não tinha sua imaginação senão no caminho que levava, andava pela rua tão baixo o rosto que o não erguia. Foi vista por um nobre mancebo, que a seguiu, e poz-se-lhe diante fingindo ser seu escudeiro, encaminhou-a pera sua casa ; e ella, quando ergueu o rosto, crendo ser seu irmão lhe disse :

— Tão longe é isto !

Elle ainda que entendendeu, não lhe respondeu nada ; e dissimulado se meteu em sua propria casa, dizendo :

— Aqui é.

E como a teve bem dentro, fez cerrar a porta, e mostrou-se-lhe, e descobriu-se a ella quem era. Grandes promessas, que lhe fazia, e ricas joias que lhe dava, com palavras amorosas e meigas, n'esta casta e honesta donzella não fizeram abalo. Elle que a viu tão determinada, a levou a um jardim, logar onde ainda que bradasesm não podesse ser ouvida ; e lhe ia tirando das roupas que levava vestidas ; por lhe ganhar a vontade, largou-a de si um pequeno espaço, ficando-lhe porém o cabo do trançado na mão. A donzella, tanto que se viu fóra de suas mãos, tirou com diligencia o garavim da cabeça, e mettendo o no tronco de uma arvore, se foi até chegar ao pé do muro do jardim, e subindo na parede, sem temer a queda, se deixou ir abaixo em camisa e em cabello. E assi se achou na rua a tempo que ja havia muito que era achada de menos do irmão, e d'elle e

da mãe buscada por todas as partes. E quando sua mãe a viu, e ella viu sua mãe, parecia que ambas resuscitavam, e logo quietamente coberta com a capa e sombreiro do irmão se fôram para casa. O fidalgo, tanto que lhe pareceu que tardava, ainda que tinha o trançado na mão, porque não lhe respondia chamando a, foi para ella cuidando que lançava mão de sua pessoa; achou-se abraçado com o tronco da arvore onde o garavim estava posto, e sintindo e enganado, e como não sabia quem era, nem cuja filha, se recolheu em sua casa triste, então lhe estava mais affeçoado que d'antes. E com desejo de a vêr e saber quem era, e havel-a por molher, cahiu em cama doente de imaginação, e tanto esteve assi que se secava e houvera de morrer, senão dera conta do caso a uma discreta dona que o criára, a qual entendido tudo o que passara, tomou o vestido, que foi tirado da môça, e foi se pela villa dizendo que o achara, e se alguma pessoa o conhecesse e mostrasse como era seu lh'o daria. E isto fazia por saber quem era aquella donzella: o que a boa dôna fez com tanta sagacidade, que por enculcas veiu á propria casa d'onde o fato era. A dôna foi dizer ao fidalgo a casa e a pessoa que era; e elle, visto e ouvido o que dizia d'aquella que já tinha feito senhora de si na vontade, folgou muito e aguardou tempo que soube que estava vestida com o proprio vestido, e então para melhor se affirmar se era ella, se subiu pela escada acima, e de subito deu com a mãe, e com ella e seu irmão, que estavam descuidados de tal vinda. E o fidalgo tanto que a viu logo conheceu ser aquella por quem passava os trabalhos que passou desde que ficou sem ella no jardim, e com muita cortezia lhe disse:

— Senhora, desde agora vos fico que nunca haverei outra molher senão a vós.

A donzella, vergonhosa de ouvir, e a este tempo se desbarretou e queria pedir-lh'o em giolhos, se lhe

humilhou muito e tomandoo polas mãos o fez er-guer.

Depois se correram os banhos, e com muito contentamente de ambos viveram sempre; e por esta donzella se disse o rifão :

A moça virtuosa
Deus a espósa.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte 1,
conto 4.º)

O ODIO ENDURECIDO

Viviam em hum logar pequeno dous homens, que se queriam mal, e os visinhos e seu prelado aviam feito o que n'elles era pelos fazer amigos; os quaes, ainda que algum tempo se fallavam, como o odio era de coração, não durava n'elles a amisade, feita por cumprir com quem lh'o rogava, ou lh'o mandava, que logo tornavam como de primeiro. Durou n'elles este odio tanto, que vindo por ali ElRey, lhe deram conta d'isto alguns homens da terra. E ElRey mandou chamar a ambos, e ante si, por elles e por outros inquiriu o melhor que pôde qual seria a causa; porque, sabida, atalhando-lhe os principios, se faria a paz. E achou que era pura inveja que cada um tinha dos bens e fazenda do outro, porque n'isto eram quasi eguaes e abastadamente ricos. Porém, cada um desejava vêr-se aventajado do outro, inda que fosse á custa de por isso o vêr destruido e perdido de todo; e o mal que hum queria ao outro, esse mesmo lhe queria o avaro a elle. ElRey desejoso de os contentar a ambos fartando-os de fazenda, por que perdessem a inveja, lhe disse:

— Sêde amigos; e eu quero que seja á minha custa, e me apraz de vos dar tudo o que souberdes pedir de meu reyno, que eu tenha, com esta condi-

ção, que um de vós hade pedir á sua vontade tudo que elle quizer, com que fique contente, para não haver, inveja do outro, e eu desde agora lh'o dou; e ao outro que não pedir, ey de dar em dobro sem mingua alguma.

Elles, á primeira face, parecendo-lhes bem o accetaram e agradeceram, crendo cada um que ficaria avantajado do outro; porém quando cahiram na conta, que, ainda que hum pedisse muito, aviam de dar dobrado ao outro, nenhum queria pedir por não ficar menos que seu visinho. ElRey entendendo-os, mandou lançar sortes, e ao que coubesse pedir, pedisse por força, dizendo-lhe:

— Tu que queres mais do que souberes pedir, pede á tua vontade, farta-te, e depois deixa-me dar a est'outro dous tantos, que tu nada perdes n'isso.

Nenhum d'elles tinha paciencia, e per derradeiro lançaram sortes, e aquelle a que lhe coube pedir, ficou per isso muy triste, e depois de bem imaginar no que pediria, veiu ledo a ElRey e disse-lhe:

— Senhor, já sei o que ey de pedir, e se m'o deres cumprindo tua palavra, ficarei contente e amigo de meu visinho, dando-lhe a elle o dobro.

E ElRey lh'o prometteu sem falta; elle se poz em geolhos, e lhe beijou a mão pela mercê e logo lh'o pediu:

— Dê-me vossa alteza um d'estes meus olhos aqui posto na minha mão.

ElRei maravilhado do que pedia, lhe disse:

— Jesus! e porquê?

E o homem tornou a dizer:

— Porque, conforme a promessa de vossa alteza, se me tirarem um olho a mim, hão lhe de tirar dois olhos a elle, e assi vendo lhe eu este damno me contento.

Foy muito de espantar a crueldade d'este e vêr o endurecido odio que ambos se tinham.

(Trancroso, *Contos*, Part. 1, conto ix.)

Variante :

Em certa cidade avia dois homem, um era muito avarento e outro muito invejoso ; sabendo-o o senhor d'aquella terra, os mandou chamar e lhes disse : «Determino de vos fazer mercês, e hão de ser d'esta sorte. Peça qualquer de vós primeiro, e veja o que pede, e como, porque ao segundo hei de dar dobrado do que ao primeiro.» Ora notae ; o avarento como cubiçoso queria pedir primeiro para levar alguma cousa, ainda que não fosse tanto ; mas o invejoso para que não levasse nada, inventou uma cousa diabolica, pediu primeiro, e foi que lhe tirassem um olho, para que ao avarento lhe tirassem dois ; conforme ao concerto que haviam feito, assi foi, e ficaram ambos castigados.

(Saraiva de Sousa, *Baculo pastoral*, t, 1,
p. 231.)

MINHA MÃE, CALÇOTES

Perto da cidade do Porto, onde chamam Paço de Sousa, havia um pobre homem que tinha seis crianças, entre filhos e filhas, de que alguns eram de dezete ou dezoito annos, e d'ali para baixo. E tendo-os derredor de si um serão, sobre ceia de borôa e castanhas, de redor do lume muito contentes, olhou pera elles, e viu-os taes, que o melhor arroupado, se tinha camisa não tinha pellote, e se pellote, sem mangas, e se mangas sem falda, e todos descalços e sem barrete nem coifas ; assi que todos se cobriam com fato, que pera bem não bastava a hum, e esse muito velho e esfarrapado, que quasi não prestava. E vendo-os taes, disse á mulher :

— Ouvis ? lembre-vos ámanhã, se nosso Senhor quiser, que peças a minha comadre Briolanja de Payva huma quarta de linhaça emprestada ; semeal-a-hemos,

e com ajuda de Deus. averemos linho, de que façamos no verão calçotes para estes cachópos.

Os filhos, tanto que o ouviram, saltando no ár com muito prazer, diziam uns aos outros rindo :

— Ai, calçotes, mana ! Ay calçotes !

Tanto riram e folgaram, estando ainda nós, que o pae disse :

— O dou ao demo a canhalha, que, como se sentem vestidos não ha quem possa com elles.

(Trancoso, *Contos*, P. 1, conto X Ainda se repete na tradição popular do Porto.)

JO REAL BEM GANHADO

Aconteceu que um domingo, estando um ermitão á porta da ermida, viu atravessar pelo campo um pobre lavrador carregado de rêdes e armadilhas, que a seu parecer ia aos passaros. O ermitão chegou a elle, e lhe perguntou de donde era e adonde ia ; o qual respondeu :

— Sou de meia legua de donde estamos, e entendi hoje na estação que fez o cura, que o Espirito Santo deceu ao mundo em figura de pomba, e eu desejo de o vêr e achar, e tomei estas rêdes emprestadas, e venho-as armar, e se o posso aver n'ellas, lhe ei de pedir que aja misericórdia comigo, dando-me mantença para cada dia, que eu e minha mulher com pão e agua da fonte nos contentamos.

O bom do ermitão visto isto, levou á ermida e deu-lhe quasi todas as offertas que aquelle dia avia recebido e lhe disse :

— Irmão, tomae isto, comei vós e vossa mulher ; mas é necessario que me digaes qual quereis mais — um real bem ganhado, ou cento mal ganhados ?

O pobre homem tomou o pão, e com alegria se foi a sua casa, dizendo ao Ermitão que averia conselho com sua mulher, qual era melhor, e tornaria a

dizer-lho. E tornando a casa, comeram contentes, e houveram conselho qual tomariam—Um real bem ganhado ou cento mal ganhados; quizeram ambos de um accôrdo um real bem ganhado, antes do que cento mal ganhados, e com isto tornou o pobre homem ao Ermitão a dizer-lh'o para que lh'o desse; o qual com muito contentamento, por vêr que soube escolher, lhe deu um real em dous meios, como ora se costumam, dizendo-lhe:

— Este é bem ganhado, com elle vos fará Deus mercê. E assi se tornou o lavrador para casa contente; porém no caminho, antes de chegar a ella, achou dous cachopos que pegados um no outro em grande briga andavam, dando-se de punhadas e de cabeçadas, ensanguentadas as boccas de sangue, tão encarniçados em matar-se, sem repousar, que era magoa de vêr. E assi o pobre homem quando os viu, avendo dó de os vêr tratar de tal sorte no campo, d'onde se elle não passara, não podiam ser soccorridos, desejoso de os meter em paz, com caridade se meteu no meio a apertal-os, perguntando a causa da briga. E ainda que deixavam de se ferir, nem por isso nenhum queria desapegar do outro; mas estando assim pegados, disse um:

— Vêdes, ali n'aquelle chão jaz aquella pederneira, que é para ferir lume; eu a vi, e querendo-a tomar, este m'o impide, e a quer elle tomar.

O outro respondeu:

— Não he assi; mas eu a vi primeiro, e quero-a tomar, e tu queres-m'a tolher e tomal-a para ti.

Esta era a causa por que se feriam. O pobre homem vendo que entre elles não havia maneira de paz, porque cada um queria a pedra, e ella não era tão grande que bastasse para a partir, e por vêl-os ambos em paz lhe disse:

— Filhos, rogo-vos que cesse vossa briga; tomae de mim este real que tenho; cada um leve seu meio

real; deixae ora esta pedra, não seja o demo que vos faça fazer algum desmancho.

Os môços, visto o real, e rogo do bom homem, acceitaram a paz, e cada um tomou seu meio real, deixando a pedra ao lavrador se fôram contentes e elle a tomou, não por lhe parecer que teria valia, senão para testemunha, que quando dissesse que lhe dera o real por ella fosse crido, e assi a levou todavia. Chegando achou sua mulher á porta, que esperava, desejosa de vêr o real bem ganhado, que o marido havia de trazer. N'isto elle que chega, e mostra-lhe a pedra que trazia, e disse-lhe o caso que acontecera. A mulher logo á primeira face teve desgosto por não vêr com seus olhos o real; tomando a pedra da mão ao marida, arremessando a para dentro da casa, disse:

— Ah! que nem este real nos veiu ter á mão.

Por que os paes dos môços, que os viram escalavrados e souberam d'elle a briga e donde e sobre que fôra, e quem fizera a paz e como lhes dera um real, que elles sabiam que o pobre homem não tinha de seu, ambos juntos lh'o agradeceram muito, e cada um d'elles por si lh'o pagou com grande ventagem, e d'alli em diante lhe faziam muitas honras conhecidas, que mostravam ser feitas pelo amor com que lhe tirou os filhos do arroido e peleja que tinham.

Aconteceu que em este tempo passou por aquelle logar um fidalgo, que por mandado de elrey ia a outro reino por Embaixador, e levava consigo dez ou doze homens; e conveiu-lhe ficar ali uma noite em aquella aldeia, esperando certo recado da côrte. E ainda que para seu aposento lhe deram as melhores casas que avia no logar, dão lhe bastaram, e foi necessario agasalhar alguns dos seus em outras casas, e agasalhando se pela aldeia, coube a este homem um d'elles. Este homem, criado do Embaixador, depois de lançado na cama, sendo passada uma grande parte da noite, acordou e viu que a seu parecer avia

resplendor na casa, que a tal hora da noite, conforme ao tempo não se permittia, e admirado, foi posto em confusão, d'onde aquillo podia proceder. E por saber o que era se ergue como sesudo, e mui quietamente se foi para onde via a claridade, e pouco a pouco, indo para ella chegou donde estava a pedra. Tanto que chegou a ella e a viu, a tomou e a guardou; até que vindo o dia a viu melhor, e parecendo-lhe de grande preço, se foi ao senhor Embaixador, com quem elle vinha, e mostrando-lh'a lh'a deu, e disse donde a achara; e o senhor, vista a pedra, a estimou em muito, e mandou logo chamar o homem em cuja casa se achára, e perguntando-lhe donde a ouvera e de que lhe servia, e o bom do homem lhe disse:

— Senhor, não serve de nada; se vossa mercê a quer, tome a, que eu folgarei muito d'isso, que um real me custou.

E contou lhe como e de que maneira, assi como a historia até'gora o contou; do qual o fidalgo se maravilhou, e teve para si, que pelo muito que vale o real bem ganhado, permittiu Deus que lhe deparasse aquella pedra áquelle homem. E o Embaixador metteu a mão em uma boeta, em que levava dinheiro para sua despeza, e tomando um punhado de moedas de ouro em que averia duzentos mil réis lhe deu, dizendo:

— Irmão, esta pedra já que m'a daes, eu a quero.

O pobre homem não queria tanto dinheiro, e a inportunação do nobre fidalgo tomou, e se foi para sua casa com muita alegria dar conta a sua mulher: comprou herdades e chegou a ser chamado o rico homem, e elle o era.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte I.
n.º XIII.)

O SEGREDO REVELADO

Um nobre cavalleiro, virtuoso e muito rico, o qual chegando por velhice á ultima hora da vida, chamou ante si um só filho que tinha :

— Rogo-te que pera minha consolação, antes que morra me promettas de fazer o que te deixar por conselho ; que segredo que revelar honra ou vida não no descubras a ninguem, porque se tu não guardas o que tanto te releva a ti proprio, como esperas que t'ó guardará outra pessoa alguma? e n'isto de segredo te guarda principalmente de tua mulher, porque todas em geral são mudaveis, e por pouca cousa que lhe faças se pôde enojar contra ti e descobrir-te o segredo.

Isto tudo o filho ouviu e entendeu, e aceitou de cumprir como o pay lhe pedia, promettendo-lhe sem falta. Mas para vêr que damno lhe podia vir de descobrir o segredo, logo propoz de descobrir algum que fosse fingido haver feito que não fizesse, para que se se descobrisse não fosse verdade, e podesse mostrar o contrario.

Audando um dia o Duque á caça, trasmontou-se-lhe um nebri que elle presava muito, e tornando sem elle á cidade, fez apregar que daria grande achado a quem lh'o desse. E porque nem assim appareceu, tornou a mandar pregoar que quem o encobrisse perdesse a fazenda e morresse morte natural ; e a quem lh'o descobrisse e fizesse vir á mão do Duque, perdoava qualquer delicto que tivesse, ainda que fosse de morte. E nem assi o nebri appareceu, de que toda a terra estava espantada ; e não parecia, porque cahiu dentro da quinta d'este mancebo, que estava perto da cidade, a qual, como era muito grande e elle achasse ali muitas aves, andou muitos dias sem saber d'elle, até que o mancebo foi um dia á quinta ; andando passeando dentro, achou o nebri, e como sabia muito d'aquelle mister, o chamou e fez vir a si, e o levou

a uma camara das casas da quinta, em que avia todo apparêlho para a criação d'aquellas aves, e que não podesse fugir, deixando a bom recado. Guardou consigo a chave da casa, que era muito grande, e elle e outros passaros que ali estavam tinham bem de que se mantêr, porque a casa era artificialmente para isso, e estava bem provida do necessario. E deixando o nebri arrecadado, matou o mancebo hum grande pavão, de muitos que ali se criavam, e cortados os pés, rabo, cabeça, o depennou e levou para sua casa; e tanto que chegou, disse a sua molher :

— Senhora, o nebri do Duque foy ter á nossa quinta, e nos tem mortas muitas de nossas aves e em satisfação d'isso eu o matei, e o trago aqui depennado para que o ceêmos, vós e eu.

Ella, tanto que o ouviu se agastou muito, e disse:

— Pesa-me muito d'isso, que melhor fôra trazer-lh'o vivo ao Duque; d'aqui vos digo que me fizestes pensar, e eu não cearei d'elle, nem á mesa em que se comer.

E assi, ainda que o marido a chamou e lhe mostrou o pavão, gabando-o, dizendo-lhe :

— Senhora, olhae como estava gordo este nebri; vinde comer d'elle, que é tal como um gordo pavão.

Ella o não quiz vêr, nem aquella noite ceou com o marido, nem sem elle, tanto se entristeceu. Porém, passada esta noite, de ali por diante quando fallava com o marido parecia que era com uma isentidão sobeja, menos recolheita e mais despejada que d'antes, menos cortez e humilde do que sohia e por cima do hombro; no que tudo o marido attentou, tendo para si que já ella cuidava que lhe tinha o pé no pescôço em lhe saber o segredo do nebri, que na verdade estava vivo, e elle o visitava cada dia para lhe prover o que fosse necessario; e a mulher cuidava que o pavão que o marido ceou, como ouvistes, era verdadeiramente o nebri, como elle disse.

E a mancebo, desejoso de chegar ao cabo com tudo, uma tarde entrando pela porta sobre :

— Porque não está a mesa posta ? que fazeis á janella ? (Cousa que nunca elle perguntava, nem n'isso entendia.)

Ella lhe respondeu isenta :

— Que quereis vós agora para isso ? (com um me-nosprezo no marido, e gravidade n'ella, que elle não quiz soffrer ; e ali lhe deu uma grande bofetada ; pelo que ella, pósta em cabello, gritando muito rijo, disse :

— Isso mereço eu, falso traidor ? porque ha mais de seis dias que calo e encubro tua maldade, que matastes o neбри do senhor Duque, e o comestes por lhe dar desgostos, e não porque te faltavam a ti aves presadas que comer.

Como isto foi dito a grandes brados na praça, por para pouco se teve o que mais tardou em dizel-o ao Duque, temendo que se o não descobrisse cairia em sua desgraça. O Duque tanto que o soube o mandou prender, e sem nenhuma misericórdia, visto o testemunho da mulher e dos servidores e gente de sua casa, que todos affirmaram vêr-lhe trazer o neбри morto e mandal-o assar, e que o ceiara uma noite, foi por sentença mandado degolar na praça da cidade, e que perdesse sua direita parte dos seus bens que tinha para a corôa, conforme estava apregoadado. E tirando-o da cadeia para se executar n'elle a justiça, a este tempo tinha o mancebo junto comsigo um virtuoso padre religioso a quem tinha dado conta do caso todo como passava assi como a historia o tem contado, que ouvindo-o, logo se ergueu em pé, e disse alto a todos que o ouviram :

— Este homem é julgado por falsa informação, e não é a sentença dada justamente ; esperae, que eu irei fallar ao Duque, e será de outra maneira.

E assi foy e contou a sua Senhoria toda a historia passada do rogo do velho pae a seu filho até o estado em que estava, por vêr o segredo que sua mo-

lher lhe tinha, no que fingidamente lhe dissera para a provar. Que sua Senhoria mandasse pelo nebri á quinta, que elle lhe descobrira que era vivo e estava ali; e para mais certeza, que tomasse aquella chave e o mandasse tirar, e que se lembrasse que conforme ao pregão que mandou dar, por este feito de lhe descobrir o nebri e fazer lh'o aver era perdoado. Porém que elle o não pedia senão, que se todavia o quizesse mandar matar, que dissesse o pregão, — que morria por não ser obediente a seu pae, nem tomar seu conselho.

E o Duque, visto isto e entendendo a verdade do caso, mandou que fosse solto e perdoado da culpa que teve, e que soffresse o desgosto de ter sempre sua molher comsigo, sem nunca pelo passado lhe dar remoque, nem fazer agravo, porque visto o que succedera estava arrependida do que fizera, e que em tudo d'ali por diante guardasse os conselhos de seu pae, assi como lh'os prometteu guardar.

(Trancoso, *Contos*, Parte 1, n.º xi.)

A PROVA DAS LARANJAS

Um tabelião foi de publico e judicial em um logar de Senhorio, e chegando a idade que não podia servir o offieio, pediu ao senhor da terra, que lhe fizesse mercê d'elle para um filho, que tinha tres já homens, e que cada um d'elles era sufficiente para o servir. E o senhor, por lhe fazer mercê, disse que lhe aprazia; porém, que queria vêr os mancebos um por um, para vêr qual seria melhor empregado, e que assi o daria.

O velho folgou d'isso, e mandou primeiro o mais velho, que apresentando-se ante o senhor, lhe disse que elle era o filho do tabelião; que sua senhoria mandara vir ante si para lhe fazer mercê do officio de seu

pae, se lhe parecesse, para o servir n'elle. A este tempo o Senhor tinha na sua sala uma bacia grande, cheia de agua, e estavam n'ella laranjas, a saber, quatro inteiras e sete partidas pelo meio, com o agro para baixo, e o pé ou o olho para cima, que ao parecer de quem não no attentara bem pareciam todos inteiras. E tanto que o mancebo deu o recado, lhe respondeu o Senhor que logo o averia, quasi fingido esperava por outra pessoa, e como que não fosse aquillo do caso proprio, lhe disse:

—Entrementes, vêde que laranjas estão ali fóra n'aquella bacia.

O mancebo olhou, e vendo as quatoze metades, que cuidou que eram inteiras, e as quatro inteiras tudo, em lançando-lhe os olhos sómente, disse:

— Senhor, são duzia e meia de laranjas. (Que, na verdade, como estavam sobre a agua assi o pareciam); e o Senhor disse :

— Dizei a vosso pae, que mande cá outro filho, (o qual veiu).

E aconteceu-lhe da mesma maneira que ao primeiro, que tambem disse que as laranjas eram dezoito, como o pareciam, E o Senhor mandou vir o terceiro, o qual vinha desgostoso, porque já sabia a pergunta, e não sabia que responder. E todavia chegando, o Senhor lhe mandou que visse as laranjas que estavam n'aquella bacia, como dissera aos outros; e elle saind'óra, chamou dois homens da casa, que andavam passeando na sala, e disse-lhes :

— Senhores, o Duque manda saber as laranjas que estão n'esta bacia; sêde presentes, por que sejaes testemunhas do que achar.

E assi, tirou as laranjas fóra, e viu elle e elles que eram as quatorze metades e as quatro inteiras; e metteu a mão na agua e viu que não havia lá outra cousa, e assi fez que o vissem aquelles dois homens que alli estavam. E visto isto, tirou papel e escrivinha que levava comsigo e fez auto do que alli se

achou, e nomeou n'elle os dois homens que fôram testemunhas e o assignaram, e com isto tornou ao senhor, que visto lhe pareceu bem a diligencia que fizera, e disse-lhe :

— Vós o fizestes como official, e não como os outros, que sem vêr o que era disseram o que lhes pareceu.

E logo mandou que mandasse fazer a carta do officio, que lhe fazia mercê d'elle, porque escreveu o que viu e palpou, que assi é necessario fazer-se para dar fé verdadeira.

(Trancoso, *Contos e Historias*,
Parte 1, n.º xiv.)

OS DOIS IRMÃOS

Um velho rico tinha dois filhos, o porque o maior que tinha cárrego da administração da fazenda se casou sem licença, o lançou fóra de casa, tirando-lhe a posse e mando que n'ella tinha, e além d'isto lhe cobrou odio mortal com desejo de o empécer; e para o poder fazer ao menos na fazenda, imaginava sempre como per sua morte o deixasse desherdado e dêsse tudo ao outro filho menor. E achou que o faria, deixando de acabar umas casas sumptuosas que tinha começadas no melhor da cidade, as quaes estavam já galgadas as paredes para lhe lançar o primeiro sobrado, e isto porque o que avia de gastar n'ellas ficasse em dinheiro na mão do filho menor quando elle lh'o quizesse dar. E passados annos, o velho preseverando em sua contumacia, não quiz perdoar o filho nem lhe quiz mais vêr o rôsto. E com este rancôr morreu e deixou grande fazenda em dinheiro, ouro e prata ao segundo filho, dando lh'o na mão, porque não dêsse d'ali parte ao outro, ao qual elle desherdára, de todo se perdera. Coube ao maior tão pouco, que não houve bem para se vestir de dó elle e seus filhos, que, como

havia dias que era casado, tinha quatro crianças, e assi ficou pobre e cercado de trabalhos e muita necessidade, que, vendo-se o mais velho em tanta miseria foi ao irmão, e com lagrimas de disse:

— Irmão, bem sabes e vês minha necessidade e pobreza; rogo-te que me dês estes principios de casas que meu pae deixou de acabar, porque alimpadas com meu trabalho e de minha mulher e filhos, as possa cobrir de trouxa e agasalhar-me dentro; que ellas a ti não te aproveitam, nem as estimas, e estão em esterqueira do concelho, feitas pardieiro; ellas estão galgadas de maneira que sem lhe accrescentar parede, ali as cobrirei do que puder, e n'isto me farás grande esmola.

O irmão menor vendo a necessidade de seu irmão, e como dizem, porque o sangue não se roga, entregou-lhe as casas, e fez-lhe d'ellas sua carta de doação livre e desembargada.

Passados annos o irmão menor veiu a casar, e porque a quem tem muito lhe dão mais, deram lhe grande dote com uma mulher tão cubiçosa da fazenda, que o muito que tinha lhe parecia nada, e o pouco alheio cuidava que era muito e o queria e cobiçava para si. E d'esta maneira, indo um dia a visitar a mulher do cunhado, irmão de seu marido, viu o principio e entrada da casa e o portal de pedraria que mostrava demandar mais agua, que ser logo em cima coberta de trouxa como estava, e cobiçosa de aver aquelle assento e fazer n'elle casas para sua morada custosas e ricas, sem fazer ali muita tardança veiu ao marido e disse-lhe — que comprasse aquelle assento a seu irmão dando lhe por elle com que podesse aver casas pera si em outra parte. E elle lhe respondeu: que o não faria, porque elle lh'o dera feito pardieiro, que não era rasão pedir-lh'o agora que o tinha limpo, ainda que fôsse por compra.

Quando ella isto ouviu, ali foi a grita, que em toda a vizinhança se ouviu seu brado, dizendo: — que fol-

gava muito de saber que elle lh'o tinha dado, porque já agora não dizia ella por dinheiro, mas sem elle l'ho avia de dar, e se não fôsse em paz e por bem, seria por justiça. E dava logo esta rasão :

— Se vós lh'o destes solteiro, sereis menor ; e se lh'o destes em casado, a dada não vale, que eu não consinto.

E isto dizia tão menencoria e pelejando, que o marido não tinha mesa nem cama sem arroido. E assi fez tanto, que por ter paz o marido citou a seu irmão, pedindo-lhe as casas que lhe dera ; e processando o feito, que correndo os seus têrmos ordinarios sahio por sentença a doação por bôa. E assi foi a propriedade julgada ao pobre ; porém, a mulher do rico mal contente, fez aggravar da sentença e seguir o feito até môr alçada, e assi foi á Supplicação, que então estava na cidade de Evora. E partindo de Lisboa, o rico ia a cavallo e com grande cevadeira, e o pobre a pé com dous pães e quatro cebollas no cabelle ; e assi caminharam pera aver final sentença. Indo assi caminhando pera Evora, fôram pousar huma noite na Landeyra, em casa de um vendeiro, que avia dez-oito annos que era casado e nunca tivera filho nem filha ; e estava rico e contente, porque a este tempo tinha a mulher prenhe, quasi em dias de parir. E por ser muito conhecido do rico o agasalhou e poz grande mesa, dando-lhe de cear o melhor que elle pôde e tinha ; assi se pozeram a ceiar com grande festa, fazendo assentar á mesa a mulher do vendeiro pera que como prenhe tomasse de cada cousa um bocado. E o pobre homem, sem dizer que era irmão do rico, se assenton derredor do lume, e poz no bortalho a assar uma cebolla para sua ceia, que assada a ceou com seu pão e agua. Esta mulher prenhe ainda que estava á mesa com o marido e hospede, onde tinham bem que cear, e recebiam gosto de lhe dar o que elle pedia por que não perigasse, não lhe pareceu bem nada do que ali avia, nem lhe prestava coisa que

comesse, cheirando-lhe a cebolla, que se assava, que morria por ir comer d'ella, e com vergonha do hospede não se erguia da mesa, tomou-lhe tal desmaio que cahiu no chão, e como a criança era já grande a bôa mulher com grande trabalho moveu aquella noite antes de muitas horas com muito pesar e dôr do marido, o qual, inquirindo da mulher se desejava alguma cousa, tanto que ella lhe disse que da cebolla assada que aquelle homem ceíara, se foi a elle com grande ira, que o queria matar a punhadas, e sem falta o fizera, se o irmão o não excusára, dizendo :

— Eu vou com elle em demanda á côrte; se vos parece que vos tem culpa e é caso de o matar, como quereis, hi commigo e accusae-o, e lá vos farão justiça.

Tanto que veiu a manhã, determinou o vendeiro ir accusal-o á côrte. E assi como o rico se poz a cavallo, partiram ambos para a cidade de Evora donde o vendeiro pretendia fazer enforcar aquelle pobre homem. E assi caminharam os dous a cavallo, e o pobre a pé; chovia, e avia chovido toda a noite passada, de maneira que o caminho tinha a logares lamas e atoleiros, porque era tempo de inverno. A esta conjuncção achou no proprio caminho um homem, que com uma azémela estava metido no olho de um grande lamarão de barro, tão pezado que não podia sahir, nem valer-se a si, nem á azémela, e ainda que bradou pelos que passavam a cavallo, nenhum quiz acudir. Até que chegou este pobre homem que caminhava a pé, e com muito mais trabalho que todos e de feito o ajudou com vontade a livrar d'aquella affronta; e fez de maneira com que, tirando o homem da pressa de sua pessoa, buscaram ambos matos que lançar aderedor da azemela para poder chegar a ella sem atollar. Trabalhou tanto o pobre homem n'isto, tirando a vezes pelos pés e mãos, e outras pelo cabresto e rabo, com a força que elle poz lhe ficaram nas mãos tantas sêdas do rabo da azemela, que lhe

davam grande fealdade. O dono, tanto que viu o defeito da azemela veiu a grandes brados com o pobre, dizendo que acinte lhe arrancára o rabo, e que lhe havia de pagar por justiça o defeito, e que sobre isso iria á côrte; e assi indo alcançou os outros que iam diante na primeira venda donde estavam pousados e lhe fez queixume do pobre que vinha a pé, muito triste de se vêr com tantos desastres com lhe aconteciam sem elle ter culpa; e porque não acontecessem mais, não quiz pousar n'aquella venda, mas só se poz ao caminho e chegou a Évora a tempo que já lá estavam. E considerando o pobre como avia de parecer com trez demandas diante do Regedor, assentou que era melhor matar-se elle mesmo a si, que vêr-se em poder de seus inimigos; e logo o poz por obra d'esta maneira. Subindo pela escada do muro da cidade, foi acima até chegar ás ameias da torre que está sobre a porta, e deixando-se cahir da torre abaixo para a banda de fóra. Ora, aquella manhã, depois de tanta chuva, tinha amanhecido o dia bom e muito fermoso; um velho que estava entrevado doente e morava ali perto, por gosar o sol d'este dia se fez levar ao soalheiro ao pé do muro, por ali aquecer e ter refrigerio de vêr e fallar com alguns conhecentes que passavam; e assi pouco depois d'elle assentado em uma cadeira, vêdes, vem de cima do muro pelos áres aquelle homem, que desesperado por se vêr com tanta demanda se lançou desejoso de receber e morte, o qual veiu directamente dar sobre o destitoso velho, morreu, e o pobre homem que desejava morrer não recebeu nenhum damno da queda, que foi toda em cheio sobre o velho. Ao qual logo acudiram dois filhos que tinha, e achando-o morto lançaram mão do matador e prezo o levaram ante o Regedor. Porém, atravessando com elle pela praça, foi visto do irmão e dos outros dois contrarios, que o estavam aguardando; tomou o irmão a dianteira e o vendeiro tambem queria dizer seu queixume e o da azémela o

mesmo, de maneira que cada um se atravessava por fallar, nam deixando dizer ao outro. Tanta briga tiveram entre si, que o Regedor olhou n'isso e logo n'aquelle instante propoz em si, que se achasse da parte do pobre alguma coisa com que por direito o pudesse favorecer, que o faria de bôa vontade. E disse:

— Que as pessoas que tinham que dizer contra aquelle homem dissessem um a um, começando primeiro quem primeiro teve a differença; e assi cada um per sua ordem.

Pelo qual o irmão foi o primeiro, que lhe pediu as casas, fundando-se nas rasões já ditas; ao qual respondeu o pobre com a verdade do caso como passava. O Regedor disse:

— Eu mando que este fique com as casas como estão julgadas, e que vós que sabeis que lh'as pedis mal e com malicia insistis n'isso, lhe pagueis a elle duzentos mil reis.

E logo foi por elles prezo, e não foi solto até pagar. Concluido este, veio o vendeiro, dizendo que lhe fizera mover a molher; ao qual respondeu o pobre com a verdade, contando como passára. E o Regedor, visto o caso, julgou ao pobre por sem culpa, e que o vendeiro pela affronta em que o puzera e em emenda do damno que lhe fez em sua casa dando n'elle, lhe pagasse cincoenta cruzados. E logo veio o da azemela, pedindo que maliciosamente pegára no rabo d'aquella alimaria e lh'o arrancára; o qual era muito defeito e grande fealdade, que lhe mandasse pagar o que fôsse avaliado. Ao que foi respondido pelo pobre, dizendo que o ajudára a sahir do atoleiro: ouvido pelo Regedor e vista a ingratição, foi julgado por elle que a azemela ficasse em poder do pobre tanto tempo até que lhe nascesse o rabo, e se servisse d'ella, e se o dono apellasse d'isso pagasse cincoenta cruzados. Isto concluido, os filhos do velho que estava morto, alcançaram as vozes pedindo justiça.

— Este matou ; o matador morra por isso que assi é justo.

O Regedor quiz saber o caso meudamente, e ouviu ao pobre como e porque se lançára do muro abaixo. O que tudo visto, mandou que aquelle homem accusado fosse assentado na cadeira em que estava o velho quando morreu, e o accusador se subisse ao muro e se lançasse d'elle abaixo como o outro fez e assi cahisse sobre elle e o matasse, que d'esta maneira o matador pagaria como peccou ; e se não quizessem aceitar isto, que pagassem ao pobre pela affronta em que o puzeram cincoenta cruzados.

Os filhos do velho, visto que podia ser deitando-se do muro errar o golpe e não lhe fazer damno, e o que se lançasse corria muito risco de perigar, davam brados, e fôram logo reteudos e houveram por bem de pagar os cincoenta cruzados, antes que aventurar a vida. E assi o homem accusado ficou livre e com muito dinheiro com que se tornou para Lisboa na azemela, que lhe julgaram.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte 1.
conto xv.)

DOM SIMÃO

Deu um principe poderoso uma Commenda grande de muita renda a um fidalgo nobre, que além de a ter ganhada em Africa, segundo costume, elle a merecia por sua virtuosa condição e bons costumes. Pa-receu-lhe a ElRey que Dom Simão era caçador e tinha muitos galgos e outros cães, e se indignou tanto contra o fidalgo e determinou destruil o ou matal-o ; e assi com supita menencoria, fez fazer prestes e cavalgou aforrado, e em cinco dias foi ter á Commenda donde o bom Commendador estava, bem fóra de cuidar a menencoria que el Rey trazia contra elle. E

tanto que el Rey chegou, foi o Commendador para lhe beijar a mão, mas el Rey lhe mostrou no rosto a má vontade que lhe trazia, e o apartou logo, e disse-lhe :

— Eu tenho informações dos males que fazeis, os quaes determino castigar, e hade ser em todo caso amenhã ; salvo se em amanhecendo me responderdes a tres cousas que agora vos quero perguntar, e acertando em todas terei para mim que acertaes no que fazeis, e senão, sois condemnado á morte.

Muito lhe pesou ao Comendador em ouvir isto, e quizera saber as culpas que lhe punham e desculpar-se d'ellas ; porém el Rey o não quiz escutar, mas disse-lhe :

— Pela menhã mui cedo vinde-me aqui dizer : Em que logar do mundo é o meio d'elle ? e Quanto ha de altura da terra ao céu ? e Que está imaginando o meu coração n'aquelle momento que vós me responderdes ? E sem estas respostas e certas, não parecaes ante mim, nem me faleis.

E sem o querer ouvir se recolheu a uma camara a cear e dormir, e o Commendador ficou agastado imaginando no caso sem saber porque estava el Rey menencorio d'elle, nem entendia o que havia de responder a suas perguntas, e quando lhe representava a imaginação que se fôsse, em tal caso tinha mór pena. E com isto se saiu a passear pola porta d'aquella sua casa, em a qual estava por hortelão um virtuoso homem, que na idade, filosomia do rosto e fala parecia muito ao Commendador, e differençaava no trage sómente, que algumas vezes querendo por pasatempo fazer festa, se vestia o hortelão roupas do Senhor, levemente se enganavam os creados da casa. E andando assi passeando foi vista sua tristeza pelo hortelão que era virtuoso e de boa criação, e foi-se ao senhor, ao qual affincadamente pediu por mercê que lhe desse conta de sua paixão, que poderia ser que por seu meio lhe daria algum remedio. O senhor

que sabia, que este hortelão era homem de muita habilidade e saber, lhe contou o caso todo como passava com el Rey. O hortelão que era muito sisudo:

— Senhor, tudo se remediará com uma cousa: o que he necessario fazer para remedio da affronta em que estamos, é que dispaes essas roupas e vistaes estas minhas, e eu fingirei ser vós e irei ter com el Rey, que já tenho cuidado tudo o que heide dizer e fazer para livrar a vossa vida e a minha da affronta presente.

E isto foi feito com tanto segredo e resguardo, que ninguem na casa o soube nem suspeitou. É o fingido Commendador começou passear á porta da camara donde el Rey dormia, e tanto que sentira estava vestido, lhe mandou recado, estava ali para lhe dar a resposta do que sua alteza perguntara hontem. El Rey folgou d'isso, e sahiu para fóra a hum corredor que ali se fazia, que ia ter sobre a horta, e postos ali ambos disse o hortelão, fingindo ser o Commendador:

— Hontem perguntou vossa alteza tres perguntas, a que respondendo digo: que quanto á primeira, que é — D'onde está o meyo do mundo? lhe affirmo que está ali. (E lançando mão de um arremessão de murtos que n'aquelle corredor estavam o pregou na horta fazendo com elle fermoso tiro.) E para provar isto digo, que o mundo é redondo, e ninguem diz o contrario, e sendo tal como é, em qualquer parte é o meyo d'elle, como se pode ver em uma bola redonda, a qual donde lhe puzerem o dedo é o meyo d'ella. Está vossa alteza n'isto satisfeito?

El Rey disse:

— Dizei das outras!

E elle respondeu:

A segunda pergunta é — Quanto ha d'aqui da terra ao céo? Saiba vossa alteza que isto tem medida igual e é uma vista de olhos. Abaixе os olhos ao chão, e logo alevante-os ao céo, que com uma só medida chegam, que é como digo, uma vista de olhos.

El Rey lhe disse :

— Bem respondestes ; livre estaes das duas ; porém a terceira, tenho para mi, que nunca acertareis.

E elle lhe disse :

— A essa, melhor ; porque a terceira é que heide dizer. Que é o que vossa alteza cuida no seu coração a esta hora de agora ? E porque isto não tem outro juiz senão elle mesmo, eu lhe peço que o queira ser justo como o é em tudo o mais, e respondendo, digo : que está vossa alteza com todo seu coração cuidando que está fallando com Dom Simão o Commendador, e falla com seu hortelão, que eu não sou elle. E se o quer ver vêr vestido com minhas roupas, está dando esmola aos pobres que mantém cada dia n'esta commenda.

El Rey vendo a habilidade d'este homem, e que em tudo dissera bem, quiz saber d'elle com juramento a vida do Commendador e seu exercicio ; folgou muito de saber e despedindo-se do Commendador lhe mandou dar das rendas da corôa dois mil cruzados cada anno. E ao hortelão dava el Rey cárregos honrosos na côrte, porque andasse n'ella, o que elle não acceitou por servir a seu senhor, que lh'o agradeceu e pagou, tratando-o d'ali por diante como a irmão carnal.

(Trancoso, *Contos e Historias*,
P. 1, conto xvii.)

OS TREZ CONSELHOS

A casa de um sabio letrado chegou um mancebo de dezouto ou vinte annos, e lhe disse :

— Meu pae, antes de sua morte me deu cento e cincoenta cruzados e me mandou que buscasse n'esta terra tres doctos varões, a quem desse cincoenta a cada um, e lhe pedisse por mercê que cada um me desse seu conselho d'aquillo que me pertencia fazer

para bom governo de minha pessoa e vida. Eu tenho já escolhido os letrados, e vossa mercê é o primeiro; sirva-se d'estes cincoenta cruzados.

E deu-lh'os logo em dinheiro, que o letrado tomou, e estudando sobre o caso, passados outo dias lhe respondeu :

— Assentae vivenda com algum senhor, e qualquer que fôr aquelle que vos acceitar honrae-o e servi-o com verdade e lealdade.

Despedido d'este letrado se foi a outro, e com as mesmas palavras que disse ao primeiro, lhe pediu seu conselho, declarando o conselho que já trazia, e lhe deu cincoenta cruzados, que o letrado tomou, E estudando como o caso requeria, a cabo de oito dias, respondendo-lhe disse :

— Filho, presuppuesto, que haveis de ser tal qual o douto varão vos aconselhou, vós digo mais : Quando fôrdes poderoso, sêde misericordioso, não façaes com rigor tudo o que poderdes ainda que seja justiça. E sendo misericordioso no que fizerdes, sereis bem quisto de todos, tereis amigos, que em alguma necessidade, se a tiverdes, vos serão bons, e isto guardaes sem falta.

E o mancebo se foi ao terceiro letrado, ao qual contou os conselhos dos dous que já ouvistes, dando-lhe os cincoenta cruzados, que acceitou ; e estudando sobre o caso, conforme aos outros respondeu aos outo dias, e disse :

— Pois daes vosso dinheiro por conselhos, usae d'elles, que vos vae a vida em guardal-os. E além d'elles digo, que se os amigos a que fizerdes bem vos agasalharem, acceitae seu gasalhado, e quando caminhardeis andae de dia, não andeis de noite, ainda que seja uma pequena jornada ; mas deixae-a pola manhã, que vos vae n'isto muito.

Estes fôram os tres conselhos que os sabios deram a este mancebo, que se foi logo assentar vida com um senhor cidadão d'aquella cidade, ao qual sempre

foi leal e sem lisonja como lhe foi aconselhado. Aconteceu, que vindo el Rey áquella terra, quiz este senhor por fruta nova (que então o era) mandar-lhe alguns figos, que os tinha, em certas figueiraa temporadas muito boas; e mandou a elles tres pagens, cada um com seu açafate, que os enchessem de figos, encommendando-lhes a limpeza e bom tratamento d'elles, porque eram para levar a El Rey. Dos quaes pagens era este mancebo um d'elles; e um dos outros, tanto que subiu na figueira, desejoso de comer dos figos se poz a isso comendo os melhores que achava. O outro pagem poz-se a encher seu açafate, tendo o olho emquanto lhe vinha ter á mão algum muito fermoso que lhe contentava mais, este comia. Este nosso pagem de que tratamos, tanto que trepou na figueira, com grande diligencia buscou como encher seu açafate de muitos bons figos limpos e maduros, tendo diante dos olhos que este era o gosto do seu senhor, que os havia de mandar a elrey. Todos os tres açafates fôram bem recebidos, e logo se viu a vantagem que o d'este pagem tinha aos outros, e foi descoberto o caso que aconteceu no apanhar, pelo que o mestre-sala delrey o pediu áquelle cidadão com quem estava, o qual pelo apraveitar lh'o deu, e o môço se soube dar tal manha em seu serviço e com tanta verdade, que elrey de o saber e de que vêr levou muito gosto e não queria ser servido por outrem senão por elle, quando o mestre-sala era ausente.

Mandou elrey para fóra do reino ao mestre-sala com um carregó honroso, e mandou que até elle tornar servisso em carregó aquelle mancebo, o qual o fez, tendo tão boa ordem no serviço do officio, que elRey estava muito satisfeito. E tanto que vindo novas que era morto o mestre-sala d'onde fôra, a este deu o officio, e foi tal, que mereceu que elrei o fizesse mordomo da casa da rainha. E querendo ir aforrado visitar seu reino, e prover algumas coisas d'elle, o deixou onde ficava a rainha, servindo-a n'este cargo em

que esteve até que elrey tornou. Como nunca faltam mãos, foi este mordomo-mór mexericado com elrey, de maneira que com falsas informações o indignaram tanto contra elle, que sendo como era muito leal, affirmaram contra sua pessoa que era trédor, e isto dito por palavra e per pessôa, que elrey creu que seria verdade. E porque de todos era bemquisto, não quiz elrey na côrte fazer justiça d'elle, nem descobrir seus delictos; mas chamando-o ante si lhe disse:

— Esta carta não se fia de outra pessoa senão de vós; pelo qual com diligencia caminhando o mais que poderdes, a levae a foão, que está na raia d'este reino, em tal fortaleza, e dae-lh'a, e vêde como e de que sorte tem a guarda d'aquelle castello.

E logo lhe deu uma carta sellada com o sêllo real, que o mordômo tomou como leal criado; e visto o mandado d'elrey, partiu logo para a fortaleza por jornadas que já levava ordenadas da côrte, em que o terceiro dia avia de ir dormir áquelle castello. Porém, uma legoa antes de chegar a elle, se achou com o cavallo quasi desferrado de todo. E porque isto era passado pelo meio de uma boa povoação, quiz repousar sua cavalgadura, e ouvindo trabalhar um ferrador, foi-se para aquella parte; mas antes que chegasse, lhe sahiu ao encontro um homem preto, alto de corpo, ladino, e lhe disse:

— Senhor, boa seja a vinda de vossa mercê; em verdade este é um alegre dia para mi; apeie-se, repousará aqui esta noite.

E poz-se a ferrar o cavallo, o qual fez com muito primor e graça, e feito disse:

— Senhor, conheci me, que tenho muita razão de vos servir, e fazei-me mercê que entreis n'esta casa, que é vossa.

E o mordômo attentando por elle, pareceu-lhe que já o vira. E n'estas detenças estiveram algum pequeno espaço, que lhe pareceu ao mordomo que devia de ficar ali, porque o preto se lhe deu a conhecer e era

amigo que já recebera honras d'elle, e conforme ao terceiro conselho, não havia de passar adiante, e assi o fez com com intenção de se erquer muito cedo e amanhecer na fortaleza. Ceam todos com contentamento, e sobre mesa lhe disse como ia áquelle castello não a mais que a dar aquella carta del rey ao capitão, que devia importar, pois elrey a não fiára d'outrem senão d'elle, a qual mostrou, e poz debaixo da cabeceira. Duas horas ante menhã, o preto se ergueu de sua cama, e tomando mansamente a carta da cabeceira ao mordômo, a bom recado caminhou. e ante menhã elle estava batendo á porta da fortaleza.

Tanto que o capitão abriu a carta, sem outra de-tenção o mandou enforcar de uma amêa. Ora o mordomo-mór, tanto que foy menhã se ergueu, mas, quando não achou a carta ficou agastado, e partiu a todo o galope. E em chegando á vista da fortaleza viu o preto enforcado da amêa, que lhe dava já o sol, logo presumiu que aquillo devia ser recado da carta, e estava comsigo pensativo que faria. Todavia com a furia que o cavallo levava chegou á porta, e chamou, e porque foi logo conhecido dos de dentro lhe foi logo aberta; o mordômo-mór tomou a carta, e viu que era a que ella trazia; leu-a, que dizia assi: «Capitão, tanto que esta receberdes enforcae o portador.» E estava escripta da propria letra de elrey, assinada e sellada, de que o mordomo-mór ficou espantado. Determinou tornar diante de elrey com a propria carta. Chegou ao paço a horas que elrey acabava de jantar, e se recolhia a uma camara a repousar. Entrou e posto em giolhos, disse:

— Senhor, não sei que supito accidente pode tanto com vossa alteza, que sem ser ouvido me mandasse matar tão cruelmente; minha innocencia me livrou.

E com breves palavras lhe contou como, e disse:

— Porém se vossa alteza tem culpas de mi, aqui estou, faça justiça, mande vir diante de mi quem me

accusa. E se me faz mercê que eu seja ouvido, saiba que antes de vir a casa de meu primeiro senhor, dei cento e cincoenta cruzados que tinha, a trez sabios por trez conselhos que até hoje guardei, E do primeiro, que era ser sempre leal, como o fui, resultou que subi a mais do que merecia, nem esperava, como é chegar a servir de mordômo-mór da rainha. E n'este tempo que a servia, sendo vossa magestade ausente, senti que um escravo de casa sahiu do paço com certas peças ricas, que me pareceu levava de máo titulo; tomei-lh'as, e por não infamar á pessoa que as devera guardar, ou quem lh'as deu para as vender, dissimulei o caso, forrei o escravo, e mandei-o fóra do paço, dando-lhe dinheiro para o caminho; no que tudo usei do segundo conselho, que era — ser misericordioso quando fosse poderoso. Agora levando a carta que vossa alteza me mandou, achei-me a uma legua da fortaleza com o cavallo desferrado; conheceu-me aquelle escravo, que com o dinheiro que lhe dei aprendera a ferrador, e estava ali casado, e quando me viu ferrou me o cavallo, mostrando e fazendo me muito gazalhado me importunou que pousasse com elle aquella noite, o qual eu acceitei por guardar o terceiro conselho, que era tomar pousada com sol. O preto por me pagar, sem eu o saber me tormou a carta da cabeceira, porque lhe disse que a levava áquelle capitão, e de madrugada partiu de sua casa e a levou; d'onde resultou que conforme ao que n'ella dizia elle padecêu. Póde ser que quem tinha culpa das peças que digo, quando achon que não parecia o negro, temendo ser descoberto de mi, quiz com minha morte innocente segurar a vida maliciosa pon-do-me algum falso testemunho.

ElRey ouvindo isto pasmou e fez vir ante si quem o accusava, o qual a poucas perguntas confessou ser elle culpado em delictos que cuidava o mordômo-mór sabia e por escapar lhe alevantou tudo o que contra elle se disse a elrey. ElRey o poz em justiça e por

ella foi condemnado á mortê, que logo se executou. E assim pagaram elle e o negro como malfeitores, e escapou o innocente mordômo.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte 1,
n.º xviii.)

QUANTO VALE A BÔA SOGRA

Uma nobre dona deu a um mancebo que ia para indias de Castella, uma beatilha, muito fina, que lh'a levasse de encommenda, dizendo, que lhe rogava que a vendesse pelo mais que pudesse, e partiriam ambos o dinheiro. E o mancebo, não por cobiça do ganho, mas por fazer bem á viuva, que tinha uma filha virtuosa que manter, a guardou e levou a recado. Perderam os portuguezes toda a mercadoria que levavam, e de nojo morreram quasi todos antes de vinte dias; porém como não perdiam a roupa do seu corpo, houve este mancebo o caixão da roupa de linho, donde metera a baetilha, e como se viu solto determinou por misericordia pedir a fazenda que perdera, e para se lhe fazer n'isto favor teve maneira como mandou aquella beatilha rica de presente á molher do Justica Mayor d'aquella terra. E ella tanto que a viu a acceitou, e desde logo trabalhou com o marido tudo o que pode para que desse a fazenda áquelle homem. E assi lhe deram cinco vezes mais de que lhe tomaram, e vendeu tambem o que lhe ficou na roupa de linho, que fez grande fazenda, e tudo feito em pedaços de ouro, veiu a Portugal riquissimo.

Estando este mancebo já repousado em sua casa, disse-lhe um dia a sua propria mãe :

—Filho, se fizeste algum dinheiro da beatilha da vizinha, rogo-vos que o mandeis a sua filha, que ficou orfã.

E elle vendo isto, e tendo diante dos olhos que

tudo o que trouxe lhe veiu de apresentar a beatilha como presentou, tomou cinquenta cruzados em ouro e deu-os á mãe:

— Dizei-lhe que tome isto por então.

Assi lh'os mandou, e isto fez por quatro vezes; e a mãe vendo que elle tinha já dado tanto dinheiro, e que lhe parecia não ter satisfeito, lhe disse:

Filho, se vós tanto lhe deveis, que com o que lhe tendes dado não vos parece que pagaes, fazei o que vos eu disser, que eu vos rogo que caseis com ella, e que verdadeiramente por sua pessôa o merece.

O mancebo ouvindo isto de sua mãe, accitou o casamento, que se logo tratou. Foram desposados e a seu tempo recebidos, porém como diz o rifão, *que a orfã não gosa nem o dia da sua boda*, assim aconteceu a esta, que o dia que os receberam, azevieiros defamadores vinham da igreja detraz d'elles murmurando do noivo porque se casára com aquella que sua mãe a vendera primeiro. E isto diziam tam desavergonhadamente, que deram occasião a que o noivo o ouvisse. Porém, des então lhe ficou um rencor no coração, e tam grande menencoria comsigo, que se não podia consolar, tendo-a tambem contra sua mãe. E assi despedida a gente que os acompanhou até casa, elle disse que ia por certa cousa que lhe faltava por trazer, e tambem se sahio de casa sem nunca mais tornar a ella.

Ficou a este tempo a noiva mais triste que a noite, sem ter consolação de ninguem, nem saber a causa d'aquella mudança, que não sabia que conselho tomar, e certo se deixára morrer de nojo, se não fôra a bôa sogra que tinha, que esta a acompanhou todo o tempo que lhe durou seu trabalho.

Porém como o mancebo tinha para si que era enganado, apartado d'aquella visinhança, em outra rua tomou casa, em que a poz de mercadorias que elle sabia tratar, com um sobrado em cima em que viveu mais de dois annos. N'este tempo indo a mãe a vêr

o filho, algumas vezes lhe achou molheres em casa. E tanto que a mãe sentiu isto, imaginou o que havia de fazer, e foi-se a casa e disse a sua nóra :

— Filha, sempre tomastes meu conselho, e espero também tomareis agora este que vos der : e é, que deixeis estes trages tão honestos e tristes e vos façaes muito fermosa e leda com outro trage que pareça de molher que vae em corpo fóra. Fiae-vos de que vos acompanharei até vos mostrar a logea de vosso marido ; entrae n'ella, e fingi comprar para um corpinho.

D'aqui lhe aconselhou o que havia de fazer e se foi com ella até lhe mostrar a porta da logea, e a velha se tornou para casa. A môça viu seu marido, envergonhada, pelo transe em que estava lhe veiu outra côr ao rosto, que a fez mais fermosa, ainda que ella o era assaz, e esteve um pouco suspensa. O marido que a viu, não suspeitando nem por imaginação que fosse, lhe perguntou o que queria, e a fez entrar, e deu ordem como despedir os que ali estavam, e ficando com ella só começou a fallar-lhe de amores, a que ella de envergonhada não sabia que responder. Elle a importunou, e ella acceitou ficar alli aquella noite, em que elle conheceu claro que ella era donzella quando alli veiu e viu que sem falta era muito fermosa. E chegada a manhã, ella lhe pareceu que já não era razão nem tempo de usar tanta vergonha :

— Muito tempo ha que vos tenho por meu senhor, e se até agora tardei e estive sem vol-o notificar foi por vos dar mostra de minha pessôa, que foi tão mo-fina, que sem me vêr nem haver porquê, me engeitastes. E se todavia agora me engeitades mandae chamar vossa mãe que me leve, que ella me trouxe.

Quando elle entendeu isto e viu ser aquella sua molher, não sabia determinar o que faria, que por aquella noite que a teve, se ella não fôra sua molher, e elle fôra solteiro, lhe pareceu que lhe merecia ca-

sar-se com ella. E estando n'estas considerações, começaram a bater-lhe rijo á porta, e elle chegou a uma fresta, e conhecendo que quem batia era sua mãe, lhe foi abrir, a qual, em entrando pela casa, disse :

— Filho, que vos parece da donzella que vos acompanhou esta noite? Crêdes que é a que eu disse, já que sabeis que é vossa molher?

Elle vendo a fermosura da molher e sua grande humildade, e conhecendo que o que ouvira foi engano, pesou-lhe do tempo em que deixou de estar com sua nobre e virtuosa molher, e com bom coração na vontade pedia perdão do agravo que até então lhe tinha feito, e se começaram a abraçar como se então se viram a primeira vez, e ficaram marido e molher muito contentes, e tiveram a velha mãe d'elle por mãe d'ambos, que por esta se póde bem dizer :

A sogra bôa
Da nôra é corôa.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte II,
conto 1.º)

O QUE DEUS FAZ É PELO MELHOR

Havia um Medico, bom homem, em côrte de um poderoso rei, sem refólho de malicia, que visitando sua alteza, ainda que o achasse affligido com qualquer trabalho ou dór não mostrava entristecer-se, mas, applicados os remedios que entendia lhe eram necessarios, consolava elrey dizendo: que se não agastasse, que soffresse seu trabalho com paciencia, porque tudo o que Deus faz é pelo melhor.

Aconteceu que morreu o principe herdeiro do reino, pelo que elrey esteve encerrado e muito triste; e querendo este medico visital-o e consolal-o, como todos faziam, o fez com as palavras de seu costume, dizendo-lhe :

— Senhor, não vos agasteis tanto, que seja occasião de pèrda de vossa pessôa; tudo que Deus faz é pelo melhor.

Elrey não teve paciencia a este dito em tal tempo, e disse:

— Que peor me podia ser a mim àcerca do principe, que morrer-me elle! Prometto de me vingar d'este simples e vêr se lhe será por melhor a morte que lhe mandarei dar, se deixal-o viver.

E chamou dois homens, que eram para isso, e disse-lhes:

— Ide apoz foam, que agora vae d'aqui, e dizei-lhe que lhe quereis dar um recado meu, e como chegar a ouvil-o matae-o que eu o mando; não temaes a justiça.

Os quaes fôram a casa do medico e acharam a porta da escada fechada, porque, como todos traziam dó pelo princepe, elle tambem quando chegou a sua casa vinha muito affrontado, e para comer despiu-se por desabafar, ficando em calças e gibão, e por não ser achado assi se alguem o buscasse, que lhe pareceu que estava deshonesto, mandou cerrar a porta da rua, e os que o vinham matar disseram que traziam recado de elrey, e o medico alvoroçado com isto lançou sobre si o capuz de dó, e quiz ir adiante dos môços a abrir-lhe elle a porta, e com a pressa ao decer empeçou no capuz e de tal maneira se atravessou na porta que quebrou uma perna pela coxa, de que dava grandissimos gritos. Accudiram os servidores de casa; tirando-o d'ali o lançaram na cama, que os brados que dava era lastimosa coisa de ouvir, Foi curado por donas de sua casa, como elle mandou, e respondido aos homens que estavam á porta que se fossem e dissessem a sua alteza o que acontecera; e elles o fizeram assi. E o medico esteve mais de seis mezes em uma cama. que cuidaram que morresse d'aquillo; porém sarou, e depois que se ergueu, coxeando da perna foi beijar as mãos a elrey, e el-

rey vendo-lhe o defeito que tinha e o trabalho passado, o quiz consolar com palavras meigas; mas o medico pelo costume que tinha não acceitou consolação:

— Não me pesa d'isso, porque o que Deus faz é pelo melhor.

Ouvido por elrey e visto como em causa propria, teve-o d'ali por diante por bom homem, e perdeu o rancor que contra elle tinha; e visto na verdade ser por melhor o quebrar-lhe a perna, que se a não quebrára morrera, como elle mandava, lhe fez mercê para seu gasto, e acceitou seu conselho.

(Trancoso, *Contos e Historias*,
Parte II, conto III.)

A RAINHA VIRTUOSA E AS DUAS IRMÃS

Um rei mancebo, que não tinha conservação de mulher alguma, requerido dos seus que se casasse, com desejo de achar na sua propria terra mulher para isso, refusava o casamento de muitas princezas forasteiras que lhe traziam. E queria que a mulher fosse de virtuosos costumes, claro sangue e boa vida, sem respeito a fazenda, pelo que por dote queria que tivesse estas tres cousas. E andando com esta imaginação passeando um dia por uma rua, sahiram certas mulheres môças todas fermosas a uma janella, e quando elrey passou ficavam fallando umas com outras, que elrey as ouviu, e não entendeu o que diziam, e por saber o que era chamou a si fidalgos que estiveram mais perto, Foi-lhe respondido:

— Senhor, uma disse, que se ella casasse com vossa alteza, se estrevia a fazer de suas mãos lavôres de ouro e seda, tão ricos e tanto em vosso serviço, que se se avaliassem valessem tanto dinheiro que bastasse para gasto da mesa. E a outra respondeu que

aquillo era muito, mas que se ella tivesse tal dita que casasse com elle, lhe faria camisas e outras cousas de que tivesse necessidade. E a outra respondeu: Ambas não sabeis o que dizeis, nem val todo vosso lavôr tão estimado tanto que basta para vossa mantença; eu vos digo o que farei: Se chegasse a estado de casar eu com elrey, de seu ajuntamento lhe pariria dois filhos fermosos como o ouro e uma filha mais fermosa que a prata, o qual é prometter que as mulheres podem cumprir.

Elrey folgou de o ouvir, e notando as considerações em que ellas estavam propoz de casar com uma d'ellas. Visto isto mandou chamar mulheres de titulo, donas e senhoras, a quem deu conta, diante das quaes quiz fallar com estas donzellas para se determinar qual tomaria por mulher. E logo fez vir ante si a mais velha, que vista foi julgada por muito fermosa; elrey lhe perguntou:

— O que promettestes fazer estando á vossa janella se eu casasse comvosco, estrevei-vos a cumpril-o?

Ella se envergonhou, e mudada a côr disse:

— Farei em seu serviço tudo o que minhas forças bastarão.

Elrey a fez recolher e vir a segunda; porém nas perguntas aconteceu assi como á primeira, pelo que elrey a fez recolher e vir a menor, que claramente mostrou ser ella a mais fermosa de todas. Elrey lhe perguntou se se estrevia a cumprir o que promettera, e ella muito envergonhada respondeu:

— Senhor, si; com as condições que então disse.

Coube isto em tanta graça a elrey, que elle a recebeu por mulher e se fizeram grandes festas que duraram muito. E elrey trouxe para casa da rainha as duas irmãs que a acompanhassem, e ellas fôram servidas e tratadas como irmãs da rainha sua mulher. Elrey fez vida mui amorosa com sua mulher, porém durou pouco tempo, porque com inveja que tinham do estado da rainha ambas de um conselho lhe bus-

cavam todo o damno e como a poder empecer e tirar da alteza e honra em que estava. De sua industria, com falsas testemunhas n'aquelle parto e em outros dois adiante, publicaram com falsidade que a Rainha parira monstros peçonhentos e não criatura, e os fizeram ventes aos que tinham razão de os vêr, de que o reino todo se alterou, e elrey aborreceu tanto a sua mulher, que lançando-a fóra de casa não lhe permittiu em todo o reino logar nenhum em que tivesse repouso, e as irmãs lhe buscavam tanto mal, que o faziam a quem a recolhia; de modo que a rainha veiu a ser a mais pobre e abatida mulher de serviço que em seu tempo houve na terra, porém permanecendo em toda limpeza se fingiu forasteira e por mulher de serviço a recolheram em um mosteiro de freiras. As irmãs procuravam illicitamente de vêr se podiam agradar a elrey, o qual dissimulando e apartando-se da conversação d'ellas fazia que as não entendia, e quando se achava só dizia mal da fortuna que lhe apartava da sua presença a coisa do mundo que elle mais amava, e para recreação do desgosto que trazia comsigo não tinha outra consolação senão ir muitas vezes em um barco pelo mar ao longo da terra por esparecer. Algumas vezes pescava e outras ia á caça ao longo de algumas ribeiras. E costumando isto, aconteceu que um dia indo ao longo de uma ribeira acima, viu á borda de agua uma casa feita de novo. E chegando perto, desejando saber cuja era, viu a uma janella um menino que seria de sete annos, de muito fermoso rosto, pobremente vestido, perguntou-lhe:

— Filho, quem móra n'esta casa?

E o menino como muito criança, disse:

— Senhor, mora meu pae, que não está aqui; se vossa mercê quer que chame minha mãe, virá logo.

E n'este tempo outro menino de menos idade dizia dentro:

— Senhora mãe, senhora mãe! aqui está um fidalgo á nossa porta.

E a esta conjuncção sahiu uma mulher á porta da rua com uma menina pela mão, pequenina, e disse:

— Senhor, que manda vossa mercê?

Elrey, que tinha pregados os olhos e o coração nos meninos que via, tendo no sentido que os filhos da rainha sua mulher já houveram de ser d'aquelle tamanho, lhe disse:

— Vejo estas casas novas ao longo d'esta ribeira, e estes meninos tão fermosos, folgaria de saber cujo isto é?

Ella respondeu:

— Senhor, as casas e os meninos são meus e de meu marido.

— Dona, as casas creio que serão; mas os meninos, sois já de dias, que parece não deveis de ter tão pequenos filhos. Dona honrada, sou Elrey, e quero saber cujas são estas casas e estes meninos.

Ella se humilhou muito e com os gíolhos no chão, que ao que perguntava soubesse: — que as casas eram suas, mas que os meninos ella não sabia cujos filhos eram mais que trazer-lh'os seu marido, que aquella manhã fôra ao mar e viria á noite. Então disse Elrey:

— Pois dizei-lhe que amanhã ao jantar vá ter comigo ao paço, e leve estas crianças para me dizer o que sabe d'ellas, que o hei-de esperar sobre mesa.

E ella assi lh'o prometeu. Ido elrey, como se meteu ao longo da ribeira, já ia acompanhado de muitos dos seus e iam buscando se descobririam alguma caça; sua alteza viu umas lapas que parecia que outro tempo fôram pedreira e de dentro sahiu uma mulher, que trazia os cabellos muitos grandes, soltos e pretos, e os vestidos muito rôtos. E assi como ella sahiu viu a elrey e com muita diligencia se tornou a meter para dentro para se esconder; mas como foi vista, elrey a seguiu e asinha a alcançou:

— Quem sois? e porque estaes n'este êrmo?

Ella que conheceu mui bem que era elrey o que lhe fallava, lhe disse :

— Para que quer saber vossa alteza a vida de uma mulher desventurada, que em penitencia de seus peccados a faz d'esta maneira, que agora vê?

Elrey, que viu que era conhecido d'ella, e que por muito que lhe rogou não quiz dizer quem era, desejoso de o saber a fez tomar por dois homens, lhe mandou dar uma capa de agua sua, e um sombreiro, que se cobrisse e a puzessem em ancas de uma mula, e que um escudeiro com muito resguardo a levasse ao paço, e sem que fosse vista de outra pessoa alguma a tivesse até que elle chegasse, o qual se fez assi. Ao outro dia, chegadas as horas de recolher á mesa, trouxeram aquella mulher por mandado de elrey, que de novo lhe perguntou quem era e porque andava d'aquella sorte ; e ella cheia de lagrimas e soluços disse :

— Estando eu n'esta casa em muito viça, favorecida da rainha e de suas irmãs, ellas me apartaram um dia, e me disseram que sua alteza estava de parto, quando a primeira vez pariu, e que ellas tinham determinado lançar um grande sapo cam as páreas quando deliberass, para dizer que aquillo pariria a rainha, e que eu com diligencia tomasse a criança, que ellas m'a dariam envolta em panos. que fôsse lançar no mar, e que isto faziam, porque não acertasse de parir filhos como o promettera. Tomei a criança acabada de nacer, que era um filho, e logo em minha presença tiraram um grande sapo que tinham em uma panella, e o embrulharam com as péreas ; e isto feito gritaram fingindo que isto era mêdo do sapo e lançaram a fugir e juntamente com ellas a parteira. E com esta revolta tive tempo para me sahir do paço levando a criança commigo, e quando me vi na rua encaminhei para o mar, e fui ter junto áquelle lugar donde vossa alteza me achou ; desembrulhei a criança, vi que era varão, e n'isto vi vir um velho

pescador; deixei a criança embrulhada nos fatos como vinha e lancei a correr fugindo. Elle como me viu deixar aquelle vulto, foi vêr o que era, e como lh'o vi erguer do chão e leval-o para sua casa, tornei-me ao paço com o rosto ledo, e disse ás senhoras que o lançára no mar. Fôram contentes do que eu disse que fizera, e d'esta maneira aconteceu outra vez no segundo parto, quando disseram que a Rainha parira uma cabra; fugindo todas, fugi eu tambem e levei o infante ao proprio logar d'onde levára o outro. Antes de outro anno, ou n'elle, a rainha veiu a partir outra vez; chegada a hora me deram outra criança, e fingiram como d'ante aver a rainha parido uma toupeira, que tinham para isto prestes; e no espanto e alvoroço d'isto, quando fugiram fugi eu e fui ter á borda da agua no logar donde deixei seus irmãos, e vi que levava uma menina. Esmoreci, e quando acordei achei o pescador commigo, e me dizia:

— Descoberta ha-de ser esta cousa a elrey.

E porque me temi que buscasse no paço não quiz tornar a elle, e metti-me n'aquelles lapas, em que averá bem quatro annos que estou.

Elrey acabando de ouvir isto, ficou espantado das treições que as irmãs fizeram contra sua irmã, as quaes ambas foram chamadas e viram a donzella e entenderam tudo o que ella tinha dito, e como tudo era verdade não tiveram bocca com que o negar e como que queriam fallar uma com a outra se chegaram a uma janella d'aquella sala que ia ter ao mar, e abraçando-se ambas se lançaram em baixo com tanta preseteza que se lhe não pôde estorvar. Ainda a gente do paço não estava de todo socegada d'este alvoroço quando entrou pela porta o velho pescador e sua mulher; traziam no collo dois Infantes e a Infanta. E chegando ante elrey o velho se adiantou de sua companhia, e disse alto que todos ouviram:

— Disseram que hontem passára vossa alteza pela porta da casa em que vivo, e vendo estes meninos

perguntou cujos filhos eram, e porque minha mulher lhe não deu razão sufficiente, vossa alteza mandou que viesse eu aqui e os trouxesse, que queria saber cujos filhos eram tam fermosos meninos; pelo que vim e os trago commigo.

Ouvindo isto, e visto o que a dohzella dissera todos os circumstantes a uma voz diziam que todos aquelles trez eram filhos delrey; e as donas todas da casa viram e conheceram todo o fato em que os infantes fôram envoltos. Logo elrey mandou por todo o reino em busca da rainha, e que se publicassem as novas do achamento dos trez filhos infantes, e da treição das irmãs da rainha e sua morte. E foi ter esta nova ao Mosteiro onde a rainha estava; todos viam n'ella mais alegria, que em nenhuma outra pessoa, e foi tanta que suspeitaram o que era, e a Rainha vendo que já não era tempo de se encobrir, lhes manifestou e declarou a verdade.

Elrey mandou chamar toda a fidalguia da côrte e muitos senhores, que trouxessem suas mulheres, e com todos elles e ellas em grande festa levou a Rainha d'alli para o paço com tanto alvorôço de alegria como se então se casaram de novo.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Part. II, conto VII.)

QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

Um hamem muito rico, mercador famoso, teve um filho sómente. o qual se creou com tanto mimo, que já seu pae não podia com elle de travêso, e por querel-o então sujeitar com doutrina e castigo, o môço lhe fugiu e se foi. E passando lá muito trabalho, se passaram mais de vinte e cinco annos sem vir, nem mandar cartas suas, de maneira que alguns o tinham por morto. N'este tempo o mercador veiu a grande

crecimento de fazenda, quintas, casas e outras herdades e chgando á velhice, no ultimo da vida fez seu solemne testamento: «Deixo por meu universal herdeiro ao mordômo de minha casa.» De tudo o que tinha fez inventario mui copioso, e no cabo disse: «Porém digo que tenho um filho, o qual ha muitos annos se foi d'esta terra contra minha vontade, e não sei de certeza se é vivo ou morto; se este meu filho fôr vivo e apparecer como eu desejo, quero que a quem ora deixo por meu testamento e universal herdeiro d'esta minha fazenda lhe dê ao dito meu filho o que quizer, sem ser constrangido a outra cousa, e a demasia lhe fique.»

E d'esta maneira houve seu testamento por acabado, e d'esta enfermidade morreu. Soube-se sua morte na terra onde estava o filho, o qual ouvindo a morte de seu pae e da grossissima fazenda que deixou, partiu d'onde estava e veiu a sua casa; e entrou por ella como por casa propria, perguntando quem tinha aquella casa e fazenda. Foi-lhe dito quem e por que titulo; e elle disse quem era, e foi conhecido por velhos que fôram criados de seu pae. O mordômo, que o ouviu e entendeu bem isto, lhe respondeu:

— Esta fazenda, ainda que ficou de vosso pae, é toda minha e não tendes n'ella mais do que dar-vos eu o que eu quizer. Vêde o testamento de vosso pae, que elle vos desenganará, que vos não devo mais dar-vos o que eu quizer.

E mostrou-lhe a verba do testamento que o dizia assi á letra, como já declarámos. E o mancebo lhe pedia que fizesse conta que eram irmãos e que partisse pelo meio o qual o mordomo não quiz. Visto isto, disse o mancebo:— Ora, já que sois obrigado a dar-me alguma cousa, pois diz que me dareis o que vós quiserdes, pergunto, que é o que vós me quereis dar, pois meu pae o deixou em vosso alvedrio?

Respondeu que lhe daria como cinco mil cruzados, valendo a fazenda mais de cem mil. Rogaram ao

mordômo que desse o que fôsse honesto; elle nunca quiz vir em nenhum arresoado, pelo qual o demandou, e ambos vieram a juiso e ambos houveram o testamento por bom; porém dizia um, que seu pae o não podia desherdar sendo vivo, nem nunca tivera essa tenção. Dizia o mordômo:—Já teu pae presumia que eras vivo, e para vivo mandou que te desse o o que eu quizesse, e assi não sou obrigado a mais.

Sobre o caso houve libello, réplicas e o mais que em direito se costuma té rasoado final, que indo o feito concluso, como o caso era de tão grossa fazenda, quiz o rei da terra ser presente na determinação da sentença. Entre os mesmos julgadores havia differenças; porém um velho se levantou em pé e disse:

— Ora, Senhor, veja vossa alteza o testamento, que diz: Dará o mordômo ao filho o que elle mordômo quizer dar; por tanto vós, mordômo, dae ao filho do mercador isto que vós, quereis, e fique-vos para vós o que lhe daveis, porque a tenção do pae nuñca foi desherdar o filho, mas por sustentar sua fazeuda a fiou de vós. Para se cumprir o testamento é necessario dar-lhe o que vós quizerdes, e quizeste a maior parte, essa julgo que lhe deis, e fique-vos o que lhe daveis.

Elrey, e todos os que ali estavam presentes houveram o caso por muito bem julgado e approvaram a sentença, e assim se cumpriu.

(Trancoso, *Contos e Historias*,
Parte II, conto VIII.)

Variante:

«Como se conta de um homem, que tinha umã filha bastarda; quando veiu a hora da morte, fez um testamento e disse:— Leixo a foam por meu herdeiro, e mando que dé a minha filha pera seu casamento tudo aquillo que elle quizer de minha fazenda.

Crecida a môça, dava-lhe o herdeiro cem mil reaes para casamento, que era mui pouco: e sobre isso,

vieram a juizo. Perguntando o juiz ao herdeiro quanto valia a fazenda e quanto dava á môça, respondeu que valia um conto e que dava cem mil reaes. Disse o juiz, logo vós quereis d'esta fazenda novecentos mil reaes?

Respondeu o herdeiro, si. Pois segundo a verba do testamento (disse o juiz) vós haveis cem mil reaes, e a môça novecentos; porque ella hade haver aquillo que vós quereis da fazenda do testador, e esta foi a sua vontade, mas leixou a verba amphibologica por oulhardes melhor pola fazenda de sua filha, té ella ser em idade para casar. E d'estes *exemplos* ha muitos, de que os oraculos dos gentios usavam para enganar os seus devotos.

João de Barros, *Grammatica*, p. 170. 1540.

O FALSO PRINCEPE E O VERDADEIRO

Acabado de repousar a sésta um rei viuvo, que já sahia fóra da camara para a guarda roupa, muitos fidalgos mancebos lhe apresentaram um, que traziam ante si prezo, e póstos ante elle lhe disseram:

— Senhor, estando agora na sala grande jogando a péla o princepe com este fidalgo e outros, sobre uma chaça vieram a ter differença no jogo, e tanta que o Princepe manencorio contra elle o affrontou e lhe dísse palavras muito feias e mal ditas, que este fidalgo alevantou a mão e lhe deu tão grande punhada no rosto, que lhe ensanguentou os narizes e bocca, cousa que a todos nos pareceu tão mal que o queriamos matar por isso, e o fizemos se não fôra pelo Duque seu avô, que com grandes brados se poz no meio, dizendo:—Que pois sua alteza estava na terra não quizessemos nós tirar-lhe seu mando.

Elrey que o ouviu entendeu bem o caso, e disse:

—É o princepe a esse tempo não tinha comsigo nenhuma arma? Ou como lhe não tirou a vida?

—Armas, tinha; que sempre traz adaga na cinta;

porém tanto que se viu ensanguentado se poz a um canto da sala a chorar, coisa que de todos lhe foi muito estranhada.

Elrey deixando passar um pequeno espaço em o qual deu logar a apartar de si a grande ira que com a supita menencoria tinha concebido contra o fidalgo, e socegado no espirito, disse :

— Affirmo-vos, em verdade, que mais quizera que me dissesseis que o principe era morto, ainda que não tenho outro filho, que saber que soffreu essa injuria tamanha sem se vingar della. Quero que seja ouvido este fidalgo ante os meus desembargadores, guardando lhe tambem a elle seu direito e justiça, que creio não terá nenhuma desculpa que o escuse de morte, havendo feito tão grande delicto como fez.

E ainda que o mancebo a este tempo quizera responder, elrey o não quiz ouvir, mas mandou-o ter prezo e arrecadado com grande guarda; porém que se quizesse ir a alguma parte da cidade que o levassem com muito resguardo e segurança, e que esta prizão fôsse por quinze dias, dentro dos quaes se provesse do que lhe cumprisse, e no cabo se apresentasse ante elle e os seus desembargadores. Muitos fidalgos que se acharem presentes acompanharam a este mancebo e lhe aconselhavam que se fosse, porque o podia fazer não sómente da cidade mas do reino até á raia na fronteira dos imigos, onde trabalhando em armas na guerra podia fazer cousa com que elrey lhe perdoasse o mal que fizera, o que elle não acceitou nem quiz nunca quebrar a prizam que lhe deram. E assi se lhe passaram os catorze dias do praso em os quaes, ainda que buscou conselho de letrados e fidalgos para sua salvação, não achou quem lhe aconselhasse cousa que o satisfizesse, nem desculpa do delicto, porque a todos parecia caso de morte. E muy inteiro n'esta tenção sahia alguns dias de sua pousada acompanhado de seus guardadores por se desgastar, e para vêr se achava quem lhe abrisse algum

caminho como parecesse mais despejado diante de elle. Recolhendo-se quasi noite encontrou á porta de um mosteiro uma mulher muito velha, que ao parecer seria de noventa annos, muito feia, sêcca e mal arroupada, e ella que o estava esperando, chegou-se a elle e disse lhe:

— Senhor, eu vos faço saber que sei a pressa em que andaes e o remedio que tendes para sobrar vossa vida do caso que vos aconteceu; para o qual não achareis no mundo quem vos aconselhe o que vos cumpre senão eu, e seguindo a ordem do meu conselho sereis livre d'esta affronta e ficareis o mais honrado de vossa geração. Porém, antes de tudo, para que eu tenha rasão de vos dar a industria e modo que necessario é n'este caso, convém que faças por mim o que vos eu pedir.

O fidalgo tanto que a ouviu e entendeu o que lhe dizia, foi em extremo ledo, promettendo-lhe de fazer por ella tudo o que lhe mandasse; porém ella disse que havia de ser logo, e que o que lhe pedia era que a recebesse por sua mulher, do qual elle se maravilhou muito e respondeu:

— Deixando á parte a calidade das pessoas, em que não fallo, vossa idade não conforma com a minha, que eu ainda não fiz vinte annos e vós pareceis de cento ou quasi, pelo qual não posso casar com-vosco.

Ella se mostrou muito agastada e respondeu:

— Embora; e vós engeitaes-me por velha, pois eu vos certifico que me haveis de rogar e receber, se não que ireis a casar com a picóta, que é mais antiga deixando-lhe lá a cabeça por arras.

E assi se apartou d'elle, indo muito direita pelas ruas. O fidalgo, que com as suas palavras estava já esforçado e com esperança da vida, vendo-a ir, e temendo se fôsse ficaria sem remedio, foi-se após ella com tenção de lhe prometter o que pedia, e tanto a seguiu, que a alcançou e lhe disse:

— Senhora, perdoae-me não acceitar antes de agora o que me pedistes, que eu conheço que errei e quero fazer o que me mandardes.

E assim se foi ella a sua pousada e ali em mãos do cura prometeu e jurou de a receber por sua mulher; porque sem isto não lhe quiz ella dizer cousa alguma. E tanto que perante testemunhas fôrão jurados, ella lhe aconselhou o que devia de fazer aquella noite e o que havia de dizer ao outro dia apresentando-se diante de elrey. Vindo a manhã, quando foram horas e soube que estava elrey com os desembargadores na casa de despacho se foi lá, e lhe fez saber que estava ali, que se vinha livrar. Elrey mandou que entrasse, maravilhando-se todos de sua ousadia; e elle entrando disse o seguinte:

— Mui alto e poderoso rei e senhor nosso, ainda que vossa alteza está manencorio, a seu parecer com rasão, se me ouvir diante d'estes fidalgos e letrados com ánimo desapaixonado, e de sua pessão que será a principal testemunha do que disser, ficarei desculpado e com muita honra; para o qual sómente lhe peço por mercê me queira ouvir, até que acabe de todo o que quero dizer: Havendo quatro annos, pouco mais, que vossa alteza era casado com a rainha, vendo que ella não paria, desejoso de ter filhos era afeiçoado a mulheres, e a ella não mostrava tanto amor como no principio. Por lhe ganhar a vontade, aconselhada de outras mulheres se figiu prenhe, e assim haveria princepe no reino e vossa alteza lhe teria mais amor. O que tudo se ordenou e fez como ella pedia, e as parteiras lhe trouxeram um filho de uma pobre mulher, que morava fóra dos muros da cidade, cujo marido era um cavouqueiro. Isto tudo se fez com tanto segredo, que nunca té hoje foi descoberto. Com esta imaginação a rainha adoeceu de enfermidade de que morreu, dando primeiro conta a seu confessor do que fizera. Verificado não ser princepe o que cuidavam que o era, ficará o meu caso menos

grave e eu não merecendo tanta pena por sua parte. E se vossa alteza não se esfada, ainda lhe direi adiante outras novidades maiores do tempo e de mi, que fazem ao caso e folgue de as saber,

Elrey lhe disse :

— Por certo, que o que até aqui me dissestes foi tanto e estou d'isso tão espantado e triste, que não posso imaginar que possaes dizer adiante cousa maior, nem que eu receba alegria; porém, por saber que é, e por vos ouvir como tenho promettido, dizei.

— Saberá vossa alteza, que havendo quasi dous mezes que a rainha se fazia prenhe, por encobrir melhor o engano não consentia que houvesse mais ajuntamento, e pela não anojár, se foi para fóra d'esta côrte vossa alteza e assi andando pelas terras do Duque meu avô mandou rodear a cêrca por vêr se havia entrada no pomar; e achando-lhe uma pequena porta a fez lançar fóra do couce, e aberta viu que andavam dentro mulheres, e uma donzella muito fermosa, que n'aquelle tempo seria de catorze annos, e peitando com joias e dinheiro aquellas que a deveram guardar, a meteu na casa do pomareiro, e ali houve ajuntamento e lhe deu estes tres anneis que vossa alteza levava nos dêdos, e esta cadêa com esta cruz e lhe descobriu que elle era rei, ainda que ella não lhe quiz dizer quem era, por que ficou tam anojada de seu corrompimento, recolheu-se em casa sem tornar mais em sua vida ao pomar. Seu pae, que é o Duque meu avô, tomou isto por mal, porque minha mãe se determinou de não casar, e como o duque não tem outro filho nem filha senão minha mãe, e sabia ser eu seu neto, criou-me com mimo, pois sou com verdade filho de vossa alteza, e vêja se conhece estes anneis, cadeia e cruz. E assi sendo isto verdade, como é, já vê que este que até agora se teve por princepe o não é, que se o fóra não couberam em sua bocca as palavras torpes e vis que me disse.

E com isto se poz em giolhos na alcatifa que es-

tava aos pés delly; admirados ficaram todos os desembargadores e fidalgos que estavam presentes, em especial sua alteza, que então se lhe representou diante dos olhos aquella donzella fermosa e como a houvera n'aquelle pomar, e as muitas vezes que desejou saber quem era; lembrou-se que elle dera aquellas joias, conheceu as e considerando o mais que fica dito, teve para si que aquella que tinha diante dos olhos era seu verdadeiro filho, e quanto ao mais do que estava em pôsse de princepe fizeram-se as diligencias necessarias, e de um em outro se soube a verdade, e o mancebo foi julgado por sem culpa do passado, e do presente lhe fizeram grandes honras, jurando-o por princepe do reino para o haver depois da morte de seu pae. Mandou elrey o mancebo que até então tivera o principado e sua mãe com todas as pessoas que fôram ao conselho e consentimento de o trazer por filho de elrey, se fôssem da terra e os mandou levar a uma ilha donde nunca mais nenhum tornou á côrte.

Estando sobre mesa com grande contentamento, elrey quiz saber como e por quem fôra descuberto a seu filho, que o era e não o outro, rogando ao princepe lh'o contasse. Contou como á porta de sua casa achara aquella velha que lhe descobriu o caso miudamente, e que ella lhe ensinou que fôsse pedir aquellas joias a sua mãe, e tambem tudo o mais que até então tinha dito e feito, e lhe descobriu como para isso elle lhe jurara casar com ella, porém que o não faria pela disformidade das edades, baixeza e fealdade d'ella, e não tinha tenção de casar senão quando e com quem sua alteza ordenasse. Elrey lhe disse:

— Já que lh'o jurastes de a receber e ella cumpriu o que vos prometteu, seja quem fôr, cumpri vossa palavra.

Fez elrey que a velha viesse ao paço, e foi recebida por mulher do princepe, o qual ficou d'isto tão triste como já fôra ledo com o socego de seu conse-

lho. O principe e ella fôram levados a uma camara rica donde tinham seu leito, em que o principe se deitou com mostras de tanto pesar por se vêr casado contra seu gosto, que ninguem lhe podia vêr o rosto, nem elle quiz vêr o da princeza, mas deitado na cama virando-se para a dianteira e ella da outra parte voltada para a parede estiveram sem se vêrem nem fallarem um ao outro esta noite e outras muitas. Uma noite, estando o principe e a princeza na cama, segundo seu costume, ouviu um rumôr na camara, e era tal, que parecendo-lho fôsse alguma treição se ergueu do leito, e com a espada na mão foi para aquella parte adonde o rumôr parecia, e ali nem em toda a casa não havia cousa que se podesse temer, nem mostras que dessem suspeita do que fôra, que elle pôde vêr tudo bem porque tinha um brandão acceso que alumiaa a casa toda. Vista a quietação deixou a espada e tornou-se ao leito, e como a este tornar levasse o rosto para a cama donde a princeza jazia, ainda que estava virada para a parêde viu lhe a cabeça em que tinha uma coifa feita de ouro tirado com algumas perolas riquissimas que davam de si muito lustro e faziam que os fermosos cabellos, que estavam debaixo se differençassem na côr do ouro. Elle vendo o resplendor da coifa, sem saber determinar comsigo o que seria aquillo, considerando que a velha tinha os cabellos muito alvos, desejou affirmar-se que era o que via, chegou mais perto; viu-lhe o rosto muito alvo e fermoso. Ficou mais maravilhado do que se pôde imaginar, porque viu que era a mais fermosa e bella criatura que seus olhos viram. Não podia acabar comsigo de crêr que aquella fôsse a velha, que elle cuidava tinha comsigo, porque lhe parecia, como na verdade era, môça que não passava de catorze annos, alva e loura.

Vista pelo principe a fermosa dama que tinha comsigo, pediu lhe se voltasse pera elle; por que se não desconcertasse no têrmo, inda que era sua mulher e

elle seu marido, conhecendo que era acabado o tempo do seu encantamento, lhe disse :

— Senhor, quem me desconhece de dia na sua sala por velha, não é rasão que me venere e conheça em outra parte por môça e fermosa; pelo que vossa alteza não haverá de mim mais mais do que até agora houve sem se determinar de duas cousas qual quer : Se me quer esta que ora me vê de noite comsigo na cama, e que me hade soffrer de dia velha e fêa na sala; ou pelo contrario, terme na sala de dia esta môça e fermosa, e na cama de noite velha e fêa. E como se determinar no caso assi lhe responderei e direi o que hade fazer ao diante.

O principe, que já a este tempo estava tão namorado d'ella, que por nenhum prêço a queria perder, nem aventurar-se a isso, lhe respondeu :

— Seja eu tão ditoso que vos não perca, e no mais vos quero como vós quizerdes que vos queira, porque em vossa vontade deixo a minha, e essa quero seguir toda a minha vida.

A este tempo ficou a princeza muito leda, e logo disse :

— Pois senhor, de hoje para sempre serei esta que aqui me vêdes e não parecia, porque já é acabado meu encantamento. Parece cousa tão contra rasão vêr-me hontem velha e fêa e hoje môça e fermosa; é necessario dizer-vos quem sou. Elrey de Granana é meu pae; sendo eu de sete mezes, estando no bêrço a deshoras a ama que me criava viu que em um instante se me mudou a côr e se me arrugou a pelle de maneira que me tornei logo velha muito fêa; minha ama deu logo grandes brados, aos quaes accudiram elrey e a rainha, e ainda que a ama lhes disse o que vira, disseram elles que não era possivel senão que alguma cousa má lhe levava a filha, e logo lançaram fóra de casa a ama, queixosos d'ella, que saiu commigo do paço, e buscou quanto a ella foi possivel, quem lhe dissesse que cousa fóra aquella e o re-

medio que tinha, e achou um velho que lhe disse, que antes de quinze annos de minha idade seria livre e com muito contentamento, porque aquillo fôra feito por ciumes de uma mulher com quem meu pae antes de casar tivera conversação; e aconselhou a minha ama me trouxesse a esta cidade, porque aqui haveria fim meu trabalho e eu ficaria livre.

Todos folgaram muito de saber que era de tão alto sangue; despediram logo mensageiros que fizeram saber aos reis de Granada, os quaes levaram tanto gosto d'isso, que não se poderam ter sem virem alli donde viram a filha e genro e aos Reis seus sogros.

(Trancoso, *Contos e Historias*,
P. III, conto I.)

CONSTANCIA DE GRIZELIA

Em os confins de Italia, mais á parte do ponente, região alegre e deleitosa, povoada de villas e logares, habitava um excellente e formosissimo Marquez, que se chamava Valtero, homem mancebo, dotado de grandes forças e rara gentileza. Por diversas vezes indo á caça havia visto Grizelia, que morava não longe da cidade onde o Marquez tinha seus paços, com seu pae, em um logarzinho de poucos e pobres moradores com algum gado, que com industria de Grizelia eram governados grandemente. Era esta lavradora de bom parecer quanto á disposição e presença corporal, porém fermosa, de animo, nobre criação, raro aviso, era excellente e como era criada a todo o trabalho, não se achava em seu pensamento nenhum modo de deleite, antes um grave e varonil coração publicava em defensão de sua honestidade; era coisa de notar como estimava suas ovelhas e servia seu pae. O Marquez determinou que Grizelia fosse sua mulher; n'este comenos fez apparelhar com

grande diligencia vestidos, joias e todo o mais que para tal caso convinha, os quaes vestidos mandava cortar á medida de uma criada de sua casa, semelhante á estatura de Grizelia. Vindo o dia tão desejado em que se haviam de celebrar as bôdas, accudiram ao paço muitos cavalleiros e damas ricamente vestidos, e em não saber quem seria a noiva estavam todos suspensos e maravilhados. Mas o Marquez vendo que tudo estava a ponto, tomou comsigo seis privados seus e foi-se directamente a casa do pae de Grizelia. Tomando o velho pela mão se apartou em secreto com elle, e lhe disse :

— Se assim como sou teu senhor, queres dar-me tua filha por mulher ?

— Senhor, nenhuma coisa devo eu querer, senão o que tiverdes por bem.

— Entremos, porque diante de ti tenho necessidade de fazer certas perguntas a tua filha Grizelia.

Entrados em casa, ficando os seus cavalleiros fóra, começou sua pratica amorosamente :

— Eu e teu pae sômos contentes que sejaes minha mulher ; creio que não sahirás de nosso contentamente ; porém, eu quero saber de ti uma cousa, e é, que quando nosso casamento vier a feito, que será logo, me digas se estás prompta e aparelhada a eu fazer de ti tudo o que me bem parecer, sem por causa nenhuma mostrares tristeza, nem em tuas palavras contradizeres cousa alguma ?

A considerada donzella, cheia de vergonha e tremendo de alegria, lhe disse :

— Senhor, bem sei que este favor é muito maior que meu merecimento ; porém se vossa vontade e minha ventura é tal, não digo eu fazer cousa contra vosso parecer, porém nem pensal-a no pensamento ; nem do que vós fizerdes contradizer-vos cousa alguma, ainda que por isso haja de receber mil mortes.

Ouvindo o Marquez taes promessas, disse :

— Baste isso, que não se espera menos de vossô bom entendimento.

E tomando-a pela mão, a tirou fóra diante de seus cavalleiros, dizendo-lhes :

— Amigos, esta é, ainda que mal composta, minha mulher e senhora vossa ; portanto amae-a e servi-a como é razão.

Entonces os cavalleiros com os chapéos nas mãos se agiolharam beijando-lhe a mão com muita cortezia cada um por si. Ella abraçando um a um os alçou do chão com toda a humildade que podia ser. N'isto mandou o Marquez que um d'elles levasse secretamente a nova Marqueza ao paço e a puzesse no aposento de uma ama sua de quem muito se fiava, pera que fosse despida dos vestidos que trazia, e vestida d'aquelles ricos, que o Marquez pera aquella hora havia feito. E despedido d'elles com a cortezia costumada se entrou em o aposento onde estavam a Grizelia vestindo e compondo pera tal effeito ; a qual estava já pósta a ponto, e o Marquez lhe deu um rico anel em sinal de desposada e tomando-a pela mão sahiu com ella onde estava já aguardando todos os cavalleiros e damas que haviam de vêr a noiva, e onde logo fôram desposados por um bispo e se celebraram as bôdas, passando aquelle dia com grandes festas e prazeres.

Mostrou-se depois em pouco tempo na nobre e já feita nova Marqueza tanta graça e prudencia, que não mostrava em cousa alguma ser nacida nem doutrinada na aspereza do monte. Com tão excellente mulher vivia o Marquez em suas terras em muita paz e sossego, D'ali a tempos pariu uma filha em extremo fermosa ; do qual parto levou o Marquez estranho contentamento, o qual por provar sua constancia ordenou uma cousa estranha de maravilhar e não digna de louvor, que mandou a sua ama, que era mais sagaz e cautelosa, do que elle se fiava : «Que tomasse uma menina, que havia trazido do espirital falecida

d'aquella hora, e estando a Marqueza dormindo de noite na sua cama lhe tomasse sua filha e lhe puzesse aquella morta com os proprios vestidos que a sua tinha.» Feito tudo isto com maior sagacidade, a Marqueza acordando, e achando ao seu lado a criança morta, cuidando ser sua filha começou a gritar. O Marquez que já estava sobre aviso, acudio muito apressado, mostrando-se muito espantado do acontecido. Elle esteve recolhido em seu aposento por espaço de alguns dias, em os quaes ordenou a um criado seu mui familiar secretario de suas cousas, levasse sua filha a elrey de Polonia, pera que a criasse em toda sorte de bons e virtuosos costumes e sobretudo a tivesse tão secreta, que ningum soubesse cuja filha era. D'ali a quatro ou cinco dias, determinou o Marquez de visitar a Marqueza, a qual achou encerrada muy triste, e entrando mandou que todos se sahissem fóra, e elle ficando só com a Marqueza lhe começou a dizer :

— Meus vasallos estão de vós mal contentes e lhe parece cousa aspera ter por senhora uma mulher baixa de rustica geração; e eu como desejo de os ter contentes e em paz, queria que vos tornasseis para casa de vosso pae.

Acabado que a Marqueza ouviu isto, nenhum sinal de turbação mostrou, antes com gentil semblante lhe respondeu :

— Não ha ahi cousa nenhuma que vos agrade, que a mi me não contente; isto é que firmei no meio do meu coração quando vos dei a palavra de ser vossa mulher.

Considerando o Marquez o ânimo e profundissima humildade de tal mulher, sem conhecer n'ella mudamento nenhum do que d'antes era, atalhou a pratica, dizendo : — Abaste por agora isto; ponha-se silencio n'este negocio até vêr se meus vassallos me tornam a importunar.

Com esta dissimulação passaram doze annos no cabo dos quaes a Marqueza pariu um filho. Ao fim

de dois annos, sendo já o infante desmamado, ordenou o Marquez, por lhe dar sobresalto maior e provar sua paciencia e constancia, que se fosse a Marqueza com elle á caça de monte folgaria em extremo. Ella mui contente e festejada se vestiu mui ricamente, não deixando a seu filho. Chegados que foram ao monte, mandou o Marquez que o jantar (a causa da grande calma que fazia) se fizesse junto de uma fonte sombria e deleitosa. E determinando sahir á caça com seus monteiros, encarregou muito a seu secretario que trabalhasse quanto possivel fôsse por furtar á Marqueza o filho que sempre trazia comsigo, e vista a presente o levasse a elrey de Polonia, por que o criasse secretamente com a filha que lhe tinha mandado. O menino, levantando-se de apar da mãe, se alongou algum espaço a brincar com umas pedrinhas que ali achou; n'isto o secretario, que não estava descuidado, vendo que ninguem o podia vêr, apanhou o menino e levou-o onde o Marquez lhe tinha mandado.

Quando a Marqueza despertou, perguntando pelo menino a algumas mulheres e escudeiros que ali estavam, e não lhe dando rasão d'elle, cuidando que alguma fêra o houvesse comido ou feito algum damno, os extremos que fazia eram tão grandes que dava lastima. Achegando o Marquez, e dando-lhe parte da pêrda de seu filho, foi tão grande o pesar que fingiu ter, que não quíz comer, nem beber, senão logo se partiu para a cidade, e a Marqueza tambem: Passados alguns dias, lhe disse:

— Grande destita foi em haver-vos tomado por mulher, pois por vossa culpa hei perdido dois successores e herdeiros de meu estado; e meus vassallos vendo a baixeza de vossa linhagem e a negligencia que tivestes de guardar meus filhos, sou importunado d'elles que vos mande para casa de vosso pae, e me case com uma donzella, que dizem que é filha do Rei de Polonia. Portanto é necessario que despida de vossos

vestidos reaes, conforme a vossa natureza vos vades para casa de vosso pae:

A isto respondeu a nobre Marqueza:

— Sempre eu entendi que entre vossa grandeza e meu pouco merecer não havia proporção nenhuma. Em o demais aparelhada estou a servir a vossa desejada esposa, se fôr necessario.

O Marquez como não cansado de a experimentar em diversas coisas, lhe disse:

— Já que, fermosa Griselia, vos offereceis para servir minha esposa, eu quero que fiquéis em casa a dardes ordem ao recebimento e banquetes, que se offererem.

Ella foi mui contente e ficou em casa feita criada e dispenseira, e n'isto com sua boa prudencia cuidava que tinha alcançado muito. N'este tempo que isto passava, mandou o Marquez a seu secretario, de quem muito se fiava, com cartas escriptas de sua mão, acompanhado de muitos cavalleiros pediindo a elrey de Polonia lhe mandasse a filha que lhe tinha mandado. Era tão grande a amisade que elrey tinha ao Marquez, que determinou de os acompanhar e assinando certo dia tomou seu caminho, levando comsigo a donzella, que em extrêmo era fermosa e levava comsigo o infante seu irmão, chegando em poucos dias em frente do Marquez.

A que sabia ser Marqueza, em figura de servidora de casa, chegou a dar os parabens á noiva e fingida desposada, sem se poder faltar de louval a de fermosa e avisada. Determinados de se assentarem a comer, revirou-se o Marquez para sua Grizelia, meio rindo, em presença de todos lhe disse:

— Que vos parece, Grizelia, esta minha desposada não é muito fermosa?

— Não cuido que se ache em todo o mundo outra que mais o seja.

O Marquez vendo a generosidade com que isto dizia, e considerando aquella grande constancia de mu-

lher tantas vezes e tão fortemente tentada da paciência, não podendo mais dissimular a fez vir assentar a par de si, dizendo:

— Oh minha nobre e amada mulher, não cuido haver homem debaixo do céo, que tantas experiencias de amor de sua mulher haja visto como eu. Vós sois, senhora, minha mulher, nunca outra tive, nem tenho, nem terei. E esta que vós cuidaes que é minha esposa, é vossa filha, a qual fingidamente fiz que a tivesses por morta; este é o infante vosso filho. Pois juntamente cobraes tudo, perdoae-me os desgostos que vos tenho dado, pois fôram para mais fineza de vossa honra.

Ouvindo isto a nobre Marqueza, de prazer perdia o sentido e com o soberano goso de vêr seus filhos, que tantas vezes tivera por mortos, sahia fóra de seu juizo, e querendo ir-se para elles desfeita toda em lagrimas, não se pôde excusar de os abraçar muitas vezes. Vendo isto as damas e senhoras que ali estavam, todos á porfia com muito gosto e prazer a despiram de seus fatos pobres e lhe vestiram os seus acostumados. Foi para todos um mui grande dia de alegria, e com isto viveram despois marido e mulher largos annos com muita paz.

(Trancoso, *Contos e Historias*, Parte III,
n.º v.)

O BARBEIRO DO REI

Um rei havia ficado por falecimento de sua mulher com uma filha, a qual era herdeira e successora do reino. Este, para tirar de si paixão e malenconia, que lhe sobrevinha por causa de sua tristeza, se sahia muitas vezes por tempo de verão a um páteo que tinha, muito fresco, ornado de muitas flores cheirosas, que ali mandara crear por seu refrige-

rio. Estando n'este páteo que digo, vinha por algumas vezes com elle por seu mandado o seu barbeiro para lhe fazer a barba, e como os barbeiros tem por seu natural serem praticos e chocarreiros, Elrey o mandava chamar, mais por gostar de sua boa conversação, que por necessidade que tinha do seu officio. Estando um dia com elrey fazendo-lhe a barba como costumava, veiu elrey a gostar tanto de sua boa conversação, que lhe disse, que lhe pedisse mercês. que o barbeiro despresou sua promessa, dando-lhe a entender que não havia mister nada. Mas vindo outras vezes ao proprio officio como costumava, lhe veiu elrey a cobrar tanta affeição, que lhe importunava, que lhe pedisse mercês, que, por grandes que fôssem lh'as não negaria. Elle, tomando ousadia e atrevimento ás promessas que elrey lhe fazia, lhe disse: — Saberá vossa alteza, que não ha ahi na vida cousa que hoje accite que me possa fazer contente e que meu desejo satisfaça, senão é uma, a qual é, dar-me em casamento a princeza sua filha.

Elrey sobresaltado de tão estranha novidade dissimulou com elle, interrompendo a pratica n'outra materia, cuidando que aquillo era dito a modo de graça, por dar passatempo a elrey com suas chocarrices e zombarias: mas elle era tão em seu inteiro juizo, que vindo outra vez barbear a el-rey, e tornando-lhe a pedir elrey, que lhe pedisse mercê, tornou a repetir sua primeira petição dizendo: «Que não tomaria outra outra cousa senão a Princeza sua filha por mulher.» Elrey parecendo-lhe isto já mais que zombaria, determinou de o despedir com brevidade, e ido, mandou chamar um homem letrado, de grande entendimento em diversas sciencias, e, dando-lhe conta como desejando por muitas vezes de fazer algumas mercês áquelle homem, sempre lhe saíra com desatinos tamanhos, a que não podia nem sabia dar entendimento. O letrado esteve um pouco cuidando consigo em seu entendimento, e disse a elrey:

— Senhor, faça-me vossa alteza mercê de se pôr em outro lugar, fóra d'esta casa a barbear com esse barbeiro, e de lhe tornar a repetir que lhe peça mercês, para vêr se acerto em um ségredo que tenho imaginado n'esta casa.

Elrey fez assi, e pondo se n'outra casa o mandou chamar, e com dissimulação, lhe disse :

— Mestre, desejo tanto de vos fazer mercês, e vêjo que nunca me pedis nada; folgara que me occupasseis em alguma cousa, porque de verdade que vos tenho tanta affeição, que não haverá cousa que me peçaes que, ainda que seja uma grande parte do meu reino, vos não conceda.

O barbeiro lhe respondeu :

— Certo, senhor, que vossa alteza me offerece ha tempo mercês que não posso deixar de não lançar mão d'ellas, portanto se vossa alteza m'as quer fazer, serão para mim mui grandes, e é, que me hade fazer mercê de me mandar dar dez cruzados para pagar o aluguer de minha casa de que estou penhorado, e n'isto a receberei mui assinalada.

Se elrey de primeiro se espantou de lhe pedir sua filha em casamento, mais se espantou abatende-se tanto que para lhe pedir dez cruzados lhe mostrava ficar em tamanha obrigação. Elrey lhe mandou dar os dez cruzados, e depois de ido fez vir diante de si o letrado que lhe havia conselhado, e vindo diante d'elle lhe disse o que passára com o barbeiro, que deitasse juizo em tamanha differença.

O letrado respondeu :

— Vossa alteza saberá, que meu entendimento sahio certo, e para saber a prova disto, mande vossa alteza abrir a terra aonde esse homem punha os pés quando estando barbeando, lhe pedia sua filha em casamento, que eu creio que n'esse logar se achará um graude thesouro, e não póde ser menos senão que pizasse com seus pés algum grande thessuro quem tinha fumos de pedir a princeza em casamento.

Mandou elrey abrir a terra onde isto passou e foi achado um grande haver, que a elrey foi de grande admiração ; e para pagar ao letrado tão bom conselho como tinha dado, em especial tiral-o de uma duvida tamanha, lhe concedeu uma bôa parte d'aquelle haver, e outra parte mandou dar ao barbeiro com que se auctorisasse em estado.

(Trancoso, *Contos e Historias*,
Parte III, conto III.)

O ACHADO DA BOLSA

Havia um mercador muito rico, e assim como cada dia se lhe iam acrecentando suas riquezas, assim n'elle se lhe ia multiplicado tanta avareza, que em outra cousa não trazia o sentido senão em ajuntar dinheiro. Este estando um dia vendendo suas mercadorias, tomou quatrocentos cruzados em ouro, que havia vendido, e deitou-os em uma bôlsa, e depois de recolher seu fato se foi para sua casa enthesourar. Indo pelo caminho fazendo suas contas com a imaginação, lhe acertou a cair a bolsa, e até que chegou a casa a não achou menos. Esteve para perder o juizo juntamente com a bolsa. Com grande dôr e paixão se foi ao Duque, que era senhor d'aquella cidade, e lhe pediu que mandasse sua excellencia em seu nome apregoar que que achasse uma bôlsa com quatrocentos cruzados em ouro, que os trouxesse diante d'elle, que lhe daria quarenta cruzados de achado. Foi dado o pregão pela cidade, e sendo ouvido de todos, chegou a ouvidos de quem tinha achado a bôlsa, que era uma mulher viuva, muito pobre e virtuosa. E ouvindo dizer, que davam quarenta cruzados de achano foy mui leda, entendendo que ficar com a bolsa seria infernar sua alma. Assim com esta determinação se foi diante do Duque e lhe poz em sua

mão a bolsa que havia achado assim e da maneira que o mercador a havia perdido. Vendo o Duque a pobreza d'esta mulher, e que era digna de ser grandemente favorecida, logo mandou chamar o mercador e lhe disse como a bolsa havia já apparecido, que não faltava mais que cumprir sua promessa áquella mulher honrada que a havia achado. Folgou em extremo o avarento mercador, porém achegou-lhe á alma o vêr que havia de dar os quarentas cruzados que tinha promettido de achado, e assim imaginou logo n'aquelle instante um ardil para os não dar, e foi que tomou a bolsa e vasou o dinheiro em uma meza que ali estava, e contou-o, o posto que o achasse certo, comtudo isso revirando para a mulher que o havia achado, lhe disse :

— Molher de bem, aqui n'esta bolsa faltam trinta e quatro escudos venezianos, que estavam de mais dos quatrocentos cruzados em ouro que aqui estão.

A boa velha affrontada e corrida, lhe disse :

— De maneira, senhor, que crêdes de mim que vos havia de furtar o vosso dinheiro! Quem me obrigava, tendo eu em meu poder essa bolsa, a trazel-a aqui, senão não querer eu o alheio?

Não deixava o mercador de gritar e dar vozes dizendo que lhe fôsse buscar os trinta e quatro escudos venezianos que faltavam, se queria que lhe désse o achado que tinha promettido. O Duque, conhecendo a malícia do mercador e tudo aquillo que fazia e dizia era a fim de se excusar de dar o que promettera, entendendo que quanta era a bondade da virtuosa mulher tanta era a maldade do avarento mercador, imaginou que a maior pena que podia dar a um homem tão ruim como aquelle era fazer que com seu engano se offendesse a si mesmo, e a esta causa, virando se para elle, lhe disse :

— Vinde cá; se isto é assi como dizeis, porque me não declarastes que a bolsa levava mais esses escudos de ouro? Ora eu tenho entendido que vós sois



tal que quereis fazer o alheio vosso, e que esta bolsa que essa mulher honrada achou não é vossa, pois n'ella faltam esses ducados venezianos que dizeis; antes essa bolsa que se achou sem duvida nenhuma é uma que esse proprio dia perdeu um meu criado com esta mesma somma de dinheiro que essa tem, e pois sendo assim como é, a mim e não a vós pertence.

E dizendo isto, virou-se para onde estava a velha, e lhe disse:

— Boa mulher, pois que achastes esta bolsa com estes cruzados de ouro, eu vos faço graça d'ella com o dinheiro que tem.

Não se atreveu o inconsiderado avarento a replicar aó que o Duque dizia; antes arrependido de não haver cumprido a palavra que promettera se foi para sua casa chorar seu desastre.

(Trancoso, *Ibid.*, Parte III, conto VII).

O CAPÃO TORNADO SAPO

Houve um homem pobre, o qual veiu a ter muita fazenda, e não tendo mais que um filho, certa gente procurou de o casar com uma filha sua; a nóra começou (como costumam) a aborrecer tanto, que o não podia vêr; e como mulher muitas vezes podem muito no mal, pôde tambem com o marido, para que aborrecesse seu pae, de modo que tambem o não podia vêr; o pobre pae morria de fome, seu comer eram favas muito ruins, e com esta grande fome chegou um dia á porta do filho pedindo que lhe dêsse de comer; tinha um capão cosido para jantar, mas logo o escondeu mettendo-o em uma arca, e dando ao pae uma tigella de favas, o deitou pela porta fóra, e acabando de as comer, despois que se foi, disse á mulher:— Agora comeremos á nossa vontade, ide buscar o capão;— o qual o achou que se tinha tor-

nado em um terrivel e espantoso sapo, que lhe saltou no rosto, aferrando-lhe os dois pés na barba e as mãos na testa, não havia quem o pudesse desapegar; foi um homem com uma tenaz pegando d'elle para o tirar, o sapo o atravessou com os olhos, tão terrivel e peçonhentemente, que logo cahiu no chão, nem houve quem pudesse dar remedio a tal caso.

(Francisco Saraiva de Sousa, *Baculo Pastoral de Flores de Exemplos*, t. 1, p. 87. Ed. 1657.)

OS PODERES DO OURO

Houve em Italia, e em um dos mais conhecidos logares d'ella, um honrado pae de familias, nobilissimo por geração, rico de bens procedidos da herança e nobreza antiga de seus passados, dotado de muitas partes e graças naturaes, e tão liberal do que possuia, que mais parecia dispenseiro das riquezas, que carcereiro d'ellas. Teve este em sua mocidade um filho tão industrioso e esperto nos negocios da mercancia, que ajuntou em poucos annos grande copia de dinheiro, o qual elle guardava com tão sollicito cuidado, como costumam os que com cobiça e trabalhos o adquiriram, e era notavel espanto aos naturaes, vêrem em um velho a largueza e liberalidade de mancebo, e em o filho a avareza e tenacidade de velho. O pae, que o via responder tão mal a suas inclinações, e que já com a idade e continuação de gastar largo estava menos rico, muitas vezes lhe dizia, e aconselhava com brandura, que conservasse com o que ganhára, a honra que tinha de seus passados, e não degenerasse d'elles por seguir a vileza do interesse: Que usasse das riquezas como nobre, e favorecesse a velhice de quem o criára, e honrasse aos pequenos irmãos que tinha; que fôsse proveitoso aos

amigos e parentes, benignos aos pobres, e se não captivasse ao trabalho de enthesourar riquezas sem fructo. Mas com fallar a um morto e aconselhar a um avarento é cuidado vão, nenhum effeito faziam os paternos rogos em sua má natureza. Succedeu que o Senado d'aquella Republica por a nobreza e pessoa do mancebo, e pela industria e sagacidade que mostrava, o elegerem em companhia de outros, para ir com uma embaixada a Roma ao summo pontifice. Depois de sua partida, vendo o pae occasião ao que havia muito que desejava, mandou secretamente fazer chaves falsas com que entrou na camara do filho, e abriu os cofres em que aquelle inutil thesouro estava depositado, e com a brevidade que o desejo lhe pedia, vestiu a si, a sua mulher e filhos custosamente, deu libré a seus criados, comprou ricas armações e baixellellas, encheu a estrebaria de cavalloos fermosos, accudiu em occasiões a parentes e amigos necessitados; dispendeu, enfim, aquella prata e ouro que o filho com muitas vigílias ajuntava, da maneira em que elle quando florescia em riquezas usava d'ellas. Gastado o dinheiro, encheu os sacos em que antes estava de muitos seixos e areia, e posto tudo na mesma ordem em que o filho o deixára, tornou a fechar os cofres e as caixas como de antes. Tornou depois o filho da sua embaixada, e os pequenos irmãos o fôram esperar á entrada da cidade vestidos custosamente, e com o magnifico apparatus de que então usavam. Vendo-se o irmão rodeado d'elles, ficou confuso e enleado, lhes perguntou logo d'onde hovveram tão ricos vestidos e fermosos cavalloos? ao que elles com uma simplicidade innocente responderam: Que seu pae e senhor vivia com differente largueza da que antes tinha, e que outros trajos e cavalloos de maior preço lhe ficavam. Entrando depois em casa de seu pae, nem a elle conhecia, pelo differente estado em que o deixára, e como n'esta mudança se lhe não aquietava o coração, foi-se com

muita pressa aonde tinha posto o seu thesouro, entrou na sua camara, abriu os cofres, e vendo que os deixára, se aquietou, porque não dava logar á mais vagarosa experiencia a pressa com que os companheiros o chamavam e o Senado o esperava. Depois que deu fim áquella obrigação, que a elle lhe não pareceu que fosse tão custosa, fechando-se de vagar no seu aposento, abriu as arcas e os sacos em que lhe parecia que estava a sua bemaventurança, e vendo o engano da areia e seixos, que dentro tinham, começou a gritar com grandes lamentações e brados, á que, primeiro que todos, accudiu o generoso velho, perguntando-lhe que tinha? de que se queixava? e quem o offendera? — Ai de mim (disse elle), que me roubaram as riquezas que com tantos trabalhos e com tão largo discurso de annos tinha grangeadas. — Como é possível que te roubaram (respondeu elle), se eu vejo esses cofres e sacos cheios, que parece que não podiam tirar nada d'elles, nem elles levarem mais? — Ai, triste de mim (tornou o filho), que o de que elles estão cheios, não é do ouro e prata com que os deixei, que não tem agora mais que pedras e areia sem proveito. A isto respondeu o generoso pae, sem no rosto fazer mudança: — Ah, enganado filho, que importava para que estes sacos estivessem cheios de ouro fino ou de areia grossa, se a tua avareza te não deixava fazer nas obras differença d'ella? Ces-saram os brados, mas não já o sentimento do filho com esta resposta, que a mim me pareceu digna de ser contada entre as mais celebres do mundo.

(Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, dial. vii).

O THESOURO ESCONDIDO

Acho estremada aquella historia. que toca o Ausonio, poeta, em um seu epigramma: E é, que um homem desesperado com uma paixão que teve, se ia

enforçar em um logar secreto, levando comsigo o baração em que havia de deixaar a vida. Succedeu, que com a força que fez, cahindo uma parte da terra n'aquelle logar, se lhe descobriu um thesouro, a cuja vista mudou logo o pensamento, e levando o que achára, deixou em seu logar o baração que trazia. Vindo depois o que ali escondera, e achando-o menos, e em seu logar a tentação da sua desventura, fez, porque perdera um thesouro, o que o outro deixou de fazer porque o achára; de modo que a um deu vida o ouro, a outro matou a avareza d'elle.

(Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*,
dial. vii.)

ERRAMOS (E RAMOS)

Uma mulher não tratava bem de obras a honra de seu marido, e elle muyto mal de palavras a toda a sua visinhança; era o seu nome d'elle *Ramos*, e ponde-se um dia em praticas com a mulher começou a contar com elle todos os cornudos, que havia no seu bairro; a mulher com raiva de sua má natureza a cada passo dizia:

— *E Ramos*, marido; torna-e a contar, que falta um.

Elle, que entendia mal o remoque, sem se meter na conta, a tornava a fazer de novo muitas vezes.

(Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*,
dial. xi, p. 156.)

O PAGEM DA RAINHA

Teve a rainha Santa Izabel um pagem ou criado de camara, que servia de seu esmoler, e outras obras pias e caritativas em que a santa rainha de continuo

se occupava; era este moço de boas partes, que foi a herança que seu pae lhe deixou, segundo conta Henrique Gran, que estando para morrer lhe disse: — Filho, a melhor herança que te posso deixar é dar-te este conselho: que sejas muito virtuoso e que ouças cada dia missa inteira e sejas muito devoto da Virgem nossa senhora. Estas e outras cousas santas lhe encommendou. N'este tempo tinha elrei Dom Diniz outro pagem muito seu privado e querido; este vendo a privança que o outro tinha com a rainha, por inveja e por mais cahir em graça delrei, determinou de lhe levantar um falso testemunho e pô-lo em mal com elrei; e foi este que affirmou que a rainha tinha uma afeição má; como o rei vivia não muí honestamente, pouco bastou logo para lhe dar credito, e assi d'ali por diante andava pensativo, triste, malenconizado, vivendo com muita desconfiança da rainha pelo que seu pagem lhe tinha dito, determinou de o matar secretamente, e sahindo aquelle dia a passear, passou por onde estavam ardendo uns fôrnos de cal, e chamando de parte os homens que n'elles trabalhavam, lhes mandou que a um criado da camara que elle enviaria com um recado: — se tinham feito o que elrei lhe tinha mandado? — o arrebatassem logo e o lançassem dentro no fôrno para que assi se fizesse em pó e em cinza, porque assi convinha ao seu serviço. Ao outro dia pela manhã mandou o pagem da rainha que fôsse logo com este recado, para que os homens puzessem em execução o que lhes tinha mandado; mas nosso senhor, que nunca falta aos seus e acode aos innocentes, ordenou que em passando este môço tangessem no mosteiro de S. Francisco (que estava em caminho) á missa, e entrando esteve-a ouvindo até o cabo, e ainda outras duas, que se começaram. N'este tempo desejando elrei saber se era já morto, mandou ao pagem da camara (que era aquelle que o havia accusado levantando-lhe o falso testemunho) e lhe disse: — Vae ao fôrno

a saber se tem já feito o que mandei: foi e dando o recado, arrebataram-no os homens e vivo o metteram no fôrno. N'este tempo acabando o môço innocente e sem culpa de ouvir as missas, foi dar o recado que elrei tinha dito, se haviam feito o que sua alteza lhes havia mandado, e dizendo elles — que si, se volveu com a resposta a Elrei, o qual vendo e considérando que havia acontecido este negocio ao revés de como elle havia mandado, e tornando-se ao pagem o começou a reprehender, perguntando-lhe d'onde havia estado tanto tempo? Respondeu elle:— Senhor, indo a cumprir o mandado de vossa alteza, tangendo a missa entrei dentro, e ouvi aquello missa até o cabo, e antes que aquella se acabasse começaram duas, e assi ouvi todas trez até o cabo, porque assi m'o encomendou meu pae e deixou por benção, que todas as missas que visse começar estivesse a ellas até o fim, Então viu elrei por este juizo de Deus as falsidades, e veiu a cahir na conta da verdade e a conhecer a innocencia da santa rainha, e a fidelidade e virtude do criado, e assi lançou a má imaginação que trazia contra a rainha.

(Saraiva de Sousa, *Baculo pastoral*, 1, 148)

A INGRATIDÃO DOS FILHOS

Certa mulher, déra á sua filha em dote quanto possuia; e depois, assim ella como o genro a desprezavam e lhes aborrecia em casa como carga inutil. Vendo isto a velha:

— Já sei (disse camsgo) como emendar o erro meu

D'ali por diante fingia que se furtava aos olhos dos douesticos para se retirar a certo aposento interior, onde tinha uma arca com muitas fechaduras, cujas chaves recatava; ali, de noite, a horas escusas, com dissimulação affectada, abria, vasava, contava e tornava a guardar, em logar de patacas, pedacinhos de

louça quebrada, espreitando entretanto se fóra sentida a mesma que o desejava ser. Também entre a conversação deixava cahir algumas palavras prenhes, que indicavam testamento feito, ou quantidade de suffragios e esmolas, ou louvor dos que pouparam para a sua velhice ou outras semelhantes. Do que tudo vieram a filha e o genro a entender que a velha tinha dinheiro escondido e logo deliberaram dar-lhe bom trato e falar-lhe com agrado e sugeição. Tanto que chegou o seu dia e passou d'esta vida, fôram muito soffregos registrar o que havia na arca, suave tormento de suas esperanças, mas o que acharam entre os telhos, foi só um papel com estas palavras:

—Filhos meus, se os tiverdes, não vos esqueaeis de vós no dar-lhes estado; este desengano que tenho vos deixo, em logar do dinheiro que não tenho.

P. Manoel Bernardes, *Nova Floresta de varios Apophthegmas*,
t. 1. p. 145.

Variante:

Achava-se certo pae com duas filhas capazes já de tomarem estado, e querendo dar-lh'o com mais grandeza, lhes consignou em dote quanta fazenda possuia. Suppoz que os consortes nunca deixariam de corresponder a esta liberalidade com equal gratificação providendo-o depois do que necessitasse, servindo-o e tratando-o com aquelle amor que podia prometter se de pessoas tão proximas no parantesco como obrigadas pelo beneficio. Mostraram-lhe os esposos ao principio algumas demonstrações de affecto, mas faltando-lhes pouco a pouco as esperanças de conseguirem já nada do velho, que lhes tinha dado tudo, começaram-no a maltratar de sorte, que bem cedo conheceu o êrro em que cahira, reduzindo-se á pobreza. Vendo-se o ve-

lho reduzido a tão triste estado, e cuidando no remedio da sua necessidade, lhe occorreu emfim uma industria, que lhe sahiu bem succedida e acertada. Tinha um amigo particular, e pediu-lhe certa quantia bastante de mil cruzados, a qual sem fallencia alguma lhe restituiria passado aquelle tẽrmo. Conseguiu promptamente o dinheiro, e levando-o ás escondidas para a sua camera que ficava proxima ás dos genros e filhas, vasou o sacco sobre uma mesa e poz-se a contar o dinheiro, manejando o de sorte que tinisse e soasse fóra o estrondo. Perceberam as filhas o som, acudiram logo ao reclamo, espreitaram pela fechadura da porta, e vendo sobre o bufete tanta somma de moedas, communicada a novidade aos maridos, assentaram que convinha mudar de estylo e dar ao velho outro tratamento. Como lhe suppunham ainda algum cabedal, temerosas que talvez o deixasse a pessoas extranhas, julgaram que importava ganhar-lhe a vontade para segurarem d'este modo todã a herança. Assim como o resolveram o executaram, e para mais se certificarem, em certa occasião procuraram saber d'elle um dia se lhe restava ainda alguma cousa, e quanta somma de dinheiro de que dispuzesse.

Responden o acautellado velho, que alguma quantia reservára para fazer seu testamento. Que sua tenção era deixar a somma dos mil cruzados, que lhe restavam, a suas filhas, deixando a uma ou outra mais ou menos, conforme os obsequios e serviços que d'ellas recebesse n'aquella sua velhice necessitada de tantos.

Bastaram estas palavras para accenderem nas filhas o appetite do dinheiro, e cada qual logo á porfia começou a ganhar a vontade e benevolencia do pae, servindo-o em tudo e gosando-se elle dissimuladamente do bom successo que surtira o estratagema. Passado algum tempo adoeceu de morte o velho, e chamando as filhas e os genros, disse-lhes ser chegada a sua ultima hora, e que assim tanto que expi-

rasse, acabados os suffragios, receberiam dos *Frades* a chave da caixa, a qual abrissem, porque de quanto estava dentro as deixava igualmente por herdeiras. Apenas o bom velho expirou, promptamente se disseram as missas, e recebendo as filhas com alvôroço a chave, abriram a arca mui ligeiras, mas não estava dentro uma só moeda; sómente acharam um malho, que tinha estas letras ao redor escriptas:

«Com este malho se dê na cabeça de quem não tratando de si, deixa a sua fazenda a outrem.»

(P. Manuel Consciencia, *Academia universal de varia Erudição*, p. 95.)

A USURA DE NOSSA SENHORA

Um onzeneiro famoso foi avisado e castigado com lepra. Tendo já quasi esgotado a medicina e a bolsa, por ultimo remedio recorreu á Senhora do Loreto, promettendo-lhe se sarasse, offerta de cem escudos de ouro. Foi ouvido e restituído á saude brevemente. Os amigos, aproveitando a occasião o amoestaram, não tornasse a manchar a sua alma com aquelle vicio da usura. Respondeu:

— Se fôra vicio esse que dizias, não levára a Senhora cem escudos por curar-me.

(P. Manoel Bernardes, *Estimulo pratico*, Exemplo v.)

O MEDICO DE BOA FÉ

Como o outro que curava de um espinho certo cavalleiro, e tinha-lhe mettido em cabeça que era pos-thema. Ausentou-se um dia e deixou um seu filho instruido, que continuass com os emplastos do espi-

nho, a que chamavam posthema. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho; cessaram logo as dôres, e sarou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veiu o pae; pediu-lhe o filho alviçarás, que sarára o doente só com tirar lhe o espinho. Respondeu-lhe o pae:

— Pois d'ahi comerás, pura besta. Não vias tu, selvagem, que enquanto se quixava das dôres continuavam as visitas e se acrescentavam as pagas? Secaste o leite á cabra que ordinhavamos.

(Alexandre de Gusmão, *Arte de Furtar*, p. 26)

NÃO ESCAPA DE LADRÃO QUEM SE PAGA PELA SUA MÃO

A um cego, desses que pedem por portas, deram uma vez em certa parte um cacho de uvas por esmola; e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se pôde pisar, tratou de o assegurar logo reparando igualmente com o seu môço que o guiava; e para isso concertou com elle, que o comessem bago e bago, alternadamente; e depois de quatro idas e venidas, o cego para exprimentar se o môço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares; o môço vendo que seu amo falhava no contracto, calou-se e deu-lhe os cábes a ternos. Não lhe esperou muito o cego e ao terceiro invite descarregou-lhe o bordão na cabeça. Gritou o rapaz:

— Porque me dais?

Respondeu o amo:

— Porque contratando nós, que comessemos igualmente estas uvas bago e bago, tu comes a trez e quatro.

Perguntou-lhe então o môço:

— E quem vos diz a vós, que eu fiz tal aleivosia?

— Isso está claro (respondeu o cego), porque faltan-

do-te eu primeiro no contracto comendo a páres, tu te calaste, sem me requeres tua justiça; e não eras tu tão santo, que me levasses em conta nem em silencio a minha sem razão, senão pagando-te em dobro pela calada.

(Idem, *Arte de Furtar*, p. 33.)

A VENDA DAS GALLINHAS

E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das gallinhas a quem vendia na feira, e levando-o a quem dizia lh'as havia de pagar, o poz em uma Igreja onde estava o padre cura confessando; e chegando-se a elle lhe pediu por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissão aquelle homem, e respondeu alto que sim e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando que o mandava esperar para lhe dar o preço da compra, e teve logar o ladrão de se accolher com o furto.

(Idem, *Ibid.* p. 276.)

O ROUBO DO VESTUARIO

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte de Coimbra um forasteiro bem vestido armou a lhe furtar o fato, na volta; e armou bem para seu intento, porque o esperou no bocal de um pôço, que está na estrada por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe cahira n'aquelle instante uma cadêa de ouro dentro do pôço e que daria um dobrão a quem lh'a tirasse. Moveu-se á compaixão o passageiro, que devia de ser homem de bem, senão que o picou o interesse, e por isso não presumiu de malícia; gabou-se que sabia nadar como um golfino e que lhe tiraria a cadêa de mergulho. O matalote da

cadêa, tanto que o viu debaixo da agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato e cabana.

(Idem, *Ibidem*, p. 278.)

A ROUPA DOS MENDIGOS

Um fidalgo piedoso lançou um pregão na sua terra, que tal dia dava um vestido novo por amor de Deus a cada pobre. Ajuntaram-se no seu páteo infinitos, e a todos deu vestidos novos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomou-lhes os velhos, e n'elles achou bem cosido e escondida por entre os remendos maior quantidade de dinheiro vinte vezes que a que tinha gasto nos vestidos.

(Idem, *Arte de Furtar*, p. 316.)

A CASA DOS MORTOS

Indo o pagem de um fidalgo que tinha fama de rico, comprar uma moeda de rábãos para a cêa de todos, encontrou uma grande procissão de religiosos e clérigos, que levavam a enterrar um defunto, e de traz da tumba se ia carpindo a mulher, e lamentando a sua desgraça; e ouviu que dizia entre lagrimas e suspiros:

— Aonde vos levam, meu mal logrado? Á casa onde se não come, nem bebe; nem tereis cama mais que a terra fria.

Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como um raio fugindo, trancou as portas e disse espavorido a seu amo:

— Senhor, ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá um homem morto.

— Tu deves vir doudo, disse o amo, pois cuidas que a nossa casa é egreja?

— Entrei em suspeitas se viriam cá enterrar aquelle finado; e confirmei-me de todo, porque a gente que o traz vem dizendo que o levam á casa onde se não come, nem bebe, nem ha cama mais que a terra fria; fiz bem em fechar as portas, pois assás bastam os defuntos, que cá jazemos mortos de fome, que he peor que maleitas.

(*Idem, ib.*, p. 328.)

AS BOTAS FIADAS

Um fidalgo, tomou por materia de riso calçar todo o anno sem pagar nenhum par de obra aos sapateiros, que vieram a dar-lhe na trilha; levantando-se ás maiores com palavras, que correu entre todos que nenhum se fiasse d'elle, nem lhe desse calçado sem lhe pagar primeiro.

Vendo-se o fidalgo posto em cêrco, e que ninguem lhe queria dar sapatos sem o dinheiro na mão. mandou ao môço que pedisse um só sapato á prova, e que se lhe contentasse mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos.

— Isso sim, disse o official; um sapato levará você, mas dois não os verá seu amo sem me pôr n'esta banca o dinheiro.

Como o fidalgo teve um nas unhas, mandou o pagem a outro sapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo fiou um sapato d'elle, persuadindo-se que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lh'o restituiria não lhe servindo. Vendo-se aasim com os dois, calçou-os e foi-se ao paço rir sobre a historia.

(*Idem, Arte de Furtar*, p. 474.)

A MATRONA DE EPHESO (Variante)

Em Efezo havia huma matrona honestissima que, morrendo-lhe seu marido fez por elle os mayores extremos de dôr que se podem considerar; e não se contentando com as cerimoniaes communs das outras viúvas, se foy á sepultura de seu marido (que antigamente se enterravam nos adros das Igrejas) e ali estava a chorar, sem querer comer, nem afastar-se d'aquelle logar. Aconteceu terem ali perto enforcado a huns facinorosos, para guarda dos quaes deixára a Justiça alguns soldados, Soube um d'estes que estava junto da sepultura aquella matrona, e compadecido da sua magoa, lhe levou da sua cêa, e a obrigou a que comesse, por não morrer desesperada, Passou adiante, porque o mesmo que a convenceo a que comesse, a presuadiu tambem a que lhe desse seu corpo, com a qual cousa descuidando-se da sua obrigação, vieram os parentes de um dos justicado e o furtaram. Vindo depois o soldado e não achando o corpo na fôrca, temendo o castigo, veyu dizel-o muy triste á viúva, a qual o consolou e remediou logo, tirando o corpo de seu marido defunto, pelo qual havia feito tantos extremos, e o puzeram na fôrca em logar do justicado.

(P.º João Baptista de Castro. *Hora de Recreio nas férias de mayores estudos*, Centuria 1, n.º 79. Lisboa, 1770.)

O POBRE CHAGADO E AS MÔSCAS

Essa frequente mudança de Vice-reis não agrada aos portuguezes e a outra gente da India, nem tam-pouco a semelhante mudança que ha nos capitães das fortalezas e entre officiaes; e para significarem isto, contam que:

Era uma vez um pobre á porta de uma igreja, com as pernas todas cheias de chagas, nas quaes pou-savam as môscas em tal quantidade, que fazia gran-de compaixão; pelo que outro homem se chegou a elle, e julgando que elle lhe dava muito gosto, lhe enchotou todas as môscas, com o que o pobre pa-ciente se agastou muito dizendo, que :

— As moscas que elle enchotava já estavam fartas, e o não picavam, mas as que viessem de novo fa-mintas o picariam muito mais.

Assim (dizem elles) acontece com os Vice-reis, por-que os fartos se vão embora e vêem os famintos.

(Pyrard, *Viagem, contendo a noticia da sua navegação ás Indias Orien-taes.* 1601-1611.)

O ANJO E O EREMITA

Houve um Ermitão antigamente, que havendo gas-tado alguns annos n'esta solitaria vida retirada no êr-mo, exercitando se em obras de virtude e mortifica-ção grande da propria vontade, foi grandemente tenta-do algumas vezes de um espirito de blasphemia, não lhe parecendo justos os juizos de Deus, a elle occultos e não entendidos. Este pensamento o ator-mentava, este cuidado o entristecia, esta tentação o molestava de maneira que, nem de dia nem de noite lhe deixava livre uma hora de descanso, havendo uma perpetua guerra em resistir a vontade o dar consen-timento aos desacêrtos que lhe representava o enten-dimento. Um dia, quando mais descuidado do socorro e mais molestado da tentação o Ermitão estava, lhe appareceu um Anjo em figura de homem mancebo e bem disposto, e lhe disse :

— Segue-me, se queres considerar e conhecer os occultos juizos de Deus, que tanto saber desejas.

Alegre em extrêmo o pensativo Ermitão aceitou sua companhia, com o grande desejo de acclarar sua duvida, de socegar seus disvelos. Caminharam ambos larga jornada aquelle dia, e já no crepusculo da noite chegaram a casa de um homem não rico, porém mui virtuoso e caritativo, que os agasalhou mui urbanamente com o sustento que tinha, e á ceia lhe poz na meza uma taça ou cópo de prata para beberem, de debuxo e lavor mui curioso, que elle muito estimava e em cuja vsta se revia.

Porém o Anjo subtilmente n'aquella noite lh'o furtou sem que elle o sentisse e o levou comsigo. Despediram-se pela manhã do hospede; e continuando sua jornada, o Anjo mostrou ao Ermitão a taça que furtara, de que o Ermitão muito se escandalisou, estranhando o desprimor e vilania de roubar a prenda de mais estima que tinha aquelle pobre homem, que em sua casa com tanta caridade hospedára. Pouco caso fez o Anjo d'aquellas queixas e sentimentos do companheiro; fôram continuando seu caminho e se agasalharam a seguinte noite em casa de um homem rico dos bens da terra, porém máo e perverso, de pouca caridade, nem cortezia, que sem alguma os recebeu, e pezadamente os agasalhou com tão pouca urbanidade, que mais tinham motivo de queixas que de agradecimento. Pela manhã despedindo-se o Anjo e companheiro d'elle, lhe offereceu o Anjo a taça curiosa, que ao outro hospede caritativo furtára, acção que ao Ermitão de novo accrescentou sentimento, em vêr que a prenda de estima que a um pobre primoroso e tão caridoso furtára, a um rico sem caridade nem primores dera; tudo lhe parecia desacêrtos e acções alheias de todo bom juizo.

N'estas queixas e debates, do que o Anjo se lhe dava pouco, fôram continuando seu caminho, vindo na terceira noite de sua perigrinação agasalhar-se em casa de um homem affavel, benevolo e caridoso, que os hospedou com grande benignidade e largueza; e

vindo a manhã, despedidos d'elle, o Anjo lhe despenhou no rio, de uma ponte alta, um criado seu, que n'ella estava, de quem o hospede muito fiava, e lh'o afogou no rio. Admirou-se o Ermitão de tal crueldade, reprehendendo-lhe o homicidio e máo galardão que dera a quem com tanta liberalidade e amor os tratara; porém, como o Anjo da sua admiração e reprehensão pouco caso fazia, foi continuando a sua jornada; e chegada a quarta noite d'ella, se hospedaram em casa de um honrado e caridoso homem, que os recebeu com grande cortezia. Tinha este um menino de pouca idade, e que de noite com o seu choro não deixava repousar a quem na casa estava; o que visto pelo Anjo, sem ser do pae sentido, se levantou e o afogou no bêrço, acção que vista do Ermitão, sem poder remedial-o, além do grande sentimento e pena que d'ella recebeu, parecendo-lhe que tão desordenadas e tyrannas obras não podiam proceder se não de algum espirito maligno, qual ser o Anjo imaginava, se resolveu de não continuar mais tal jornada nem ir em sua companhia a parte alguma; e assim, saindo de casa d'este caridoso homem que ficava com notavel sentimento lamentando a morte de seu defuncto filho, que era o espêlho em que se reviam suas esperanças, o Ermitão armando-se com o signal da cruz conjurou o Anjo, que ser demonio imaginava, que o deixasse e em sua companhia não fôsse; porém o Anjo lhe disse:

— Eu não sou demonio, como imaginas, se não Anjo do Senhor, que me mandou para que te manifestasse os occultos juizos de sua eterna providencia, que tanto alcançar procuras; e assim saberás que tirei a curiosa taça de prata áquelle caridoso homem que nos agasalhou a primeira noite tão affavelmente, porque com o muito em que vêl-a se disvelava e recreava, se esquecia e mostrava tibio nas continuas orações, que antes de têt-a fazia, do que já o divertiam assim o gosto de pessuil-a como o cuidado de guar-

dal-a, privei-o d'ella para que sua antiga devoção nada diminua, mas antes se afervore e cresça. Dei a mesma taça á aquelle homem rico descaridoso, para que n'esta vida receba o prémio de alguma obra bôa natural que tem feito, pois o não hade receber na outra. — Precipitei no rio ao criado do terceiro hospede que com tanta caridade nos recebeu, porque tinha firme proposito de matar a seu amo na noite seguinte, e assim afogando ao traidor creado livrou Deus da morte aquelle que nos agasalhou tão caridosamente por seu amor. — Ultimamente afoguei no bêrço ao menino, filho do nosso ultimo hospede caritativo, por que sendo de antes de extremo liberal para os pobres, de lhe nascer este filho apertou a mão no fazer bem, indo de cada vez diminuindo as esmolas com os desejos de conservar e adquirir fazendas para o filho; e assim tirei a vida ao menino innocente em idade tão virtuosa para que fosse gosar da gloria e ficaria occasião ao pae para continuar na efficacia das obras de caridade, de que já se descuidava. Estes são os juizos de Deus em tudo justos, e acertados, que a quem os ignora, parecer podiam desordens ou injustiças.

Com isto desapareceu o Anjo, e ficou o Ermitão fóra da tentação que o molestava, e consolado nas afflicções que sentia.

(P.^o Matheus Ribeiro, *Alivio de triste e consolação de queixosos*. Parte 1. Edição de 1672.)

OS DIAS POR MILLENIOS

Lá se escreve no Espêlho dos Exemplos, que um religioso santo e devoto se desvelava em desejar de entender, cada vez que ouvia cantar no côro, aquelle verso do Psalmo 89: *Mil annos, Senhor, d vossa vista são o dia de hontem passado*; como podia ser

não sentir nem computar o tempo em annos a milhares? Quiz o Senhor mostrar-lhe um emblema d'este mysterio, e assim, viu diante dos seus olhos um passaro de formosissimas pennas e côres tão bellas, que por não carecer de tão fermosa e agradavel vista, o foi seguindo fóra do convento a um bosque que visinho estava, onde começou a cantar com tal suavidade, que elevado o devoto religioso no suave da melodia, se esqueceu de tudo o que no mundo havia. Deu fim o musico passaro a seu cantô; e voltando o religioso para o mosteiro, batendo á portaria, que estava mudada; e não sendo dos religiosos conhecido, nem elle conhecendo aos que via, se veiu a achar pelos annos do prelado que elle nomeava que então era, buscados os livros do convento; que havia trezentos e sessenta annos que o devoto religioso do mosteiro sahira, que a elle lhe pareciam breves horas.

(Id., *Allivio de Tristes*, etc. Parte III. p. 382.)

FORTUNA DE POLICRATES

Notavel foi a felicidade de Policrates, tyramno de Sarno, que occupou esta ilha com as armas repentinamente, crescendo em pouco tempo tanto seu poder e grandeza, que era o alvo a que os olhos e os discursos de toda a Grecia se encaminhavam. Jámais cousa intentou que não conseguisse; nunca intentou emprender cousa que não alcançasse. Era temido com armadas nos mares e victorioso com exercitos em terra; correndo tanto sem encontro nem embaraço sua ventura, subindo tanto ao auge sua felicidade, que Amosis rei do Egypto, seu grande amigo, lhe aconselhou que voluntariamente tomasse algum desgosto, pois a fortuna lh'o dava, porque não parecia possivel durar tanta felicidade sem infortunios. Aceitou Policrates o

conselho, e lançou ao mar uma esmeralda, que estimava em muito por ser de excessivo preço e valia; porém, não querendo a fortuna que sentisse este, ainda que voluntario desgosto, succedeu que acaso d'ahi a cinco dias um pescador recolhera nas rêdes um grande peixe lh'o presentasse, e no ventre d'elle se achasse a rica pedra que no mar arrojado tinha. Mas como tanta ventura ameaçasse já, sendo na terra declinação apressada, succedeu que sendo prezo á traição de Oretre, governador da Lidia por Dario, rei da Persia, o mandou crucificar na eminencia de um levantado monte onde acabou a vida miseravelmente, sendo espectáculo da mais lastimavel compaixão a quantos de antes o adoravam por tão favorecido da ventura.

(Idem, *ib.* Parte 1, p. 45.)

ESPELHOS REGEITADOS

Um homem de melhor parecer e estatura por entendimento, se apartou a viver alguns annos longe da cidade em um monte aonde além de tratar pouco de sua pessoa, com ár dos matos, o discurso da idade e algumas enfermidades, que tivera, estava do rosto e das feições muito dessemelhado; vindo depois com nova occasião a viver á terra donde sahira, querendo-se vestir e concertar ao galante, mandou que lhe comprassem um espelho; fez o criado a diligencia e não achou nenhum de que se satisfizesse o amo; tendo provado muitos ou quasi todos os que havia, e perguntando-se-lhe porque o engeitava, respondeu:

— Porque, fazem tão máo rosto e tão avalhentado, que se não pode um homem de bem vêr a elles; e ha poucos annos que os havia n'esta terra tão excellentes, que me faziam o rosto como de um anjo.

Riu-se o moço, dizendo entre si:

— Mais se desconhece meu amo por ignorante que por mal visto; pois ao espelho põe a culpa que tiveram os montes e a idade.

(Francisco Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, Dial. xi.)

GAIA

(Argumento e declaraçam da historia)

Em tempo que reynava em Galiza, & parte de Espanha, o animoso Rei Ramiro que foy casado com hũa Senhora chamada Gaya, tendo os Mouros occupada: a demais: por ser em tempo que se avia perdido Espanha entre outros Reys mouros, reynava Almançor.

Estes dous Reys, avendo entre si batalhas, em hũa captivou Ramiro hũa irmãa deste Almançor, a qual tinha por amiga; do que enojada Gaya, tratou com Almançor a quisesse furtar, que ella daria ordem como se fosse com elle, como deu, & a cobrou, & levou pera Portugal, que estava de Mouros, & a foy pôr junto da cidade do Porto, & junto do Rio Douro, sobre o lugar que agora chamão Gaya, onde Almançor tinha fortaleza, & paços dos quaes oje em dia se vêem os alicerces, & fundamentos. O que vendo Ramiro, ordenou demproviso tres Galés de armada, & com ellas veo aportar a Sam João da Foz, mea legoa do Porto, & sendo de noyte com ellas se entrou por o rio Douro, sem serem sentidas dos Mouros, & cubertas de ramos por não serem vistas, tanto que amanheceo. Ramiro se pos em trajos de romeiro, & sayo em terra deixãdo em sinal aos seus, que se ouvissem tanger hũa buzina que comsigo levava lhe acudissem. E assi se foy guiando pera os paços deste Mouro, & antes disso chegou a hũa fonte, onde com elle veo ter hũa moura, que vinha buscar hum pucaro de agoa, pera mesma Gaya, o qual falandolhe em aravia lhe pedio o pucaro pera beber por elle, & lho deu, & des que bebeo, tirando hum anel do dedo o deitou dentro, sem o ver a moura. Bebendo Gaya conheceo o anel que era de seu marido Ramiro, & o

mandou chamar, por ser já entam ido Almançor, & vendose, se abraçarão, & tratarão de matar o Mouro, & se hirem ambos, & pera isso o meteo em hũa camara, pera que quando Almançor dormisse a sesta lhe desse rebate; nisto veo Almançor da caça, & sentado á mesa pera comer, esta Gaya lhe deu conta de Ramiro, & como vinha pera o matar, & assi o Mouro mādou vir ante si a Ramiro, & passadas antre si rezões, por fim, disse Almançor: — Se eu Ramiro fora a tua casa pera te matar, que me fizeras? respondeu: Mandara-te levar a hum alto, & com esta bozina te fizera tanger até que rebentara. Mandou Almançor, que isso lhe fizessem; levado ao alto, começou a tanger, & logo a gente de Ramiro acudiu, & tomando os Mouros descuydados degolarão Almançor, & os mais, & foi saqueada a terra, & dessa Gaya ficou o nome ao lugar de Gaya, da cidade do Porto.

ROMANCE DE GAIA

Cantemos de Ramiro Rey de Espanha,
E del Rey Almançor de Berberia,
Quando por desventura tam estranha,
No mais de Espanha entam Mouros avia;
Com animo cruel, com cruel sanha,
Cada qual um ao outro pretendia
Privar de sua fama, honra, estado.
Com todas suas forças e cuydado.

D'esse Ramiro, digo o esforçado,
Que deste nome tres com elle hão sido,
Daquelle que com Gaya foy casado,
Por quem tantos trabalhos ha sofrido,
Da qual Gaya do Porto ha tomado,
Em Portugál o mssmo apellido,
Lugar junto do Douro em o Porto,
Onde foy Almançor prezo e morto.

Por mãos d'este Ramiro animoso,
No que se satisfez de sua afronta,
E lhe valeu em isso o ser manhoso,
Segundo a historia o aponta,
Que nam bastava ser Rey valeroso,
Que força sem saber muy pouco monta,
E os ardis he cousa muy notoria,
Que sam causa urgente de victoria.

Nem tratamos aqui das mais pendenças
E batalhas antre estes Reys avidas,
Que forão muyto largas e extensas,
E em chronicas estão bem referidas;
Só queremos tratar das differenças,
Que antre estes Reys forão movidas
Quando Ramiro houve captivado
A irmã de Almançor, e deshonorado.

Donde este Almançor tempo esperando,
A molher a Ramiro ha furtado,
No qual se foy emfim muy bem vingando,
Ou estava no furto melhorado,
De Gaya Almançor ficou gosando,
E com ella ficou como casado;
Assi que um peccado outro chama,
E fazem na maldade calo e cama.

Vendo-se Almançor com a tal preza,
Como Aguia real voou com ella,
Logo que a furtou com ligereza
Perdeu de vista os Reynos de Castella,
E veo aqui portar nesta deveza
Do Douro, onde então estava aquella.
Povoação, e paços, donde Gaya,
A qual ahi está junto da praya.

Ramiro tal ficou com esta nova,
Que se lhe deu lá onde era ausente,
Que esteve em se meter em hũa cova,
Não querendo viver antre a gente;
Não aver equal dor, he clara prova,
Porque de si he quasi impaciente,
Mas como é christão, e Rey sabido,
A Deus logo então se ha soccorrido.

Tanto, e mais chorava o seu peccado,
Que toda esta mesma desventura,
No que consiste o ser christão chamado,
E nisto está o seu remedio, e cura;
Ramiro que em isto se ha fundado.
Vêr quam pouco na vida o gosto dura,
A Deus se dedicou, o que Deus vendo,
Neste caso quiz logo ir provendo.

E assi lhe inspirou que ordenasse
Húa pequena e secreta armada,
De hūas tres galés, e que guiasse
Aonde sua Gaya era levada;
E que como fiel bem confiasse,
Que por elle seria hi cobrada,
E o mesmo Almançor morto e vencido,
Porque Deus o havia permetido.

Ordenou pois Ramiro com bom siso
As tres galés da armada pella posta,
Com bonança vieram de improviso,
A Portugal a demandar a costa,
E por ella guiando sobre aviso,
Calados sem falar, nem dar resposta.
A Sam João da Foz forão surgidos
De noyte, sem dos Mouros ser sentidos.

Chegadas as galés á foz, e entrada
Daquesse rio Douro caudaloso,
Ahi parou então esta armada,
Com perigo, por ser lugar fragoso;
Da noyte era ja parte andada,
O céu estava claro e luminoso,
O ár sereno, tudo socegado,
O mar porém alli sempre he irado.

E por se segurar determinaram
Tomar o rio acima assi surgindo,
Pela parte a dentro se deytaram,
Com os remos o Douro vão ferindo,
E por fazer carreira deceparam,
Mil arvores, que o rio vam cobrindo,
Que sem isso galés ir não podiam,
Até onde leval-as pretendiam.

Era o arvoredado n'essa edade,
Muy sobejo e crecido até a praya,
Na parte donde agora he a Cidade,
E na banda d'aquem chamada Gaya,
De arvores muy gram variedade,
De brozios e louro, mirtos, faya,
E com ser tudo frágoa e penedia,
Sómente o arvoredado alli se via.

N'esta parte de cá d'aquem do Douro,
No mais alto outeyro, e o mayor,
Ahi tinha seus paços el Rei Mouro,
Aquelle a quem chamaram Almançor;
Ahi tinha tambem o seu thesouro,
Porque d'aquella terra era senhor,
Contente e recreado alli vivia,
Por ser terra de caça e monteria

Ahi vay hũa cava conio mina,
Até o rio feita entre dous valos,
Que ainda agora se vê, e determina,
Ser pera írem beber os seus cavallos;
Tambem he cousa certa, e de crêr digna,
Que tinha outros Reys Mouros vassallos,
Todos a este Rey obedeciam,
Porque em sua ley maldita criam.

Alli se estava o Mouro aposentado,
Donde o largo mar c'os olhos via,
Dalli o via ás vezes socegado,
E outras quando bravo bem o ouvia;
Tambem estava alli fortalezado,
Porque del Rey Ramiro se temia,
Que quem deve, em fim sempre receia,
Se tem um bon jantar, de haver má cêa.

Alli gastava a vida com sabôres,
O Mouro Almançor muy namorado,
Gozando d'essa Gaya, e seus favores,
Mulher del Rey Ramiro o magoadado,
Mas o jogo, a caça, e os amores,
O fazem do perigo descuydado,
E entre tanto o tempo dá hũa volta,
Pesca o pescador n'agoa envôlta.

Chegado pois Ramiro, o muy prudente,
Com suas tres galés apercebidas,
De noite, já que bem dormia a gente,
Alli se prepararam escondidas ;
E posto que vem feyto hũa serpente,
Ordena que não sejam alli sentidas,
E seu furor resguarda pera quando
Se veja de Almançor ir triumphando.

Alli gastada a noyte em socêgo,
Quanto possivel era e importava,
Tratavam do segredo em emprego,
E do que tal empreza demandava;
A lingua de Arabigo, e Grego,
Muy ao natural pronunciava,
Só do aviso da terra tendo mingoa
Por si se oferece ir tomar lingua.

Ficou porém por todos assentado,
Que tocando Ramiro hũa corneta
Não fique em Galé nenhum soldado,
Que logo o outeyro nam cometa,
E com animo forte e esforçado,
Contra os crueis Mouros arremeta,
E todos juntos dando, Sanctiago,
Os Mouros hajam hum cruel estrago.

Passada pois a noite, veiu o dia,
Ramiro toma trajos de romeiro,
Deyxada toda sua companhia,
Sobindo se vay só pelo outeyro,
A Deus so quiz le ar por sua guia,
E em sua fé firme, e muy inteiro,
E fazendo o sinal da Cruz no peito,
Aos paços do Mouro foy direito.

Por vêr se indo assi desconhecido
A sua molher Gaya vêr pudesse,
Ou sendo Almançor á caça ydo,
Ella com o seu Ramiro se viesse.
O Phebo então mostrava haver nacido,
Contra quem disse: Se ora te aprouvesse,
Com teu resplendor, Phebo, me ir mostrando
Este bem que pretendo e vou buscando.

Assi se vay o triste Ramiro,
De pensamentos taes arrodado,
De pedra não seria mais de hum tiro,
Que perto estava já de povoado ;
Dizendo vay: Se este bem acquiro,
Deste Mouro serey muy bem vingado,
E por esta historia ser sabida
Aqui se verá feyta hũa ermida.

E dando mais Ramiro hũa passada
Viu hũa fonte d'agoa muy fermosa,
De rica pedraria fabricada,
De agua muy delgada, e saborosa,
A qual oje em dia he chamada,
A fonte de Ramiro, sem mais glosa,
A qual hoje ahi está por memoria
Em testemunho, e fé d'esta historia.

Alli se assentou por ir cançado,
Não, para descansar, que mal descansa
Aquelle que então ha começado,
Trabalhar por o que depois alcança,
E*alli se despõe determinado
Armar hūs certos laços d'esperança,
Esperando que vã alguém à fonte,
Que novas de Almançor lhe diga e conte.

Cuydando está Ramiro o que faria,
Se espere alli, ou fosse proseguindo,
Que só da sua armada se temia,
Nam fossem os Mouros hi sentindo,
Pelo perigo grande que corria
Em nam se ir primeiro descobrindo,
A terra antes de se dar rebate,
Por que melhor se desse o seu combate.

Começou a dizer: Já fenecera
Com a morte que eu mesmo me daria,
Se a esperança nam me entretivera.
Dizendo, espera a noyte e mais hum dia,
Tantas vezes me diz espera. espera
Que ja cuydo que o faz de zombaria;
Se me ouves esperança por esmola
Te peço, ou me mata ou me consola.

Qual sóe o mar fazer naturalmente,
Nas marinhas que a elle sam chegadas,
Quando vem com maré, e com enchente,
Da qual sam de contino visitadas,
Que com o ardor do sol quando he quente
As taes agoas com sal sam congeladas,
E se antes de o ser, hi tem vasante
Não fica hi sal atras, nem adiante.

Assi a magoas em o pensamento,
Vam ao coração, e hi represadas,
Tras maré de enchente o sentimento,
E em agoas de salhi sam tornadas,
E com força da dor, e do tormento,
Por os olhos rebentam e destapadas,
Nas lagrimas vem tudo, e quem não chora,
Da cova esta tal muy perto mora.

Assi o bom Ramiro recordado
D'aquella pena e dor que o atormenta,
Posto que a chorar está avesado,
Como de novo agora o mal lamenta,
E a preza da magoa se ha quebrado,
Dos olhos outra fonte lhe arrebenta,
E assi duas fontes alli correm
Porque hũa nacia d'este homem.

E assi era de vêr esta perfia
Com que cada qual d'ellas caminhava,
Que se da fonte muyta agoa corria
Ramiro pelos olhos mais deytava,
Mil lastimas o triste alli dezia,
Perguntay pera quem, ou a quem fallava,
Com dor a lingoa fala desatinos,
E faz homens chorar como meninos.

Hũa Nimpha então fazendo abalo
Là dentro em a fonte se banhava,
E começou cantar por consolalo,
Notou Ramiro entam o que cantava.
Cantando (disse a Nimpha) a ti fallo.
Ramiro, là te ouvi aonde estava,
Sou Nimpha, Esperança sou chamada,
Espera que a boa hora te he guardada.

Com esparança caçam os caçadores,
As aves em os laços enlaçadas,
Com o esperar recolhem os lavradores,
O fruyto das sementes semeadas,
E com canas tambem os pescadores,
Com sedelas e boyas e chumbadas,
Os peyxes quando o comer engolem
Com que por engano de anzões cobrem.

N'este conto Ramiro está enlevado
E a Nimpha no mesmo ainda procede,
Quando junto a elles ha chegado
Hũa Moura da ley de Mafamede,
Sapatinhos da côr de laranja
A medida do pé tres pontos pede,
Escassamente a Moura foy sentida
Quando a Nimpha na foy somida.

Na edade mostrava esta Moura.
Que ainda donzella ser devia,
De gentil parecer tam branca e loura,
Que n'isso nada Moura parecia,
Não sey a natureza, porque doura,
De graça a que dà graça e bem fogia,
Que bem sem graça he como està visto,
Aquelle que nam crê na ley de Christo !

Vestida vem de côr alionado
De hũa roupa de sêda até o artelho,
Eúa tuuca tunizil com hum trançado
De fitas d'amarelo e vermelho,
Com um cinto mui largo, e apertado
Em tudo tras concerto, e aparelho
Por isso de ser visia nam recea,
Mas em vêr, e ser vista se recrea.

Vaso dourado tras de gram valia,
De muy ricos esmaltes esmaltado,
Quer ser cousa de Rey bem parecia,
Segundo era rico e bem obrado,
Cantando vem a Moura em Aravia ;
O tal cantar Ramiro ha notado,
D'amor era seu canto muy sobido,
Porque se aqueyxa de Cupido.

Alli sauda a Moura o bom andante,
 Ao seu modo em sua Aravia,
 Ramiro lhe responde em consoante,
 De Arabigo que bem o entendia;
 A Moura que o vê feito um brivante,
 Posto que de nenhum modo o conhecia,
 Sospeyta por o vêr tam bem criado
 Ser homem que seus trajos ha mudado.

Pediulhe de beber o bom romeyro,
 A Moura de cortez não lho negava,
 Mas o vaso encheu, e lavou primeiro,
 E com mesura lh'o apresentava,
 Ramiro lhe tiroo o seu sombreiro,
 E o púcaro d'agoa lhe tomava,
 Que ser de Almançor claro se via,
 Pelas letras, e armas que trazia.

Ramiro, que em tal ventura sé acha,
 Bebendo perguntou a quem servia,
 A Moura respondeu servia a Gaya,
 Pera quem hia buscar a agoa fria;
 Vêde que trago amargo alli traga,
 Vêr que sua molher tambem bebia
 Por jarros de Almançor, seu enemigo,
 O qual ella ja tinha por amigo.

Nam quiz Ramiro mais saber do caso,
 Mas encobrimdo a dor que n'alma sente,
 Tornou encher na fonte o rico vaso,
 (Dizendo de força he, seja paciente;
 Mas vagando vay já aquelle prazo,
 Se minha esperanza não me mente,
 Que présto se verá morto este Mouro,
 Perdendo sua fama e seu thesouro.

Consigo isto dezia o magoadado
 Tirando d'um anel no vaso o deita,
 Sem que fosse sentido, nem olhado
 Da Moura por nam ter d'isso sospeita;
 Por el Rey Almançor lhe ha perguntado
 A caçar deve ser ido, a cousa feyta,
 A caçar vay dos porcos e veados,
 Que os seus lá lhe tinham emprazados.

A Moura se despede do romeiro
Só por representar honestidade,
Que alli se detivera o dia inteyro,
Segundo que isso pede a mocidade;
Sobindo vay a Moura pelo outeiro,
Ligeiro, e com gram velocidade,
Porque parece que hia ja tardando,
E teme que o tardar lhe vão notando.

Ramiro, que na fonte só ficava,
D'onde sua figura clara via,
Comsigo mesmo o triste alli fallava,
E elle mesmo assi se respondia,
E sendo d'antes aguia que voava,
E que na nota a todos excedia,
Agora com a dor que o aperta
Parece que desvayra e desconcerta.

Se verdadeira és minha figura,
(Dizia) tu figura já es tal,
Que como cousa que já não tem cura,
Se devem deyxar ao natural,
Porque teu mal he mal que sempre dura,
E que he sobre todos sem equal,
Por isso, pois o tens e o padeces
Não sey como de todo nam faleces.

A figura então lhe respondia
Em voz, e em toada diferente,
Que serem duas cousas parecia,
Coda hũa por si distintamente,
Ou fosse a esperança a qual seria,
Que ja o reprendera de impaciente,
Agora n'isso mesmo lhe aponta,
No que lhe respondeu, ou tanto monta.

Deixemos a Ramiro por agora,
Sobre seu mal soltar mil desatinos;
Chore o seu mal, que com rezão o chora,
Dê mil ays, dê suspiros muy continos,
Até que Deus lhe traga aquella hora,
Na qual, nem Mouros velhos, nem meninos
Fiquem mais povoando aquella terra,
E morra Almançor n'aquella guerra.

Vamos saber da Moura o que passava,
Quando sua senhora a agoa bebia,
E se se alterava, ou perguntava,
Cujo fôsse o anel que dentro hia?
Porque n'isso Ramiro se fundava
Em que o seu anel conheceria,
E se lhe tinha amor de mulher bôa,
No caso ella faria de pessôa.

Bebeu pois a Rainha, e achando
O anel conheu que de Ramiro era,
E quanto pode em si dissimulando.
Hum muy grande suspiro ahi dera;
E confusa està imaginando,
Porque via, e arte alli viera,
Ou porque invenção, modo, e geito,
E se era aquelle, ou contrafeito.

Perguntou se achara alguém na fonte
Ao tempo que ella agoa tomara,
Dizendo que lhe diga, e lhe conte,
Tudo o que ante ella se passara,
Ou outra algũa cousa lhe aponte,
Por onde o anel alli achara;
E porque d'isso a Moura se espantava,
A Raynha contra ella se assanhava.

A Moura, que se vê ser innocente,
Do caso que então mal entendia,
Jura que não achou nenhũa gente,
A Raynha lhe disse que mentia;
E com esta porfia differente,
A Raynha em ira se encendia,
Com um chapim lhe tira d'aremmo,
Quiz Deus se desviou, e foi avêssô.

Tornou a Moura, então assegurou-se,
Dizendo que achara a hum romeiro,
Mas que não se acordava, e disculpou-se,
Da culpa de lho não dizer primeiro;
A Raynha com isso aquietouse,
Crendo ser seu marido verdadeiro,
E ou fôsse com fee, ou sem verdade,
De vel-o mostrou ter grande vontade.

Mandou pois a Raynha, que o chamasse
E que de sua parte lhe dissesse,
Que fôsse logo lá, e não tardasse,
E fôsse confiado, e não temesse,
E que em bom segredo lhe guardasse,
O que do tal romeiro entendesse,
Que Almançor caça á era ido,
Que podia fazer em seu partido.

A Moura parte logo diligente,
A cumprir o mandado da senhora,
Ramiro que tornar a moura sente,
Esforço (disse) se ha mister agora ;
E como viu a Moura vir contente,
Alegrouse tambem n'aquella hora,
Posto que o coração o convidava
Com outro desprazer, que adivinhava.

Chegando pois a Moura lhe dezia ;
Romeiro, a Raynha Gaya manda,
Te peça com amor e cortesia,
A vêjas, que te espera na varanda.
Que de ver-te gram gozo levaria,
E de favorecer tua demanda,
Que lhe queiras fazer aquesta graça,
Antes que Almançor venha da caça.

Que saibas que Almançor á caça he ido,
Não percas ponto algum de tal ensejo;
Ramiro que a mensagem ha ouvido,
Ousado mostra logo o seu desejo,
Cuidando que fazia em seu partido,
Alegre sem algum receio ou pêjo,
Tomando o bordão, disse : Senhora,
Guiae, que em vossas mãos me pôngo agora .

E sem fazer demora obedecendo,
Acompanhou a Moura com cautella,
Perguntando se vão, e respondendo,
A Moura a Ramiro, e elle a ella,
No andar pausa ás vezes vão fazendo,
Ramiro vay soltando á Moura a trella,
A Moura he cortesa, e confiada,
E demonstrava ser muy namorada.

A pratica de amores he fingida,
 Da parte de Ramiro enganosa,
 A Moura vay de amor preza e vencida,
 Enganada merece a envejosa,
 Nos amores muy sôlta e atrevida,
 O que dana, e afea o ser fermosa,
 Enganada merece hũa tal dama,
 Quando de namorada quer ter fama.

Pois trata de adquirir o que pretende,
 A vêr sua sua senhora, e o deseja,
 Mórmente, pois o sabe, e o entende,
 Mas todas sam feridas da inveja,
 O fogo da cobiça as acende,
 Que sempre hũas com outras tem peleja,
 Sobre o negro amar e ser amadas,
 E sam hũas das outras desdenhadas.

Junto vam já dos paços e castello,
 A Raynha andava passeando,
 Na varanda muy morta já por vel-o,
 Ramiro os seus olhos levantando,
 Não pôs duvida algũa em conhecel-o,
 Nem elle d'ella esteve duvidando,
 Sobindo pois Ramiro hũa escada,
 A Raynha com elle está chegada.

E como onde ha amor nam ha receio,
 Sem receio de nada se abraçaram,
 Porque o seu prazer era tam cheio,
 Que remeteu por mais que o reprezaram,
 E estando assim n'este enleo
 De amor, dos olhos rios emanaram,
 De agoas que dizem ser salgadas,
 Estas porém por doces sam julgadas.

Qual Pyramo e Tysbe se mostraram,
 Amar-se de verdade o que pedia
 O vinculo de amor que professaram,
 Mais mostra de amor ser não podia,
 Que a que alli ambos demonstraram,
 Nem outra cousa d'elles se entendia,
 Mas como a molher bayla ou dança,
 Logo sabe fazer hũa mudança.

Perguntou-lhe então Gaya, o que buscava
Ou porque via e arte alli viera ;
Alli Ramiro então se assentava,
Como se em sua casa estivera,
Assentado dizer-lhe começava
O caso que a isto me trouxera:
Se tu, senhora, o tens tambem sabido,
Porque me julgarás por atrevido?

Se venho por ventura a salvar-te,
O amor sobretudo he cousa forte,
Ao menos senão poder cobrar-te,
Consolar-me-ey em ver-te em minha mo te,
E se Deus conceder poder livrar-te,
Quero provar em isso minha sorte;
A isso (como digo) venho agora,
A cobrar-te, ou morrer por ti, senhora.

Gaya sabiamente respondia,
Fingindo ser leal, e verdadeira:
Isso muy bem agora se faria,
Se se tivesse modo ou maneira
De ser a nossa salvo, mas nam via
Nem sabia caminho, nem carreira,
Nem tu, Ramiro, mostras aparêlho
E nisso ha mister muy bom conselho.

Ramiro lhe tornou: aconselhado
Estou, senhora, e bem apercebido,
Mas em só te levar nam sou vingado,
Sem matar este Mouro fementido.
E se de nós pode ser descabeçado,
Em salvo te porà o teu marido
Porque eu que a isso me aventurei,
Nam he sem te poder pôr em seguro.

Pois isso (disse) mandas que se faça,
Assi se fará bem, e sem perigo,
Com o favor de Deus e sua graça,
A qual seja comtigo e comigo;
Mas porque pode vir cêdo da caça
Este Mouro cruel teu inimigo,
Eu te direy o modo e que termos
Pera a nosso salvo isto fazermos.

Abriu logo hũa camara dourada,
 De verão lhe servia de aposento,
 Onde nunca o sol fazia entrada,
 E na sésta hia ter contentamento
 Que só por sua mão era fechada
 Por lhe servir de seu recolhimento,
 Ahi o fez entrar, e sendo entrado,
 D'este modo e maneira lhe ha falado:

— Aqui te ficarás dentro metido,
 Se queres concluir em este feyto,
 E se vês do caminho affligido
 Bem podes acostar-te em este leito;
 Aqui podes estar sem ser sentido,
 Onde podes fazer de teu proveyto,
 Quando for tempo, e hora de acostar-se,
 E aqui Almançor vier deytar-se.

Virá ora da caça encalmado,
 A meza tem já posta esperando,
 O comer está já negociado
 Nam poderá já ir muyto tardando;
 E desque de comer ha acabado,
 O sono o vay logo convidando,
 E he certo vir logo a este pouso
 A descansar a sésta, e ter repouso. —

N'isto deu-se rebate, e nova certa,
 Que vinha Almançor da montaria,
 A camara fechou que estava aberta,
 E de Ramiro então se despedia;
 Tornou a seu estrado e àlerta
 Se pos a entender no que entendia,
 Com as damas lavrando seda e ouro,
 Quando a esta hora chegou o Mouro.

Acompanhado vem de caçadores,
 De monteiros de pé e cavalleyros,
 E de cães, como elles filhadores,
 Muytos mouros de lança, besteiros
 Vestidos de libréas, de mil côres,
 Com bozinas e cornos presenteiros,
 Porém vinham muy surdos, e calados
 Por não acharem pórcos, e viados.

Descavalga Almançor muy diligente,
Subindo para o paço e aposento;
Ella que o vê vir tam descontente,
Per si lhe foy fazer recebimento,
Com passo perlongado, e diferente,
Lhe demostrou ter contentamento
Com sua boa vinda, e alvorôço,
Deitando-lhe os braços no pescoço.

Almançor lhe pagou por esta via,
Os afagos de amor na mesma hora,
Fazendo-lhe hũa grande cortezia,
Dizendo-lhe : —Vivae, minha senhora,
E com este prazer e alegria,
Sem se fazer algũa outra demora,
Se sentaram á meza e, assentados
Serviram-lhe seus pajes e criados.

No meio do comer os dous estando,
Com grande gosto, festa e alegria,
O segredo esta mà lhe foy soltando,
Dizendo : —Quero dar-te iguaria,
Da qual bem sey que debes d'ir gostando,
Por ser nova de gosto t'a daria,
No que conheceràs quanto te ama,
Quem não dà por Ramiro, em que a chama.

—Que dèras, Almançor, Rey poderoso,
(Lhe disse) a quem Ramiro te entregara,
Que deras se te víras tão ditoso,
A quem agora prezo t'ò mostrara
Não me estranhes mostrar-te d'isto gozo,
Que se com firme amor nam te amara,
Na treyção de Ramiro consentira
Que hoje te matava n'este dia. —

Que diremos de caso tam horrendo,
De fêmea tam mà, tam fera, dura,
Que coração tam duro ha, que vendo
Deslealdade tal em criatura,
Nam deixe de ser duro amolecendo
Havendo dò de tanta desventura,
N'um Rey que vem em trajos de romeiro,
A tirar a molher de cativoiro.

Ah falsa, que te vaes ao profundo,
 Como não temes que ha Deus verdadeiro ?
 Que trocas por amor falso. e segundo.
 A teu Rey e a teu marido, o amor primeiro,
 Por isso. e cousas taes vay mal ao mundo,
 Por isso vêm a peste, e o cativeiro.
 E ha falta de paz na christandade,
 Por falta de verdãde, e lealdade.

Se a verdãde cá naceu na terra,
 Qual terra, ou quem ousa desterral-a,
 Se tam natural he que lhe põe guerra ?
 Quem ousa, ou pretende degradal-a ?
 Se na verdãde todo o bem se encerra,
 Qual he o que se põe a pedrejal-a,
 E sendo como he cousa tam forte.
 Que só ella é senhora sobre a morte.

Oh, se esta verdãde se abraçasse,
 Alli onde parece claramente,
 Se cada hum a casa a levasse,
 Assi como quem leva hum bom parente,
 E se dentro no peito a conservasse,
 E o mesmo fizesse toda a gente,
 Servindo-lhe de pezo, e medida,
 A Deus seria alegre nossa vida.

Oh celeste virtude, oh lealdade,
 Qual ha antre as mais que melhor seja,
 De ti produz, e nace a castidade,
 Que todo o poder vence em peleja;
 Que cousa ha melhor na Christandade?
 Que cousa mais chegada à Egreja ?
 Que cousa, porque Deus melhor se renda,
 E nos dê sua graça, e nos defenda.

Almançor, que o caso ha ouvido,
 Bem crê que esta Gaya isto dezia
 Por folgar de falar no seu marido,
 Que tudo aquillo que era zombaria,
 Entam lhe disse:— Aqui està escondido,
 E sabe que matar-te pretendia,
 E levar-me comsigo sem mais ordem,
 Mas eu quero ser tua, nam d'outro homem.

Confuso fica o Mouro, e muy turbado
Do caso, e perigo em que estivera;
Que antes de muyto fôra degolado,
Se esta mesma Gaya o quizera
Por outra parte está muy alterado,
Festejando este bem que amor lhe dera,
Trazendo a seu poder seu inimigo,
Sem pêrda de batalha e sem perigo.

Oh cruel sobre todas as molheres,
Tal fama queres ter, tal nomeada,
Porque o teu Ramiro ja nam queres ?
Por estar com hum Mouro abarregada,
Não te lembram os filhos teus prazeres ?
Nem te acordas que és molher casada,
E que fôsse Christã ? nam sey agora,
Antes parece que em ti ley não mora.

Das mais que fôram mãs calar se pode,
Só d'esta sobre todas mã praguejo,
Não sinto n'ellas mal que se accomode,
A hũa tal treição, a tal despejo,
Pôr hum Mouro infiel cara de bode,
Em quem foy por amor, e o desejo
Perde do bom Ramiro, a memoria,
Perde honra e fama, perde a gloria.

Ramiro bem ouvia o que passava,
Porque d'alli estava muito perto,
E como a mã tudo lhe contava,
E já era em fim bem descuberto,
Já vêdes em que estado o triste estava.
Com que dor, agonia, em que apêrto,
Que saltos lhe daria n'essa hora,
O coração querendo saltar fóra.

Não quiz mais Almançor comer bocado,
Com festa de prazer e alegria,
Dizendo : —Eu estou bem consolado,
Não quero comer outra iguaria,
E mais pois tenho hospede honrado,
Rezam he que lhe guarde cortezia.
E pois aqui está n'este aposento,
Vamos-lhe fazer hum recebimento.

Seu capitão da guarda entam chamando,
 Alli se lhe homilhou, e lhe ha mandado,
 Que com a sua guarda va guiando,
 Pera donde Ramiro está fechado.
 O triste de Ramiro está orando
 A Deus, que lhe socorra em tal estado,
 Porque muy claramente alli via,
 Que a morte á porta lhe batia.

A porta desfechada n'um momento,
 Do número de mouros muy armados,
 Foy cheo todo aquelle aposento,
 Com alfanges, e braços remangadoa.
 Deus te valha, Ramiro, em tal tormento,
 Que os teus estão de ti muy alongados,
 E a tua armada está no Douro,
 E tu só prezo antre tanto Mouro.

Vendo pois Almançor tal desatino,
 A seu contrario estar tam desarmado,
 E em abito vil de peregrino,
 Mostrou-se d'isso muy maravilhado,
 Dizendo :—Eu não sey, nem determino,
 Que este seja Ramiro esforçado,
 Mas se elle este he, e fez mudança,
 Bem pouco val agora a sua lança.

Alli Ramiro então lhe respondia:
 —{Alguma hora foy ella nomeada,
 Antre Christãos e antre a barberia
 Tambem em essa Veyga de Granada,
 Onde morreu mui gram cavallaria,
 E se perdeu a tua cavalgada.
 Agora, eu não venho a conquistar-te,
 Porque venho de paz, e d'esta arte.

A irmã te furtey sendo casada,
 Tendo-a por amiga sendo dama,
 No que occasião a ti te ey dado
 A queres roubar minha honra e fama;
 Por isso se causou por meu peccado,
 Chegares, Almançor, a minha cama,
 E nam sendo na terra, sem perigo
 Me furtaste a molher que tens comtigo.

E pois fuy causador d'essas afrontas,
O Reyno busque lã outro herdeyro,
Que já não quero mais, que estas contas,
E andar n'este trajo de romeiro—
Almançor lhe tornou: —Muy bem apontas,
Mas vês Lobo em figura de Cordeyro,
E já nam te crerey o que disseres,
Inimigo da honra das molheres.

Perdoa-me, Ramiro, isto que digo,
Que como a Rey que és, devo tratar-te;
Mas estou des'agora mal contigo,
Des'que de teu engano soube parte;
E pois que te metestes em tal perigo,
Scm te valer o teu saber, e arte,
Podes dizer que a ti em este feyto.
Vieste cá fazer pouco proveito.

Tua Gaya commigo, está senhora
De ti, Ramiro, está pouco lembrada,
E diz que oxalá que nunca fôra,
Contigo em algum tempo desposada;
Se dizes que te ha sido traydora,
Em esta tua machina ordenada,
Com bem rezam to foy, pois tu has sido,
O que fôste pera ella mao marido.

Por hũa parte tenho sentimento
Do misero estado em que estás posto,
Mas que fazes tu neste aposento,
Agora sem meu grado, e sem meu gosto?
Porisso me nam dá de teu tormento,
E de sc te mudar em teu desgosto,
O gosto que levavas tam profundo,
Em me privar da vida d'este mundo.

Ramiro respondeu: —Teu odio claro
Te cega, e faz que julgues de ligeiro,
Não deves de razão ser tam avaro,
E deves de ouvir partes primeiro.
E por minha defeza te declaro,
Qual mal posso sem armas ser guerreiro,
E a minha tenção foy e he bôa,
E isto julgará toda a pessoa.

Vinha vêr se acaso vêr podia,
 Essa por quem eu tanto ey padecido,
 Pois já ver, nem cobral-a nam podia,
 Por ir de meu estado despedido,
 E em ley de rezam se permitia,
 Vir vel-a, pois em fim sou seu marido,
 Que quanto he tratar de seu tormento,
 Nunca me veiu tal ao pensamento.

Esta mesma molher que nunca fôra,
 De vêr-me mastrou gram contentamento,
 Mil lagrimas chorando n'esta hora,
 Cuydando n'este nosso apartamento;
 E por tu, Almançor, vires de fôra,
 Da caça, me meteu n'este aposento,
 E se ella outra conta te ha dado,
 Innocente sou d'isso, e mal culpado.

Almançor nam curando de argumento
 Nem rezôas que Ramiro apontasse,
 (Lhe disse em final) que ao tormento,
 Desde entam alli se aparelhasse.
 Porque o que dizia era vento,
 E que du culpa nam se excusasse,
 Quc o que a sua Gaya lhe contára,
 Isto em verdade se pasrára.

Dizendo:—Se em teu Reyno me acolheras,
 Como agora eu te ey acolhido,
 Com tençam de matar-te, que fizeras?
 Responde-me se disso es servido,
 Que se pelo perdam ainda esperas.
 O teu juyzo debes ter perdido,
 Que nam tenho rezam de perdoar-te,
 Nem menos me mereces, que acabar-te.

Ramiro com bom animo esforçado,
 Lhe tornou:—Pois em fim queres padeça,
 Sem n'essa minha morte ser culpado,
 A justiça do ceo sobre ti deça,
 Pois julgas como homem apaixonado,
 Nem tomas parecer d'outra cabeça;
 Mas já que assi he, se eu te colhera,
 A ti, Almançor, mesmo isto fizera.

Mandára-te levar muy bem atado,
Sem te valer ser Rey nem teus primores,
Com dous algozes cada um a seu lado,
E pôr em o mais alto d'essas torres,
E com esta bozina a ser forçado
Tanger sem descançar, sofrendo as dores,
E fôsses despois d'isso enforcado,
Como homem qualquer de baixo estado. —

Almançor ouvindo este pendença,
Que Ramiro contra elle imaginava,
Em ira encendido, sem detença,
Contra Ramiro, disse, que mandava,
Que n'elle se execute a tal sentença,
Porque do mesmo modo a confirmava,
Juntando-se pois gente infinita
De mouros, o levaram com gram grita.

No alto da muralha o pozeram
Atado, e ia com corda no pescôço,
E alli a tanger o constrangeram,
Com muy grande prazer e alvoroço;
A esta festa todos concorreram,
Nenhum velho ficou nem mouro môço,
Ao som da bozina, hús cantavam,
Outros dando risadas apupavam.

Essas mouras de honra encerradas,
E damas mais fermosas e as feas
Sobiam ao alto por escadas,
Por vêrem dos eirados e açotêas,
As mais mcuras e mouros a manadas
Vão, só ficam os prezos nas cadeas,
Mas nas cadeas ouvem claramente,
A festa e clamor que vay na gente.

Almançor ao som da alegria,
Que por toda a Villa ha soado,
De novo disse, que comer queria,
E á mesa se poz logo assentado,
E quantas vezes a bôzina ouvia,
Com gram gosto metia o bocado,
E a Gaya cruel com elle estava
Que á ira, e zombar o ajudava.

A gente de Ramiro, que emboscada
Estava d'ahi perto d'onde ouvia
Os mouros quando davam apupada,
E vendo a bozina que tangia,
Remetendo com ordem ordenada,
Toda dentro na Villa se metia,
Que as guardas que a Villa então guardavam,
Onde estava Ramiro então estavam.

E d'alli como lobos indomados,
Nos paços de Almançor deram de siso,
Ao tempo que elle e seus privados
Estavam com mais festa e com mais riso;
Aonde logo fôram degolados,
El Rey, e os mais mouros de improviso,
E a Gaya tambem ás mãos tomada,
E a villa sogeita e saqueada.

Essa Mourama junta como estava,
Pera vêr a Ramiro padecente,
Que de nada então se percatava,
Vendo entrar na Villa alhea gente
E o furor, e esforço que mostrava
Matando e degolando cruelmente,
Se põe a defender com seus terçados,
Mas logo fôram hi desbaratados.

E como hia já sentenciado
Que não se desse vida a nenhum Mouro,
De sangue hum gram rio ha manado,
Que pelos matos foy sayr ao Douro,
E em sangue as agoas se hão tornado,
E perdeo por então a côr de lourc,
E o mar pelos Portos ha mostrado,
Ter muyto sangue então derramado.

Ramiro lá do alto tudo vendo,
A Deus pelas mercês as graças dando
Como livre se viu, se foy decendo,
Vendo que o andavam os seus buscando,
E como os seus o fossem conhecendo,
A mão todos alli lhe então beijando,
Por seu Rey, senhor, e satisfeyto,
Aos paços guiou e foy direito.

Dois filhos de Ramiro alli vinham,
Filhos da mesma Gaya n'esta armada,
Que chegando Ramiro já hi tinham,
A sua mesma mãy ás mãos tomada,
Os quaes por animal-a lhe deziã,
Que fariam que fôsse perdoada;
Chegado pois Ramiro lhe rogaram,
Por ella, e a vida lhe alcançaram.

Em isto o bom Ramiro lhe contava
A treyção que esta Gaya lhe urdira,
Do que toda a gente se espantava,
E como de seus laços se expedira,
Que proposto á morte já estava,
Se Deus com seu favor não lhe acudira,
Dando com discrição e bom esforço,
Que já tinha o baraço no pescôço.

— Comtudo, pois pedis, filhos amados,
(Lhe disse) lhe perdõe, e dê a vida,
Pois d'ella quereis ser filhos chamados,
Mando que ninguem isso vos impida,
E vão á vossa conta os seus peccados,
Que por elles melhor fôra punida,
Pera ficar aviso ás semelhantes
Casadas com bõs Reys e com infantes.

Assolada a terra, e destroyda,
E havida esta preza, e grão victoria,
Ficou a soldadesca enriquecida,
E com honra e fama, e grande gloria ;
Dos trabalhos passados esquecida,
Só d'este bem presente tem memoria,
Dando louvor a Deus toda a gente,
Por victoria tal tão excelente.

Foy este tal triumpho celebrado,
Cuja fama correu o mar e a terra,
E logo o arrayal hy foy alçado,
Decendendo do alto e da serra,
Nas galés se hão todos embarcado,
Por terem concluido aquella guerra,
Começando a remar os remadores,
Ao som das trombetas e atambores.

A Gaya vay chorando amargamente,
 Pelo mouro Almançor que ja não via,
 Ramiro e os filhos de repente,
 Vendo quão pouco a vida agradecia,
 Mandaram-na deitar em continente
 No mar, porque muy bem o merecia,
 Com hua grande pedra a ella atada,
 Allí fica esta Gaya mergulhada.

E com prospero vento e bonança,
 Ramiro a seus Reynos ha tornado,
 Levando de Almançor a tal vingança,
 E victoria que Deus lhe havia dado.
 E d'ahi em diante a sua lança
 Ja mais mouro algum ha aguardado,
 E sempre este bõ Rey lhes moveu guerra,
 Ganhando-lhes de Espanha muita terra.

Aquelle Rey dos Reys omnipotente,
 Que na terra mercês lhe ha outorgado,
 O tenha em a gloria eternamente
 Com corõa da gloria coroadado;
 E aos Reys christãos que ao presente,
 Reinam, paz e concordia haja dado,
 Pelos quaes n'esta Liga assi ligados :
 Os immigos da Fê sejam domados.

João Vaz. ¹

¹ *Breve Composiçam e Tratado, agora tirado das Antiguedades de Espanha : Que trata de como El Rey Almançor morreu em Portugal junto da cidade do Porto, onde chamam Gaya, ás mãos del Rey Ramiro com sua gente, donde tambem cobrou e matou sua molher chamada Gaya, que estava com este Mouro, da qual ficou este logar chamado do seu nome. Composto por João Vaz natural da cidade de Evora, em verso de oitava rima e Dirigido a Dom Miguel de Menezes, Marquez de Villa Real, etc. Em Lisboa com todas as licenças necessarias. Por Antonio Alvares. 1630. (In 4.º pequeno.)*

Segue um Soneto ao justicado da Conspiração de 1641.

OS AMORES DE MACHIM E ANNA DE HARFET

Imperando na Selva Calydonia
Eduardo Terceiro, Rey famoso
A quem a Gallia, como a gente Ausonia
Corôa e scepto deu, por bellicoso,
O que a rara grandeza Macedonia
Imitou de Alexandre poderoso,
E a cujo valor, brio e potencia
Rendeu com feudo Escossia obediencia.

Florecia em beldade peregrina,
Em sua côrte então por celebrada,
Uma formosa e nobre Proserpina,
Em nome proprio Anna de Harfet chamada,
De mil louvores por belleza digna
Por de heroica prosapia venerada,
Honestas, sabias e ricas na pureza,
Esmaltes finos da maior nobreza.

Com negros olhos graves e resguados,
Faces de pura neve e fresca rosa,
Os dous pequenos labios encarnados,
Que a bocca faziam mais formosa,
As sobrancêlhas arcos delicados,
Garganta e testa, cada qual lustrosa,
Barba e nariz perfeitos e excellentes,
Aljôfres brancos por pequenos dentes.

Havendo na puericia demonstrado
Com prudencia constante fortaleza,
Na gravidade, engenho delicado,
E no galhardo brio alta firmeza,
Em o olhar gracioso e socegado
(Ferida de que mais amor se presa.)
Attractiva occasião, para que olhada.
A tivesse mayor de ser amada.

Teve na Côrte varios pretendentes,
Que a seu querer renderam liberdades,
Umás secretas, outras apparentes,
Que são varias de amor as qualidades.
Como á Pandora, graças e accidentes
Lhe offerciam de amantes mil vontades,
Mas só Machim, de todos escolhido
Foi pera ser da dama mais querido.

Era Machim mancebo a quem cubria
Ao labio levando subtil ouro,
Olhos verdes, com quem amor feria
De estremado cabelo, crêspo e louro ;
A bocca grande Tyro lhe vertia,
E n'ella amor fazia seu thesouro,
Airoso em corpo, grave em estatura,
Suave em falla, e bello em compostura.

Em a Côrte o logar tinha presado
Que merece um fidalgo cavalleiro,
Por cortezão de todos estimado,
E em os jogos de Marte por primeiro.
Humilde não, nem fero ou regalado,
Mas de animo perfeito em tudo inteiro,
Alegre, livre, affabil, generoso,
A pé bizarro e a cavallo airoso.

Amor, que offerta livre é da vontade
Desterro do temor que opprime o peito,
Pêrda certa da propria liberdade
E quem n'ella descobre o mór effeito,
Vinculo que só junta com verdade
Os corações, que illustram seu sujeito,
Valor que quando mostra segurança,
O não obrigam males á mudança.

De Machim a vontade recebendo,
O temor desterrou do bem que amava,
Pois que a liberdade foi perdendo,
O effeito lhe mostrou no que ganhava ;
E de tal sorte aqui se viu crescendo,
Que quanto mais os corações atava,
Para os males que o tempo dar podia,
Sempre maior firmeza offercia.

.....

Assim Machim que o palio foi seguindo
D'esta Ipodamia, sol da formosura,
Ou no curso de Atlanta em que vencendo
A tantos foi com graças e ventura,
Entre todos ficou só merecendo
Da gloria singular, palma segura,
Por meritos tão justos alcançado
Que dos mesmos depois foi celebrada.

.....

E postoque o amor quando secreto
Em o gosto maior amor se chama,
Se quem o busca amando, por decreto
Sabe a honra guardar, do bem que ama ;
Machim, que em observar este decreto
Foi nos Nove de Amor o de mais fama,
Não por isso deixou como estimado
De arriscar este bem por invejado.

.....

Amava Anna de Harfet com força viva
A seu Machim, de tantos invejado,
Com virtude de amor tam unitiva,
Que um no outro vivia transformado ;
Pela vista ordinaria, que o não priva
Crescia mais de amor, o ultimo estado,
Porque sempre na vista desejada,
Se sustentou melhor da cousa amada.

.....

Isto se viu no amoroso trato
Que Manchim teve na correspondencia,
Pois descoberto foi do tempo ingrato,
Sem merecer gosar sua assistencia,
Que os paes de Anna de Harfet, em o boato
Do vulgo só fazendo experiencia,
A certeza do amor e trato acharam,
E dividir-lhe os corpos procuraram.

Como é delicto amor, lhe é concedido
Por ausencia gosar de apartamento,
Sem que o trato lhe seja permitido,
Para abraçar melhor o esquecimento ;
Aos dois amantes este ha devidido,
Porque moura Machim com mais tormento,
Que em processo de ausencia duro e forte,
Sempre ha sentença com rigor de morte.

A Bristol finalmente Anna levada,
 Foi com rogo materno persuadida,
 Que melhor se lograsse bem cazada
 Que sem gosto do pae, tam mal querida ;
 Ella, que sem Machim estima em nada
 Tudo quanto lhe offerece o bem da vida,
 Só disse, que n'um peito generoso
 Assentaria mal forçado esposo.

Porém o pae baseando na potencia
 Do real scetro, favor alto e subido,
 Igual esposo achou, á descendencia
 Do tronco d'onde fica produzido.
 Com elle no rigor da larga ausencia,
 Pretendeu que Machim fôsse excluido,
 Porque as paixões de amor cessassem, quando
 Honra, as da honra estavam demandando.

.....

Assim a bella Harfet, que combatida
 De seus parentes, e de amor estava,
 Em tormento em que quasi vê vencida
 A esperança maior que a sustentava,
 Duvidosa de achar o bem da vida,
 Se contrarios intentos intentava,
 Os novos pensamentos de si lança
 Salvando de Machim só a esperança.

Com ella mais de amor novo obrigada
 Lhe pediu que em secreto a visitasse,
 Antes de perseguida e maltratada
 Em contrario poder se sepultasse ;
 Que postoque está firme e desculpada
 Do mal, que em seu damno Iuno ordenasse,
 Teme, como quem ama, vêr perdida
 A vida, por quem só sustente a vida.

Quando Machim famoso, que de Marte
 Então seguia o amoroso intento,
 Apercebido, e posto de tal arte
 Qual se devia a tal atrevimento ;
 Entra a buscar a gloria que reparte
 Gloria a seu bem, e bem ao pensamento,
 Que já por esperar, no amor mostrava,
 Ser Nero, do Leandro que aguardava.

.....

As primeiras razões foram suspiros,
 Com que os amantes dois se saudaram,
 Em tal principio rigorosos tiros
 Que os corações amando alli provaram,
 De soluços e penas, varios giros,
 O colloquio primeiro dilataram,
 Té que Machim não vendo n'elles pausa,
 Assim de tanto mal procura a causa.

— Mil vezes, doce amor e vida minha,
 Machim querido, centro e luz d'esta alma,
 Por resistir de um mal que n'ella tinha
 O pezo, fui na força como a palma ;
 Mas na dor, conhecendo que detinha
 Pensa maior que o bem, me punha em calma,
 Intentei publicar-t'a por ser certa,
 Que a dôr causa mais dôr quando encuberta,

Sabe, que d'este amor que brandamente
 Com a imaginação se foi criando,
 A causa sendo á vida indifficiente,
 Que por minutos se ia acrescentando,
 Por contrario ao meu bem, vario accidente,
 De sorte o foi na fama dilatando,
 Que quando estar cuidei mais escondido,
 Foi de meus paes por publico sabido.

.....

Intentaram pois d'elle divertir-me
 Tanto a outro hymeneo querer honrár-me,
 Que da força chegada persuadir-me,
 Pode, que era melhor precipitar-me;
 Mas, como amor merece mais por firme
 Com mais gloria cheguei a resolver-me
 De a vida antes perder, que sem ti vêr-me.

Bem vejo que o paterno amor vencido
 O castigo me offerece por ingrata,
 Pois qual o humor na planta conhecido
 E' o amor, que a seu querer me ata ;
 Mas tambem sei, que humor não reduzido
 De tornar á raiz mui pouco trata
 Pois só ao fructo leva o justo intento,
 Que tal deve de ser meu pensamento.

.....

Mal poderei deixar-te, amor querido,
 Pois eras quem...» E n'isto soluçando,
 O mais no coração que tem ferido,
 Vae com brandos suspiros dilatando.
 Machim, nos bellos olhos suspendido,
 Vendo que estão aljofres destilando
 Do extasi amoroso recordado
 Assim responde ao bem do seu cuidado:

— Deixa, querido bem, de lamentar-te
 Nem querer com mais choros affligir-te,
 Pois, sabes que nasci só para amar te,
 E com eterno amor saber servir-te.
 Agora, tens mais causas de alegrar-te,
 E de paixões e penas divertir-te,
 Pois podes d'este jugo livre vêr-te,
 E mais ño de hymeneo engrandecer-te.

.....

Se com amor a tua se conforma,
 E queres dar á minha gloria augmento,
 Pois vês que o meu, do seu querer te infôrma
 E unidos faz de dois em pensamento,
 Os receios, meu bem, que tens reforma,
 Que com audaz e livre atrevimento,
 Se tens olhos me derem confiança,
 Seguro verei comtigo em França.

Que pelo pregão publico da guerra,
 Não nos pode faltar real seguro,
 A fuga confessando de Inglaterra,
 E ser a causa amor funesto e puro ;
 Se esta vida da patria nos desterra,
 Tantos gostos na Gallia te asseguro,
 Na paz de um hymeneu, que outra memoria
 Será nada, respeito de tal gloria.

.....

Perantes e aggravados esforçados
 Tenho, que n'esta empreza aventureiros
 Com atrevidos animos ousados
 Serão, qual devem, nossos companheiros.
 Navios, ha no porto mil fretados,
 Que obrigando de algum os marinheiros,
 Ao que cahir a sorte venturosa,
 Farei Touro de Europa tão fermosa.

No primeiro será celebre dia
 Em que a divina igreja, mãe sagrada,
 Do trabalho suspende, como pia
 A occasião, de tantos desejada ;
 Dentro n'ella com minha companhia
 O repente darei, com mão armada,
 E desfraldando o tréu, navegaremos
 A porto onde seguro descancemos.

Disse Machim e Anna, que só sente
 De a liberdade amada vêr perdida,
 Lhe torna : — Antes que algum rigor me absente,
 Dispõe, meu bem, qual deves, na partida,
 Que contigo viver na Lybia ardente,
 Para mim só será perfeita vida,
 Mas em que amor não falte a seu descargo
 Em o prazo vae muito breve ou largo.

Advertidos assim se despediram,
 E alegres a partida prepararam.
 Que os amados que se viram
 A' fuga com mais gloria se animaram ;
 E se pena estes dois então sentiram
 Foi só emquanto a causa dilataram ;
 Se largas esperanças penas deram,
 O que em ser possessão detiveram.

Emquanto poucos dias dias vão passando
 Que se julgam por muitos esperados,
 Suas jois a dama vae juntando
 E os vestidos que tem mais estimados ;
 Um precioso Joiel dos mais presados,
 Entre elles com mil gostos occultando
 A cuja vista real e alta assistencia
 Rendem mar, terra e céos obediencia.

.....

Quando já pela mão com seus amores
 Machim, e de parentes rodeado,
 No campa deixa inveja ás frescas flôres
 E ao mar dá persunção no que ha ganhado.
 Alegre, em um navio dos melhores
 Entra, sem de ninguem ser reprovado,
 E com força guiando o proprio intento
 As velas faz largar ao frêsko vento.

.....

Assim aquelle dia navegaram,
 Mas, tanto que dos montes foi cahindo
 A sombra, e que as estrellas divisaram
 A noctivaga luz, ir descobrindo,
 Os da não a conselho se juntaram.
 Temendo que do porto os vem seguindo.
 Que talvez o temor só tira a trave,
 Com que aos olhos cerrou a culpa grave.

Resolveram-se emfim com confiança,
 Por o peloto em terra haver deixado,
 Que por terem mais certo a sigurança
 Fôsse todo o Canal atravessado,
 E nos ultimos fins da nobre França,
 Seguro porto fôsse entam baseado,
 Que o risco temor causa na aventura
 Da cousa amada emquanto não segura.

.....

Ia Machim alegre navegando
 Posto que mareados seus amores,
 A quem com varios mimos regalando
 Amor lisongeava com louvores.
 Phebo nas ondas já com o carro entrando
 Adormia no campo as frescas flores,
 E Cynthia com seus cornos levantados,
 Longe fazia os mares prateados.

.....

Quando desenfreados e violentos
 Da cova saém, em furia revestidos
 Os mais que irados e queixosos ventos,
 De poucos na soberba conhecidos.
 Tremeram ao sahir os elementos
 Que d'elles sempre em tudo sae temidos,
 E do centro do triste lago Averno
 A negra areia rociou o inferno.

Pelo Canal investem furiosos
 E de Machim a não accomettendo,
 Com repentino assalto impetuosos
 A querem em um instante ir desfazendo ;
 Mas sem piloto os nautas animosos,
 O seu rigor primeiro conhecendo,
 Por as velas de presto ir amainando,
 A's ostagas accodem vozes dando.

.....

Com isto, e com se pôr dobrado intento
No governo do leme necessario,
Por que se cerra á discricção do vento
Ao Orião tomando temerario,
Machim, que só lhe afflige o pensamento
Vêr seu amor com vento tão contrario,
Accode a Anna, que a acha trespassada,
Com o Joiel Christifero abraçada.

Mas depois de alguns dias engolfados
A' descrição do vento que os levava
Duvidosos, por ver-se derrotados
E que o piloto Amor cego os guiava,
Vista houveram de montes levantados
A quem o mar em torno cerca e lava,
E de uma parte á outra, onde surgiram,
Uma enseada alegres descobriram.

Alvoraçada com a vista a gente,
Alegres a tenaz ancora lançava,
Que antes de dar ao fundo o curvo dente
D'elle ferido o mar, na náó saltava ;
Lança o batel tambem que diligente
Saber que terra era desejava,
Que faz ser sua propria natureza
Mais d'ella o trato e vista estima e préza.

Coberta esta se via de arvoredos
A' vista espêso e alto em demasia,
Cercado pelo mar, de alto rochedo,
Com que inculta e ser nova parecia,
Metidos no batel em que, com medo
Viram que uma ribeira clara e fria
Entre arvores e rochas despenhada
Dava tributo ao mar pela enseada.

Viram que dois formosos e altos montes
A ribeira causavam deleitosa,
Cobrindo o arvoredos os horisontes,
Que cria alli a terra por viçosa ;
Que forma a lympha em pedra varias fontes,
Na terra a grama estancia graciosa,
E que as arvores temem com aviso
De em si vêr a filaucia de Narciso,

Alli da parte d'onde nasce o dia,
 Em uma rocha e caes, que propriamente
 A natureza fabricado havia,
 Sahiu á terra a Calydonia gente ;
 Cobiçosa da caça, a discorria
 Sem encontrar nem vêr cousa vivente,
 Mais que diversas aves modulando
 Louvores mil, que a Deus estavam dando.

Aqui Machim com Anna em doce gloria
 Esquecia do mar a dura guerra,
 A seus amores dando larga historia
 Na praia, na ribeira, valle e serra.
 Os companheiros com maior memoria
 Da terra para a não, da não á terra
 Iam e vinham alegres, e augmentavam
 As glorias que na terra os dois gosavam.

.....

A noite escura, negra e temerosa
 De quem Delia com medo se escondia,
 Se mostrou com o vento tão furiosa
 Que com a não pairar-se não podia,
 E com a tempestade rigorosa
 No cativeiro deu de Berberia,
 D'onde os Anglos que os Affros n'ella acharam
 De Atlante ao grande reino os trespassaram.

.....

Perdeu tambem Harfet supitamente,
 Com grave dor do sobresalto a falla ;
 Que um temor alterando de repente
 A vida com a morte em breve eguala.
 Machim em tantas penas tristemente
 Se esforçou quanto pôde em animal-a,
 Mas pôde muito mal ser suspendida
 Em a fuga ligeira a breve vida.

Assim, sem mais obsequias sepultada
 Foi em tumulto breve a bella Ingleza,
 Coberto em tosca pedra e só lavrado
 Do lavor que lhe deu a natureza ;
 E de gotbica letra bem formada
 Um epitaphio heroico, cuja alteza
 Abrevia este caso sem segundo
 Na lingua que terceira chama o mundo.

.....

Mas com a cousa amada por perdida
Causou no sentimento a dôr mais forte,
E com pena a memoria mais crescida
Sempre se viu em as que leva a morte ;
Machim, que por faltar-lhe o bem da vida.
Via n'estas tristezas sua sorte,
Querendo com a vida mallograda
Pyramo ser de Tysbe tam amada.

Chamando os companheiros, que a ventura
Em tanto mal leaes sempre lhe dera,
Como quem já da vida mal segura
Esperança melhor seu prémio espera,
Pondo os olhos na breve sepultura
Em que seu mal da vida o bem puzara,
Assim os foi a todos advertindo.
Seus contrarios intentos encobrinde.

O batel que o rigor do tempo irado
Em terra vos deixou, e a sorte impia,
Convem que logo seja repairado
E que busque do mar a incerta via.
O mantimento de aves aprestado
Será por todos, hoje n'este dia,
Em quanto eu de meu bem só me despido
E em orações lhe dou amor devido.

.....

Depois que os companheiros prepararam
O sustento das aves, e o não viram,
Tambem pela espessura se embrenharam
E de seu mal o damno presentiram;
Em cuja busca cinco sóes passaram,
Depois dos quaes já morto o descobriram,
Diante de uma cruz agiolhado,
Com o que perdão pede do peccado.

Finalmente Machim na ultima sorte
A os seus mereceu por despedida,
Juntarem os dois corpos em a morte,
Que fôram tão queridos em a vida,
Traz da qual, por a tanto mal dar córte
Da nova terra a gente despedida,
Buscando de salvar-se novo intento,
Torna a provar o humido elemento.

No pequeno batel não teme a guerra
 Que lhe pede Neptuno dar triumphante,
 Antes n'ella atrevida chega á Terra,
 Em que foi convertido o grande Atlante ;
 Mas esta escassamento a gente afferra
 Quando de Agar os netos vi diante
 De quem na liberdade condemnados
 A Marrocos depois foram levados.

(Entre os varios christãos que ao jugo duro
 Se vieram dos impios Mauritanos,
 Co' mar a seus intentos mal seguro,
 Foram uns derrotados Anglicanos ;
 De quem com limpo trato e amor puro,
 Mais devido a christãos entre os tirannos,
 Em Marrocos achei pois cousa certa
 Que uma Ilha deixavam descoberta.

Não dista da paragem d'onde estamos
 Largas navegações que receiemos,
 Que se no mar Atlantico a buscamos
 Não duvido que d'ella o porto achemos.
 Quando por bem das Patrias emprehendamos
 Emprezas taes, mais gloria merecemos,
 Que por ella (no risco) a confiança
 Mais gloria mais valor, mais nome alcança. (Est. 110 e
 112.)

Assim o Piloto experto a seu discurso
 Alegre fim ditosamente dava,
 E o coração do Céu, do dia o curso
 Com clara luz no occaso sepultava ;
 E porque a negra noite ao concurso
 Dos astros já no Céu claro mostrava,
 Do sabio Capitão foi estimado
 E com amor e mimos regalado.

*

Se guardada de Deus, por maravilha
 Alguma Terra ou Ilha ali deserta
 Dos Anglos será esta a fresca Ilha
 De arvoredos altissima coberta,
 A cuja densidade mais se humilha
 Névoa que sempre n'ella é cousa certa ;
 Se a fazeis na altura d'onde estamos,
 Esta é sem falta a terra que buscamos. (Liv. II, nat. 62.)

(Manuel Thomaz, *Insulana*. Livro II.) Ed. 1635.

PARTE III

LENDAS, PATRANHAS E FABULAS



A LENDA DA TERRA

No principio do mundo, quando o homem cavava a terra, a terra abria bôccas e gritava. O homem queixou-se ao Senhor, e o Senhor disse então á terra: — Cala-te, que tudo criarás e tudo comerás.

(Guarda, Mondim da Beira, etc.)

LENDA DOS RIOS

Ha dois rios ao pé de Mirandella, chamados Tudella e Robaçal. No tempo em que os rios fallavam, dizia e rio Tudella:

Arreda, arreda,
Rio Tudella;
Se não quizeres arredar
Ahi vem o Robaçal
Que elle te fará arredar.

Porque o rio Robaçal leva mais agua do que o Tudella.

(Torre de D. Chama.)

LENDA DO MILHO E DO CENTEIO

Quando se acaba de gastar o milho, começa a colheita do centeio barroso, que se semeia em fevereiro e só se malha em julho. De uma vez o milho disse-lhe, chasqueando-o d'esta sua demora :

— Gandarella, gandarella,
Que andas seis mezes na terra !

Respondeu-lhe o centeio :

«Cala-te lá, meu reboludo,
Quando te acabas sou eu que acudo.

(Airão.)

Variante:

Disse o Trigo para o Centeio :

Cala-te lá, Centeio, centeiaço ;
Que tu não fazes as funções que eu faço.

Retrucou o Centeio para o Trigo :

Cala-te lá, Trigo aspadanudo,
Que não acodes ao que eu acudo.

Diz d'ali a Aveia :

Eu sou a Aveia,
Negra e feia ;
Mas quem me tem em casa
Não se deita sem ceia.

(Villa Nova de Gaya.—Leite de Vasconcellos, *Trad.*, p. 124.)

TEJO, DOURO E GUADIANA

Havia tres rios irmãos, o Tejo, o Guadiana e o Douro, que combinaram deitar-se a dormir, dizendo que o que primeiro acordasse partisse para o mar. O Guadiana foi o primeiro que acordou; escolheu lindos sitios e partiu de seu vagar. O Tejo acordou depois, e como queria chegar primeiro ao mar, largou mais depressa, e já as suas magens não são tão bellas como as d'aquelle. O Douro foi o ultimo que acordou, por isso rompeu por montes e valles, sem se importar com a escôlha, e eis porque as suas margens são tristes e pedregosas.

(Mondim da Beira, Famalicão, Porto.)

LENDA DA LUA E DA AGUA

Quando Deus foi fazer o Inferno, deixou Luz-Vella (*Lusbel=Lucifer*) na cadeira d'elle; quando veio não lhe quiz Luz-Vella restituir a cadeira, allegando que o Senhor lh'a tinha dado.

Dizia o Senhor:

— A cadeira é minha; emprestei t'a, não t'a dei.

Luz-Vella ateimava muito e poz uma demanda com o Senhor. O Senhor apresentou a Lua, a Agua e o Sol como testemunhas de que tinha emprestado e não dado a cadeira. A Lua e a Agua juraram falso; o Sol jurou a verdade, dizendo ao Senhor:

— O que é dado, é dado; o que é vendido é vendido; o que é emprestado, é emprestado. Portanto, a cadeira é vossa.

Deus então castigou a Lua (que era tão linda como o Sol) tirando-lhe os raios para os dar ao Sol; castigou a Agua, obrigando-a a correr sempre, sem nunca estar quêda.

(Famalicão.)

A LENDA DAS ADUELLAS E DOS ARCOS DA PIPA

Diziam as aduellas da pipa: — Muito fortes sômos nós, que sustemos o vinho.

Responderam os arcos: — Mais fortes sômos nós, que em todas vós temos mão.

N'isto começa a fallar o vime, que liava os arcos de loureiro:

Mas se eu tiro a minha mão,
Vae-se o vinho pelo chão.

(Airão.)

A LENDA DAS MANCHAS DA LUA

Uma vez andava um homem a trabalhar ao domingo apanhando silvas. Apareceu Deus e disse-lhe:

— Então, andas a trabalhar ao domingo?

— Senhor, aqui ninguem me vê n'este canto.

— Pois deixa estar, que toda a gente te ha-de vêr.

Depois Deus collocou na Lua o homem com o mólho de silvas ás costas. É' elle que, andando lá, produz as manchas.

(Freixo, Carrazeda de Anciães, etc.—L. de Vasconcellos, Vanguarda n.º 34.)

OUTRA

A Lua era mais linda que o Sol. O Sol queria casar com ella, mas a Lua não lhe dava cavaco. Elle então despeitado atirou-lhe á face com cinza, e ella a elle com agulhas de costura.

A Lua ficou sem brilho, e o Sol cheio de raios. Ainda nos eclipses é o Sol que batalha com a Lua.

(Porto, Vimieiro, Leça de Balio, Famação, Carrazeda, Torre de D. Chama.—Ibidem.)

LENDAS DE FEVEREIRO

Uma vez o Fevereiro pediu a Março uma tigela de papas; disse o Março:

—Só se tu me emprestares tres dias.

Fevereiro cahiu n'essa, e d'ahi em diante ficou com vinte oito dias e o Março com trinta e um.

Dizia a velha dos bezerrinhos:

—Vae-te, meu Fevereiro curto,
Que cá ficam os meus bezerrinhos
Todos oito.

Diz agora elle:

«Ora, cala-te tu,
Que ahi vem meu irmão Março,
Que dos oito ficarão quatro.

(Foz.)

Fevereiro,
Eganou a mãe
Ao soalheiro.

(Adagio do P.^e Delicado.)

LENDA DE SALOMAO

O rei Salomão era tão esperto, que mesmo de cima de uma palheira sabia vêr tudo o que ha por esses céos além. Vae de uma vez a mãe tirou-lhe a palheira debaixo dos pés, quando elle estava a vêr as estrellas, e elle parou a fallar comsigo:

—Temos case! Ou o céu se arredou, ou a terra se afundou.

(Açôrcs)

LENDA DO CHORAO

O chorão protestou com Deus que havia de chegar ao céu. O Senhor disse-lhe, que nunca lá havia de chegar, porque quanto mais crescesse mais havia de virar para o chão.

(Famalicão.)

LENDA DA LENHA

Quando se queimava a lenha, gritava; foi por isso que o Senhor lhe tirou a falla para não commover a gente.

LENDA DA OVELHA

No principio do mundo, a ovelha fallava. Ella estava preza, mas queria que lhe abrissem a porta, porque tinha chegado Março e já havia que comer; e disse então:

No Março, onde quer eu passo;
No Abril, abre a porta e deixa-me ir;
Em Malo, onde quer eu caio.

LENDA DO CÃO

O cão pediu ao lobo para o ensinar a uivar. E o lobo pediu-lhe que o ensinasse a farejar. O lobo ensinou-o a uivar, mas quando quiz que o ensinasse a farejar, o cão disse:

Se te eu ensinasse a farejar,
À cama me irias matar.

(Guarda.)

LENDA DA SERPENTE, DO SAPO E DO SARDÃO

No principio fallavam a serpente, o sardão, o sapo, etc. Deus perguntou-lhes, se queriam ter pernas e

não fallar. A serpente disse que não queria ter pernas, mas ferrar. O Sardão disse que queria ter pernas e não ferrar mas ser avêssô ás mulheres. O sapo disse que não queria ter pernas, nem ferrar, mas ter o corpo feio e os olhos bonitos.

(*Leça do Balio*.)

LENDA DA CORUJA

Havia um passaro sem pennas, chamado o pito-nú. A coruja ficou por fiadora para que todas as outras aves emprestassem ao pito-nú pennas para elle se vestir. Mas o pito-nú, assim que se agarrou vestido, fugiu. A coruja nunca apparece de dia com medo de que as outras aves a piquem, pelo facto de ella não poder restituir as pennas do pito-nú.

(*Do pé da Guarda*.)

LENDA DO SAPO

O sapo sustenta-se de terra que come, mas come mui pouquinho de cada vez com medo que ella se acabe.

(*Airão—Minho*.)

PORQUE OS CÃES SE CHEIRAM

Os cães deram uma vez um banquete entre si; como faltasse a pimenta offereceu-se um d'elles para ir de uma carreira á cidade buscal-a. Os outros cães esperaram que esperaram e o mensageiro não apparecia; por fim resolvem ir cada um á sua procura, e d'aqui resultou que quando algum cão se encontra com outro sempre se cheiram para saberem se é o que foi buscar a pimenta.

(*Braga e Ilha de S. Miguel*.)

OS TORDOS E ÁS ANDORINHAS

«... faltam aqui os tórdos, os quaes por San Miguel vem a Portugal, e então se vão de ella as andorinhas não se sabe para onde, pois não se vêem na Africa; parece que irão para algumas ilhas, ou terras, que estarão por descobrirem, e costumam dizer, que encontrando no caminho as andorinhas lhe dizem:

—D'onde vindes, loucos,
Que fostes muitos e vindes poucos?

Porque os caçaram lá onde elles fôram, por serem bons para comer; e que as andorinhas, não são, e por isso as não matam; e os tórdos respondem:

D'onde vindes, utas,
Que fostes poucas e vindes muitas?

Porque eram já filhos, que cá em Portugal crearam no verão.»

Gaspar Fructuoso, *Saudades da Terra*, cap. 55. (*Arch dos Açôres*, vol. XII, p. 156.).

LENDA DAS ANDORINHAS E DOS TARALHÕES

Dizem os taralhões:

—D'onde vindes, andorinhas,
Que fostes poucas e muitas vindes?

Replicam ellas:

—D'onde vindes, taralhões loucos,
Que fostes muitos, e vindes poucos?

CONTO DA CODORNIZ

(VOZES DE ANIMAES)

A codorniz passando um dia por certo sitio, viu o sapo á porta do seu covil, e como elle só tivesse visível a cabeça, a codorniz encantou-se dos olhos d'elle e pediu-lhe que saísse cá fóra; o sapo obedeceu, mas

a codorniz atterrou-se tanto com a figura d'elle que se retirou, brandando: *Tem-te, lá! Tem-te, lá!* D'aqui acredita-se que veiu a fórma do seu canto.

(*Paços de Ferreira.*)

ONOMATOPÊAS

Canta o gallo:

—Quem virá lá?

Outro gallo:

—Um cavalheiro.

A gallinha:

—Jantará cá?

O frango:

—Triste de mim.

O franganito:

—Tripas ao sol.

(*Airão.*)

O CUCO E A POUPA

A poupa foi uma vez chamar o cuco para a ajudar a fazer certo trabalho; disse o cuco:

Eu, se estiver suão,
Vou-te dar uma demão;
E se estiver nevoeiro
Quero ir para o meu cuqueiro.

LENDAS DOS ANIMAES

Quando os animaes fallavam, a *pulga* disse:

Que a matassem,
Mas que a não estorcegassem.

(*Oliveira de Azeitões—Leite de Vasconcellos, Tradições, p. 139.*)

A *gallinha*, referindo-se ao milho, disse :
—Que muito se medisse, e nenhum se vendesse.

(*Penafiel*—*Ib.*, p. 154).

O *burro* disse :

Que tanto nevasse,
Que até as ventas se lhe arreganhasse.

(*Carregosa do Douro*, *Ib.*, 176.)

O *boi* disse :

Que tanto chovesse,
Que até os córnos lhe amollescesse.

(*Penafiel*—*Ib.* 177.)

A *cabra* disse :

Que tanto sol raiasse,
Que até as pedras rachasse.

(*Ib.* p. 180.I)

Disse a *ovelha* :

Que tanto ventasse,
Que até a lã lhe voasse.

(*Penafiel, Gaia*—*Ib.*, p. 182.

VOZ DO CORVO

Uma vez andavam uns pedreiros no monte a arrigar umpenedo, o que muito lhes custava; passou um côrvo por cima e disse.

—Scaba, scaba, scaba (*exceava*).

D'aqui lhe veiu a sua feia voz.

(*Paços de Ferreira*—*Ib.*, p. 158.)

LENDA DO SAPO E DA TOUPEIRA

O sapo em outro tempo tinha rabo, e a toupeira tinha olhos. Depois fizeram uma troca entre si; a toupeira ficou cega mas em paga com cauda, e o sapo desrabado ficou com uns olhos lindos.

(*Chaves*.—Ap. Leite de Vasconcellos.)

A PROVA DOS LOBOS

Uma vez uns lobos tinham enterrado um carneiro para o comerem em certo dia; mas um d'elles foi ás escondidas e comeu-o sósinho; os outros, quando viram que o carneiro tinha desapparecido, disseram que haviam de saltar todos por cima de um carro com estadulhos, que o criminoso ficaria espetado nos estadulhos. Saltaram, e o criminoso ficou effectivamente espetado nos páos.

(*Mondim da Beira*.—Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 187.)

O GORAZ

O goraz tem duas malhas, uma de cada lado da cabeça; é o signal dos dedos de San Pedro, quando um dia que andava pescando apanhou este peixe.

(Pedrozo, *Varia*, n.º 446.—Leite de Vasconcellos, *Trad.*, 188.)

O GRITO DO CÃO

Abel tinha um cão, que estimava muito; quando Caim matou Abel, e o cão foi pelo mundo fóra a dizer:

— Caim, Caim!

D'aqui o grito do cão, quando lhe batem.

(*Maфра*.—L. Vasc., ib., 197.)

AS ORELHAS DO BURRO

Quando Deus criou os animaes, deu o nome a todos; d'ahi a dias veiu verificar se elles se lembravam ainda dos seus nomes. Todos se lembravam, menos o burro; Deus então puchou-lhe muito as orelhas, e disse-lhe:

— Burro, burro! sempre hasde ser burro!

(*Maфра.*)

A CREAÇÃO DA MULHER

Quando Deus quiz formar Eva, tirou uma costella de Adão, mas veiu um cão (*raposa, gato, etc.*) e levou a costella, Deus correu atraz d'elle, e agarrando-he pela cauda fez d'ella a mulher, dizendo:

Tanto vale fazer Eva
De uma costella de Adão.
Como de um rabo de cão.

(Ap. Leite e vascoucellos, *Vanguarda*,
n.º 39.)

A OBRA DE S. PEDRO

Andava uma mulher a bulhar com o Diabo. Deus mandou San Pedro apartal-os. O santo foi, cortou a cabeça a ambos, e voltou, O Senhor perguntou-lhe:

— Oh Pedro, tu que fizeste?

— Não se queriam accomodar, e eu pegei e cor-tei-lhes as cabeças.

— Eu não te mandei fazer isso. Torna lá.

San Pedro foi, mas ao collocar as cabeças nos troncos, enganou-se e collocou na mulher a cabeça do Diabo, e n'este a da mulher.

(*Ibidem.*)

O CANTO DO GALLO

Quando os Apostolos estavam á meza, affirmaram elles que Christo não era Deus; e Christo respondeu:

—Que tanto era Deus como o gallo fallar.

Foi então que o gallo disse: *Corôado!*

E ainda hoje é a sua linguagem.

(Penafiel.)

LENDA DA CODORNIZ

Quando a Virgem ía de Belem para Nazareth, a codorniz levantou o vô e fez bulha; a Senhora amaldiçoou-a para que não podesse pousar em arvore nenhuma.

(Cabo Verde.)

OUTRA

Indo Nossa Senhora a fugir para o Egypto com o seu filho, a codorniz levando o vô dianteiro, gritava: *Cá vae!* A Senhora vendo que ella a denunciava, condemnou-a a andar rasteira, sem erguer vô nem sorrir para o sol.

(Açores.)

LENDA DA ARVELINHA

Quando ía de fugida para o Egypto a Virgem com o Menino, a arvelinha ía atraz apagando as pegadas com o rabinho. Então Nossa Senhora abençoou-a, dando-lhe o poder de matar o milhafre mettendo-se debaixo das azas.

(Açores.)

O BALIDO DA OVELHA

Quando a Virgem ía para o Egypto, andava a ovelha na monte a berrar: *Belem! Belem!* A Virgem não queria que ella berrasse para não se saber que ella ía ali, e a ovelha continuava sempre a dizer aquillo. A Virgem Maria amaldiçoou então a ovelha, ficando esta condemnada a sempre berrar.

(*Famalicão.*)

NOSSA SENHORA E A SOLHA

Estando Nossa Senhora á beira do rio, viu uma sôlha e perguntou-lhe:

— Oh sôlha! a maré enche on vasa?

A solha pôz a bocca á banda, e repetiu com esse carneo:

— Oh! sôlha a maré enche ou vasa?

Nossa Senhora disse:

— Assim fiques sempre com a bocca á banda.

(*Foz e Porto.*—Ap. *Positivismo*, t. IV, p. 225.)

A ROMARIA DA ABBADIA

Deus mandou a Senhora para o deserto, e ella não queria ir. Deus disse-lhe então:

— Vae, Maria. Todas as romarias se hão de renovar e acabar, e a tua hade ficar.

(*Famalicão.*)

LENDA DAS GIESTAS

Quando Christo veiu ao mundo, foi procurado pelos Judens para o matarem, e como estes o vissem entrar para uma casa, collocaram-lhe á porta um ramo de giesta, afim de no dia seguinte o prenderem.

N'esse dia, porém todas as casas da povoação appareceram marcadas e os judeus não puderam dar com elle.

(*Vanguarda*, n.º 20.)

LENDA DO MANTO DE NOSSA SENHORA

Estava Nossa Senhora em sua casa, quando lhe vieram dizer :

— Vinde vêr o vosso amado Filho, que vem pela rua da Amargura com a cruz ás costas.

Nossa Senhora arranjou-se á pressa e disse para Santa Izabel :

— Prima, dá-me d'ali d'aquella arca o meu manto.

Santa Izabel foi e perguntou :

— Qual quereis, o manto rôxo ou o mante encarnado ?

Responde-lhe a Senhora :

— Oh bêbada ! Eu estou cá agora para mantos encarnados !

(Porto.)

LENDA DOS TREMOÇOS

A Virgem passava por um campo de tremôços. Como elles rugiram, e a virgem não querendo que elles fizessem bārulho, disse-lhes :

— Amaldiçoados sejaes vós ! Quem vos comer nunca se satisfará.

(*Famalicão*. — *Vanguarda*, n.º 50.)

LENDA DE NOSSA SENHORA

A Virgem passava por um campo de trigo e perguntou aos lavradores :

— Que semeaes ?

— Semeamos pedras.

— Pedras vos nasçam ! D'aqui a trez dias vinde quebrar os penêdos.

E continuou a andar. Logo ao outro dia o campo appareceu coberto de penêdos

Chegou a outro campo, onde andava outra sementeira. Perguntou:

— Que semaes ?

— Trigo.

— Trigo vos nasça. D'aqui a tres dias vinde segal-o.

D'ali a trez dias vieram os Judeus e perguntaram aos lavradores :

— Vistes aqui passar uma mulher com um menino, montada n'uma jumentinha ?

— Vimos. Andavamos nós a semear este trigo.

— Ah ! isso então já foi ha muito. Podemos ir embora.

Assim escapou a Virgem.

(*Id. ibd.*)

A SUBMERSÃO DAS CIDADES

Na ilha de S. Miguel existe uma lagôa das Sete Cidades. A tradição da submersão de cidades em lagos é frequente na península hispanica, explicande-se pela seguinte forma :

Nossa Senhora foi á Cidade de Valvêrde vestida de pobre pedir esmola ; como a trataram com crueza, Valvêrde afundou-se na lagôa do Carregal.

(*Galliza.*)

ORIGEM DO NOME DE LISBOA

Diz La Martinière, no seu Diccionario Geographico :
 «A tradição afirma que Ulysses, depois da destruição de Troya, viera a estes districtos e que lançara os primeiros fundamentos de Lisboa, que se ficou chamando *Ulyssipone*, ou *Ulyssipo* ou mesmo

Olyssipo: mas pôde ser que a parecença dos nomes occasionasse esta opinião. Com effeito além de ser difficil provar que Ulysses saíra do Mediterraneo, o verdadeiro nome da cidade não era nenhum d'aquelles, mas sim *Olissipo*, como se vê de uma inscripção achada em Lisboa.»— Ainda hoje esta tradição medieval é corrente entre os fadistas, ha bastantes cantigas jocosas a Ulysses, como fundador de Lisboa.

OUTRA ORIGEM DO NOME DE LISBOA

Um padre hespanhol querendo refutar o *Theatro critico*, de Feijó, diz que o nome de Lisboa vem do grego *olis* e *hyppon*, tirado do que refere Plinio acêrca das ligeiras éguas, que concebiam do vento. (*Pan.*, t. iv, p. 18, col. 2.)

A MOURA SALUQUIA E O NOME DA VILLA

«Querem alguns, que Moura fôsse fundada sobre as ruinas da antiga Araucitana: seja porém como fôr, o nome da villa indica origem posterior a gregos, romanos e godos. — Conta-se que em tempo de el-rei Dom Affonso Henriques, sendo possuidora d'esta povoação e seu castello uma dona arabe chamada Saluquia, filha de Buaçon, senhor de varias terras do Alemtejo, tratára esta de se casar com um mouro chamado Brafama, alcaide do castello de Aroche, dez leguas distante de Moura; o qual vindo celebrar as nupcias foi accommetido no transitio por dois fidalgos, Alvaro e Pero Rodrigues, ascendentes da nobre familia dos Mouras, que o mataram n'um valle, a uma legua da villa, que em memoria do caso se chamava *Brafama*, ainda no tempo do P.^o Carvalho, isto é, no principio do seculo passado. Diz mais a tradição, que os fidalgos com sua gente se disfarçaram em trajos

mouriscos e caminharam, fingindo comitiva da bôda, para a fortaleza, onde a moura esperava o noivo a uma janella que deitava para o campo, mas assim que ao entrarem os hospedes no castello se descobriu o engano, precipitou-se de uma torre abaixo para não cair captiva. D'aqui vem ter a villa por armas uma mulher ao pé de uma torre, em allusão á morte de Saluquia; e com este brazão de armas combina o le-treiro de uma sepultura, que está na egreja do castello, e que declara jazerem alli sepultados os cavalleiros, que tomaram esta terra aos mouros.» (*Panorama*, t. iv, p. 4, 1840.)

PENHOR SAGRADO

Governando a India Antonio Moniz Barreto, e querendo socorrer a fortaleza de Malaca cercada pelos Achens, mandou pedir a Gôa vinte mil pardaos emprestados, dando á cidade o seu filho Duarte Moniz, em penhor da quantia. A cidade aceitou o penhor, que era um menino de sete para oito annos. — Este mesmo factó se conta de Balduino II, que empenhou seu filho aos Venezianos, por uma grande somma com que salvou o seu reino de Constantinopla.

A ABOBADA DO MOSTEIRO DA BATALHA

Da sala do Capitulo, diz Frei Luiz de Souza: «Sendo quadrada, e tendo 340 palmos em ambito, a 85 por cada lanço, é fechada de abobada de cantaria, sem columna, nem esteio, nem cousa que a sustente, nem mais repuxo da banda de fóra, que a companhia do edificio que lhe fica dos lados. Assim está em fórma, que a quem põe os olhos no alto, engana, e faz parecer pela grandeza da caza, que se sustenta sem concavo. *E fama* que ao tempo que se fabricava cahiu

duas vezes ao tirar dos simples, com damno de officiaes; e el-rei, desejnndo que todavia ficasse a casa sem o desar das columnas ao meio, prometteu mercês ao architecto, as quaes o fizerem espartar de sorte que, tornando-a a fechar, affirmou que teria melhor successo; porém ao tirar a madeira dos simples, *dizem* que não quiz el-rei arriscar os officiaes, e mandou vir das prisões do reino alguns homens, que estavam sentenciados a grandes penas, para que sobre elles cahisse o terceiro damno quando succedesse.»

(Tal é o fundamento do romance a *Abobada* de A. Herculano, no t. II das *Lendas e Narrativas*.)

OS CARRILHÕES DE MAFRA

«Corre, *por tradição*, que tendo o Monarcha fundador encommendado (para Liege) primeiro só um carrilhão com as dimensões e requisitos que desejava tivesse, lhe responderam com o preço, accrecentando *que era obra muito rica e dispendiosa*, como quem inculcava que os recursos da corôa portugueza não suportavam tamanho dispendio. Dom João V, que sentiu offendido o seu amor proprio, e julgou menoscabada a sua grandeza, replicou que, *visto a obra ser mais barata do que pensara, fizessem em vez de um d'aquelles, dois carrilhões.*» (*Panorama*, t. IV, p. 61.)

CONTO APPLICADO

«Neste campo se acham muytas vezes hũas pedrinhas como chicharos e grãos; e contam os da terra, e se traz em pratica, que Nossa Senhora indo para o Egypto, passando por este lugar andava hum lavrador semeando chicharos, e que a Senhora lhe perguntara, que semeava? E elle lhe respondera, que semeava pedras; e a Senhora repetira:—pedras te na-

çam. Ainda que parece fabula e conto de velhos, bem me lembra ter já visto em duas ou tres partes pintada esta historia, ainda que a contam de muytas maneiras; mas na veidade eu vi algumas vezes aos peregrinos colher aquellas pedrinhas com muyta devoção, e sem ella as colhi de companhia com elles, vendo-lh'as colher, e trouxe commigo ao reyno.» (Frei Pantaleão de Aveiro, *Itiner.*, p. 292.)

A TORRE DO LADRÃO

«Lembra-me, que quando vão de Thomar para Coimbra, entre Ceras e a Venda do Pereyro, nos mostram uma *Torre* á mão direita, desviada do caminho, na qual dizem que morava um *ladrão*, que salteava os caminhantes: pouco vae em crêr ou não ser verdade a historia que sobre isso nos contam; mas todavia muitos têm ser verdadeira, vendo os indicios tão manifestos.» (Frei Pantaleão de Aveiro, *Itiner.*, p. 90.)

NUMERO FATIDICO

Estava-se á missa na *Amendoa*.

Um vulto de homem (diabo?) entrou na igreja tendo na mão uma cabaça. Deu uma volta, subiu á capella mór e poz-se a beber. A garganta era transparente e via-se-lhe correr o liquido pela garganta abaixo. Desceu e quasi todos fôram atraz d'elle para o vêr ou matar. No templo ficaram só onze pessoas. O vulto foi até um sitio (que é hoje um charco) onde se sumiu e com elle os que o seguiam. Nunca mais alli nasceu herva. D'ahi vem que, de então, na Amendoa só podem viver *onze moradores*. Quando ha mais passam logo para defronte, para *Villa de Rei*, ou morrem.

(Comunicação do Dr. Marcellino de Mesquita.)

MARIA EXTRAVANDIA

(LOULÉ)

Eu na terra fui gerada,
Nas ondas do mar nascida ;
De meu triste nascimento
Minha mãe foi falecida.
Lá deitaram-a ao mar,
Em caixão de oiro metida,
Puzeram-lhe corôa e sceptro
Já rainha falecida,
Deitaram-me cá na terra,
De um senador me confia ;
Minha ama me creou
Com muito amor que me tinha,
Ao cabo de quinze annos
Minha ama falecida.
Eu lhe fiz o seu entêrro
Como ella merecia ;
Todos os dias do anno
A' cova resar-lhe ía.
A mulher do senador
Por enveja que me tinha,
Premetteu a escravo seu
Dar-lhe carta de alforria,
Me deitasse ponte abaixo
P'lo caminho que seguia.
De fidalgos e marquezes,
De todos fui socorrida,
Só el-rei da Babylonia,
Que uma estatua alli tinha,
Levou-me para sua casa
Com estado de rainha,
Fallou-me do seu amor
E eu de amor não sabia,
Me meteu em uma torre,
Pela raiva que me tinha,
N'uma torre me metera
Que nem sol nem lua via ;
Dava-me o pão por onça
E a agua por medida.
Já me leva o meu amor,
Que eu de mouros fui cativa,

Vendida em publica praça
 Para vêr quem mais daria ;
 Comprou me estalajadeiro
 Para lhe ganhar a vida,
 P'ra lhe fazer de comer,
 Com as mais que ali havia.
 Eu fôra tida em pouco,
 Fazer comer não sabia,
 Pedi-lhe bons instrumentos,
 Que eu melhor lhe ganharia,
 Pois eu tinha na tenção
 Dar-lhe um tanto cada dia.

*

Recordae, imperador,
 Aqui tendes vossa filha,
 Pelo nome me pozeram
 De Maria Extravandia. (1)

(1) *Contos tradicionais do Algarve*, t. II, p. 116. A segunda parte do Conto é em prosa, continuando a scena do reconhecimento e o casamento com o principe. Vê-se que este typo das novellas byzantinas tambem tomava a fórma de romance cavallheiresco narrativo em monologo de soláo.

Na Lusitania naci,
 Ora vivo forasteiro,
 Por tirar do captiveiro
 Quem me captivou a mi.

Eu sou quem na Barberia
 Comprei a graça real ;
 Trouxe-a livre a Portugal
 E perdi minha alegria.

E resultou-me d'aqui
 Tormento grave, excessivo,
 Porque tirei de captivo
 Quem me captivou a mi.

Deci a tanta baixaza,
 Porque puz meu coração
 Na summa da perfeição
 Que tem o estado e alteza.

LENDA DA FONTE DOS AMORES

Conta-se que D. Ignez de Castro se correspondia com Dom Pedro, trazendo a corrente da agua que alimentava a fonte do jardim, a mensagem dos seus occultos amores. Dois seculos, antes, descreveu Goffried de Strasburgo no bello poema do *Tristão* este estratagemma do namorado da rainha Iseult: «O rei prohibiu a Tristão a entrada no palacio. No meio do jardim corria uma fonte, á sombra de uma grande oliveira. A agua da fonte corria passando diante dos aposentos de Iseult. Combinou-se que todas as vezes que Tristão visse o jardim solitario cortaria uma taboinha em que gravasse um T ao lado de um I e a corrente levará a mensagem, que Brangiene terá o cuidado de apanhar. Assim fizeram, e a oliveira cobria com a sua sombra os colloquios dos amantes.» (Bossert, *La Litterature allemaude au Moyen Age* p. 291.)

CLAVINAS DE AMBROSIO

Esta locução popular, ainda usada, significa os meios de defeza impotentes. Provém do antigo conhecimento dos poemas da Távola Redonda, em que o sabio Merlin, denominado *Ambrosio*, na *Chronica* de Geoffroy de Monmouth), defendia com as ameaças das suas Prophécias os povos britonicos da barbaridade dos Sa-

Perdi lembrança de mi;
Deixei de ser cavalleiro,
Por tirar do cativoiro
Quem me captivou a mi.

Vem no Conto II, da Parte segunda dos *Contos e Historias de proveito e exemplo*, de Trancoso, intercaladas na narrativa e cantadas pelo mancebo na Côte de Inglaterra, dando-se assim a conhecer á princeza quem a resgatara do captivoiro de Fez.

xões. — Outros vestígios se encontram, como *Artes merlinicas*, alludindo aos recursos do propheta, entre o povo *Arte de berliques*; e a imprecação: *Valha-te San Barambum!* resto da lenda do Monge bretão *San Brendan* conhecido dos nossos navegadores e cartographos.

LENDA DOS FERREIROS

Nas proximidades de Penella ha dois montes bastante elevados e de fórma mais ou menos conica.

Dois ferreiros, dizem que irmãos, fôram estabelecer as forjas cada um em seu monte, mas possuindo ambos um só martello, d'elle se serviam alternadamente. Os montes, na sua parte superior distam uns dois kilometros um do outro; e quando o Mello, assim se chamava um dos ferreiros, precisava do martello, chegava á porta da forja e gritava para o Jurumello, assim se chamava o outro, para lh'o atirar. Os dois ferreiros eram gigantes; uma vez zangou-se o Jurumello com o companheiro, e atirou-lhe o martello com tanta violencia, que desencavando-se este no ár, foi cair o ferro na encosta do monte Mello, e logo d'ahi brotou uma fonte de agua ferrea, e o cabo, que era de madeira de zambujo, foi espetar-se na terra, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome á povoação do Zambujal, a quatro kilometros dos referidos montes.

(Ap. *Positivismo*, t. II, p. 452. Porto, 1880.)

Variante :

Havia um ferreiro no monte de Arcella e outro no de Guisande (Minho), mas tinham entre si apenas um malho com que trabalhavam. Quando um descansava atirava o malho ao outro, de monte a monte.

(*Cercanias de Vermuim*. — *Epopéas Mosarabes*, p. 102. Porto, 1871.)

LENDA DA PONTE DE DOMINGOS TERNE

A ponte de Domingos Terne, sobre o Ave, uma legua para o norte da Senhora do Porto de Ave, foi segundo a tradição, feita pelo Diabo. Eis o caso:

O Diabo queria ajuntar dois namorados, cada um dos quaes morava em logares diferentes e separados pelo rio. Todas as noites lançava este uma ponte para o rapaz ir ter com a sua conversada (namorada) Soube-se d'isto, e n'uma noite um padre pôz-se á espreita, e depois que o rapaz passou, exorcismou de repente a ponte, que o Diabo nunca mais pôde retirar.

(*Positivismo*, t. iv, pag. 116. Lendas analogas se contam das pontes de Val Telhas, Misarella e outras.)

LENDA DA AMENDOEIRA

A amendoeira é a arvore que enganou o Diabo. Como o Diabo a viu florescer em janeiro, sentou se debaixo d'ella, á espera que lhe amadurecessem os fructos, para depois ir guardar as outras arvores. Esteve até setembro á espera do fructo, pois é n'este mez que a amendoeira o dá. Como n'esse mez não estivessem maduras ainda as amendoas, cansado já de esperar foi espreitar as outras arvores. Estas porém já estavam apanhadas, e o Diabo toáo desapontado voltou para debaixo da amendoeira, mas n'este meio tempo tinham-lhe apanhado as amendoas e o Diabo ficou logrado.

(Idem, *ibid.*, Lisboa.)

A PONTE DA ALLIVIADA

Quando o diabo fez a ponte da Alliviada chamou San Gonçalo, que andava a fazer a de Amaranate, e disse-lhe que a não benzesse; o Santo ergueu a bengala a modo de cruz, assim como quem ao fallar aponta; o Diabo então fugiu para cima de um monte de onde começou a atirar pedras ao santo, as quaes elle desviava.

(Leite de Vasconcellos, *Tradições*, p. 312.)

A PONTE DA MISARELLA

Um salteador das terras d'além Douro perseguido pela justiça embrenhou-se pelas serras de Traz-os-Montes, mas chegou á beira de uma torrente caudal e não pôde passar. Para fugir offereceu a alma ao Diabo, e logo ali appareceu uma ponte, que se desfez assim que elle passou. Na hora da morte o salteador confessou-se, e o padre disfarçou-se em salteador, chamou o Diabo, fez-lhe a mesma proposta, a ponte appareceu. e metteu-se por ella. Quando já estava no meio da ponte faz o signal da cruz, bota-lhe agua benta, e a ponte ficou firme até hoje. E' de um só arco.

(Ap. J. A. d'Almeida, *Dicc. Chorographico.*)

LENDA DE SIMANCAS

A villa de *Simancas*, chamada de antes Gureba, cobrou este nome, porque sete donzellas que d'aqui haviam de ser levadas, se cortaram as mãos para de este modo escaparem; e como as amostrassem aos mouros que vinham arrecadar o tributo, dizendo:

— Que não podiam ir por estarem mancás, — elles responderam, que :

— *Assi mancás* as queriam.

Mas o povo compadecido de tanta virtude, arremetteu tumultuariamente contra os mouros e mortos de mão commum, fôram as donzellas pôstas em liberdade, deixando por nome á villa a resposta que deram aos barbaros: *Si mancás* as queremos, e por armas as mãos cortadas das donzellas.

(Fr. Bernardo de Brito, *Monarch. Lusit.*, P. II, liv. 7, cap. 9.)

LENDA DE CHACIM E DO MOSTEIRO DE BALSEMAO

Um habitante da Alfandega da Fé recusou-se a ceder sua noiva para a prelibação, d'onde resultou uma renhida peleja entre christãos e mouros. Como os christãos eram poucos, Nossa Senhora veio soccorrel-os, trazendo uma ambula de *balsamo na mão*, com que ía dando vida aos mortos e sarando os vivos. Em reconhecimento da victoria alcançada por este modo, o povo fez uma ermida a Nossa Senhora do *Balsamo na mão*, e ainda hoje se celebra ali a festa do *Cara-Mouro*, resultando para a Aldeia o nome de *Chacim* da *chacina*, que ali se fez nos infieis, e para a povoação de Alfandega o titulo da *Fé*.

(J. A. de Almeida, *Diccionario abreviado de Chorographia*, t. I, p. 37.)

ORIGEM DO NOME DE BRAGANÇA

Bem querença, era este o nome que primeiro se deu á villa de Bragança, por ser o mesmo que antes tinha o terreno, quinta ou lugar em que el-rei Dom Sancho I a fez de novo construir,

(Viterbo, *Elucidario*.)

ORIGEM DO NOME DE VISEU

Quasi pegado a esta cidade para o lado do nascente, está o Alto do Viso. onde se dividem as aguas para os rios Paiva e Dão: d'este alto os guerreiros christãos avistaram uma povoação, e disse um d'elles:

— Que *Viso eu?*

D'aqui ficou o nome á terra.

LENDA DE BRITAEANDE

Era uma vez um rei que passou por aquelle sitio (de Briteande) na occasião em que um lavrador andava a varejar uma nogueira. O pobre homem offereceu nozes a um dos da comitiva real, e como este acceitasse, o rei disse-lhe:

— Conde, *Brite e ande.*

D'aqui o nome da povoação.

(Ap. Leite de Vasconcellos, *Encycloped. republicana*, p. 195.)

LENDA DE CRESCIDO

(A CASTRO DAIRE)

Um rei, visitando um certo fidalgo, exclamou ao reparar no desenvolvimento physico de um filho do fidalgo:

— Ah! está *crescido.*

(Id., *ibid.*)

LENDA DE LAMEGO

Vem de geito esta conhecida phrase *Noites de Lamego*, que se interpreta assim: Um viajante hospedou-se uma noite em Lamego. O dono da casa deu-lhe um quarto muito escuro, onde havia um armario com

queijos, e pela manhã esqueceu-se de ir abrir a porta. O viajante acordou, e cuidando que o armario era uma janella, abriu-o e como não visse luz e elle lhe cheirasse ao queijo que lá estava, disse:

— E' muito cedo, não se vê nada, e só ainda agora as mulheres vão a vender o leite pela rua.

E tornou-se a deitar, dormindo não sei se um dia se mais. Quando lhe abriram a porta, ficou tão admirado por *as noites de Lamtgo serem tão compridas.*

(Id., *ibid.*)

A TORRE DOS NAMORADOS

Conta-se na povoação do Alcaide, que no tempo dos Mouros, o rei era lavrador e tinha uma filha muito formosa que era requestada por dois mancebos. O rei não sabendo a qual havia de dar a filha, por que ambos a queriam, deu-lhes duas emprezas arrojadas, para desempenharem, e então se decidir. Um tinha de levantar dentro de certo prazo uma torre muito alta, e o outro encañar um ribeiro para o lago do palacio.

Ambos cumpriram tudo como o rei talhára, e julgavam-se já com direito á mão da princeza, Ella fugiu para uma floresta, e os namorados lá a encontraram, e não querendo nenhum ceder do seu amor, mataram-na. A torre ainda existe de pé.

(Povoação do Alcaide.—Fundão.—
Ap. *Diario de Noticias*, n.º 6,339.
1883.)

A SEPULTURA DOS DOIS IRMÃOS EM CINTRA

Dois irmãos traziam amores com uma donzella que por aquelles sitios habitava, ignorando ambos os amores um do outro, Acontecendo por uma triste fatali-

dade encontrarem-se os dois irmãos em uma noite tenebrosa, debaixo do balcão do objecto que tão enfeitados os trazia, um d'elles persuadido que o outro lhe disputava os favores de sua dama, corre cego e inconsiderado sobre elle e o estende morto a seus pés, victima de um frenetico ciume. Porém qual a sua desesperação quando pela voz moribunda d'aquelle que julgava seu rival, reconhece ter sido o assassino de seu proprio irmão, que muito amava e que lhe expira nos braços! Cheio de desesperação volta contra o peito o ferro fraticida, e cae morto sobre o cadaver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte prompta a uma vida inconsolavel cheia de remorsos.

(Cintra Pittoresca, p. 114)

QUANTOS PÃES DÁ UM ALQUEIRE?

«Dizia certo Arcebispo a um criado, que soubesse quantos pães de arratel lhe dava a padeira por cada alqueire de trigo, que lhe mandavam amassar; e se não fôsem tanto, que lh'os não acceitassem, por que cada alqueire dava tanto.

Respondeu-lhe o criado:

— Pois, senhor, eu não quero viver com quem *sabe quanto pães faz um alqueire*.

E despediu-se logo.»

(Marques Soares, *Divertimento de Estudiosos*, t. II, p. 37. Lisboa 1766.)

FABULA DA RAPOSA E DO MOCHO

Uma raposa passou por um souto e sentiu piar um môcho; disse ella para si:

— Ceia já eu tenho.

E foi muito sorradeira trepando pelo castanheiro em que estava piando o môcho, e filou-o.

O mocho conheceu a sorte que o esperava, e viu que não podia livrar-se da raposa sem ser por ardil. Disse então para ella:

— Oh raposa, não me comas assim como qualquer frango d'esses que furtas pelos gallinheiros; tu tambem sabes andar á caça de altenaria, e é preciso que todos o saibam. Agora que me vaes comer, grita bem alto: «Môcho comi!»

A raposa levado por aquella vaidade, gritou:

— Môcho comi!

— A outro sim, que nenja a mim! replicou-lhe o môcho caindo-lhe d'entre os dentes e voando pelo ar fóra livre do perigo,

(Airão)

A AGUIA E A CORUJA

A coruja encontrou a aguia, e disse-lhe:

— Oh aguia, se vires uns passarinhos muito lindos em um ninho, com uns biquinhos muito bem feitos, olha lá não m'os comas, que são os meus filhos.

A aguia prometeu-lhe que os não comia; foi voando e encontrou n'uma arvore um ninho de côruja, e comeu as corujinhas. Quando a coruja chegou e viu que lhe tinham comido os filhos, foi ter com a aguia, muito afflicta:

— Oh aguia, tu fôste me falsa, porque prometteste que não me comias os meus filhinhos, e mataste-m'os todos!

Diz a aguia:

— Eu encontrei umas corujas pequenas n'um ninho, todas depennadas, sem bico, e com os olhos tapados, e comi-as; e como tu me disseste que os teus filhos eram muito lindos e tinham os biquinhos bem feitos entendi que não eram esses.

— Pois eram esses mesmos, disse a curuja.

— Pois então queixa-te de ti, que é que me enganaste com a tua cegueira.

(Porto.)

AINDA NAO SE ACABA O MUNDO

Phrase proverbial, quando se vêem muitas crianças juntas; liga-se á lenda do Malcho, prezo em uma estreita casa, no fundo do mar, e girando em volta de uma columna, até acabar o mundo. Aos navios que passam faz a pergunta: — *Ainda não acaba o mundo* e

Apenas temos encontrado a phrase, mas não a lenda vulgar na tradição da Catalunha e da Sicilia.

A BARATA E OS FILHOS

A barata sahiu de baixo de umas pedras com os filhos e disse-lhes, em quanto elles ainda pequenos estavam ao sol:

— Passeae, flores! passeae, flores!

D'aqui vem o ditado: «Quem o feio ama, bonito lhe parece.»

(Itha de S. Miguel.)

A RAPOSA E O LOBO

A raposa e o lobo mataram dois carneiros e fugiram. Depois que se acharam seguros, deitaram-se a comer, mas só poderam comer um, e o outro ficou inteiro. Diz a raposa:

— Compadre, é melhor enterrarmos este carneiro, e vimos cá ámanha comel-o juntos.

Vae o lobo e diz-lhe:

— Mas nem eu nem tu temos fero, como é que o havemos tornar a achar?

— Deixa-se-lhe o rabo de fóra.

Assim se fez. No dia seguinte apresenta-se o lobo e diz:

— Comadre, vamos comer o carneiro?

— Hoje não posso; tenho de ir ser madrinha de um cachôrrinho.

O lobo fiou-se, mas a raposa foi ao logar aonde estava enterrado o carneiro e comeu um grande pedaço. No outro dia torna o lobo a perguntar-lhe:

— Que nome puzeste ao teu afillhado?

— Comecei-te.

Exclama o lobo:

— Que nome! vamos comer o carneiro?

— Ai, compadre (disse-lhe a raposa), hoje tambem não pode ser; estou convidada para ir ser madrinha.

O lobo fiou-se; a raposa tornou a ir comer sósi-nha. Ao outro dia vem o lobo:

— Que nome déste ao teu afillhado?

— Meêi-te.

— Que nome! (replica o lobo). Vamos comer o carneiro?

A raposa tornou a escusar se com outro baptizado. e foi acabar de comer o carneiro. O lobo vem:

— Como se chama o teu afillhado?

— Acabei-te.

— Vamos comer o carneiro?

Fôram e chegaram ao sitio; assim que viram o rabo, disse a raposa:

— Pucha, com força, compadre.

O lobo puchou, e cahiu de pernas para o ár; a raposa safou se.

(Airão.)

A RAPOSA NO GALLINHEIRO

De uma vez uma raposa apanhou um buraquinho n'um gallinheiro, entrou para dentro fazendo-se muito esguia, e depois que se viu lá, comeu gallinhas á farta. Quando foi para sahir estava com a barriga muito cheia, e por mais que fez não pôde passar pelo buraco. Viu-se perdida, porque já vinha amanhecendo. Por fim teve uma lembrança: Fingiu-se morta.

De manhã veiu o lavrador e viu-a:

— Cá está ella. E que estrago que me fez!

Vae para lhe dar pancadas e matala, mas vê-a hirta, com a lingua atravessada nos dentes e os olhos envidraçados :

— Poupaste-me o trabalho; morreste arrebetada. Foi bôo.

E pegando-lhe pelas pernas atira-a para o meio da horta para a enterrar. A raposa assim que se viu fóra do gallinheiro, pernas, para que te quero! botou a fugir pelos campos fóra e fez do rabo bandeira. O lavrador deu a cardada ao dianho, e jurou que nunca mais se faria em raposas. *(Airão.)*

A RAPOSA E O GALLO

Uma raposa viu um gallo pousado em cima de um palheiro, e não podendo agarral-o começou a fallar-lhe cá de baixo :

— Oh gallo, tu não sabes? Veiu agora uma ordem para todos os animaes; serem amigos uns dos outros. Nós cá as raposas já não temos guerra com os cães, estamos amigos; e tu podeste descer cá para baixo, que eu já te não faço mal.

Estava n'isto, quando vem uma matilha de cães, e farejando a raposa, botam-se atraz d'ella. A raposa ia sendo agarrada, mas fugiu o mais que podia. O gallo de cima do palheiro gritava-lhe :

— Mostra-lhe a ordem! Mostra-lhe a ordem!

A raposa, ainda de longe; lhe respondia :

— Não tenho vagar! Não tenho vagar.

E fugia por entre uns tremoaes, que já estavam sêccos, que faziam uma grande bulha, e ella dizia :

— Ai, que rica festa! e logo hoje, que vou com tanta pressa.

(Airão.)

O LOBO E A OVELHA

Uma vez um lobo encontrou uma ovelha, que andava a pascer, e disse-lhe :

— Oh ovelha ! eu como-te.

Respondeu a ovelha :

— Pois sobe alli para cima, que eu entretanto vou pascendo, e depois entro-te lá mesmo pela bocca dentro.

O lobo subiu para o alto do monte e esperou. A ovelha assim que viu o lobo longe, fugiu. O lobo começou a correr atraz d'ella, e como a não podesse agarrar, disse :

Eu, que sou lobinho-cão,
Nunca corri tanto em vão.

Respondeu a ovelha :

Eu, que sou ovelhinha ruça,
Nunca corri tanto de escaramuça.

(*Villa Cova*. Leite de Vasconcellos,
Trad., p. 183.)

O RATO DA CIDADE E O RATO DA ALDEIA

Um Rato usado á cidade,
Tomou-o a noite por fóra ;
(Quem foge á necessidade ?)
Lembrou-lhe a velha amizade
De outro Rato, que alli mora.

Faz um homem a conta errada
Muitas vezes, e acontece
Crescimento na jornada ;
Diz, e entretanto na pousada,
Cidadão logo parece.

O pobre assi salteado
De um tamanho cortezão,
Em busca de algum bocado,
Vae e vem, sempre apressado,
Sem tocar c'os pés no chão.

Ordena a sua mezinha,
Pôz-lhe n'ella algum legume,
Medura, quando ia e vinha,
Deu-lhe tudo quanto tinha,
Pede perdão por costume.

Diz, quem tal advinhára,
Contra o cortezão (*) severo,
Que tanto andára e buscára,
Té que alguma cousa achára,
A quem tanto devo e quero ?

Cumpre porém n'esta meza,
Que haja mais fome, que gula :
Tem-lhe a fogueirinha accesa,
Faz rosto ledo á despeza,
Vê-a o outro, e dissimula.

E dizendo está comsigo :
Que gente a d'entre penedos !
Quanto ha de Pedro e Rodrigo !
Que bem diz o exemplo antigo,
Que não são eguaes os dedos.

Ora, depois de comer
Jazendo detraz do lar,
Começa o nobre a dizer :
Dous dias, que has de viver,
Aqui os queres passar ?

Na aspereza do deserto,
Que não sei quem o soporte,
De urzes e de tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto,
Sendo só tão certa a morte ?

(*) Para o cortezão.

Vive, amigo, a teu sabor ;
Mais é que cousa perdida
Quem por si escolhe o peor ;
Vae-te commigo onde eu fôr,
Lá verás que cousa é vida.

E depois que ambas provares,
(Que eu de outrem não adivinho)
Quando te enganado achares,
Aqui tens os teus manjares,
Hi tambem tens o caminho.

Assi disse ; eis o villão
Em alvorôço e balança,
Ia, e vinha o coração,
Ora si, e ora não ;
Venceu porém esperança.

E que pôde hi al (*) fazer !
Vive com tanto suôr,
E mal pôde inda viver ;
Mal pôde o anno vencer,
Sempre a saída é maior.

E diz : Quem não se aventura,
Não ganha ; quem ha que o negue ?
Escolheram hora segura,
Foram pela noite escura ;
Que o rico, o pobre segue.

Entram por paços dourados,
Cheirosos inda da cêa ;
Tristes dos casaes colmados,
Do sol, do vento queimados,
Pobre e faminta da aldêa !

Vou-me por meu conto àvante ;
Mostra-lhe o cidadão tudo,
Que traz no bucho um Infante ;
Quem quereis que não se espante ?
Anda o villãosinho mudo.

(*) Outra cousa.

Que sómente em provar
Das cousas, que mais lhe aprazem,
Já começam de engeitar ;
Fartos para arrebentar
Em lans estrangeiras jazem.

N'isto o despenseiro chega,
Que estes bens não duram tanto ;
Vê-os, mas a pressa o cega,
Um tiro, ou dous mal emprega,
Corre-os de canto em canto.

Os cães á volta (*) se ergueram,
Ladram, que he alto serão.
As casas estremeceram ;
Todos juntos lá correram.
Foi dita que os gatos não.

Sabia o da casa a manha,
Subiu o paço, e fugiu :
O Ratinho da montanha,
Aos pés em pressa tamanha
O coração lhe caíu.

Emfim passado o perigo
Da morte, que ante si vira,
O coitado só comsigo
Polo seu repouso antigo,
Que mal deixára, suspira.

Minha segura pobreza,
Se chegarei a vêr, quando
A vós torne, e esta riqueza,
Mal, que o mundo tonto préza,
Fuja, se poder, voando !

Ai baldias esperanças,
Meu entendimento fraco !
Deixemos taes abastanças,
Taes riquezas, taes mostranças,
Deus me torne ao meu buraco. (**)

(Francisco de Sá de Miranda,
Cart. III, est. 39, e segg.)

(*) Ao mesmo tempo.

(**) Esta fabula é imitação de Horacio, liv. II, *Satir.* 6. v. 79
e segg.

A RAPOSA E O LEÃO ENFERMO (*)

Os desejos são sem têrmo,
A esperança é saborosa :
Eu contentei-me d'este hermo
Pola razão, que a Raposa
Deu ao Leão, que era enfermo :

Meu Rei, meu senhor Leão,
Olho cá, e olho lá,
Vejo pégadas no chão,
Que todas para lá vão,
Nenhuma vem para cá.

(Idem, *ib.*, e st. 45 e seg.)

AGLÁO OU A BEMAVENTURANÇA

Dos antigos Romãos foi perguntado
Apollo, qual dos homens d'esta vida
Julgava por mais bemaventurado.

Respondeu á pergunta referida,
Que era Agláo; cousa mais não declarando,
O que a resposta fez mal entendida.

Elles que d'elle estavam esperando,
Que nomeasse algum mui conhecido
Dos grandes, que no mundo tinham mando :

Querendo conhecer quem preferido
Fôra em ventura á regia dignidade,
Acháram, tendo já muito inquirido,

Ser um homem, que fóra da cidade,
No campo cultivava uma horta pobre,
O qual era mais pobre de vontade.

(Diogo Bernardes, *Lima*, Cart. II,
v. 85 e seg.)

(*) Imitação de Horacio, Liv. I, *Epist.* I, v. 73 e segg.

A Raposa não quiz entrar na cóva do Leão, porque observou que as pégadas dos outros animaes todas iam para dentro, e não tornavam para fóra.

(Vieira, *Serm.*, tom. x, pag. 248, col. 1.)

O BACOROTE (*), AS OVELHAS, O LOBO E OS PORCOS DA ALDEIA

Um Bacorote orgulhoso
Deu vista ao gado ovelhum,
De quexiquer (**), espantoso;
Trombejava elle hum e hum,
Andava todo bravoso.
Vem um dia o Lobo, e apanha
Pela cabeça o doudete :
Abrandou-lhe aquella sanha ;
rada : — Ah dos meus ! Em tamanha
Pressa ninguem arremette.

Vinham os Porcos da aldêa
Mais atraz, grunhir ouviram,
Um escuma, outro esbravêa ;
Estes si, que lhe accodiram,
Perdeu a Lobo a sua cêa:
Elle solto viu que o gado
De lã branca estava olhando
De longe, inda amedrontado :
Antes, disse, ser mandado,
Que em tal perigo tal mando (***)).

(Sá de Miranda, *Eglog. VIII*, est. 57 e seg.)

O CERVO E O CAVALLO

Quando tudo era fallante,
Pascia o Cervo um bom prado ;
Hi veiu um Cavallo andante,
Quiz comer algum bocado,
Pôz-se-lhe o Cervo diante.
Outra razão lhe não deu,
(Que eram pacigos geraes)
Salvo — posso e quero, é meu.
Este meu, e este teu
Tanto ha já que nos fez taes.

(*) Porco novo de mais de anno.

(**) De qualquer cousa.

(***) Sobre este Apologo póde ler-se o que se acha escrito
no tomo v das *Memorias de Litteratura portugueza*, pag.
108 e seg.

Vendo tão pouca prestança
 O Cavallo, d'antes fôrro,
 Com desejo de vingança,
 Pedindo ao homem soccôrro
 Por terra a seus pés se lança.
 Não pôde á justa querella
 Deixar de se pôr no meio ;
 Mas foi necessaria a sella :
 Pôz-lh'a, e fez-se forte n'ella,
 Toma a rédea, prova o freio.

Assim dão volta ao imigo :
 O Cervo, quando tal viu,
 Homem ao Cavallo amigo,
 Deixou-lhe o campo, e fugiu,
 Foi buscar outro pacigo.
 O Cavallo vencedor
 Corre o verde e corre o sêcco,
 Fóra, fóra o contendor ;
 Ficou-lhe porém senhor,
 Não foi tanto o outro enxeco. (*)

Quem ha tal medo á pobreza,
 Tal á fôrme e frialdade,
 Que por ouro e por riqueza
 Dá a só rica liberdade,
 E mais outrem, que a si préza ?
 Se lhe vês herdades largas,
 Não lhe hajas inveja á troca ;
 Embaraçam as roupas largas,
 Faz sangue o freio na bocca,
 As esporas nas ilhargas.

(Id., *Eglog. VIII*, est. 73, e seg.)

A FORMIGA E A CIGARRA

O trigo, que juntou no sêcco estio
 Sollicita a Formiga assoalhava,
 Des que o bosque deixou de ser sombrio.

(*) Mal, damno. — Esta fabula é imitação dè Horacio, liv. 1, *Epist.* 10, v. 34 e seg.



A Cigarra importuna, que passava
 Acaso por alli morta de fome,
 Que lhe emprestasse d'elle, lhe rogava.
 A fim que da resposta aviso tome,
 Perguntou-lhe a Formiga, em que gastára
 O tempo, em que se colhe o que se come?
 A Cigarra lhe disse, que cantára,
 Bem fóra de cuidar poder caír
 N'aquella grande falta, em que se achára.
 Começou a Formiga então de rir,
 Dizendo : — Amiga, pois no Verão cantas,
 Podes bailar no Inverno, e não pedir.

(Diogo Bernardes, *Lima*, Cart. v,
 v. 31 e seg.

O CÃO SOFREGO

Um Cão, passando um dia por um rio
 De cristallinas agoas e correntes,
 Devia por razão de ser no Estio ;
 D'um osso duro, que antre os duros dentes
 Levava atravessado, a sombra viu
 N'aquellas frescas aguas transparentes,
 Ser outro mór cuidando, a bocca abriu,
 E por querer tomar a prêza vã,
 A certa na corrente lhe caiu.

(Bernardes, *Lima*, Cart. xiv,
 v. 151 e seg.

A RÃ E O BOI

Mas que me dirás tu d'aquella Rã,
 Que vendo o Boi no prado, andar pascendo,
 Chamou ùa filha sua, ou sue irmã,
 E disse-lhe : — Eu espero, se me estendo,
 De ser tamanha, como este animal ;
 E começou de inchar, e foi crescendo ?
 Amiga, inchares muito, pouco val,
 Respondeu a que veiu ; certa estou,
 Que não lhe podeis nunca ser egual.

A douda da resposta não curou ;
 Antes inchou com tanta fôrça tanto,
 Que não cabendo em si, arreventou.
 As outras, em logar de fazer pranto,
 Riram da presumpção d'esta sandia ;
 De rirem e zombarem não me espanto.
 Além de ser costume, merecia
 Tamanha vaidade, qual foi esta,
 Fazerem d'ella grande zombaria.

(Bernardes, *Lima*, v. 160,
 e seg.)

A CEGA FÁTUA

Já lhe ouvi ao Cura, um dia
 Contar lá na sua arenga
 De certa mulher, que havia,
 Que n'esse tempo, em que via,
 Como a Raposa, era senga. (*)

Eis senão que de repente
 Máo ár a vista lhe véda ;
 Ficou cega em continente :
 Porém foi tão levemente,
 Que em vez de triste era leda.

Todos do trabalho seu
 Se lhe mostravam pesantes ;
 Mas que resposta lhes deu ?
 O sol he que escureceu,
 Que eu vejo melhor que d'antes. (**)

Tal lhes succede a uns doutores,
 Que, no que querem querer,
 Julgam por faltas menores
 Mudar o sol seus primores,
 Que elles o seu parecer

(D. Francisco Manoel de Mello, *Obras
 Metricas*, Eglog. II, est. 77 e seg.

(*) Sagaz, astuta.

(**) Vid. Senec. *Epist.* 50, verb. *Harpasten*, ou Vieira *Serm.*
 I, col. 66q e seg.

O ODIO E O AMOR

Ouvi que o Odio e o Amor
Jogáram a matar um dia,
A quem matava melhor :
Um se armou todo de dôr,
Outro toda de alegria.

Ia o Odio, o arco atezado,
Sempre envolto em furia brava,
Fero, medonho, indignado :
Ia o Amor, mui repousado,
Salvando a quantos topava.

As gentes, que o Odio viam
De tal geito, anteparavam,
E as mais sem parar fugiam :
As settas se lhe perdiam,
Como do arco lhe voavam.

Mas indo d'ellas fugindo
Os tristes homens com medo,
Eis o Amor, que era já indo,
Vae matando e vae ferindo,
Muito falso, e muito quêdo,

Depois ao fazer da conta,
Com ser déstro o Odio e membrudo,
Não fez nada, ou tanto monta ;
E o Amor só, sem perder ponta,
Tinha morto quasi tudo.

D'onde de certo se sabe,
Que por mais que o Amor estude,
Inda o Odio he menos grave ;
Sômos taes, que em nós não cabe
Excesso, nem de virtude.

(D. Francisco Manoel de Mello, *Obras Metricas*, Cart. 1, est. 19 e seg.)

A FORTUNA E O MOÇO

Diz um conto, que jazia
Sôbolá (*) borda d'um poço,
Cheio e fundo em demasia,
Onde com parvoa onsadia
Quiz dormir a sésta um Moço.

N'isto, a Fortuna passou;
E vendo o que alli se azava,
Foi-se ao Moço, e o accordou ;
Deu-lhe muito, elle gritou ;
Ella dava, elle gritava.

Porque (diz) com tão mortaes
Golpes me trataes assim ?
Ella responde (e dá mais):
Porque erraes ; e do que erraes,
Me pondees a culpa a mim.

Quer no mar e quer na terra,
Buscaes o risco por cama,
Trocaes a paz pela guerra ;
Então, se o appetite erra,
A Fortuna é quem se infama.

(D. Francisco Manoel de Mello, *Obras Metricas*, Cart. II, est. 24 e seg.)

AS LEBRES E RÃS

Diz que as Lebres, como gente,
Um dia conselho houveram,
Por não viver tristemente ;
E afogar-se de repente
Todas juntas resolvêram.

(*) Sobre a.

Duas Rãs, como sóham, (*)
 Junto ao charco eram, pastando
 Adonde as Lebres corriam,
 E de medo do que ouviam,
 Vão-se no charco lançando.

Uma Lebre mais ladina,
 Que isto viu, teve se quêdo,
 E gritou pela campina :
 Tende mão, gente mofina,
 Que inda ha Rãs, que vos tem medo.

(Idem, *Cart.* v, est, 35 e seg.)

Variante :

Diz que lá não sei onde se ajuntáram as Lebres a conselho, e que por todas foi apontado, que se fossem lançar em uma lagôa, e se afogassem, sem ficar mais geração de tão triste gente, perseguida de todo o mundo, que toma seu perigo por divertimento. Ora indo já correndo todas, fizeram tão grande matinada, que as ouviram as Rãs, que estavam junto do charco; e como tivessem grande medo do ruído, foram-se lançando na água, ganhando-lhe a dianteira do precipício.

Notou isso uma das lebres, que ía diante, e parou, fazendo deter as outras, a quem disse :

— Senhoras, tende mão, não nos lancemos a perder por miseráveis, pois vêmos que ainda o são mais estas Rãs, que teem medo de nós, e a nosso respeito se precipitam.

O que digo, que não ha estado tão triste no mundo que não haja outro mais triste, com que aquelle possa consolar-se.

(D. Francisco Manoel de Mello,
Apolog. Dialog., pag. 107 e seg.)

(*) Costumavam.

O LOBO E A RAPOSA

Quando tudo era fallante,
Diz que a Raposa caiu
N'um pôço, de agua abundante :
Chegou um Lobo arrogante,
Que passava acaso, e a viu.

D'uma polé pendurava,
Por que o pôço era profundo,
Uma corda, a qual atava
Dous baldes : um no alto estava,
N'outro a Raposa no fundo.

Pois a bicha, que era arteira,
Chama ao Lobo, e diz : — Senhor,
Já que eu não fui a primeira,
Soccorrei vossa parceira,
Que eu sei que tendes valor.

Ora assim sem mais porfia
O Lobo, que é fanfarrão,
Já no balde se mettia :
Elle cae, ella subia
Por uma mesma invenção.

Toparam-se ao prepassar ;
E o Lobo, meio cahindo,
Nem lhe ousava de fallar ;
Ella a rir, e a arrebrantar
De se vêr tão bem subindo.

Em fim ao medo venceu,
Falla o Lobo, e diz : — Comadre,
Isto vos mereça eu ?
Ella a zombar do sandeu,
Nem lhe quiz chamar Compadre.

Mas diz-lhe: Dum (*) vagabundo,
Teus queixumes não me empecem ;
Acaba já de ir-te ao fundo :
Isto são cousas do mundo,
Quando um sóbe, os outros decem.

(Id., *Cart.* vi, est. 21 e seg.)

(*) Dom.

O FILOSOFO E O FANFARRÃO

C'um Filosofo chapado
Apostava um Fanfarrão,
A qual mais era, um cruzado ;
O Fanfarrão era honrado,
O Filosofo villão.

Cada qual das duas partes
Buscando a Justiça, apenas
(Que tu, Sorte, mal repartes)
Vão lá dar c'um Mestre em Artes,
Mestre das Artes de Athenas.

Chega o Fanfarrão, e allega
Por sextos progenitores,
Cuja fama elle hoje cega ;
Cala, e o Filosofo chega,
E allega só seus suóres.

Faz presente o estudo immenso,
O animo prompto á razão,
Seu juizo ao bem propenso ;
Em fim que alli por extenso
Cada qual diz sim e não.

Eu já sei que o vosso intento,
Diz o Juiz sem receio,
E' medir no entendimento
O proprio merecimenta
C'o merecimento alheio.

Tu, que vens de altiva gente,
De cujo sêr participas,
Não te nego a honra eminente :
Mas que importa, se vilmente
A não herdadas, que a dissipas ?

Porém tu, que entre os terrões
Das paternas sementeas (*)
Semeaste taes tenções,
Que todas tuas acções
Fôram justas e regradas :

(*) Sementeiras, campos sementeados.

Se nunca errar procuraste,
Só do bem seguindo o êsmo, (*)
Quando o crêste, o imitaste,
Na virtude te geraste,
E foste pae de ti mesmo.

Quem logo o sangue turvou,
Não póde ser que mereça
Como aquelle, que o apurou :
N'este a nobreza acabou,
N'est'outro agora começa.

(D. Francisco Manoel de Mello, *Obras Metricas*, Cart. viii, est. 16 e seg.)

JUPITER E O SÁBIO

Diz que um Sabio impertinente
A Jupiter se queixava,
Porque no tempo presente
Já c'os homens não fallava,
Qual fallava antigamente.

Mas o Deus, porque entendesse
A gente a simples fadiga,
E a presente conhecesse,
Respondeu : Que quês (**) te diga,
Que o mundo te não dissésse ?

Emquanto o mundo não viu
Casos de escarmentos varios,
Minha voz emtanto ouviu :
Dei-lhe avisos necessarios ;
Chore, se os mal advertiu.

No que hontem foi, podes vêr
O que ha de ser amanhã ;
Muito esperar, pouco crêr ;
A nova esperança é vã,
Se não crêr o que não quer.

(*) Estimativa, trilha, rumo,

(**) Queres.

Se queres de pensamentos
Lançar pelo vento as rêdes,
Que só te caçam tormentos,
Queixa-te do mal que medes
Ditas e arrendimentos.

(D. Francisco Manoel de Mello, *Obras
Metricas*, Cart IX, est. 25, e seg.)

O CONSELHO DOS RATOS

Os Ratos fizeram entre si uma grande, e a seu parecer, util consulta (fabula é, mas doutrinal), querendo dar remedio á perseguição, que lhes faziam os Gatos; pois raramente lhes escapavam das unhas; e dando cada qual seu parecer, accordáram que se deitasse um grande chocalho no pescôço dos Gatos, e com isto os não tomariam descuidados, pois ao tom do chocalho se poriam em côbro, ou acautellaríam. Contentes todos com a traça, que parecia bôa, respondeu um mais auctorizado e velho: — E qual ha de ser o primeiro da companhia, que se atreva a deitar esse chocalho? — Aqui caláram e pasmáram todos.

(Fr. João de Ceita, *Quadragen*. 1 fol.
107, vers. col. 2.)

A TARTARUGA E A AGUIA

Viu a Tartaruga voar a Aguia per esses áres com tanta soltura e liberdade, quanta tem a Rainha das Aves (fabula é com sua doutrina), e quiz ella tambem fazer o mesmo. Pediu com encarecimento á Aguia a quizesse levar ao alto, e tirar d'aquelle poço, onde andava. — És mui pezada, e impedida de membros e concha, lhe disse a Aguia. — Não importa isso nada, respondeu a Tartaruga; que quem tão bem se me-

nêa na agua, que faz mais resistencia, por ser mais grossa, melhor o fará no ar, que é mais delgado. —Que não tens azas, nem instrumentos pera te têr? —Não releva⁽¹⁾, replica ella, isto quero experimentar. Pera que te pões n'esses perigos? lhe pergunta a Agua. —Porque quero ser conhecida, e não estar toda a minha vida em um pôço, ou charco escondido; e se vós vôaes, tambem eu. —Alto, vamos ambas acima. —Péga a Agua da Tartaruga, e em a largando, que esperaes fôsse d'ella? Caiu, e fez-se em pedaços. E vem o Conto a dizer: Que se não ha azas, ou posses, pera que é querer voar ou dar de comer a ventos? Quem vive e se menêa no seu pôço, pera que quer áres? Quem na sua herdade ou quinta, pera que quer Côrte, ou Cidade? Quem no seu quartáo⁽²⁾, pera que em coches? Quem no panno honesto, pera que em galas, ou mangas perdidas, senão pera se perder? — Oh! que anda o outro assim, e é costume do tempo e da Cidade! — Quiçá⁽³⁾ terá azas o outro, com que possa sustentar esse fausto e esse vento; mas quem se não póde bolir mais que uma Tartaruga, porque se não contenta com a sua concha, ou com andar mettido n'ellas?

(Fr. João de Ceita, *Quadragen.* 1,
pag. 244, ccl. 1.)

O HOMEM, O IDOLO E O THESOURO

Lá me lembra a mim fazer menção a Esopo, em uma Fabula sua, de certo Homem, que tinha em sua casa um Idolo, alfaia de seus antepassados, os quaes fizeram d'elle seu mealheiro, ou deposito do seu di-

(1) Não importa.

(2) Cavallo pequeno de má raça.

(3) Talvez, por ventura.

nheiro; porque além de o terem allí mais escondido, cuidaram o tinham mais guardado, encommendado ao seu Deus. O Homem, herdeiro da casa e do Idolo, não sabendo do Thesouro deu em pobreza, (como dão muitos herdeiros de grandes casas); e achando não ter outro meio mais efficaz pera se livrar da lazeira, que encommendar-se ao Deus, pois o tinha de casa, começou de lhe fazer suas novenas e preces: e pera ter mais effeito, ia-se ao campo todos os dias, e colhendo das flores e boninas, o enramava, e com mil capellas o laureava, e punha nas mãos ramalhetes, depois perfumes, etc. Continuou sua devoção per muitos dias; mas como o Deus era de páo taes tinha as respostas. A lazeira cada vez era maior, a bolsa mais magra, a fome mais viva; e quanto mais o apertavam as necessidades, mais deprecativas e brados multiplicava, e o Deus não lhe acodia. Elle um dia enfadado de tanto buscar de bonina, e fazer de ramalhetes sem proveito, deu lhe a colera e enviando-se ao Idolo, lhe pegou per uma perna e deu com elle no chão: e como era já antigo e carunchoso, quebrou em pedaços: começam de se espalhar os dobrões e as moedas de caras, ouro velho e fino. Elle, que não cabia de contente, olha pera o Idolo, e diz-lhe:

— E assim vos quereis vós? Por bem zombastes de mim e por mal me acodistes; quizestes-vos por mal. — Vem a dizer isto, que ha gente, que quanto mais a animaes, e fazeis de bem, mais de pedra e mais de páo se faz: vindes a tratalla como Deus, e não ha fruita no mundo que não vá pera aquelle Idolo; as primicias, que são de Deus, elle as logra; não ha cravo, nem bonina, que suas mãos e narizes não gosem; as cortezi^{as} e continencias não tem numero; mas pera vos fazer bem, é fallar com um páo, ou com um Idolo feito d'elle; taes como estes, espedaçal-os e maltratal-os, deitam alguma cousa.

(Fr. João de Ceita, *Quadragen.*
pag. 267, col. 2.)

AS DUAS MÃES

Vieram duas mulheres diante de Salomão com uma demanda notavel. Traziam consigo dois meninos, um morto outro vivo: o vivo cada uma dizia que era seu filho, o morto cada uma dizia que o não era. Que faria o grande Rei n'esta perplexidade? — Parta-se o menino vivo pelo meio, e leve cada uma a sua parte. — Ouvida a sentença, uma das mulheres consentiu, e disse, parta-se: a outra não consentiu, e disse, viva o menino, e leve-o embora minha competidora. E qual d'estas duas seria mãe? A que disse, viva o menino. Assim o julgou Salomão, e assim era: porque a que disse, morra, mostrou que não amava; a que disse, viva, provou que amava, e da que amava o menino, d'esta era filho.

(P. Antonio Vieira, *Sermões*, t. IV, pag. 367, n. 389.)

O QUE FAZ MAL A SI MESMO POR FAZÊ-LO A OUTREM

Houve um Rei antigamente n'este mundo, que sabendo de dous vassallos seus, que eram grandes inimigos entre si, mandou chamar o mais apaixonado, e disse-lhe: — Quero-vos fazer uma mercê, e ha de ser a que vós me pedirdes; com advertencia que a hei de fazer dobrada a fulano, de quem sei, sois grande inimigo. — Beijou a mão ao Rei pelo favor, e pediu logo por mercê, que lhu mandasse arrancar um olho; porque assim seria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficasse cego, ainda que elle ficasse toralheio sem proveito proprio.

(*Arte de Furtar*, pag. 468 e seg.)

FABULAS DE ESOPHO

(Vertidas do grego por Manoel Mendes, da Vidigueira)

I

O GALLO E A PEROLA

Andava o Gallo esgravatando no monturo, pare achar migalhas, ou bichos, que comer, e acertou da descobrir uma pedra: disse então:—O' Pedra preciosa, ainda que logar sujo, se agora te achára um discreto Lapidario, te recolhera; mas a mim não me prestas; mais caso faço de uma migalha, que busco para meu sustento, ou dous grãos de cevada. Dito isto, a deixou, e foi por diante esgravatando para buscar conveniente mantimento.

II

O LOBO E O CORDEIRO

Estava bebendo um Lobo encarniçado em um ribeiro de agua, e pela parte debaixo chegou um Cordeiro tambem a beber. Olhou o Lobo de máo rosto, e disse, reganhando os dentes:—Porque tiveste tanta ousadia de me turvar a agua onde estou bebendo? Respondeu o Cordeiro com humildade:—A agua corre para mim, portanto não posso eu torval-a. Torna o Lobo mais colerico a dizer:—Por isso me hasde praguejar? Seis mezes haverá que me fez outro tanto teu pae. Respondeu o Cordeiro:—N'esse tempo, senhor, ainda eu não era nascido, nem tenho culpa.—

Sim tens (replicou o Lobo) que todo o pasto de meu campo estragaste. — Mal póde ser isso, disse o Cordeiro, porque ainda não tenho dentes. O Lobo, sem mais razões, saltou sobre elle e logo o degolou, e o comeu.

III

O LOBO E AS OVELHAS

Havia guerra travada entre Lobos e Ovelhas; e ellas, ainda que fracas, ajudadas dos rafeiros, sempre levavam o melhor. Pediram os Lobos paz, com condição que dariam de penhor seus filhos, e as Ovelhas que tambem lhe entregassem os rafeiros. Assentadas as pazes com estas condições, os filhos dos Lobos uivavam rijamente. Accodem os paes, e tomam isto por achaque de ser a paz quebrada; e tornam a renovar a guerra. Bem quizeram defender-se as Ovelhas, mas como sua principal força consistia nos rafeiros, que entregaram aos Lobos, facilmente fôram d'elles vencidas, e todas degoladas.

IV

O REI DOS BUGIOS E DOIS HOMENS

Caminhavam dois companheiros, tendo perdido o caminho, depois de terem andado muito, chegaram á terra dos Bugios. Foram logo logo levados ante o Rei, que vendo-os lhes disse: — Na vossa terra, e n'essa por onde vindes, que se disse de mim, e do meu Reino? Respondeu um dos companheiros: — Dizem que sois Rei grande, de gente sabia, e lustrosa. O outro, que era amigo de fallar verdade, respondeu: — Toda vossa gente são bugios irracionaes, forçado

é que o Rei tambem seja Bugio. Como isto ouviu o Rei, mandou que matassem a este, e ao primeiro fizessem mimos, e o tratassem muito bem.

V

A ANDORINHA E OUTRAS AVES

Semeavam os homens linho, e vendo-os a Andorinha, disse aos outros passaros:—Por nosso mal fazem os homens esta seara, que d'esta semente nascerá linho, e farão d'elle rêdes e laços para nos prenderem. Melhor será destruímos a linhaça, e a herva, que d'ella nascer, para que estejamos seguras. Riram as Aves d'este conselho e não quizeram tomal-o. O que vendo a Andorinha, fez pazes com os homens e se foi viver em suas casas. Elles fizeram rêdes, e instrumentos de caça, com que tomaram e prenderam todos os passaros, tirando só a Andorinha, que ficou privilegiada.

VI

O RATO E A RÃ

Desejava um Rato passar um rio, e temia, por não saber nadar. Pediu ajuda a uma Rã, a qual se offereceu de o passar, se se atasse ao seu pé. Consentiu o Rato, e tomando um fio, se atou pelo pé e na outra ponta atou o pé da Rã. Saltaram ambos no agua, mas a Rã com malicia trabalhava por se mergulhar, porque o Rato se affogasse. O Rato fazia por sahir para fóra, e ambos andavam n'este trabalho e fadiga. Passava um milhano por cima e vendo o Rato sobre a agua, se abateu pelo levar, e levou juntamente a Rã, que estava atada com elle, no ár os comeu ambos.

VII

O LADRÃO E O CÃO DE CASA

Querendo um Ladrão entrar em uma casa de noite para roubar, achou á porta um Cão, que com ladridos o impedia. O cauteloso Ladrão, para o appaziguar, lhe lançou um pedaço de pão. Mas o cão disse: — Bem entendo que me dás este pão porque me calle, e te deixe roubar a casa, não por amor que me tenhas: porém já que o dono da casa me sustenta toda a vida, não deixarei de ladrar, se não te fôres, até que elle accorde, e te venha estorvar. Não quero que este bocado me custe morrer de fome toda a minha vida.

VIII

O CAO E A OVELHA

Demandou o Cão á Ovelha certa quantidade de pão, que dizia haver lhe emprestado, ou dado na sua mão em deposito. Ella negou havel o recebido. Dá o Cão tres testemunhas, convem a saber: um Lobo, um Buytre e um Milhano, os quaes todos já vinham com o Cão sobornados, e apostados a jurar em seu favor, como com effeito juraram, dizendo que elles viram receber á Ovelha o pão, que se lhe pedia. Vendo a prova, a condemnou o Juiz a que pagasse; e como ella não tivesse por onde, lhe foi forçado tosquiar o véllo, e vendel o ante tempo, do que pagou o que não comêra, e ficou núa padecendo as neves e frios do inverno.

IX

O CÃO E A CARNE

Leváva um Cão na bocca um pedaço de carne, passava com ella um rio, e vendo no fundo da agua a sombra da carne maior, soltou a que leváva nos

dentes, por tomar a que via dentro na agua. Porém como o rio levou para baixo com sua corrente a verdadeira, levou tambem a sombra e ficou o Cão sem uma e sem outra.

 X

A MOSCA SOBRE A CARRETA

Sobre um carro de mulas, corregado, pousou uma môsca, e achou-se tão altiva de ir a seu gosto, alta, que começou a fallar soberba contra a mula dizendo que andasse depressa, senão que a castigaria, picando-a onde lhe doesse. Virou a mula o rosto dizendo:—Calla-te, parva sem vergonha, que não temo nem me podes fazer nada; o medo que me causa é do carreteiro, que leva na mão o açoite, que tu só com importunações canças-me, sem me fazer outro mal.

 XI

O CÃO E A IMAGEM

Buscando de comer o Cão, acertou de achar uma Imagem de homem, muito primorosa, e bem feita de papellão com côres vivas. Chegou o Cão a cheirar por vêr se era homem que dormia. Depois deu-lhe com o focinho e viu que se rebolava, e como não quizesse estar quêda, nem tomar assento, disse o Cão:—Por certo que a cabeça é linda, senão que não tem miolo.

 XII

O LEÃO, VACCA, CABRA E OVELHA

Fizeram parceria um Leão, uma Vacca, uma Cabra e uma Ovelha, para que caçassem de mão comum e partissem o ganho. Correndo sobre este con-

certo, acharam um Veado, depois de terem andado e trabalhado muito, o mataram. Chegaram todos cançados e cubiçosos da preza, e fizeram-no em quatro partes eguaes. O Leão tomou uma, e disse: — Esta é minha conforme ao concerto; est'outra me pertence por ser mais valente de todos; tambem tomarei a terceira, porque sou Rei de todos os animaes, e quem na quarta bolir, tenha-se por meu desafiado. Assim as levou todas, e os parceiros se acharam enganados, e com agravo, mas soffreram por serem desiguaes na fôrça ao Leão.

XIII

O CASAMENTO DO SOL

Dizem que em certo tempo desejou o Sol de se casar, e todas as gentes, aggravadas d'isso, se fôram queixar a Jupiter, dizendo: — Que no Estio trabalhosamente soffriam um Sol, que com seus raios os abraçava, d'onde inferiam e provavam, que se o Sol casasse e viesse a ter filhos, queimaria o mundo todo; porque um Sol faria Verão calmoso na India, outro em Grecia, outro na Noruega e terras Septemtrionaes: pelo que sendo todas as tres zonas tórridas, não teriam as gentes oude viver. Visto isto por Jupiter, mandou que não casasse.

XIV

O HOMEM E A DONINHA

Um homem que caçava Ratos, prendeu na armadilha uma Dóninha. Ella vendo-se em seu poder, lhe disse que a soltasse, e allegou razões, dizendo: que ella nenhum mal fazia, antes lhe alimpava a casa de ratos e bichos, e sempre, por lhe fazer bem, os an-

dava matando. Respondeu o homem: — Se tu por fazer bem o fizeras, devia-te eu agradecimento, mas como o fazes pelo comer, não te devò nada, antes te quero matar, que se elles te faltarem, comer-me-has o meu, peor do que o fazem os mesmos ratos.

XV

A BOGIA E A RAPOSA

Rogava a Bógia á Raposa que cortasse a metade do seu rabo e l'ho dêsse, dizendo:— Bem vês que o teu rabo arroja, e varre a terra, e é defeito por demasiado; o que d'elle sobeja me pòdes prestar a mim, e cobrir-me estas partes, que vergonhosamente trago descobertas. Antes quero que arroje, (disse a Raposa) e varra o chão, e me seja pezado, que aproveitares-te tu d'elle. Por isso não to dareir nem quero que coisa minha te preste. E assim ficou sem elle a Bógia.

XVI

JUNO E O PAVÃO

Veiu o Pavão a Juno muito queixoso, dizendo, porque razão o Rouxinol havia de cantar melhor que elle, e ter-lhe outras muitas vantagens? Disse Juno, que não se agastasse; que por isso tinha elle as pennas formosas cheias de olhos, que parecem estrellas.— Isso é vento (replicou o Pavão) mais tomára saber cantar. Juno respondeu: Não pòdes ter tudo. O Rouxinol tem voz, a Agúia fôrça, o Gavião ligeireza, tu contenta-te com tua formosura.

XVII

O LOBO E O GROU

Comendo o Lobo carne, atravessou-se-lhe um ôsso na garganta, que o affogava. Estando n'esta affronta, pediu ao Grou que lhe valesse nella, e com seu peçoço comprido lhe tirasse do papo o ôsso. Fêl-o o Grou, tirou-lhe o ôsso, e estando livre o Lobo, pediu-lhe alguma parte do muito que antes se offerencia a dar-lhe. Porém o Lobo lhe respondeu: — Oh ingrato! Não me agradeces que te tivesse mettido a cabeça dentro na minha bocca, e que pudera apertar os dentes e matar te. Não me peças paga, que obrigado me ficas, e assás és de ingrato em não reconheceres tão grande beneficio. Calou-se o Grou, e foi muito arrependido do que fizera, dizendo: — Nunca mais por gente ruim metterei a cabeça, e vida em semelhante perigo.

XVIII

AS DUAS CADELLAS

Tomando a uma cadella as dôres de parir, e não tendo logar donde parisse, rogou a outra que lhe desse a sua cama e pousada, que era em um palheiro, e tanto que parisse se iria com seus filhos. Fel-o a outra com dó d'ella, e depois de haver parido, lhe disse que se fôsse embora: porém a bôa hospeda mostrou-lhe os dentes, e não a quíz deixar entrar, dizendo que estava de posse, e que não a lançariam d'alli, senão fôsse por guerra e ás dentadas.

XIX

O HOMEM E A COBRA

Na força do chuvoso, e frio inverno andava uma Cobra fraca, e encolhida, e um homem de piedade a recolheu, agasalhou e alimentou emquanto houve frio

Chegado o verão, começou a Cobra a estender-se, e desenroscar-se, pelo que elle a quiz lançar fóra; mas ella levantou o pescôço para o morder. O que vendo o homem, tomou um páo, assanhou-se a Cobra, e começaram ambos a pelejar. De que resultou ficar ella morta, e elle bem mordido.

XX

O ASNO E O LEÃO

O Asno simples e torpe encontrou-se com o Leão em um caminho; e de altivo, e presumçoso, se atreveu a lhe fallar, dizendo:—Vades embora companheiro. Parou-se o Leão vendo este desatino e ousadia; mas tornou logo a proseguir seu caminho, dizendo:—Leve cousa me fôra matar e desfazer agora este; porém não quero sujar meus dentes, nem as fortes unhas em carne tão bestial e fraca. Assim passou, sem fazer caso d'elle.

XXI

O RATO CIDADÃO E MONTESINHO

Um Rato que morava na Cidade, acertando de ir ao campo, foi convidado por outro, que lá morava, e levando-o á sua cova, ahi comeram ambos cousas do campo, ervas e raizes. Disse o Cidadão ao outro:—Por certo, compadre, tenho dó de ti, e da pobreza em que vives. Vem commigo morar na Cidade, verás a riqueza, e a fartura que gosas. Aceitou o rustico e vieram ambos a uma casa grande e rica, e entrados na dispensa, estavam comendo boas comidas e muitas, quando de subito entra o dispenseiro, e dois gatos apoz elle. Saem os Ratos fugindo. O de casa achou logo seu buraco, o de fóra trepou pela parêde

dizendo: — Ficae vós embora com a vossa fartura; que eu mais quero comer raizes no campo sem sobressaltos, onde não ha gato nem ratoeira. E assim diz o adaggio: Mais vale magro no mato, que gordo na bocca do gato.

XXII

A AGUIA E A RAPOSA

Tinha a Aguia filhos e para os cevar levou nas unhas dois raposinhos tomados de uma louza. A mãe, que o soube, lhe foi rogar que desse seus filhos; Mas a Aguia lá do alto zombou dos rogos e disse que não deixaria de l'hos comer. A raposa magoada começou logo a cercar a arvore, onde a Aguia tinha seu ninho de muitas palhas, tojos, páos seccos e acendalhas de tal maneira, que pondo-lhe o fogo, fez uma fogueira muito grande. Viu-se a Aguia atribulada do fumo, e levareda, e do receio que ardesse a arvore toda, lançou-lhe os filhos sem lhe tocar, e quasi ficou chamuscada pela industria da Raposa.

XXIII

O GALLO E A RAPOSA

Fugindo as Gallinhas com seu Gallo de uma Raposa, subiram-se em um pinheiro, e como a Raposa ali não pudesse fazer-lhes mal, quiz usar de cautella, e disse ao Gallo: — Bem podeis descer-vos seguramente, que agora acabou se de assentar paz universal entre todas as aves e animaes; portanto vinde, festejaremos este dia. Entendeu o Gallo a mentira; mas com dissimulação respondeu: — Estas novas por certo são boas e alegres, mas vêjo acolá assomar tres cães; deixemol-os chegar, todos juntos festejaremos.

Porém a Raposa, sem mais esperar, acolheu-se dizendo: Temo que o não saibam ainda, e me matem. Assim se foi e ficaram as Gallinhas seguras.

XXIV

O BEZERRO E O LAVRADOR

Tinha um Lavrador um Bezerro, forte e mimoso e pôl-o no jugo, com outro boi manso; mas como o Bezerro o não quizesse tomar nem soffrer, com pancadas e pedradas. trabalhava o Lavrador pelo amansar. E disse ao Boi manso: — Não te tomo com este para que lavres, que ainda não é para isso, senão para o amansar de pequeno, porque depois que fôr touro madrigado não haverá quem o amanse.

XXV

O LOBO E O CÃO

Encontrando-se um Lobo e um Cão em um caminho, disse o Lobo: Inveja tenho companheiro, de te vêr tão gordo, com o pescoço grosso e cabello luzidio; eu sempre ando magro e arripiado. Respondeu o Cão: — Se tu fizeres o que eu faço, tambem engordarás. Estou em uma casa, onde me querem muito, dão-me de comer, tratam-me bem; e eu tenho cuidado só de ladrar quando sinto ladrões de noite. Por isso, se queres, vem commigo, terás outro tanto? Aceitou o Lobo, e começaram a ir. Mas no caminho disse o Lobo: — De que é isso companheiro, que te vêjo o pescoço esfolado? Respondeu o Cão: — Porque não môrda de dia aos que entram em casa, estou prezo com uma corda, de noite me soltam até pela manhã, que tornam a prender-me. — Não quero tua fartura; respondeu o Lobo: A trôco de não ser cativo, antes quero trabalhar, e jejuar livre. E dizendo isto se foi.

XXVI

OS MEMBROS E O CORPO

As mãos e os pés se queixavam dos outros membros, dizendo— que elles toda a vida trabalhavam e traziam o corpo ás costas, e tudo redundava em proveito do estomago que comia sem trabalho; portanto que se determinasse a buscar sua vida, que elles não haviam de dar-lhe de comer. Por muito que o estomago lhes rogou, não quizeram tomar outra determinação, e assim começaram a negar-lhe a comida: e elle enfraqueceu. Mas como juntamente enfraquecessem os pés e mãos, tornaram depressa a querer alimentar-o; mas como já a fraqueza fôsse muita, nada lhes valeu, e morreram todos juntamente.

XXVII

A AGUIA E A COREXA

A Aguia tomou nas unhas um Kágado para cevar-se, e trazendo-o pelo ár, e dando-lhe picadas, não podia matal-o, porque estava mui recolhido em sua concha. Embravecia-se muito com isso a Aguia, sem lhe prestar, quando chega a Corexa, e diz:—A caça que tomastes é em extremo boa, mas não podereis gozar d'ella senão por manha. Disse a—Aguia que lhe ensinasse a manha e partiria com ella da caça. A Corexa o fez dizendo:—Subi-vos sobre as nuvens. e de lá deixae cair o Kágado sobre alguma lage, quebrará a concha e ficar-nos-ha a carne descoberta. A Aguia assim o fez; succedendo como queriam, comeram ambas da caça.

XXVIII

A RAPOSA E O CORVO

O Córvo apanhou um queijo, e com elle fugindo, se poisou sobre uma arvore. Viu-o a Raposa, e desejou

de lhe comer o seu queijo : e pondo-se ao pé da arvore, começou a dizer ao Córvo : — Por certo que és formoso, e gentilhomem, e poucos passaros ha que te ganhem. Tu és bem disposto e mui galante ; se acertáras de saber cantar, nenhuma ave se comparará contigo. Soberbo o Córvo d'estes gabos e desejando de lhe parecer bem, levanta o pescôço para cantar ; porém abrindo a bocca, cahiu-lhe o queijo. A Raposa o tomou e foi-se, ficando o Córvo faminto e corrido de sua propria ignorancia.

XXIX

O LEÃO E OS OUTROS ANIMAES

Estava um Leão doente e fraco de velho, e vindo um Pôrco montez, que lhe lembrou ser maltratado d'elle n'outro tempo, deu-lhe uma forte trombada, e passou. Veiu um Touro e escornou-o, e outros muitos animaes por se vingarem o maltrataram. Por derradeira veiu um asno e deu-lhe dous couces, com que lhe derrubou as queixadas. Chorava o Leão, dizendo : — Tempo sei eu que todos estes só de meu bramido tremiam e nenhum havia tão forte, que não fugisse de se encontrar commigo, agora que me vêem fraco, todos querem vingarse, e não ha quem não se me atreva.

XXX

A RÃS E JUPITER

As Rãs, no outro tempo, pediram a Jupiter que lhes dêsse Rei, como tinham outros muitos animaes. Riu-se Jupiter da ignorante petição, e deferindo a ella, lançou um madeiro no meio da lagôa. Começaram as Rãs a ter-lhe respeito, porém desde que entenderam que não era cousa viva, de novo tornaram a Jupiter

pedindo Rei. Agastado Jupiter da importunação, deu-lhes a Cegonha, que começou a comê-las uma a uma. Vendo ellas esta crueldade, fôram-se com queixas, e por remedio a Jupiter, mas elle as lançou de si, dizendo: — Andae para loucas: já que vos não contentastes do primeiro Rei, soffrei este, que tanto me pedistes.

XXXI

AS POMBAS E O FALCÃO

Vendo-se as Pombas perseguidas do Milhano, que as maltratava de quando em quando, e buscando como poderiam livrar-se, quizeram valer-se do Falcão. Tomou este o cargo de as defender; mas começou a tratá-las muito peor, matando-as e comendo-as sem piedade. Vendo-se sem remedio, diziam: Com rasão padecemos, pois não nos contentando do que tínhamos, soubemos tão mal escolher cousa que tanto nos mportava.

XXXII

O PARTO DA TERRA

Em certo tempo, começou a Terra a dar urros, e inchar, dizendo que queria parir. Andava a gente mui pasmada, e cheia de temor, e receiosa que nascesse algum monstro proporcionado com a mãe, que pudesse destruir o mundo todo. Chegado o tempo do parto, estando todos juntos suspensos, pariu a Terra um Morganho, e ficou sendo riso o que antes era mêdo.

XXXIII

O GALGO VELHO E SEU AMO

A um Galgo velho, que havia sido muito bom, se lhe foi uma lebre d'entre os dentes, porque quasi já os não tinhã. O amo por isso o açoitou cruelmente, e lançou de si, como cousa que nada valia. Disse o Galgo: — Deves, senhor, lembrar-te como te servi bem em quanto era môço, quantas lebres tomei, e quanto me estimavas: agora que sou velho, e estou posto no ôsso, por uma que me fugiu, me açoutas, e lanças fóra, devendo perdoar-me e pagar-me bem o muito que te tenho servido.

XXXIV

AS LEBRES E RÃS

Vendo-se as Lebres corridas dos Galgos e espantadas de todos os animaes, assentaram, por não passar tanto sobresalto, de se matarem afogadas em um rio; e querendo dal-o á execução, como corressem com impeto para se arremessarem na agua, chegando á bórda d'ella viram grande numero de Rãs saltarem com mêdo na ribeira. Reportaram-se as Lebres um pouco, e mudando o conselho, disseram: — Pois que vivem estas Rãs, havendo medo de nós e de todos os que no lo causam, sofframos nós a vida, que já ha outros mais acossados e medrosos.

XXXV

O LOBO E O CABRITO

Uma Cabra, indo pastar ao campo, deixou o filho em casa e mandou-lhe que não abrisse ao Usso, nem Lobo, que ali viesse, porque morreria. Ida ella veiu

hum Lobo, e fingindo a voz de Cabra, começou a affagar o Cabrito, dizendo—que lhe abrisse, que era sua mãe. Ouvindo isto o Cabrito, chegou á porta e por uma fenda olhou, e viu o Lobo, e sem outra resposta virou as costas e recolheu-se em casa. O Lobo foi-se, e elle ficou salvo.

XXXVI

O CERVO, O LOBO E A OVELHA

Demandava o Cervo á Ovelha falsamente certo trigo, que dizia haver-lhe emprestado. A Ovelha pudera negar-lh'o, mas recebeu porque estava um Lobo, de companhia com o Veado, e assim com dissimulação lhe disse: —Rogo-te por tua vida, que esperes alguns dias, e então averiguaremos nossas contas, que eu te pagarei quanto te dever. Foi contente o Cervo. Porém tanto que ambos se encontraram sem o Lobo estar presente, a Ovelha o desenganou, que nem lhe devia trigo, nem lh'o havia de pagar.

XXXVII

A CEGONHA E A RAPOSA

Sendo amigas a Cegonha com a Raposa, a Raposa a convidou um dia a jantar. Chegado o tempo, preparou a Raposa ardilosa uma comida liquida, manjar como papas e a estendeu por uma louza, e importunava a Cegonha a que comesse. Mas como ella picava na louza, quebrava o bico, e nada tomava n'elle, com que se foi faminta para o ninho. Mas por se vingar, convidou a Raposa outra vez e lançou o manjar em uma almotolia. d'onde comia com o bico, e

pescôço comprido. E a Raposa não podendo metter o focinho, se tornou para sua casa, oorrída e morta de fome.

XXXVIII

A GRALHA E OS PAVÕES

Fez-se a Gralha bizarra e louca vestindo-se de penas de Pavões, que pediu emprestadas e despresando as outras Gralhas, andava com os Pavões de mistura. Porém elles lhe pediram as suas pennas, e começando a depennal-a, todos lhe levavam pennas e carne no bico. Depois querendo chegar-se ás outras, ainda que com temor e vergonha, diziam ellas: Quanto te valéra mais contentares-te com o que te deu a natureza, que queres mudar de estado; para vires a este em que estás, pelada, ferida e vergonhosa.

XXXIX

A FORMIGA E A MOSCA

Entre a Mósca e a Formiga, houve grande altercação sobre pontos de honra. Dizia a Mosca: — Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, como viandas preciosas, e assento-me á meza com o Rei, e dou beijos nas mais formosas damas. Tu malaventurada, sempre andas trabalhando. Respondeu a Formiga: Tu és douda ociosa. Se pousas uma vez em prato de bom manjar, mil vezes comes sujidades e immundicias, aborrecida de todos; se te pões no rôsto das damas ou á mesa com o Rei, não é por sua vontade, senão porque tu és enfadonha e importuna.

XL

A RÃ E O TOURO

Andava um grande Touro passeando ao longo da agoa, e vendo-o a Rã tão grande, tocada de inveja, começou de comer, e inchar-se com vento, e perguntava ás outras se era já tão grande. Responderam ellas, que não. Torna a Rã segunda vez, e põe mais força por inchar; e desengada do muito que lhe faltava para egualar o Touro, terceira vez inchou tão rijamente, que veiu a arrebentar com cobiça de ser grande.

XLI

O CAVALLO E O LEÃO

Viu o Leão andar comendo o Cavallo em um outeiro, e cuidando em que maneira faria que lhe esperasse para o matar, chegou-se com palavras de amigo, dizendo que era medico, se queria que o curasse. O Cavallo, que o conheceu e entendeu, disse com dissimulação:—Em verdade, vens, amigo a bom tempo, que tenho n'este pé um estrépe de que estou maltratado. Chegou-se o Leão a vêr-lhe o pé; e o Cavallo o levantou e lh'o assentou nas queixadas, em modo que ficou embaraçado; e tornando em si, vendo era ído o Cavallo, disse:—Por certo que fez bem em me ferir e ir-se, pois eu queria comel-o e não eural-o.

XLII

AS AVES E O MORCEGO

Havia guerra travada entre as Aves e outros animaes, que, como eram fortes, andavam as Aves maltratadas e vencidas. Temoroso d'isto o Morcêgo, pas-

sou-se do bando contrario e voava por cima dos animaes de quatro pés, posto já de sua parte. Sobreveiu a Aguia em favor das Aves, e alcançaram victoria. E tomando o Morcêgo, em castigo da traição, lhe mandáram que andasse sempre pelado e ás escuras.

XLII

O CAVALLO E O ASNO

Indo o Cavallo com jaezes ricos de seda e ouro de muito prêço, encontrou no caminho um Asno carregado, e disse-lhe com muita soberba: — Animal descomedido, porque não me dás logar, e te desvias para que eu passe? Calou e soffreu o pobre Asno. Mas d'ahi a poucos dias emmanqueceu o Cavallo, e puzeram-n'o de albarda para servir, Acertou o Asno de o achar carregado de estêrco, e disse-lhe: —Que vae, irmão, onde está vossa soberba, porque não mandaes agora que me arrede, como fazias em outro tempo?

XLIV

O FALCÃO E O ROUXINOL

O Falcão uma manhã se apossou do ninho onde o Rouxinol tinha seus filhos, e quiz matal-os. Começou o Rouxinol com muita brandura a rogar-lhe que não os matasse, e que o serviria. Disse o Falcão, que era contente, se cantasse de modo que o satisfizesse. Começou o triste Rouxinol a cantar muito sentido, e suave. Porém o Falcão mostrando-se descontente da musica, começou a comel-os. Chega n'isto por detraz um caçador e lança ao Falcão um laço em que e prendeu e o levou arrastos, e o Rouxinol ficou livre.

XLV.

AS ARVORES E A MACHADA

Um machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, sem elle não podia cortar. Disseram as Arvores ao Zambujeiro, que lhe desse o cabo. E como o machado esteve encavado, um homem com elle começou a fazer madeira, e destruir o arvoredo. Disse então o Sobreiro ao Freixo:— Nós temos a culpa, que démos cabo ao Machado para nosso mal; porque a não lh'o darmos, seguras pudéramos estar d'elle.

XLVI

O ASNO E O MERCADOR

Um tendeiro caminhando para a feira levava um Asno carregado de mercadorias, que de mui fraco, andava de vagar. O Mercador cubiçoso com desejo de chegar, dava tanto no Asno, que não podia bo-lir-se, que cahiu no caminho com a carga e morreu. Depois de morto o esfolaram e da pelle lhe fizeram um tambor, em que andavam de continuo rangendo e batucando.

XLVII

O RATO E A DONINHA

Uma Dóninha, como de velha e cançada, não pudes-se já caçar, usava esta manha: Enfarinhava-se toda e punha-se mui queda a um canto da casa. Vinham alguns Ratos que cuidando ser outra coisa, chegavam por comer, e ella os comia. Por derradeiro veio um Rato velho, que tinha já escapado de muitos trances, e posto de longe disse:— Por mais artes

que uses, não me colherás. Engana tu a esses pequenos; mas eu, conheço-te bem, não hei de chegar a ti. E dizendo isto, foi-se.

XLVIII

A RAPOSA E AS UVAS

Chegava a Raposa a uma parreira, viu-a carregada de uvas maduras e formosas, e cubiçou-as. Começou a fazer suas diligencias para subir, porém como estavam altas e ingreme a subida, por muito que fez, não pôde trepar; pelo que disse: —Estão uvas em agração e botar me-hão os dentes, não quero colhel-as verdes, que tambem sou pouco amiga d'ellas. E dito isto se foi.

XLIX

O PASTOR E O LOBO

Fugiu um Lobo de um caçador que vinha em seu seguimento, e diante de um Pastor se escondeu em umas moutas, rogando-lhe que se o caçador lhe perguntasse, dissesse era ido. Ficou o Pastor de o fazer. E chegado o caçador, perguntando pelo Lobo, o Pastor lhe dizia que éra ido, mas com a cabeça lhe acenava para onde estava; não attentou o caçador nos acenos, e foi-se. Sahiu o Lobo e disse-lhe o Pastor: — Que vae amigo, muito me debes, bom valedor tiveste em mim. Valeu-me a mim minha ventura, (responden o Lobo) e não te entender o caçador, pelo que nada te devo, antes se bemdigo a tua lingua, amaldiçou-o a tua cabeça, que tanto fez por me descobrir.

L

O ASNO E A CACHORRINHA

Vendo o Asno que seu amo brincava com uma Cachôrrinha, e se alegrava com ella, e a tinha á meza, dando-lhe de comer, porque o affagava vindo de fóra e saltava n'elle, creio que se outro tanto lhe fizesse, tambem seria estimado; e com essa inveja se vae ao senhor em entrando de fóra e poudo-lhe as mãos sobre os hombros, começou a lamber-lhe o rosto com a lingua. Espantado o amo, brada, e accodem os criados e a poder de muitas pancadas tornaram a metter o Asco em sua estrevaria.

LI

O LEÃO E O RATO

Estando o Leão domindo, andavam uns Ratos brincando ao redor d'elle, e saltando-lhe por cima, o acordaram. Tomou elle um entre as mãos, e estava para o matar, mas pelo ter em pouco, e pelos muitos rogos, com que lhe pedia, o soltou. Succedeo d'ahi a pouco tempo cahir o Leão em uma rêde, onde ficou liádo, sem poder valer-se de suas forças. E sabendo-o o Rato, tal diligencia pôs, que rôeu brevemente os laços e cordeis, e soltou o Leão, que se foi livre, em paga da boa obra que lhe fez.

LII

O MILHANO E SUA MÃE

Estando o Milhano enfermo e receando a morte, que via já chegada, rogou de proposito a sua mãe que fizesse, por sua saude, romarias aos Santos. Res-

pondeu ella: De boa vontade, filho, as fizera, mas temo que não te prestem; porque como gastastes a vida toda em males e sempre com teu estêrco sujastes os Templos dos Santos, receio que não me queiram ouvir, ainda que os rogue por sua saude.

LIII

O PÔRCA E O LÔBO

Estava uma Pôrca com dôres de parir, e um faminto Lobo se chegou a ella, dizendo que era seu amigo, e tinha dó de a vêr desamparada, que queria servir-lhe de parteira. Bem entendeu a Pôrca que vinha elle por lhe comer os filhos; e dissimulando disse—que não pariria em quanto elle ali estivesse, que era mui vergonhosa, e que se pejava d'elle, que era seu afillhado; portanto, que se fôsse e a deixasse parir, e que depois tornaria. Fêl o o Lobo assim, mas em se desviando d'ali, a Pôrca tambem se foi buscar um lugar seguro em que parir.

LIV

O VELHO E A MOSCA

Repousava á soalheira um Velho calvo, com a cabeça descoberta, e uma Môsca não fazia senão picar-lhe na calva. Accudia logo o Velho com a mão, e como ella fugisse mui depressa, dava em si mesmo grandes palmadas, de que a Môsca gostava e se ria. Disse o Velho:—Ride-vos, embora, de quantas vezes eu der em mim; que isso não me mata, mas se uma só vez vos acerta, ficareis morta, e pagareis o novo e o velho.

LV

O CORDEIRO E O LOBO

Andava um Cordeiro entre as cabras e chegou o Lobo, dizendo-lhe : — Não é este o teu rebanho, vem commigo, levar-te hei a tua mãe. Respondeu o Cordeiro : — Não quero; porque esta Cabra me quer muito, e me faz mais mimo que a seu proprio filho. Com tudo (replicou o Lobo) melhor estarás com tua mãe. Bem estou aqui (disse a Cordeirø) não quero provar ventura, que por bem que me succeda, não deixará o pastor de me tirar o vello, e ficarei morrendo de frio.

LVI

O HOMEM POBRE E A COBRA

Um homem pobre costumava affagar e dar de comer a uma Cobra, que em sua casa trazia; e em quanto assim o fez, tudo lhe ía por diante. Depois, por certa agastadura, fez-lhe uma grande ferida. E vendo que tornava a empobrecer, com muitas palavras e humildade lhe pediu perdão. Respondeu a Cobra :—Eu de boamente te perdão, mas não te ha de isto prestar para deixares de ser pobre; que esta ferida sempre me ha de doer, e sempre ha de estar pedindo vingança de ti.

LVII

O BOGIO. O LOÃO E A RAPOSA

Querellou o Lobo da Raposa, dizendo que fizera um furto. Era juiz o Bogio. E a Raposa negou fortemente, disputando ambos diante do juiz e cada um descobriu quantas maldades sabia do outro. Depois de

o Bogio os onvir, pronunciou a sentença, dizendo: que o Lobo não provára bem ser-lhe feito furto: mas que elle entendera que a Raposa tinha furtado alguma cousa; portanto, condemnava a ambos que ficassem entre si sempre desavindos, e suspeitosos.

LVIII

A FAIA E A CANANOURA

A Faia alta e direita, não queria dobrar-se ao vento, antes vendo a Cananoura que se meneava facilmente, a aconselhava que estivesse teza, sem dobrar-se. Respondeu a Cananoura: — Tu pódés resistir e eu não, que não tenho raizes compridas, nem sou forte como tu és. Dizendo isto, veiu um pé de vento com braveza, que arrancou a Faia com raizes e tudo; mas a Cananoura, que se dobrou, ficou em pé.

LIX

A FORMIGA E A CIGARRA

No Inverno tirava a Formiga da sua cova é assoalhar o trigo, que n'ella tinha, e a Cigarra com as mãos postas lhe pedia que repartisse com ella, que morria á fome. Perguntou-lhe a Formiga: que fizera no Estio, porque não guardára para se manter? Respondeu a Cigarra: — o Verão e Estio, gastei a cantar e passatempos pelos campos, A Formiga então, perseverando em recolher seu trigo, lhe disse:—Amiga, pois os seis mezes de Verão gastastes em cantar, bailar é comida saborosa e de gosto.

LX

O CAMINHANTE E A ESPADA

Achou um Caminhante uma Espada bem guarnecida em meio da estrada, e perguntou-lhe, quem a perdera, e deixára ali. Calou-se ella e esteve quêda. Depois, sendo outra vez perguntada, respondeu: — Ninguém me perdeu a mim, ainda que me vez lançada n'este chão, antes eu fiz perder a muita gente; que dando occasiões a brigas, matei alguns homens de que resultou ficarem perdidos os matadores, e os mortos mais perdidos se não estavam em graça; porque camiaheram para o inferno.

LXI

O ASNO E O LEÃO

Encontrando-se em um caminho o Asno com o Leão, lhe disse: — Subamos a um outeiro, que quero que vêjas os muitos animaes, que não têm medo de mim. Riu-se o Leão e foi com elle. Zurrou o Asno, e fez fugir grande numero de lebres, coelhos, zorras e outros semelhantes. Disse-lhe então: — Que te parece? Vês este medo com que fogem de mim? Fogem de ti (respondeu o Leão) os fracos, que são os que cobram medo de ouvir bradar; mas eu sem braços desfaço ás mãos os mais valentes; pelo que de nenhum, nem de ti tenho temor.

LXII

A GRALHA E A OVELHA

Uma Gralha ociosa pousou sobre o pescôço da Ovelha, e ali a repelava, e lhe tirava a lã, picando-a por entre ella. Virou a Ovelha o rôsto, dizendo: —

Esta manha ruim e antiga houvêreis de deixal-a esquecer, que podeis ir picar um rafeiro no pescôço e matarvos-ha levemente. Respondeu a Gralha: Já sou velha, e muito feia e conheço a quem posso aggravar e a quem devo affágar. Não temas que me ponha no pescôço do cão, senão no teu, que me não podes fazer mal.

LXIII

O BOI E O VEADO

Por fugir o Veado de um caçador, se acolheu á villa, e entrando medroso em uma estrebaria, achou o Boi, a quem perguntou—se podia esconder-se ali. Disse o Boi, que era muito certo o morrer e que antes devera tornar-se ao matto, e comtudo o escondeu, e o cobriu de palha. Veiu o dono da estrebaria e olhando por elle, viu as pontas do Veado. Foi descobril-o, e achou o que era. Mas disse-lhe: Já que de tua vontade vieste á minha casa, não te quero matar, senão defender e fazer muitos mimos.

LXIV

O HOMEM E O LEÃO

Andando o Leão á caça, meteu um estrepe no pé, com que não podia bolir-se. Encontrou um homem e mostrou-lhe para que lho tirasse. Fêl-o assim o homem, e o Leão em paga partiu da caça com elle. D'ali a muito tempo foi tomado este Leão para certas festas e n'ellas se lançavam homens para que os matassem. Entre elles lhe lançáram este que o curou, que estava prezo por algumas culpas. Porém o Leão não só o não matou, antes se pôz em sua guarda, e o acompanhou toda a vida, caçando para elle.

LXV

O LOBO E A RAPOSA

O Lobo se aparelhou e proveu sua cova muito bem de mantimento. A Raposa chegou e disse, que obrigada de amor andava atraz d'elle, por vê-lo e servil-o. Não quero teu serviço, (disse o Lobo) que tua intenção não é senão roubar-me e comeres-me o que eu tenho. Vendo-se a Raposa alcançada, buscou quem matasse o Lobo, e meteu-se de posse da sua cova, e de quanto estava n'ella, mas sobrevivendo uns caçadores, foi achada dos cães e feita em pedaços.

LXVI

O LEÃO E OUTROS ANIMAES

Eleito o Leão Rei de todos os animaes, prometeu de a nenhum fazer mal. E logo chamando-os a côrtes, os poz por ordem, e corria-os, dando-lhes a cheirar o seu bafo. Os que diziam que lhes cheirava mal, os matava. Os que diziam que bem, feria-os. Andando assim, chegou á Mona, e perguntou-lhe, como a todos, se lhe fedia o bafo. A Mona o cheirou, e dizendo que não fedia, se foi. Porém o Leão, pela matar, se fingiu doente, e disse que sararia se a comesse. E por esta manha tomou occasião de a matar.

LXVII

O VEADO E O CAÇADOR

Bebendo o Veado em uma ribeira, viu nos seus cónos ramos e as pernas delgadas, pareceram-lhe as pernas mal, e ficou pesaroso de as ter, e por outra

pãrte tão satisfeito da formosura dos córnos, que se fez soberbo de contente. Ainda bem não saía da agua, quando dá sobre elle um Caçador. Foi-lhe forçado valer-se dos pés, que pouco antes despresára, e elles o punham em salvo. Mas entrando por um arvoredo basto, embaraçavam-se-lhe os córnos com os ramos das arvores, com que se embaraçou e foi tomado. Pelo que dizia, vendo-se prezo e ferido: Grande parvo fui; que o que me era bom desestimei, fazendo muito caso do que me causou a morte.

LXVIII

A BICHA E A LIMA

Buscando a Bicha de comer na tenda de um ferreiro, foi topar com uma lima e quiz roêl-a, mas como os dentes não entravam pelo aço, dava-lhe muitas voltas virando a de todas as bandas. Enfadada a Lima de andar aos tombos, lhe disse: Que fazes, parva? não sabes que sou de ferro, e lima? por muito que trabalhes desfarás os dentes; eu com os meus de aço bem temperado, cortarei dentes e qualquer arma a quem chegar, em pouco tempo.

LXIX

OS CARNEIROS E O CARNICEIRO

Estando juntos uns Carneiros, entrou o Carniceiro, e elles não se alvoroçaram, nem fizeram caso d'isso. Tomou o Carniceiro um e logo o matou; e nem com vêr o sangue temeram os outros. Foi por diante e os matou a todas um a um até o derradeiro, que, vendo-se manietado, disse: — Por certo, com rasão padece-

mos, pois vendo a nosso mal não quizemos entendel-o. No principio ás marradas nos poderíamos defender, vendo que nos matavam, então não quizemos; agora eu só não posso: e assim acabámos todos.

LXX

O LOBO E O ASNO DOENTE.

Estava o Asno mal disposto, e foi o Lobo visital-o, fazendo-se muito amigo. Tomou-lhe o pulso, correu-lhe a mão pelo rôsto e disse: que queria cural-o. Estava o Asno quêdo, bem desejoso de se vêr a cem legoas do Lobo, o qual lhe apalpava os membros todos: perguntou onde lhe doía, e apertava-o e arrellava-o tanto, que disse o Asno: — Onde quer que me pões a mão, logo ahí me dóe; mas rogo-te que te vás e não me cures, que ído tu, sararei logo.

LXXI

A PULGA E O CAMELLO

Pôz-se uma Pulga sobre nm Camello carregado, e deixou-se ir sobre a carga uma jornada, no fim da qual saltou abaixo, e sacudindo-se, disse: — Folgo em verdade de me descer: porque tinha dó de ti; agora irás leve com pouca carga. O Camello se riu d'este cumprimento. e respondeu:—Nunca te senti se te levava em cima, nem tu pôdes carregar-me nem alliviar-me; que não tens pezo para isso. A carga que eu levo, essa sinto. Tu não tens pezo para te sentirem.

LXXII

O CAÇADOR E AS AVES

Concertava um pobre Caçador as vâras do visco; e as Aves olhando, estavam cantando á sombra das arvôres e gavando-o de bemfeitor e primoroso. Um passaro já experimentado lhes disse aos outros: — Fugamos logo *todos, porque este que vêdes, não quer mais que enviscar-nos e prender-nos. Andemos pelo ár, até vêr o que acontece a outra; porque este e todos como elle, quantos de nós houverem ás mãos, ou lhes torcem o pescôço, ou l'ho cortam, e mortos, ou presos nos mettem em sua taleiga.

LXXIII

O CERVO E O CAVALLO

Pelejáram algumas vezes sobre o pasto, o Cervo e o bom do Cavallo, e porque o Veado com os córnos fez sempre fugir o Cavallo, foi-se a um homem e disse-lhe: — Põe-me um freio, uma sella e sóbe sobre mim, e matarás um Veado que aqui anda. Fêl-o o homem assim. E morto o Veado, quiz o Cavallo que se apeasse; mas o homem acolheu-se á posse e o Cavallo ficou sempre sujeito ao freio e sella, e a andar debaixo.

LXXIV

O BUITRE E MAIS PASSAROS

O Buitre convidou a banquete todas as outras aves, dizendo que queria solemnisar o seu natal. Vieram muitas d'ellas e recolhendo-as todas em um aposento,

depois que fôram horas de ceiar, como todas estivessem assentadas esperando, vem o Buitre e cerra as portas, e começa a matá-las a uma e uma. Todas com medo avoejavam, por não haver alguma que se atrevesse com elle. E enfim elle sem piedade as matou, porque para isso as convidou ou ao menos para as pilhar.

LXXV

A RAPOSA E O LEÃO

Fingindo-se o Leão enfermo, visitavam-no os outros animaes; e de quantos entravam na cova, nenhum deixava sair. Elles obedeciam como a Rei, mas o Leão a um e um os comia todos. Por derradeiro chegou a Raposa á porta da cova e perguntou-lhe:—como estava? Respondeu o Leão,— porque não entrava a vél-o? Respondeu a Raposa—que não era necessario, que devia estar a casa cheia de gente; que ella via muitas pègadas dos que entravam, e nenhuma de que saíssem para fóra.

LXXVI

O CARNEIRO GRANDE E OS PEQUENOS

Tres Carneiros môços e um marroço andavam passando. [Saiu o velho correndo e fugindo. Os outros estavam pasmados, sem saber a causa, e como não entendiam seu perigo, riam-se do mêdo, e fugida do marroco, o qual vendo-os escarnecer-lhes, disse:—Vós sois loucos e ignorantes; não vêdes que quando vem o carniceiro sempre mata os maiores? Eu por isso fujo. Mas quando elle vier e vos matar, pesar-vos-ha de terdes escarnecido e esperado.

LXXVII

O LEÃO E O HOMEM

O Homem com o Leão altercavam sobre qual era mais valente. O Homem, para provar sua tenção, o levou a um sepulchro, onde estava de pedra um homem afogando um Leão, que tinha debaixo de sí. O Leão se riu de vêr isto, dizendo: — Se não fôra homem o que isto aqui poz, pudera ter algum credito, mas sendo homem é suspeito. Portanto, deixemos pinturas e provemos isto pelo braço. E logo isto dito estendeu o Homem no chão, e o matou com muita facilidade. (1)



A PANELLA DE BARRO E A DE COBRE

Uma corrente de agua levava duas panellas, uma era de cobre, outra de barro, e cada uma ía por sua banda, Disse a de Cobre á outra: Cada uma de nós só não tem fôrça para fazer resistencia á agua, mas chega-te a mim, e ambas poderemos resistir-lhe. Não quero, (disse a de barro) nem me vem bem, porque

(1) Merece estima esta tradução das *Fabulas de Esopo*, feita da lingua grega, por MANOEL MENDES, professor de latim e considerado humanista dos fins do seculo XVI. Teve o seu livrinho numeroras edições: 1603, 1611, 1643, 1673, 1705 e 1778, rollandiana, in-8.º pequeno, de VII-155 p. e 4 de indice n. n.

Manoel Mendes da Vidigueira, ajuntou a cada Fabula de Esopo a *Moralidade* com certa ingenuidade; e accrescentou-lhes, uma Segunda parte, como *Supplemento* ás *Fabulas de Esopo*, com quinze Fabulas portuguezas, umas colhidas da tradição popular e de anedoctas vulgares com sua *Moralidade*. Transcrevemos por isso seis d'estas fabulas, de valor folklorico.

se na agua tu me deres uma topada, ou t'a der a ti, de qualquer maneira tu ficarás sã, e eu far me-ei em pedaços.

Moralidade

Quem faz bando com homem mais poderoso, corre grande risco, porque em fim os pedorosos são de cobre, e os pobres de barro, e sempre quebra a corda pelo mais fraco. E se dois poderosos têm brigas, e depois querem concertar-se, fazem tão pouco caso da honra dos pobres, que os ajudaram n'ellas, que muitas vezes fazem concertos, como fez Augusto com Lepido, e Marco Antonio, que por se vingarem de seus inimigos, cada um entregou seus amigos á morte.

O CÃO E O SEU DONO

Um Cão de um Ortelão chegou ao pôço, e como em baixo viu sua figura, começou a affeioal-a; e tanto fez, e buliu, que caiu no poço. Andava o Cão meio afogado, e o Ortelão com dó d'elle desceu a baixo junto da agua, para o tirar, e como lhe pegasse, o Cão lhe metteu os dentes no braço, e o atravessou: o Ortelão o largou com a dor, e o Cão d'ahi a pouco affogou-se.

Moralidade

Per esto Cão se entende o peccador, que quando alguem com bons conselhos o quer tirar do pôço dos peccados, vira-se a mordel-o com affrontas de obras; mas o que ganha o tal é que seu ajudador o larga, e se Deus não lhe acode affoga-se, e acaba em seus vicios, para ir começar a pagal-os no inferno.

A NORA E A SOGRA

Uma mulher casada, que tinha sogra, estava muito mal com ella, e uma á outra se tinham má vontade. Acertáram de mandar a esta mulher certas cousas de doce, entre as queas vinham uma mulher, feita de especie. E disse quem as trazia, que aquella era a figura de sua sogra. Ella partiu uma migalha, que metteu na bocca, e tornando-a a cuspir, disse : Basta que e sogra, que até de açucar amarga,

Moralidade

Além de mostrar esta Fabula humana cousa tão ordinaria como é odio entre nóras, e sogras, tambem nos ensina quão má cousa é o odio, e quanto para fugir, pois faz que o açucar pareça fel; como se vê muitas vezes, quando a boa obra, que um inimigo faz a outro; elle a não quer aceitar, antes a despresa, e tem por ruim.

O LADRÃO E O ANJO

Dormia o Ladrão ao longo de uma parêde, e viu entre sonhos um anjo, que o acordava, dizendo : Levanta-te, e guarda-te d'aqui. Acordou o Ladrão, e apartando-se da parêde, viu-a vir de subito ao chão. Ficou d'este acontecimento muito alegre, e soberbo, crendo que por sua virtude o guardara Deus. Mas tornando a dormir, tornou a vêr o Anjo, que lhe dizia: Não te ensoberbeças, que se hontem te guardei, foi porque não era aquella tua morte, se não a da fôrça, para que estás guardado.

Moralidade

Na fôrça do inferno vão parar os que das mercês, que Deus lhes faz, tomam occasião de o offender, e serem mais soberbos. E esta Fabula nos avisa e ensina que a muitos

favorece a fortuna por seu mal. Muitos vivem, que lhes fôra melhor morrer. Pelo que um Philosopho, escapando de uma casa, que se arruinou e matou muita gente, disse com humildade: Oh ventura! para que occasião me terás guardado?

A RAPOSA E O LEÃO

Tinha a Raposa sua cova bem fechada, e estava-se dentro gemendo, porque estava enferma; chegou á porta um Leão, e perguntou-lhe como estava, e que lhe abrisse, porque a queria lambar, que tinha virtude na lingua, e elle lambendo-a, logo havia de sarar. Respondeu a Raposa de dentro: Não posso abrir, nem quero: creio que tem virtude a tua lingua; porém é tão má visinhança a dos dentes, que lhe tenho grande mêdo, e por tanto quero antes soffrer-me com meu mal.

Moralidade

Avisa-nos esta raposa, que quando nos offerecem alguma obra boa, notemos as circumstancias d'ella, que ás vezes são taes, que custam muito mais do que vale a obra pia.

O SOLDADO E O PIFANO

Um Soldado velho aposentado e enfadado da guerra, por se tirar de occasiões, assentou de queimar todas as armas, que tinha; e pondo-o em effeito, tinha entre ellas um Pifano, o qual lhe rogava que não quizesse queimal-o, dizendo, que elle não era arma, nem instrumento de matar ou ferir, pelo que não merecia pena. Tu a mereces maior, (respondeu o Soldado) e a ti hei de queimar primeiro; porque não prestando

tu para pelêjar, atiçavas os outros, se matassem na peleja; e logo o queimou com as armas,

Moralidade

Na figura do Pifano se mostra o castigo que merecem alguns cobardes, que servem de urdir brigas com a lingua, e tomam o officio do diabo, tecendo meadas, e incitando a mal, gente pernicioso na Republica, e que os delictos, que por sua causa se fizessem, deveram ser castigados em dobro.

(Manuel Mendes.)

O LOBO ESFAIMADO

Passando um lobo esfaimado por uma casa, ouviu chorar dentro um menino, e lhe dizia a mãe : — Se choras, heide-te dar ao lobo. Este, parecendo-lhe ser aquillo assim, esperou um pouco ; porêem vendo que, scegando-se o menino, a mãe, fazendo-lhe caricias, lhe dizia : Se viêr o lobo havemos matál-o, uivando partiu d'alli, dizendo: Esta diz uma cousa, e faz outra ! Ha muitos cubiçosos, que cegos da sua utilidade, esperam cousas impossiveis.

(Marques Soares, *Divertimento de Estudiosos*, t. II, p. 62.)

AS DUAS RÃS

Duas Rãs, que se achavam em um charco, seccando-se este com o calor do verão, foram em busca de outro, e achando no caminho um pôço, disse uma : Parece-me que entremos para elle. Respondeu-lhe a outra com mais acêrto : Por nenhum modo farei tal ; porque seccando-se esta agua, como a outra, não poderemos sahir. E' officio do Sábio prevêr e evitar os futuros damnos.

(*Id. ib.*, p. 64)

O CAÇADOR E A REDE

Estendia um Caçador suas rêdes. Um Melro, que o viu, perguntou-lhe o que fazia. Respondeu-lhe o Caçador, que edificava uma cidade; e acabando de espalhar as rêdes, escondeu-se. O Melro, dando-lhe credito, chegou-se para vêr o novo edificio, e cahiu na rêde. Safu o Caçador para apanhal-o, e o Melro lhe disse mui indignado: Homem falso, e enganador, se assim edificas tal cidade, poucos habitadores lhe acharás.

(*Id. ib.*, p. 135.)

O LOBO MORDIDO PELO CÃO

Sendo um lobo mordido gravemente por um cão, estava estirado na terra, sem se poder erguer. Vendo passar uma ovelha, pediu-lhe, que lhe trouxesse uma pouca de agua de um rio, que por alli corria, dizendo-lhe, que, se lhe dava de beber, elle lhe daria de comer. Entendeu a ovelha ser aquillo assim; trouxe-lhe de beber, e contra sua vontade tambem de comer. A malicia faz grande damno aos simples.

(*Id. ib.*, p. 136.)

QUEIXUMES DO PORCO

(*Versão da ilha da Madeira*)

Fui chamado á cidade
No mez do Natal um dia,
Pera eu feitorisar
Grande casa morgadia:
E levei, p'ra meu negocio,
Uma cabra, sua cria,
Um porco e um carneiro,
Commigo de companhia.

Vae o pôrco vagaroso,
Arrastado bem par'cia ;
Todos os mais vão calados,
Só o pôrco se carpia ;
Os gemidos que elle dava
A cabra não os soffria :

—Cal'-te pôrco. Porque choras ?
(A cabra ao porco dizia)
Vês o carneiro calado,
Eu calada tambem ia ;
O filho que váe commigo
Nem de mamar me pedia.
Pára tu já de grunhir,
Que ninguem te soffreria
Por tão longa caminhada
Tão seguida gritaria.

O pôrco, sem se calar,
Estas rasões respondia :

«Cada qual conta da festa
Como na festa lhe iria.
Vocês vão viver no pasto
Com farta comedoria,
O carneiro, p'ra dar lã,
E tu, leite cada dia :
Mas cá eu, só dou toicinhos,
Só minhas carnes daria ;
Tenho meus dias contados,
Só me espera a agonia.

Tinha o pôrco rasão.
Quem tambem não chiaria ?
Polla festa do Natal
O triste pôrco morria.

(*Romanceiro do Archipelago
da Madeira*, p. 452.)

NOTAS

O Rey Leir (Pag. 1) — ou *Lear*, é um d'aquelles réis da pequena Bretanha, na série entre Hudibras e Bladus, seguindo-se-lhe Brennus, Elidure, Peredure e outros, que Geoffrey de Monmouth intercalou na sua *Historia Britonum* já conhecida em 1139, extractando-a de uma Chronica bretã, que hoje se reconheceu ser a de Nennius; Monmouth floreuou phantasticamente esses elementos propriamente bretãos na sua versão latina á qual juntou tambem umas Prophecias de Merlin. Fez para a historia dos Bratões, o que o pseudo-Turpin fez para a Historia de França. Pode-se considerar Geoffroy de Monmouth como um dos fundadores dos falsos Chronicões que se tornaram typicos em Hespanha e Portugal. O Conde D. Pedro extractou da *Historia Britonum* de Monmouth, as lendas relativas ao rei Arthur (Série da Tavola Redonda) ou do Rei *Lear*, que entrou na corrente dos contos populares portuguezes. Interessa-nos esse extracto do Conde D. Pedro, no preambulo do *Livro das Linhagens*, porque com a Historia Britonum andava o livro das *Prophecias de Merlin*, já tão vulgarisado, que em 1340, alludindo á victoria do Salado, já é citado o *Leão dormente*, do Vale bretão, personificando D. Affonso IV, Gubernatis, (Myth. Zoolog. t. 1, p. 93) acha nas lendas indianas de Dirghatamas e Yafti, do *Mahabaratha*, «um primeiro esbôço do *Rei Lear*.» Isto basta para explicar o fundo popular da tradição, como a tragedia de Shakespeare, escripta na phase de sua mais pathetica emotividade, lhe deu plena universalidade.

A Dama pé de cabra (Pag 2). — Na *Chaine traditionnelle*. p. 156, Hyacinthe Husson traz uma tradição anologa das ilhas Celebes. O episodio da ida de Enheguez Guerra libertar o pae, acha-se no *Violier des Histoires romaines*, cap. xiv p. 37 (ed, Janet). O cavallo-fada acha-se nas *Nuits facetiuses*, de Straparola, III, fab. 2. Parece-nos que este mesmo fundo tradicional subsiste no romance popular da *Infantina*. A. Hercu-

Iano tratou litterariamente esta tradição genealogica nas *Lendas e Narrativas*.

A morte sem merecimento (pag. 4) —Contaram-nos que este thema era objecto de um romance metrificado, que nunca encontramos na tradição popular. Sobre o mesmo assumpto existe uma tragedia de Lope de Vega.

A linhagem dos Marinheiros. (pag. 5) —Pertence ao cyclo das lendas heraldicas; o typo da mulher muda ainda persiste nas tradições populares. Vide a *Muda Mudella*, p. 44.

Exemplo do philosopho. (Pag. 5) —No *Violier des Histoires romaines* (*Gesta Romanorum*, cap. 137), tem o sentido allegorico. Vem como apologo na *Historia de Barlaam e Josaphat*, a qual tambem foi traduzida em portuguez no seculo xiv e se acha publicada pelr Academia Real das Sciencias sobre a transcripção paleographica de Ayres de Sá. A extensão de este apologo na Edade Media foi vastissima; Jubinal publicou uma redacção do seculo xiii no *Nouveau Recueil de Fabliaux*, t. II, p. 113; e em inglez ha uma redacção do seculo xii de Odo de Ceriton; acha-se na *Legenda Aurea*, de Voragine, e no *Speculum Historiale*, de Vicent de Beauvais, e na *Vies des Pères*. Mone, publicando um texto latino, «aproxima este apologo vindo da Asia com a tradição scandinava da arvore sagrada, o carvalho Yggdrasil, cuja cima toca no céu e cuja raiz é continuamente roida por Nidhogger, a serpente infernal.» (*Violier*, p. 389, nota.) Esta mesma tradição acha-se nos preliminares da traducção pohlvi de *Calila et Dimna*, do começo do seculo vi, nas traducções arabe, hebraica e grega, e no *Directorium humanae vitae*.

Exemplo dos tres amigos. (Pag. 6) —Acha-se no *Conde de Lucanor*, de Don Juan Manoel, cap. xxxvii, fl. 104, porém mais desenvolvido. Nas *Gesta Romanorum* (traducção franceza. *Violier*, p. 297) traz o titulo *De la vraye probation d'amytié*. Citam-se nas notas muitas fontes tradicionaes, entre outras o *Dialogus creaturarum*, cap. 56; a *Disciplina clericalis*, de Pedro Alfonso, cap. 2.º; e *Summa Predicantium*, de Bromyard, vbº. *Amicitia*; ha em a traducção arabe de Cardone, *Melanges de litterature orientale*, t. 1, p. 78; Apologos de Stainhoewel, fl. 88; Hans Sachs fez sobre este assumpto a comedia *Der halb Freund*; Granuci a novella *L'Eremita*; acha-se tambem na parabola dos tres amigos, da *Historia de Barlaam e Josaphat*. (Na versão portugueza foram suprimidos os contos.)

Exemplo allegorico da redempção. (Pag. 8) — Parece nos a fórma rudimentar d'onde se desenvolveu a novella de Cavalleria celeste. E' provavel que se encontre nas collecções medievaeas.

A justiça de Trejano. (Pag. 9) — Esta lenda da Edade-Media, acha-se em João Diacono, em S. Thomaz, e Dante tratou-a no *Purgatorio*, canto X; apparece no *De Mirabilibus urbis Romae*, e foi metrificada no *Dolopathos*, canto quinto. (Vid. ed. Janet, p. 265.) Na collecção do *Novellino*, vem sob o n.º LXIX. A lenda continuou a ser conhecida em Portugal como thema de arte. Em uns panos de raz do palacio de D. João II estava representada a lenda da justiça de Trajano, como, o referem os chronistas. Tambem em uma festa palaciana, D. João II appareceu na sala «invencionado em *Cavalleiro do Cirne.*» Sobre esta outra lenda, conhecida em Portugal, póde vêr-se Jacob Grimm, nas *Veillées allemandes*, t. II, p. 342 a 370. (Ed. Paris, 1838) e a larga introduccção de Reifenberg na *Crhonica rimada* de Philippe de Mouskes.

A morte dos avarentos. (Pag. 10) — Nas facecias populares o avarento apparece em uma grande variedade de episodios; é natural que os prègadores catholicos se apropriassem de um fundo tradicional conhecido.

As miserias da riqueza. (Pag. 11) — O thema do rei que anda de noite pela cidade, tem uma base popular.

O que Deus faz é por melhor. (Pag. 13) — Acha-se no *Conde de Lucanor*. Vid. o conto de Trancoso, sobre o mesmo thema, mas em diversa situaçào

Os quatro ribaldos. (Pag. 15) — Este conto acha-se traduzido no *Orto do Esposo*, ms. da Bibliotheca de Alcobaça, do seculo XIV. A redacção mais antiga é a que vem no *Panchatantra*, liv. III, n.º 4: *O Brahmane e os Lãdrões.* (Trad. de Lancereau, p. 225, e nota resumida de Benfey, a p. 374.) Acha-se igualmente no *Hítopadeça*, (Trad. Lancereau, p. 192) d'onde veiu para a collecção arabe do *Celila e Dimna*, que foi vulgar na peninsula hispanica. D'este conto diz Max Muller, que foi conhecido em Constantinopla por um uma traducção grega pelo tempo das Cruzadas, sendo espalhado pela Europa pela obra latina intitulada *Directorium humanæ vitæ*. Quer pela latina entrou elle em Portugal, como se vê pelo character moral do exemplo com que é referido no livro ascetico su-

praticado. O conto acha-se levado na corrente da transmissão litteraria e reaparece na *Filosofia Morale* e nos *Piacevoli Notte*, de Straparola (1); mas é certo que elle teve uma migração oral, porque na collecção dos contos norricos de Asbjornsen e Moe, traduzidos para inglez por Dasent, (*Popular tales from the Norse*) figura com o titulo de *Mestre ladrão*. (2) Acha-se na collecção mais querida da Edade Media as *Gesta Romanorum* (*Violier des Histoires romaines*, cap. 132); no *Decameron*, de Boccacio, jornada ix, novella 3.ª; nas *Facecias* de Poggio, nas *Cento Novelle antike*, nas *Novelle*, de Fortini, n.º 8, e nas *Novellas* de Compriano.

A boa andança d'este mundo. (Pag. 15) primeiro conto que deparámos ao folhear o *Orto do Esposo*, antes de termos prompta para a imprensa a nossa collecção. Encontrámos uma versão oral com algumas modificações: «O amante para obter o sim da viuva, que exige que elle traga muito dinheiro, em vez de matar o mercador faz um pacto com o diabo, que lhe apparece no caminho sob essa fórma couduzindo muitas riquezas. O pacto consiste em 'que lhe hade dar a primeira pessoa que entrar em casa quando vierem do casamento. Assim se combinou. Ao sahirem da igreja já casados, todos montaram a cavallo, e o noivo montou tambem um muito lindo que um criado lhe trouxe. O cavallo rompeu logo á desfilada adiante de todos, chegou a casa, entrou pela porta dentro, e n'isto ouviu-se uma voz, que disse: — Ah damnado, que te filei! A casa foi pelos ares com tudo que tinha dentro, e quando o acompanhamento do noivado chegou ao sitio só achou um lago, que ainda cheirava a enxofre.» Ha uma preciosa versão oral nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXXIV.

Exempli de un cavaller qui fon anamorat d .I. donzella. Una vegada fo una dona fort bella e de bon linatge e molt bom eren anamorat que la presessen per muller si que .I. cavaller entre los altres ne fo fort anamorat que no uabia sino ella axu com sen ha molts al mon que mes posen lur ausor e lur enteniment en alo quilts pot noure mes que en allo dou los pot venir he finalment lo cavaller sen vench a ella e dix li que ell la prendria fort volonters per muller, e ella ques alta molt dell, empero dix li ella si era richs cavaller e ell dix li axi com era veritat ell era bell mas semblali pobre e dix li que si ell podia aver tiquesa quel pendria. Lo cavaller sen ana en

(1) *Notte 1, Fabula 3.ª*; ha differença, porque o padre traz da feira um macho, que os ladrões teimam em chamar burro.

(2) Max Muller, *Essais sur la Mythologie comparée*, pag. 276 a 278.

una montayna on passa fort gran camj e aqui ell estech .I. es-
tona, puxs vench .I. mercader ab gran poder de diners e au-
sislo e porta los diners á la dona e demanali don los havia
hants e ell dixley tot tant nera torbat e enamorat. Ara dix ella
sim volets per moller fets aço que vous dire vetsvos en al
mercader que auets mort e estarets aqui tate .I. nit e veu-
rets que sera e feu hu e con fon miga nit la anima del mer-
cader mort crida alta veu senyor Deu tu venja que yo no
meria mal. Et una veu del cel va respondre de uy a tres anys
sera aquell dia que tu seras vengat lo cavaller hac gran pahor
e no es maravella e torna o dir aço a la donzella, e la donzel-
la dix que deus los no perdonara e que farien molt de be per
tal que deus los ho perdonas pres la muller e hagueren molt
de he e nols membra de deu e adelitaren se en los delits de
aquest mon. Com vench a cap de .iii. anys dia per dia lo ca-
valler e la dona faeren gran convit e gran fet, e nels anava lo
cor que fos aquell dia e tots quant jutglar podien trobar pa-
gaven per tal que fossen aqui e .I. jutglar passauan e gira si
per tal que guayas axi com los altres e alscons de aquells qui
eren já aqui untaren li la viula ai greix per tal que no sa-
bes es de ber fer per enveia que avien e ell que viu que tots
lo jauglaven partissen e com fo lui mija legua ell regoneis
que havia jaquit los guants e dix tornar hibe que noy hauria
obs res a perdre pus noy he altre gurayat tornay e com fo
lla on lo oastell era tot fo aytaut pla com la palma que sen
fo entrat e aplanat e traba la gnants al mig del pla, e axi vens
com se fa bon penedir de sos pecats e que bom reta ço que
deu e que noy spere hom dia hora e deus perdonarans tan-
tost si fer.» (De uma Collec. de Exemplos, codice do Archivo
aragonez, ap. Milà y Fontanals, *Delos Trovadores en Espa-
ña*, p. 500.)

Da versão portugueza, lê-se no prologo dos *Contos popula-
res portuguezes*, p. xvii: «não achámos ainda prova palpavel
de que o monge de Alcobaça tivesse simplesmente referido
uma lenda estrangeira e não redigido uma tradição popular
portugueza.» A versão catalan revela a fonte de um Exem-
plar medieval commum.

Nos *Contos populares portuguezes*, p. 159, vem esta versão
de Ourilhe :

«Um pobre homem tinha uma filha, e um criado; veiu por
ali a passar um brasileiro, e disse-lhe :

— Se me deixasse ir o seu criado até eu passar aquella ser-
ra, que levo muito dinheiro e tenho medo que me roubem.

Elle mandou o criado, e elle de volta disse :

— Oh senhor! não me dá a sua filha, que quero casar com
ella ?

— Sempre és muito malcreado! Se não fôra têr-te amisa,

de, punha-te já fóra da porta com uma carregadeira de páo.

— Senhor, olhe que eu estou rico; que eu matei o brasileiro e tirei-lhe este dinheiro.

E mostrou-lhe o dinheiro.

— Eu não duvido dar-te a minha filha, mas hasde ir tres vezes a oito á volta da meia noite onde o mataste escutar o que ouvires.

O môço foi. Perguntou-lhe o amo :

— Tu o que ouviste ?

— Eu ouvi dizer : = Tu pagarás.

— Torna lá; e tu hasde-lhe perguntar : = Eu quando eu é que heide pagar ?

O criado foi lá, e a voz disse-lhe :

— D'aqui a trinta annos. E o amo disse-lhe :

— D'aqui a trinta annos já eu não sou vivo. Casa com a minha filha.

Fez-se o casamento. Passados trinta annos, andavam dois pobres a pedir, e fôram pedir áquella casa. E disse o pae da rapariga :

— Venham para dentro :

E ao tempo que elles iam a entrar, embarraram n'uma cest^a que tinha ovos, e quebraram um. O dono da casa ralhou com elles. Disseram elles :

— Oh senhor ! não ralhe comnosco a trôco do ovo, que nós lh'o pagamos, ainda que elle custe uma moeda.

— Não é por isso : é que a rôda em quanto anda, anda; Ha trinta annos que dei a casa á minha filha; ha trinta annos que não dei nenhuma esmola, e até hoje não tive nenhuma pêrda, só agora a de um ovo.

Os dois pobres deitaram-se, e disse um para o outro :

— Tu dormes ?

— Eu não. Vamo-nos d'aqui embora; casa que ha trinta annos não dá esmola nem teve pêrda nenhuma se não hoje, aqui acontece alguma desgraça.

— Mas nós aonde havemos de ir agora dormir ? tão fóra de horas, não achamos pousada.

— Pois, emfim, vamo-nos. Como nós fiquemos fóra dos beiraes d'ella. . . fiquemos por ahi dstraz de uma parêde.

Saíram; ficaram ahi perto das casas atraz de uma parêde, e de noite ouviram um grande ruido. Disse um para o outro :

— Tu ouviste aquillo ?

— Eu ouvi.

— Olha que fôram, certamente, as casas do fidalgo a cair.

Ao outro dia, assim que alvoreceu, fôram vêr e não encontraram casas, nem têlhas, nada ! e no logar da casa só uma grande cova.

Os dois caminhos. (Pag. 17) — O thema tradicional do caminho que vae dar ao céu e do que vae dar ao inferno conserva-se entre o povo. (Vid., t. 1, p. 131.)

A Papisa Joanna. (Pag. 18) — Acha-se uma referencia a esta lenda no livro de Mariannus Scotus, *Chron. ad annum 854*, dizendo que «Leão IV teve por successor uma mulher chamada Joanna, que occupou a cadeira de Pedro durante dois annos, cinco mezes e quatro dias.» Em outro chronista do fim do seculo VIII, Sigberto (da collecção de Leibnitz), se lê: «Conta-se que este João fôra uma mulher, conhecida sómente por um dos seus familiares...» Nos Annaes de Othon, bispo de Fressingue, que chegam até 1146, diz-se que este papa João era uma mulher. O mesmo testemunho se acha nas chronicas de Gifrid Arthur, Godefroy de Viterbo (da collecção Freher), collocando a papisa Joanna entre Leão e Bento. No seculo XIII, Martin Polonus, dominicano e penitenciario dos papas João XXI e Nicolau III, diz na sua *Chron. ad annum 854* (da collecção de Leibnitz): «que Joanna era filha de paes inglezes e nascida em Mayence, e que depois de ter sido papa dois annos, cinco mezes e quatro dias, morrera de parto, em uma procissão, e foi enterrada sem honra no mesmo lugar em que expirára. Os soberanos pontifices nunca mais passaram por esta rua, e iam para a basilica de Latrão por outro caminho.» Um bispo da Galliza, Bernardo Guy, do seculo XIV, nas suas *Flores Temporum*, tambem allude ao facto da papisa Joanna, seguindo-se a este outros, como João de Paris, Sifrid de Misnia, Sozomeno, Barlaam, monge da Calabria, e Amalarico d'Auger, na sua *Nomenclatura chronologica dos Bispos de Roma*. Petrarcha, na *Vida dos Imperadores e dos Papas*, e Boccacio, na obra *De claris mulieribus*, citam como facto historico a realidade da papisa Joanna, que mais tarde Allatio attribuiu impudentemente a fabricação dos protestantes. Basta-nos citar estas auctoridades para se conhecer por que via este facto penetrou no conhecimento dos theologos portuguezes do seculo XIV, e com que intuito o citou Frei Hermenegildo de Tancos no *Orto do Esposo*. Merece consultar-se a monographia de Emm. Rhoides, *La papesse Jeanne*, p. 64 a 71.

O firmal de prata. (Pag. 19) — O thema da joia engulida por um peixe, persiste na tradição popular (vid. n.º 10); ou engulida por uma aguia (vid. n.º 21). Nas *Cantigas de Santa Maria*, de D. Alfonso el Sabio, sec. XI, n.º CCCLXIX, tambem se acha esta lenda.

Em Santarem contiú estas
 a uma mulher tendeyra
 que sa cevada vendia,
 e dizia a meúde :
 «Aquel é do mal guardada
 que guarda Santa Maria.»

.....
 Um alcayde era na vila
 de mal talan e sanhudo.
 soberbo e cubiçoso
 que por el nyum direito
 nunca bem era julgado.

.....
 Disse o Alcayde : — Que lhe ora
 fizesse per que errasse,
 e que d'aquella paraula
 per mentira l'en ficasse
 Mas ei agora osmado
 hua cousa per que logo
 en este erro a metades :
 filhade esta mia sortelha
 e dade-lha per cevada,
 que m'a logo aqui tragades.
 E enviou deus dizendo
 a cada um que punhasse
 de lhe furta a sortalha,
 per que pois se lh' achasse.

E elles assi fazerom,
 ca forom ali correndo
 e comprarom-lhe a cevada
 e r derom-lhe a sortelhar,
 que em penhor a tevesse
 até que fosse pagada.
 Mais não quizo um d'elles
 que o anel lhe durasse,
 antes buscou soteleza
 perque logo lh'o furtasse.

.....
 Outro dia o Alcayde
 mandou aos dous mancebos
 que enviara primeiros
 a equella molher bóa
 et lhe dessem sens dinheyros,
 que logo sua sortelha
 mantemente lhe tornasse,
 e se nom, que quanto avia

a mulher, que lh'o filhasse.

.....
 A dona quando oyu esto,
 foi por filhar a sortelha
 d'ali onde a puzera ;
 mas nom achou nemigalha,
 pera a andar buscando
 a foi em gran coita fora.

.....
 O Alcayde mui sanhudo
 que lhe desse a sortelha,
 e se logo lh'as não desse,
 que quant'avia lh'entregasse,
 ateu em que a calis
 de sortelha lhe deixasse.

A mulher quando ouviu esto
 com mui gram coita chorando
 disse : — Ay, Virgem gloriosa,
 a qual é do mal guardado
 mia Senhor, a quem tu guardas.

Ella dizendo aquanto,
 o Alcayde mui sobervio
 cavalgava em seu cavallo
 el deceu-se pera Tejo
 per dar-lhe a beber em rio
 et o topete laval-o.
 E en lavando derreio,
 quiz Deus que lh'escorregasse
 aquel seu anel do dedo
 e em a agua voasse.

O Alcayde pois viu esto,
 des hí todo despeito
 tornou sobre la mesquinha,
 e mandou a um seu home
 que tam muito a coitava
 até que de quant'avia
 de todo a derrancasse.
 A boa molher coitada
 foi tanto d'aqueste feyto
 que sol nom soube conselho
 de si nem ar que fizesse.
 Ela avendo gram coyta
 et fazendo mui gram doo,

veo a ella sa filha,
Dizendo: — Madre comede,
et avede algum coho to.

Des que l'aquesto ouve dito
foi-se correndo a Tejo
se o pescado vendiam,
e perguntou aos dos barcos.

.....
Des que lh'ouve assi comprado
aquele peixe a menina,
foi-se a sua madre correndo.
Entam lhe mandou a madre
que o peixe lh'adubasse
e o lavasse de dentro
et de fóra o escamasse.

Entom fillou a menina
e pois lavar aquel peixe,
quando foi que o abuisse
em abrindo catou dentro
e viu jazer a sortelha;
et logo a su madre disse
como aquel anel achara
et ella que lh'o mostrasse
mandou, e poil-o viu logo,
e mandou que se calasse.

Outro dia o Alcaide
veo irado e sanhudo
a sua casa por prendel-a
se lh'a sortelha nom desse,
pois lhe dera seus dinheiros,
que morreria por etc.

E entom ella ante todos
tirou o anel do dedo
e deu-lh'o. E elle logo
que o ouve conoçudo
filhou-se-le um mui gran medo.

.....
E deu-se ende por culpado
et ante toda a gente
rogou que lhe perdoasse.

O Cavalleiro e o pacto com o diabo. (Pag. 21)—Esta tradição é ainda popular na Italia, e acha-se colligida na Sicilia

por Pittré; a Edade Media elaborou-a profundamente em cantos, contos e autos. Acha-se na narrativa do rei de Castella, Dom Sancho o Bravo, intercalada no *El Libro de los Exemplos*; e foi o assumpto de um drama do velho theatro francez *Du chevallier qui donna sa femme au dyable*. Du Puymaigre cita uma ballada allemã sobre este mesmo thema. (*La Poesie populaire en Italie*, p. 42.) Nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, n.º CCXVI, vem esta lenda curiosa.

... ora um miragre
fremoso quero dizer
que eu oy d'ũa dona
que filhava gran prazer
de servir Santa Maria
et em o sen bem fazer.
Ella d'um bom cavalleiro
mui rico era molher,
que perdera quant'avia
et era-lhe mui mester
de o cobrar, et queria
cobral-o já como quer;
e pelo cobrar vassalo
se foi do demo tornar;
Que lhe disse: Pois meu sodes,
mui grand'algo vos darei,
et vossa molher tragede
a um monte, e falarey
com ela e, e porém rico
sem mesura vos farei.
O cavaleiro oyu esto
et feo-lh'o logo outorgar.

O diabo, pois menage
do cavalleiro filhou
que sua molher lhe adussesse,
mui grand'algo lh'amostrou;
porem como lh'a levasse,
o cavalleiro cuidou,
et disse: — Ai, molher, treides
hoje amigo a um logar.

Ella indo per carreira
viu igreja cabo a si
estar de Santa Maria
e disse: — Ouver'eu ali
folgar ora uma peça,
e andaremos des y.

E deceu y et deitou-se
a dormir cab'um altar.

E saiu Santa Maria
de tral-o altar entom;
et assi a somelhasse,
que diriades que nom
era senom essa dona;
et disse: — E' já sazom
de nos irmos, ai! marido.
Et disse ah: — Tempo é d'audar.

Enton foi Santa Maria
com el ao logar ú
estava o demo. Quando
viu a Madre de Jesus
Christo, o demo lhe disse:
— Mentira forte tu
em trager Santa Maria
et a ta molher deixar.

Disse entou Santa Maria
— Vae! demo cheo de mal;
Cuidando a meter a dano
a mia serva leal.

Et disse ao cavalleiro:
— Fostes assi de mal sen,
que cuidastes pelo demo
aver riqueza et bem;
mais filhadc em pendêça,
et repentide-vos en...

O cavalleiro da Virgem
muit'alegre se espediu
et foi-se ú sua molher era
et contou-lhe quanto viu
et do demo et dos seus dões
de todo ali se partiu.

Acha-se esta lenda em Gil de Zamora, *Liber Mariae*, Tract.
vii; mirac. 5.º Jubinal, *Le dit dus povre Chevalier*, t. 1, pag. 138;
Libro de los Exemplos, cxcix. Pittre, *Fiabe siciliane*, n.º ccxx.

O Diabo escudeiro. (Pag. 23) — Acha-se tambem nas *Cantigas de Santa Maria*, por D. Alfonso el Sabio, cap. vii, n.º LXVII.

Ond'aveo que um ome
mui poderoso e loução
sisudo e fazedor d'algo

.....
um espital fezo fóra
da vila ú elle morava...
ele mancebos colhia
que aos pobres servissem;
mais o demo com inveja
meteu-se em um corpo morto
de ome de mui gram beldade.
E vêo pera el logo
manso, em bom contenente
et disse — Senhor, querede
que seja vosso sergente,
e o serviço dos pobres
vos farei de boa mente...

Em esta guisa o demo
chêo de mal e arteiro,
fez tanto, que o bom ome
o filhou por escudeiro
et em todos os serviços
a e'l' chamava primeiro.
Tanto lhe soube o diabo
fazer com que lhe prougesse,
que nunca lh' ella dizia
cousa que elle não creuesse.
E por ende lhe fazia
a meude que caçasse
en as montanhas mui fortes,
e en o mar que passeasse
e muitas artes buscava
em que algur o matasse,
perque elle ouvesse a alma
e outro ouvesse a erdade.

.....
D'esta guisa o bom ome,
que de santidade chêo
era, viveu mui gram tempo
te' que um bispo que vêo
que foi sacar ao demo
lego as linhas do sêo.

.....
 Onde avêo que um dia
 ambos jantando siram,
 e que todos os sergentes
 foras aquele, serviam ;
 perguntou-lhes o bom ome
 ú era, elles diziam
 que y sérvir nom viera
 com mingua de soydade.

Enton aquel ome bôo
 enviou por elle correndo.
 Quando' esto soube o diabo
 andou muito revolvendo
 mais pero na cima vêo,
 ant'ele todo tremendo.

E' entom disse ao demo :
 — Dime toda ta fazenda,
 porque aquesta companha
 todo o teu feito aprenda.
 E eu te conjuro e mando,
 que o digas sem contenda.

Entom começou o demo
 a contar de como entrara
 ên corpo d'um ome morto
 eom que enganar cuidara
 a aquel com quem andava
 a que sem dulta metera
 Quando el a questo dizia
 Et pois esto ouve contado
 leixou caer aquel corpo
 em que era encerrado...

E' generalisadissima esta lenda ; d'ella aponta o Marquez de Valmar os seguintes paradignos : Gaultiers de Coincy, *Du rich home á cui le Dieble scrvi par vii ans*; Beauvais, *Speculum hist.*; lib. viii, cep. 101; Gil de Zamora, *Liber-Mariae*, Trat. vii, mirac. 4; Johann Gobins, *Scala Coeli*, fl. 159-160. Mussafia ampliou os factos: Bowensa da Riva, *De Elemosinis*, 610; Voragine, *Legenda Aurea*, 11, 3; *Miraculi della Madona*, 11; *Marienlegenden*, xiv; *Libro de Exemplos*, xiv.

As vestiduras honradas. (Pag. 27) — Este conto apparece como exemplo citado pelo papa Innocencio III, no seu livro *De contemptu Mundi seu de Miseria humanae conditionis*. Rein-

hold Koeller apresentou a sua ampla vulgarisação no Anuario da Litteratura romanica e ingleza. Por essa fonte ecclesiastica entrou na corrente da tradição popular; na Italia colligiu-a Pittre nas *Fiabe, Novelle e Bacconti popolari*, t. III, p. 365, n.º cxc. O estribilho com que termina:

Mangiati, rubbiceddi miei,
Cá vuatri fustivu 'mmitati.

corresponde a este final da tradição portugueza :

Comei, mangas, aqui ;
A vós hor:ram, não a mim.

(Contos pop. port., p. xxii.)

Rosimunda. (Pag. 28)— Nas *Lendas allemãs*, de Jacob Grimm (*Les Veillées allemands*, trad. de L'Héretier de l'Ain), t. II, p. 45, vem esta tradição colligida de Paulo Diacono, e de Gotfrid. Na poesia popular italiana ainda subsiste esta tradição germanica na fórma de romance, com o titulo *Dona Lombarda*, segundo a interpretação de Nigra. Sabatini, fallando d'este canto, define a sua propagação na Italia do norte : «percorrendo dal norte al sud, la ritroviamo in Piemonte, nel Monferrato, nel Veneto e a Ferrara ; nella Toscana poi più non vive ma v'è ancora chi ricorda averia udita. Si ritrova nelle Marche in Orvieto, a Viterbo, in Roma finalmente non s'ode cantar che da pochi, e cosi proseguendo non si rinviene più nelle terre meridional e in Sicilia non se ne ha traccia veruna.» (*Rivista di Letteratura popolare*, p. 14.) A obliteração da lenda á medida que se avança para o sul indica a sua origem germanica, e portanto a fórma litteraria portugueza proveiu de uma fonte erudita.

Nos *Canti popolari piemontesi*, publicados em 1888 pelo Conde Nigra, vem um extenso estudo das origens da tradição e determinação dos elementos historicos conservados no canto popular *Donna Lombarda*, de que apresenta vinte e uma versões. Pelos textos das chronicas de Paulo Diacono (*De Gest. Longb.*, lib. III, cap. xxix), de Gregorio de Tours (*Hist. France*, IV, 41) e de Jacob ab Aquis (Monum. Hist. Patrum, t. III), reconhece-se que foi d'esta ultima fonte que proveiu o texto do seculo XIV do monge de Alcobaça. Na Chronica de Fra Giacomo d'Acqui, o marido não se chama Elmichi como em Paulo Diacono, mas *Alboino*, e o amante não é Longino mas o *filho do Perfeito do Ravena*. A Lenda de *Rosimunda*, que na Italia deu elementos poeticos ao romance popular da *Donna Lombarda*, tambem appareceu syncretisada com o caso de Rosimunda de Inglaterra, a amante de Henrique II, o Plantageneta, que a tinha escondida em um jardim

em que fizera um Labyrinto, e aonde a foi matar a rainha Eleonora de Aquitania, tambem com veneno. Como uma filha de Henrique II e Eleonora d'Aquitania casara com o rei de Castella Affonso VIII, d'ahi veiu o syncretismo do romance popular castelhano da collecção de D. Agustin Duran. (*Rom. general*, n.º 1266) (1) E. Rolland colligiu um romonce popular francez, que Nigra considera provindo de versão italiana.

A bilha de azeite. (Pag. 34)—Este conto é um dos mais persistentes na tradição universal. Max Müller tomou-o por thema comparativo para o seu estudo *Sobre a migração das Fabulas*, conferencia feita na Royal Institution, em 3 de Junho de 1870, e publicado em Julho na *Contemporary Review*, começando pela fabula de Lafontaine *La laitière et le pot au lait* (Fab. x, do livro VII), e buscando-lhe os paradigmas no *Pantchatantra*, liv. V, fabula IX: *O Brahmane e o pote de fa-*

(1) No romance de *D. Isabel de Liar*, porque el Rey tenia hijas d'ella, *la Reina la mando matar*, este facto coincide com o que se conta de Alienor de Aquitania, mandando matar a amante de seu marido Henrique II, a *bella Rosimonde*, filha de lord Chifford, que elle escondera em Wodstoch. No romance castelhano, falla de D. Isabel de Liar:

El Rey me pedio mi amor,
Yo no se lo quise dar,
Teniendo mas a mi honra
Que no sus reinos mandare.
Quando vió que no queria,
Mis padres fuera a mandare.
Elles tan poco quizeran
Por la su honra guardare.
Desde todo aquesto vira,
Por fuerza me fue a tomar
Trou-me a esta fortaleza,
Do estoy en este lugar;
Tres años he estado en ella
Fuera de mi voluntad
Y si el Rey tiene en mi hijos
Plugo a Dios y a su bondade
Porque me habeis de dar muerte,
Pues no merezco mal ?

(*Conc. do Romanc.*)—Rom. geral, III, 262.)

rinha. Aproveitando dos resultados criticos de Benfey, indicaremos a área de propagação d'esta fabula: *Hitopadessa*, liv. iv, p. 182; *Kalila e Dimna*, cap. x, p. 269; *Auwâr-i Souhaiti*, cap. vi, p. 409; *Contes et Fables indiennes*, cap. vi, t. III, p. 50; *Del governo de' regni*, exemplo v, fl. 50, v.; *Directorium humanæ vitæ*, cap. vii; *Exemplario contra los engaños*, cap. vii; *Filosofie morali*, trat. iv, fol. 83; *Alter Esopus*, de Baldo, xvi, ed. Du Méril; *De viro et vase olei*. Du Méril cita tambem o *Dialogus creaturarum*, a *Sylva Sermonum*, a Rabalais, *Gargantua*, liv. 1, cap. 33, como vehiculos d'ista fabula. Acha-se tambem no *Eyar-i Danisch*; nas *Mil e uma noites*, CLXXVI; no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º xxix, fl. 97; nos *Joci ac Sales*, de Ottomarus Luscinus; nas *Facecie*, de Domenichi, liv. v; nos *Contes et joyeux devis*, n.º XXI, de Bonaventure Des Periers; nos *Sermones conviviales*, de Gast; nos *Apologi Phædrii*, de Reynertus, P. 1, fab. xxv; no *Democritus ridens*, p. 150; nas *Favole e Nouvelle*, de Pignotti, fab. Lôpe de Rueda representava em 1560 o entremez *Las Azitunas*, sobre este thema. Gubernatis, na *Mythologie zoologique*, t. 1, p. 136, cita uma versão do *Tuti-Namé*, II, 26, que interpreta no sentido mythico, em que o céu e a lua são representados como um pote ou taça. No XXI conto mongolico de *Siddhi-Kür*, ha uma variante d'este apologo (resumido por Gubernatis, op. cit., p. 146) em que o achado é uma pelle de carneiro; de que o pae de familia pretende fazer panno, e com elle comprar um burro, e com o burro irem pedir esmola com os filhos. Esta versão explica-nos a variante apresentada por Trancoso (vid. p. 44), a qual encontrámos referida em uma locução popular do Porto, *Minha mãe, calçotes!* Sobre esta fabula vid. Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les Fables indiennes*, p. 55. Ha uma redacção d'este conto sob o titulo. *A quarta de leite*, na *Hora de recreyo*, do Padre J. Baptista de Castro, p. 29. Nos *Kinder-und Handausmärchen*, n.º 164, dos irmãos Grimm.

O nome de *Mofina Mendes*, heroína do conto da *Bilha de azeite*, é de proveniencia popular; Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Aulegraphia* refere-se a esta tradição metrificada por Gil Vicente: «fermosura com vangloria dana mais do que aproveita, e as mais das vezes lhe corre per davante *Mofina Mendes* e a boa diligencia acaba o que merecimento não alcança.» (Fl 55.) Abreu no seu artigo citado attribue o titulo de Auto tendo um personagem secundario ao seu tipo muito popular. (p. 4.) Na linguagem popular o nome de *mofina* emprega-se como sorte ou destino: *a minha mofina*. Jorge Ferreira allude a um outro conto popular, de um diabo cuja actividade era tal que já não havia que lhe dar a fazer, a não ser uma *corda de arêa*: «Quer sempre ser a hydra e fazer cor-

dás de areia.» (*Eufrosina*, p. 300.) Na tradição popular ainda se repete esta oração:

Se o diabo viesse
Para me attentar,
As *aréias do mar*
Lhe mandaria contar.

Walter Scott traz uma lenda escossezza semelhante.

O Conto de Gil Vicente revela o conhecimento de duas fontes que elle aproximou, a do *Calila e Dimna*, vertida em latim por João de Capua em 1270 sob o titulo de *Directorium Vitae hemanæ*, e o livro do *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, que se guardava entre os Livros do uso do Rei D. Duarte. O chasco contra as previsões do nascituro, de *Calila e Dimna*, tral-o Gil Vicente ao seu Auto dos *Mysterios da Virgem*.

Se tês prenhe tua mulher
e per ti o commeteste,
queria de ti entender
en que hora hade nacer?
en que feição hode ter
esse filho que fizeste,
Nam no sabes, quanto mais
cometerdes falsa guerra,
presumindo que alcança
os secretos divinaes,
que estão debaixo da terra.

Eis a versão de *Calila e Dimna*: «Dizem, que havia em uma terra um religioso, e tinha sua mulher, que estivera muito tempo esteril, mas por fim veiu a ficar grávida; pelo que o religioso mostrou-se muito contente e disse á mulher:

— Alegra-te, que fio em Deus, que parirás um filho varão, perfeito de seus membros, com que nos regosijaremos; e eu quero ir procurar uma ama que o crie, e consultar os sabios para que me digam o nome que tenho de pôr-lhe.

Diz-se a mulher:

— Quem te faz fallar no de que não sabes nada do que hade ou não hade ser? Cala-te, e contenta-te com o que Deus te dêr; pois que o homem entendido não asma as cousas não certas, nem julga as vindouras; que o querer e o asmar isso só Deus, e quem julga as cousas antes de acontecer, dá-se o que *aconteceu ao religioso, que derramou a manteiga e o mel sobre a cabeça.*

Diz o religioso:—Como foi isso?—A mulher contou:

— Dizem que um religioso, recebendo cada dia esmola da casa de um mercador rico, pão, manteiga, mel e outras cousas, elle comia o pão e ao mais guardava, pondo o mel e a manteiga em uma compoteira, até que a encheu e a tinha pendente á cabeceira da cama. Aconteceu que encarecendo o mel e a manteiga, o religioso poz-se a fallar comsigo assentado na cama, e disse:—Venderei quanto está n'esta compoteira por certos maravedis, e com elles comprarei dez cabras, que prenhas ao fim de cinco mezes parirão; e lançando d'esta maneira as suas contas, achou que ao fim de cinco annos montariam a quatrocentas cabras. E concluiu: Vendel-as-hei todas, e com o preço d'ellas comprarei cem vaccas, por quatro cabeças una vacca e arranjarei sementes e sementearei com os bois, e aproveitar-me-hei dos bezêrros e das fêmeas e do leite, e das messes terei grande rendimento, e construirei muitas nobres casas, e comprarei servos e servas, e feito isto casarei com uma mulher que seja muito rica e fecunda, e de alto solar, e empenhará de um filho varão, e nascerá perfeito de seus membros; e criá-lo-hei como um filho de rei, e castigá-lo-hei com esta vara se não quizer ser homem obediente...—E dizendo isto, brandiu a vara que tinha na mão e bateu na compoteira que estava pendurada por cima d'elle e derramou-se todo o mel e a manteiga sobre a cabeça. E tu, pobre homem, não queiras desejar e asmar o que não sabes e que tem de vir a ser.»

Gil Vicente seguiu o pensamento philosophico, a these moral do *Calila e Dimna*, mas deu ao quadro pittoresco essa figura da Mofina Mendes, verdadeira entidade popular portugueza, suscitado pela figura de Dona Truhana, do conto de D. João Manoel, no *Conde de Lucanor*: «una mujer, la qual era assaz mas pobre que rica, un día iba al mercado, et llevaba una olla (bilha) de miel en la cabeza, et yendo per el camino, comenzo a cuidar que venderia aquella olla de miel et que compraria partida de huevos, et que de aquellos nascerian gallinas et las veaderia, et de aquellos dineros compraria ovejas, et así fue comprando de las gauancias que faria fasta que se falló mas rica que ninguna de sus vizinas, et con aquella riqueza, que ella cuidaba que habia, asmó como casaria e sus hijos a hijas... Et pensando en esto comenzó a reir con placer que habia de la su buena andanza, et en reyendo dió con la mano en la su cabeça et en su frente, et entonce cayó la olla de la miel en tierra et quebrose...» (Ed. de 1575, fl. 57.)

Como Dona Truhana, tambem a *Mofina Mendes* váe á feirade Trancoso; a mudança do mel para azeite obedeceu ás impressões do conto de *Calila e Dimna* quanto ao artigo man-

teiga, adoptando a conversão do preço do azeite para comprar aves, como no *Conde de Lucaor*, terminando scenicamente, e um personagem do Auto é que commenta :

E s'ella baylava na voda,
qu'está inda por sonhar,
e os patos por nascer
e o azeite por vender,
e o noivo por achar,
e a *Mofina* a baylar,
que menos poder ser?

O anexam portuguez *Bilha de Azeite por Bilha de Leite*, significa uma troca de favores deseguaes ; actuaria esta tradição no trabalho artistico de Gil Vicente. Na *Revista do Conservatorio de Lisboa*, por occasião do Centenario da fundação do Theatro portuguez, publica o professor Vasconcellos Abreu uma monographia sobre este conto dramatisado por Gil Vicente : *Os Apologos e Fabulas da India: influencia indirecta no Auto de Mofina Mendes de Gil Vicente* (p. 11 a 22.)

Em 1903, William Axen publicou um folheto *Gil Vicente and Lafontaine: A portuguese parallel of La Laitier e et le Pot au lait*, transcrevendo em Appendice a scena do Mofina Mendes. Mostra como nos Contos populares da India ainda se repete esta aventura já em nome de um idiota Lull em vez do brahman Somasarman. *Indian Nights Entertainment*, por Swynriton, 1892.) Aponta a opinião de Moland, na edição das *Fabulas* de Lafontaine, que considera fonte primitiva européa o Exemplo de Jacques de Vitry, opinião reforçada por Thomas Fr. Crane na edição dos Exemplos de 1890 feito pela Folklore Society. Accrescenta a noticia do conto allemão Sehimpf und Ernst de Johannes Pauli, de 1522 (Ed. Leipzig. 1877, p. 161.) Termina mostrando que o estudo comparativo do conto de Brahman, que chegou até Gil Vicente (1534) merece ser estudado ao celebrar-se o quarto Centenario da Fundação do Theatro portuguez por «um genio de sentimento religioso ou espirito liberal que estava acima da epoca em que viveu ; e ao mesmo tempo para seguir a cadeia das Tradições do Conto sanscrito traduzido para o pehlvi, d'este para arabe, d'onde a sua diffusão pela Europa em versão grega, latina, castelhana, hebraica, italiana, turca, hibdustanica, portugueza, allemã, ingleza, etc.

Transcrevemos aqui uma versão popular transmontana (Aguas Frias, do Monforte) sobre este thema universal : «Um caçador foi á caça e viu uma lebre a dormir ; exclamou :

— Agora é que eu te apanho ; e se te agarro vendo-te, e compro um carneiro pequenino ; e crio-o, e quando elle fôr

grande pønho-o em dinheiro; e depois compro um burro, e mais crescido levára á feira e com o que render arranjo casa e caso-me; e hei-de ter um filho, e hei-de-lhe pôr o nome de Diogo; e depois hei-de chamar por elle: Diogo! oh! Diogo...

E quando assim gritava, acordou a lebre, que botára logo a fugir, que o caçador só teve tempo de dizer:

— Lá se me vae a minha fortuna.

(Revista do Conservatorio de Lisboa,
1902. Junho, n.º 2, p. 22.)

A Matrona de Epheso. (Pag. 29 e 116)—Loiseleur Deslongchamps, no *Ensaio sobre as Fabulas indianas* e sua introdução na Europa (Ed. Paris, 1838) encontrou no *Livro do Sindabad* este conto desfigurado, e dá-nos um quadro da sua transmissão desde o Oriente até ao seculo XVII: acha provavel que fôsse uma lenda oriental, e segundo todos os indícios muito viajou, se consideramos derivada d'esta fonte o Conto chinês que o padre Du Holde traduziu em francez e publicou na *Description historique de la Chine*, (vol. III, p. 40.) O grande sinologo Abel de Remusat, tambem traduziu do chinês outra lição d'este Conto. *A Matrona de Epheso* indica a sua proveniencia, relacionando-o com essa criação dos Contos Milesianos, que o genio grego tornou interessantes pela sua desenvoltura; *Epheso* era como Mileto um centro de litteratura erotica, e tambem o seu novellista eximio, rivalizando Xenophon de Epheso com Aristides de Mileto, conhecido pelas novellas *Abracome e Anthia*. O genero litterario era designado pelo nome d'essas duas terras, Contos *Ephesiacos* e Contos *Milesiacos*. E' admissivel que a locução *Ad Ephesios* (que se considera tomada da Epistola de San Paulo) pelo seu sentido malicioso nascera da attenção que se dava a essas novellas voluptuosas. Tendo-se encontrado nas ruinas do palacio de Nero um baixo relêvo representando a scena da *Matrona de Epheso*, Dacier considera-a como documento de anterioridade ao episodio do *Satyricon* de Petronio, que deu toda a celebridade á lenda. Dacier estudou minuciosamente a dispersão universalista d'este conto nas Memorias de l'Academia des *Inscriptions*, t. XLI, considerando-o anterior a Petronio, pois se encontra no manuscripto de Perretti attribuido a Phedro. A narrativa de Petronio foi reproduzida no *Policraticus sive de Nugis Curialium*, composto pelo bispo de Chastres João de Saisbéri, falecido em 1183. Foi por esta via que se fez a maior diffusão do Conto da *Matrona de Epheso* na Edade Média, passando para a *Hl storia Septem Sapientium* do monge de Haute Selve. Nas *Fabulas* em exámetros lati-

nos, um anonymo, imitando Esopo incluiu o Conto ephesia co, que se tornou obra litteraria no seculo xiv por Eustachio Deschamps, chegando a adquirir a perfeição esthetica em Lafontaine, na fórma dramatica por Lamothe e na opera comica por Fuselier. Ainda na litteratura franceza recebeu toda a sua mordente desenvoltura em um Fableau (Collecç. de Méon, t. iii, p. 462); Saint Evremont revestindo-o da graça gauleza, e Voltaire serviu-se d'elle como episodio no *Zadig*.

Na litteratura italiana apparece incorporado nas *Cento Novelle antiche*, ou *Libro di Novelle e del bel parlar gentile*, n.º lvi. (Ed. França, 1572) e na edição de 1895, Milão, n.º lxx.

Na litteratura portugueza em que reflectiram as principaes obras da Edade Média, estranhavamos não ter encontrado o Conto da *Matrona de Epheso*. O *Livro de Esopo — Romulus vulgaris* ou ordinario, derivado das Fabulas de Phedro ⁽¹⁾, em que se contam a *Matrona de Epheso*, (Fabula xxxiv) tral-a traduzida para portuguez, apparecendo esse exemplar na Bibliotheca de Vienna. O Dr. Leite de Vasconcellos copiando-o deu-lhe publicidade na *Revista Lngitana*, t. viii, p. 127. D'esse velho texto portuguez transcrevemos algumas Fabulas.

Na Bibliotheca de Vienna tem apparecido outros monumentos portuguezas da Edade Média, taes como a *Demanda do Santo Graal*, da Bibliotheca de Dom João I, e obras especiaes da Epoca das Navegações, iniciadas pelos Portuguezes, como *O Regimento do Estrolabio e do Quadrante*, com calculos desconhecidos de Regiomontanus, e as Relações colhidas por Valentim Fernandes, de que deu noticia o Dr. Smeller. Pelas observações de Joaquim Bensaude, estes livros fôram da Bibliotheca do erudito Peutinger, secretario do Imperador Maximiliano I, filho de D. Leonor, irmã de D. Affonso V e esposa do Imperador Frederico III. Por esta via para a Alemanha fôram livros portuguezes d'essa epoca, depois possuidos pelos jesuitas em Augsburg e d'onde pela sua expulsão uma parte d'essas obras viera em 1808 para a Bibliotheca de Vienna. Porque caminhos andou a *Matrona do Epheso*, trajada em portuguez! Ainda no seculo xviii nos apparecem duas abreviações d'este Conto na *Hora de Recreio* e no *Divertimento de Estudiosos*, p. 259.

A Chuva de Maio. (Pag. 36.)—Na linguagem usual ainda persiste a locução das *Aguas de Maio*, mas perdida a reminiscencia do Conto popular mertrificado por Sá de Miranda,

(1) Vid. *Journal des Savantes*, 1884 e 1893, e *Romania*, vol. xv, d.º 229-231.

com tanta belleza de ingenuidade. Aparece-nos em um *Noel-laïre* trobadoresco de Peire Cardinal, que frequentou a côrte de Aragão, no século xiii. Transcrevemos esse conto em sua linguagem provençal:

Yssi comensa la faula de la pluya :

Una ciutat, no say quals
 Hon cazee una pluia tals,
 Que tuy li home de la ciutat
 Que toque furo forcenat.
 Tuy desse n'ero mals, sols os.
 Et aquel escapet, ses pus
 Que era dins una mayso,
 Que dormia quant ayso fo.
 E vet, quant at dormit
 Del plueya diquit,
 E foras entre las gens
 Fero d'ensenamens
 Aruquot, l'antre fosseis,
 Utre stopit verens
 E trays peras contre estalas,
 L'antre esquisset las gouclas,
 Us ferie, el outrem peys,
 E l'antre enyet esser Reys,
 Et tene se riquement flanex.
 E l'antre s'asset per los bancx,
 L'un menesee, l'autre mallix,
 L'autre plore et l'autre riz :
 L'autre parlee et no sanp que ;
 L'autre le mateys de ae.
 Aquel que avia so seu,
 Maravilha-se molt formen,
 Que vee que he destatz sou,
 E garda ad aval el amon,
 E grans maravilha a de ler,
 Mas mot l'han ilh do lui mayor ;
 Qu'el veeon estar saviansen
 Cuió que ai perdut so sen.
 Car so qu'ell far no lhe veso fayre
 Que a casca de lores veyaire
 Que ill son savi e assenatz.
 Mas lui no tene por dessinat
 Qui'l fer en gansa, que em col ;
 Nós por mandar que no degol ;
 L'us l'empenh, e l'antre le bota,
 El cuya issahir de la rota,

L'us l'esquiusa, l'autre li tray,
 E rien eolos, e leva, e chay,
 Cascu'l leva a gran gabantz
 El fuy a sa mayzo deffantz,
 Fangoz e batestz e mieg mort,
 E se gaug can lor for estort,
 Sort falle en aquest meu
 Semblanz als homes que i son.
 Aquest seigles es la ciutat
 Que es tal ples do forsennatz ;
 Que el marger sen qu'om pot aver
 Se es amar Dieu et sa mer,
 E gardar sos mandemens.
 Mas assas es perduz aquels sens.
 La pluyã say es casuda.
 Una cobeytat qu'es vengada
 Us erguelh et una maleza
 Que tota la gent a perluenza.
 E si Dieu n'a alen guardatz
 L'autrs ils tens per Pesçessnat
 E menon lo lemp en vill,
 Car no es dol seu que sen ill,
 Qu'el sen de Dieu lor par folis,
 E l'ami era de Dieu en que via
 Coneys que dessenat, son tug
 Con lo sen de Dieu an perdut ;
 E els ou lui per dessenat
 Car le son de Dieu en layssat.

(Ap. Raynossard, *Choix do Poesies des Troubadours*, t. iv, p. 366.)

No seculo xv encontramos uma referencia á *Chuva de Maio*, em Duarte da Gama, um dos poetas palacianos, do Cancioneiro geral de Resende :

Pois se eu em taes desordens
 Só quizer ser ordenado,
 Eide ser apedrejado
 Sem me valerem as ordens;
Molhar-mi-ei, em que me pez.
Pelo tempo è sazam,
 Pois é natural razam.

(*Canc. geral*, t. i p. 514.).

Com o mesmo sentido moral, D. Francisco Manoel de Mel-

lo emprega a referencia aos contos, na *Çanfonha de Euterpe*, sob a anctoridade de Sá de Miranda :

Molhar nas Aguas de Maio
O grande Sá deixou deito,
Que era prudencia tão vil
Qual fugir do sol no estio.

(Op. cit., p. 147.)

Molhar das Aguas de Maio,
Revolver entre a Chazota,
Voltar n'ella como raio,
Não tenho por bom ensaio
Para quem mundar a nota.

(*Ibid.*, p. 66.)

O Lobo e o Cordeiro. (Pag. 33).— Nos *Cartas familiares* (p. 335) escreve D. Francisco Manuel de Mello: «nunca vi amigo o Cordeiro e o Lobo, que não fosse mal para o cordeiro...» Embora o thema d'esta fabula seja universal, pode ser sempre tratada com novidade, conforme os sentidos que se lhe der moral ou historicamente. Apresentamos uma versão litteraria, que visa o successor da tremenda guerra actualmente :

O LOBO E O CORDEIRO

Que velha é esta fabula !
Um quadro já sabido
Do Lobo e do Cordeiro ;
Pode-se, (sem ser rábula)
Dar-lhe agora um sentido
Real e verdadeiro.

*

Junto ao ragato ameno
Passa um Lobo esfaimado ;
Cordeiro alvo, pequeno,
Bebia descuidado.

Sente o Lobo um abalo
Com a feliz surpresa:
— Que almôço ! Que regalo,
Mesmo aqui posta a meza ;

Um manjar excellente,
Esplendido banquete !...»

Lança-lhe logo o dente,
Crava-o no gasganete.

Triste o Cordeiro inquire :
«Qual foi o mal que eu fiz?
Porque me dás a morte?»
O Lobo, sem que se ire,
Tranquillamente diz ;
— Não accuses a sorte;

Estadistas de caco,
Proclamam com firmeza:
= *Hade ser sempre o fraco*
A legitima prêza
D'esse que for mais forte. =
Sigo o exemplo do Norte.

E emquanto crava os dentes
Nas carnes innocentes
E vae bebendo o sangue:
Diz á victima exangue ;

— Abonam esta manha
Do Lobo, quando topa
Desgarrado Cordeiro,
Chancelleres prudentes
Do Imperio da Allemanha,
Applicando-a na Europa,
Perante o mundo inteiro.

Ha Nações que são lobos,
Do sangue nos arrôbos;
Assim **Bismarck** affirma :
Force prime le Droit.
Com franqueza, quem ha
Que um tal principio negue?
Into mesmo o confirma
Bethemann Holloweg.

*

Lá nas pristinas éras,
A Fabula consigna
Aos homens a lição ;
Mas hoje, ás proprias féras
Da insania maligna
Dá exemplo o Teutão.

A Cabeça e o Estomago. (Pag. 34). — E' a 32.^a Fabula de Lockman; acha-se nos *Avadanas*, contos chinezes na traducção de Stanisláo Julian; no *Syntipas*, xxxv, e a Historia romana de Tito Livio, lib, II, cap. 32. Colligiu-a Planudes, ccvii, e Johanes Scribéros. De *Nugis Curialium*, lib. vi, cap. 14; e tambem metrificada por Eustachio Deschamps, *Poesias morales*, p. 193. Estas paradigmas nos definem as vias de transmigração das Tradições na humanidade.

Vid. adiante, p. 225, a fabula de Esopo, versão de Manuel Mendes, *Os membros e o Corpo*.

D'aquellas sete ao dia. (Pag. 37). — Este conto apparece ainda na tradição popular do Minho; nos *Contos populares portuguezes*, n.º LIII, traz o titulo *Os Simplorios*:

A mãe avisou a filha para fallar a um namorado, e disse-lhe:

— Olha que ahi vem em rapaz para te vêr, e tu põe uma rocada grande na róca e põe-te a fiar para elle se agradar de ti; e se elle te disser: «Oh que rica fiandeira» tu dize: «Eu d'estas despejo sete ao dia.»

A rapariguinha assim que a mãe saiu, pousou a róca; foi á adega, trouxe uma infusa de vinho de meia canada para comer umas sôpas; fel-as n'uma tigela grande, e n'isto chegou o rapaz, disse:

— Adeus, menina.

Disse ella:

— Olha, que eu d'estas
Despeja sete ao dia.

Disse elle:

— Será da sua cuba
Que não da minha.

E foi-se embora.»

Evidentemente Trancoso deu fórma litteraria a esta anedocta popular.

O Odio endurecido. (Pag. 42). — Este conto, n.º ix, da Parte I dos *Contos proveitosos*, de Trancoso, acha-se nas *Fabulas* de Aviano, n.º 42; no poema francez *Les Enseignements Trebor*; no fabliau *Du Convoiteux et de l'Envieux*, par Jean de Boves (*Recueil de Fabliaux*, p. 107, Bibl. choisie na *Élité des bons mots*, t. II, p. 292; nos *Detti et Fatti piacevoli* del Guiardini, p. 99; nas *Mem. de l'Academie des Inscriptions e*

Belles Lettres, t. xx; o Conde de Caylus publicou um extracto do fabliau do *Convoiteux*; Saraiva de Sousa e o Padre João Baptista de Castro deram-lhe nova redacção litteraria.

Minha mãe, calçotes. (Pag. 44). — Ainda ouvimos no Porto empregada como anexim esta phrase que serve de titulo ao conto. Quanto ao seu thema tradicional, é uma variante do da *Bilha de azeite*.

O Real bem ganhado. (Pag. 45). — O thema tradicional da pedra preciosa conserva-se no povo. Vid. vol. I, p. 111.

O Segredo revelado. (Pag. 49). — Acha-se este conto nas *Cento Novelle antiche*, n.º 100; nas *Novelle*, de Franco Sacchetti, n.º xiv; nas *Gesta Romanorum*, cap. 124 (*Violier*, cap. 148); nas *Cent Nouvelles nuouvelles*, n.º LII; nas *Nuits faceti-euses*, de Straparola, I, da 1.ª Noite (t. I, p. 15). Tambem se repete no *Livre du Chevalier de la Tour*, cap. 128. O episodio do falcão morto (um carneiro, para simular um homem) vem nas *Horas de recreio*, de Guichardin, p. 161; nas *Novelle*, de Granuci, n.º v; no fabliau do *Prud'homme qui donna des instructions à son fils* (*Rec de Fabliaux*, p. 131), na colleção de Barbazan, e Ms. de Clayette. Vid. *Melanges de litterature orientale*, t. I, p. 78. Ha imitações d'este conto em Hans Sachs, em uma comedia; o Dr. Schmidt, na sua edição de Straparola determina bastantes paradigmas d'este conto, que ainda apparece nos *Mille et un quart d'heure*, de Gueullette. No *Dolopathos*, d'Hebers (ed. 1856, p. 225), acha-se esta narrativa; nos *Haus-Märchen*, de Grimm, t. III, p. 176, ed. 1819, apontam-se outros paradigmas.

No *Divertimento de Estudiosos*, t. II, n.º 500, p. 187: «Um, querendo examinar o segredo de sua mulher, quando se deitou escondeu um ovo debaixo da cabeceira; depois pela noite adiante fingiu que accordára mui anciado e cheio de dôres. Perguntou-lhe a mulher, o que tinha. Respondeu elle, que lhe succedia um caso que de ninguem queria fiar. Com mais curiosidade o quiz ella saber, e fazendo mil juramentos de infallivel segredo lhe pediu que lh'o descobrisse. Disse-lhe o marido:

— Fiado em taes promessas te declaro, que pari um ove (e mostrou-lh'o) porém, segunda vez te recommendo o segredo, pela affronta que d'aqui se me seguirá.

A mulher, dizendo que estivesse descansado, sem dormir passou todo o resto da noite, que lhe pareceu um anno, pelo

desejo de ir contar o successo; mas assim que amanheceu procurou logo uma vizinha e disse-lhe, que seu marido n'aquella noite pariu dois ovos, porém, que tivesse segredo. A vizinha contou a uma amiga, que seu visinho N. havia parido n'aquella noite quatro; mas que ninguem o soubesse. Assim se foi contando a historia e multiplicando ao mesmo passo os ovos, que na tarde do mesmo dia com universal espanto se contava já publicamente que parira quarenta ovos N., o qual apparecendo, lhe perguntaram como succedera o caso, e elle o declarou com bem admiração dos que o ouviram.

A prova das laranjas. (Pag. 42) — Ha uma situação analoga no *Conde de Lucanor*, n.º xix; é um herdeiro do throno o escolhido: De lo que fizo un Rey Morq con tres fijos que avia, per saber qual dellos era mayor hombre. Fl. 84 Ed. 1642.

Os dois irmãos. (Pag. 54) — Ha um largo estudo comparativo sobre este conto na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, onde se compara a versão de Timoneda, no *Patrañuelo*, e as russas, thibetanas, indianas e allemãs, colligidas por Benfey, as de Sercambi e de Busoto, comparadas por Reinhold Köhler. Vidê uma fórmula popular alemtejana, t. 1, p. 161 d'esta collecção.

Na Revista d'*Ethnologia*, p. 111 a 137, faz-se a transcripção das versões d'este Conto, do *Patrañuelo* de Timoneda e da africana de Mornand O *Cadi d'Emessa*; e apontam-se as versões russa, thibetana, indiana, allemã, italiana e ingleza, de que deu noticia. Benfey na Intoducção á traducção do *Panchatantra*, em que apparecem os mesmos episodios com que tem sido bordados os Contos primitivos, sem seguirem a mesma ordem, que ficava ao capricho da phantasia do narrador. Esses episodios são: «Animal roubado,» «Criança morta,» «Velha morta,» «Penhor da carne,» «Bolsa achada,» «Machado ao rio,» «Olho arrancado,» «Casas,» «Perguntas,» «Encontros.» D'estas laboriosas comparações, conclue-se que o Conto não deriva de um fundo mythico, mas pertence ao cyclo dos Juizos salomonicos e devem a sua vulgarisação á prepaganda buddhica na intenção da casuistica theologica, segundo Benfey, imitada pelos prégadores catholicos. Muitos Episodios, que se accumulam n'este Conto tornaram-se contos independentes, reduzindo-se a critica a determinar-lhe o thema fundamental. (*Rev. d'Ethnologia*, p. 108 a 134.)

Dom Simão. (Pag. 60) — Vid. a versão popular com a nota respectiva, vol. 1, pag. 159. Apparece nas Novellas de Franco Sacchetti, Nov. iv. No *Almanach de Lembranças* para 1861, p. 322.

Os tres conselhos. (Pag. 63) — Conserva-se ainda no povo este thema tradicional, a que Trancoso deu fórma litteraria. Vid. vol. I, pag. 206 e nota correspondente. O thema da morte do mensageiro repete-se na tradição do Pagem da Rainha Santa Isabel. (Vid. a nota p. 284.) Encontra-se uma versão no *Conde de Lucanor*, de D. Juan Manuel, Conto XLVI: De lo que acontecic al mercador que fue a comprar rosas. Fl. 118 x. (1642) Ed.

Quanto vale a boa sogra. (Pag. 69) — Nos romances metricados, como de *Dom Boço* e *D. Pedro*, a sogra é sempre crúa. A mulher que engana o marido mettendo-se com elle na cama é um thema popular de muitos contos; este, porém, já recebeu fórma litteraria na composição de Shakespeare, *Tudo é bom quando acaba bem*.

O que Deus faz é pelo melhor. (Pag. 72) — Acha-se no *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º xviii (ed. 1642, fl. 81 v). Indubitavelmente esta redacção do seculo XIV tem uma fonte arabe. Pag. 13 deixámos outra redacção portugueza do ms. do seculo XIV, *Orto do Sposo*.

A Rainha virtuosa e as duas irmãs. (Pag. 74) — Vid. a versão popular, n.º 39 e 40 e nota respectiva.)

Nos *Contos populares portuguezes*, p. xviii, este conto foi resumido para justificar os seus numerosos paradigmas: arabe, na *Historia das irmãs invejosas*, das *Mil e uma noites*; italiano, do seculo XVI em Straparola, Nott. IV, cont. 3; e variantes, colligidas por Imbriani, Gubernatis, Laura Gonzenbach, Pittré, Comparetti e Schnreller; a versão hungara, colligida por Ch. Graal; a allemão, por Grimm, Ullf, Ernest Meyer e Henri Prohle, Fremann; a austriaca, por Vernalcken e Zingerli; a avarica e a catalã, por Marpons y Labrós. No *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, apparece este Conto extensamente metricado sobre o ditado vulgar.

Quem tudo quer, tudo perde. (Pag. 80) — Acha-se na collecção italiana *Il Novellino*, conto X; passou a adaptar-se aos Jesuitas, e attribue-se a differentes personagens historicos. A fórma italiana vem em Nannuci, *Manual della Letteratura*, t. II, p. 65.

O falso principe e o verdadeiro. (Pag. 83) — Sobre o thema tradicional de um principe que se dá a conhecer pela sua

valentia, vid. vol. 1, p. 104. Em um conto da Edade Média, que vem no *Novellino*, e no *Baculo Pastoral*, o príncipe é ensinado por um mestre, que tem mais doze discipulos em quem bate quando o príncipe érra a lição.

Constancia de Griselia (Pag. 91) — É notavel a relação que existe entre o texto de Trancoso e a redacção castelhana de Timoneda no seu *Patrañuelo*, n.º 11 (ed. Ribadaneyra, p. 131). Ou Timoneda traduziu a sua versão da portugueza de Trancoso, ou ambos os auctores se serviram de uma lição commum. Esta ultima supposição parece inferir-se do folheto italiano sem data *La Novella di Gualtieri*, anterior aos dois. O conto de *Griselidis* acha-se no *Decameron*, de Boccacio, x Jornada. Du Méril, investigando as fontes tradiccionadas do *Decameron*, cita os livros em que se acha este conto: Philippo Foresti, *De plurimis claris scelectisque Mulieribus*, p. 145; Bouchet, *Annales d'Aquitaine*, liv. III, citam-na como realidade historica. A tradição recebeu a fórma poetica no *Lais del Freisne*, de Marie de France. (*Oeuvres*, t. 1, p. 138.) Chaucer tratou este assumpto no *The Clerkes Tale*, e um anonymo no *Gualterus and Grisalda*; acha-se em uma ballada popular *The Nut-Brown*; representa-se nos theatros populares da Inglaterra; ha um mysterio francez de 1395, e Hans Sachs compoz uma comedia *Die gedultig und gehorsam Marggräfin Griselda* (Vid. Du Méril, *Histoire de la Poesie Scandinave*, p. 359 e 360.) O conto de *Griselidis* acha-se na tradição popular da Russia, na collecção de Afanasiéff, liv. 5, n.º 29, do qual Gubernatis dá um resumo.

Historia de Watter e de la pacient Grise!da, em latim, por Franchesch Petrarcha, e arromançada por Bernat Metje. (Ms. impresso em 1883 por D. Mariano Aguilá.) O antigo traductor refere-se «como a recitavam as velhas ao lar, nas vigalias do inverno.» (Cervães e Rodrigues *Litt. mortas*, p. 225.) Petrarcha agradecendo em um carta a Boccacio o seu *Decameron*, exalta a belleza da narrativa do Conto de *Griselidis*, e declara que o traduziu para latim, *De Prude entia et Fide uxoria*.—No romance de Chrétien de Troyes, *Erec et Enide*, reconhece-se este thema popular, tantas vezes elaborado litterariamente na Edade Média. (Julesville, *Hist. de la Langue, et Litteratura française*, t. 1, p. 304.) A versão portugueza da tradição oral alemtejana é preciosa como expressão do sentimento popular. (Vid. vol. 1, p. 215.)

O achado da bolsa. (Pag. 100.) -- Aparece tambem no *Patrañuelo*, n.º vi, de Timoneda (ed. Ribadaneyra); no fableau *Du Marchand qui perdit sa bourse* (*Recueil de Fabliaux*, p.

101, da Bibliothèque choisie); nas *Novellas* de Geraldo Cynthio, x, e no *Novellino* italiano. O conto de Trancoso, n.º xv, anda como episodio no conto do *Justo juízo* largamente estudado por Benfey e Köhler, sobre as versões russas, tibetanas, indianas e allemães. Nos *Contos nacionaes*, n.º III, Porto, 1883, vem uma versão popular portugueza, que nos leva a crêr que Trancoso poucas vezes recorreu a fontes litterarias.

Lê-se no *Divertimento de Estudiosos*, t. II, p. 184: «Certo mercador perdeu em Mantua uma bolsa provida, e publicamente dizia queitaria quarenta coroas a quem a achasse. Apareceu com ella uma velha, e entregou-lh'a. Duvidou o mercador dar-lhe o promettido, asseverando falsamente, que lhe faltava uma grande parte do seu dinheiro. Foi consultado o Duque, que, ouvindo as partes conheceu a cavilação, e entregae a bolsa á velha, dizendo ao mercador: — Que buscasse a sua, que não era aquella, pois se compunha de tanto mais dinheiro, como dizia.» Acha-se nas *Novellas* de Giovanni Serambi, *De justo judicio*, e no *Patrañuelo* de Timoneda, como episodio de outro conto.

O Capão tornado Sapo. (Pag. 102.) — Cita-se uma variante de Cesario, lib. 6o, cap. 22, em que em vez de um sapo era uma serpente.

O thesouro escondido. (Pag. 103.) — Compare-se com a tradição popular, conto de vol. I, p. 102.

Erramos. (E Ramos?) (Pag. 109) — Encontrámo-lo tambem na tradição insulana, e no Porto.

O pagem da Rainha. (Pag. 106.) — Acha-se no *Patrañuelo*, de Timoneda, n.º xvii. (Ed. Ribadaneyra, p. 158.) Leiseleur des Longchamps, no *Essai sur les Fables indiennes*, p. 134, not., cita um dos Contos dos *Sete Vizires*, e o fabliau *D'un roi qui voulut faire brûler le fils de son sénéchal*. (Legrand d'Aussy, *Fab.*, t. v, p. 56.) Esta mesma tradição acha-se na redacção ingleza das *Gesta Romanorum*, cap. xcvi; nas *Cento Novelle antiche* (*Libro di Novelle*, lxxviii); nas *Novellas* de Geraldo Cynthio, 2.ª cent., 8.ª dez., 6.ª novella; a lenda de Santa Isabel, em Portugal, no *Baculo pastoral*, de Saraiva de Sousa, já se achava em verso por Affonso o Sabio, avô do rei D. Diniz, contada como um milagre da Virgem. A sua proveniencia oriental acha-se no *Katha sarit sagara*, collecção

de Somadeva Bhatta, do século XII. (Trad. Brockhaus, vol. II, p. 62.) (Esterley, na sua edição das *Gesta Romanorum*, cita na nota ao numero 283 os paradigmas d'esta lenda, também popular na Alsacia com o titulo de *Fridolin*, sobre que Schiller fez a *Ballada Gang nach dem Eisenkammer*. Vid. também o estudo de D'Ancona, na *Romania*, t. III, p. 187. Repete-se ainda na tradição popular de Coimbra.

A lenda só entrou muito tarde em Portugal, porque não foi incluída no texto da *Vida de Santa Elisabeth* (1225-1336) publicada por Fr. Francisco Brandão, e apparece adaptada á Rainha Santa por Fr. Marcos de Lisboa, na sua *Chronica da Ordem dos Menores*, de 1562. E' esta a fórma litteraria da tradição agiologica:

»Elrey Dom Diniz, no tempo de seus vicios, em que ao demónio servia e a sua carne, induzido também per o mesmo inimigo, teve algumas desconfiança da gloriosa Raynha, sua molher. E um seu moço de camara movido por o mesmo devaneio, com a cobiça de lhe ser acceito, e com inveja que tinha d'outro moço da camara a quem a rainha occupava em distribuir as esmolas e obras de misericordia que fazia, por vêr n'elle virtude e bons costumes, affirmou a Elrey, que a Raynha lhe tinha affeição. E Elrey espantado d'isto, posto que o nam acabasse de crêr, determinou-se em secretamente fazer matar aquelle môço da camara de que se a rainha servia. E cavalgando aquelle dia, e passando por um forno de cal quer se cozia, chamados á parte os cozedores que lhe metiam a lenha, lhes mandou que o môço de camara que outro dia lhes mandasse ali com recado seu, que dissesse se tinham feito o que lhes mandava, o matessem logo no forno, per a que morresse, que assy compria o seu serviço.

E outro dia polla manhã mandou Elrey o môço da camara da Raynha com o recado ao forno, per que logo morresse.

Mas Nosso Senhor que nunca falta na honra e innocencia dos seus, ordenou, em que passando aquelle môço da camara por a porta d'uma igreja, tangião a levantar a Deus; entrou na igreja e steve té o cabo d'esta missa e de outras duas ou tres que se começaram. No qual tempo Elrey que desejava saber se era já morto aquelle moço de camara, vendo o seu moço da camara que accusara o outro, mandou-o muito de pressa ao forno saber dos cozedores se cumpriram seu mandado, os quaes o tomaram logo e atado o meteram per lenha dentro do forno ardendo. E o outro môço de camara innocente, acabando d'ouvir as missas, deu o recado d'Elrey aos cozedores do forno, se cumpriram seu mandado, e elles responderam que si.

E tornando com a resposta a Elrey, ficou fóra de si, vendo que aconteceu o contrario do que ordenara. E reprehendeu-o

e perguntando onde se detivera tanto, lhe respondeu o môço da camara da santa Raynha:

— Senhor, passei por junto de uma igreja e ouvindo tanger a campã a levantar a Deus, entrei dentro a vêr Deus, e começou-se outra missa, e antes d'aquella acabar outra, e sperey que se acabasse, per que meu pay me lançou per benção que a toda a missa que visse começar, stevesse té o fim.

E cahiu Elrey por este juizo de Deus em conta da verdade e innocencia da gloriosa Raynha e da virtude de seu môço da camara e deixou toda imaginaçam. E mostrou Nosso Senhor n'este caso, o valor da innocencia e virtude e devoçam das missas e Santissimo Sacramento, tambem como a malicia cae nos laços que pera os innocentes arma.» (Op. cit., P. II, fl. 195.). Pelos considerandos de Frei Marcos, a legendogonia agiologica é um processo de propaganda religiosa egual ao dos pregadores do budhismo, aliciando a imaginação popular.

Esta lenda da rainha Santa Izabel, acha-se fundamentalmente estudada pelo insigne folk-lorista Emm. Cosquin, em uma monographia publicada na *Revue des Questions historiques*, fasc. de Janeiro e de Julho de 1903. Obseva Cosquin, que quando Isabel de Aragão, contava ainda sete annos de idade, em 1278 já Martinus Polonus (Martins Strabiki) no seu *Promptuarium Exemplarum* consignava esta lenda:

«Certo homem edoso, tendo servido durante muito tempo fielmente o seu rei, lhe recommendara na hora da morte a seu filho Guilherme, para que tomasse a criança para o seu serviço. O rei tendo concordado, o pae disse em voz baixa a seu filho:

— Filho, eu te dou tres conselhos, e se tu os seguires, tu te acharás bem. O primeiro, é de não te meteres em companhia de invejoso ou de maldizente. O segundo, é: todas a vezès, que vires teu senhor ou senhora inquietos ou com tristeza, manifestares que tomas parte em seus pesares. O terceiro é de nunca deixares de ouvir missa, sejam quaes fôrem os cuidados urgentes n'essa occasião.

Morto o pae, Guilherme portou-se com todo o discernimento no serviço do rei, que todos o gabavam, excepto um balio do rei, que notara que Guilherme se afastava d'elle como de um maldizente. Impellido pela inveja, este balio foi ter com o rei, accusando o pagem de andar apaixonado pela rainha.

— E se quizerdes, disse elle, assegurar-vos d'isto, fazei chorar a rainha ralhando com ella, e vereis como Guilherme se põe logo a chorar com ella.

Assim aconteceu. E o rei muito encolerizado, procurava meio para fazer morrer o Guilherme, mas ninguem dar pôr isso, e o invejoso aconselhou-o que o mandasse com recado

ao mestre do fôrno da cal: «O primeiro que amanhã de manhã vier de mandado do rei, importa que seja immediatamente lançado no forno.»

Então o rei disse á noite ao Guilherme para ir logo de manhã cedo ao forno de cal e dizer ao mestre caleiro de cumprir o que rei lhe tinha recomendado na véspera. No dia seguinte, poz-se Guilherme a caminho muito cedo, e ouviu ao passar a floreste tocar á missa. Lembrando-se do conselho do pae, dirigiu-se para esse lado. O padre demorando-se para vir começar solememente a missa em honra de nossa Santa Virgem, o rapaz teve de esperar algum tempo, contrariado por retardar o cumprimento da ordem do rei, mas impunha-se a recomendação que lhe fizera seu pae. E como elle se demorasse tanto, o invejoso fez com que o rei o enviasse ao forno de cal para vêr se Guilherme estava já queimado. Logo que elle ali chegou, perguntou ao mestre do forno, se elle tinha cumprido a real ordem?

— Não, respondeu-lhe o outro; mas vamos dar-lhe cumprimento immediatamente.

E agarrando-o, o forneiro arrojou-o para dentro do forno. Acabou a missa, Guilherme poz-se em marcha para o forno de cal, a dar conta do seu recado.

— Dizei ao rei, meu senhor, volveu o forneiro, que eu cumpri á risca o que me ordenara.

O rei vendo o Guilherme de regresso, perguntou-lhe por que é que tanto se tinha demorado. O rapaz, todo trémulo, declarou que se tinha retardado por causa de uma missa, e participou ao rei, que isso fizera pela recomendação que seu pae á hora da morte lhe aconselhara. O rei vendo que o invejoso tinha sido alcançado pelo juizo de Deus e que Guilherme era mais fiel que todos os outros, d'ali em diante tratou-o melhor do que até então tinha.»

Emmanuel Cosquin faz notar os elementos semelhantes entre o exemplo de Martinus Polonus com a narrativa de Frei Marcos de Lisboa; provavelmente o chronista dos Menores colheu-a d'essa fonte de 1278, porque na *Vida de Santa Isabel*, attribuida a Diogo Affonso, secretario do Cardeal Inianze D. Affonso, e publicada em Coimbra em 1560, não apparece ali esta lenda.

O illustre folk-lorista encontra este conto em diferentes Sermonarios da Edade Média; de Jean Herolt, de 1418 nos *Sermones Discipuli*, e no do franciscano Pelbar de Temervar, e outros do fim do seculo xv. O thema dos Conselhos tem tido desenvolvimento novellesco independentemente; e o terceiro conselho, da audição da missa encontra-se no poema medieval *Ruodlieb*, duzentos annos anterior ao exemplo de Martinus Polonus; e nota, que a primeira maxima do *Ruod-*

lieb é a que recommenda : Se ouvires tocar á missa, ou que alguma se canta, desce do cavallo e vae logo assistir a ella. Dez annos antes do nascimento da rainha Isabel de Aragão, já nó *Liber de Donis*, apparece este conto redigido pelo dominicano Etienne de Bourbon; e Alfonso o Sabio (1252-1284) tratava este thema da devoção da missa nas *Cantigas de Santa Maria*, mas sem o episodio dos Conselhos, reflectindo-se a acção narrada na Cantiga, em um conto hespanhol do seculo xv, no conto 5.º do supplimento do *Libro de los Exemplos* de Clemente Sanches, publicado por Morel-Fatio.

Como Santa Maria guardou um privado do Conde de Tolosa que nom fosse queimado no forno, porque oya missa cada dia.

E' d'aquest' avéo, gram temp 'ha já passado,
que ouve em Tolosa um Conde mui preçado,
e aquest' avia um ome seu privado
que fazia vida come religiosa.

Antr 'os outros been muito que fazia,
mais que outra rem amava Santa Maria;
assi que outra missa nunca 'el queria
oyr, erg 'a sua, nem ll'era saborosa.

E outros privados que com el Conde andavam
aviam-lh' enveja, e por ende punhavam
de com el vólvel-o, porque d'ess' i cuidavam
aver com el Conde sa vida mais viçosa.

E sobr'esto tanto com el Conde falarom,
que aquel bom ome mul mal com el mesclarom,
e de taes cousas a el o acusarom,
per que lhe mandava dar morte doorosa.

E que nom soubessem de qual morte lhe dava,
por um seu caleiro a tam l'est' enviava,
e um mui gram forno encender lh'o mandava
de lenha mui grossa, que non fosse fumosa!

E mandou-lhe, que o primeiro que chegasse
ome a él dos seus, que tantoste fillasse,
e que sem demora nó forna o deitasse,
e que y ardesse a carne d'el astrosa.

Outro dia el Conde do que mezerado era,
mandou-o que fosse a veer se fezera
aquele seu caleiro o que lhe dissera,
dezeno: Esta via nam te seja nojosa.

E si ele ya cabo de sua carreira,
achou um' ermida que estava senlheira,

ú diziam missa bem de mui gram maneira
 de Santa Maria, a Virgem preciosa.
 E logo tam tçste entrou em a egreja,
 e disse: -- Esta missa, a como quer que seja,
 oyrei eu toda, por que Deus de peleja
 me guarde de mezera máa e revoltosa.—
 Emquanto él a missa oya bem cantada,
 teve já el Conde que a cousa acabada
 era, que mandara; e porém sem tardada
 enviou outr'ome natural de Tolosa.
 E aquel ome era o que a mezera feita
 ouvera, et toda de fond' a çima treita,
 e disse-lhe lego: — Vay corrend' e aseita
 se fez o caleiro a justiça fremosa.
 Tan toste correndo foi-s' aquel falso arteiro
 e nom teve via, mas per um semedeiro
 chegou ao forno et logo o caleiro
 o deitou na chama forte e perigoosa.
 O outro, pois toda a missa ouv' oyda,
 foi ao caleiro et disse-lh': — Has comprida
 a vontade del Conde? (Diss'el): — Sem falida
 se nom, nunca faça eu mia vida goyosa.
 Entom do caleiro se partia tam toste
 aquel ome bõo; e per um gram recoste
 se tornou al Conde, e dentr'en sa reposte
 conto-lh' end'a estoria maravilhosa.
 Quando viu el Conde aquel' que chegara
 ant'ele vivo, e soube de como queimara
 o caleiro o outro que aquel mezcara.
 teve-o por cousa d'eyr mui espantosa.
 E disse chorando: — Virgem, bêeita sejam,
 que nunca te pagas de mezcra nem d'envejas,
 porém farei ora per todas tas egrejas
 contar este feito e como és poderosa.

*Nom pode prender nunca morte vergonhosa
aquele que guarda a Virgem graciosa.*

Transcripto das *Cantigas de Santa Maria*, de D. Alfonso el
 Sabio, t. 1, p. 125 a 127. Ed. da Academia Española, Madrid,
 1889. O sabio academico Marquez de Valmar, acompanhou
 todas as lendas tratadas nas *Cantigas de Santa Maria*, com
 notas dos paradigmas apresentados pelos principaes philolo-
 gos europeus: O erudito Ad. Mussafia, aponta os estudos
 sobre esta lenda, de Willelm Hertz, *Deutsche Sagen im Elsas*,
 p. 278, sobre a ballada de Schiller *Der Gang nach dem Eisen-
 hammer*. Johanes Gobius, *Scala Coeli*, fol. 168 v (V.º Missa.)

Gaston Paris, *Romania*, vol. v, p. 454; Wesselofsky, *ibid.*, vol. vi, p. 181; D'Ancona, *Studi di Critica e Storia letteraria*, p. 347; e *Gesta Romanorum*, p. 749, Ed. de Oesterley. E restringindo-se ao thema do innocente salvo pela sua devoção, cita Mussafia as versões occidentaes, edição Oesterley, p. 688; *Cento Novelle antiche*, LXVIII; Méon, *Vie dos Pères*, II, 331; tradução catalã antiga, publicada por Morel Fatio na *Romania*, vol. v, 453; Timoneda, *Patrañuelo*, p. 158, ed. 1846.

No sua completa monographia, Emm. Cosquin assenta a origem indiana, d'este Conto no seu vastissimo cyclo no folklore russo, grego, de origem bulgara, turca, africana, ilha de Java, Bengala, e nas tradições populares judaicas. Transcrevemos aqui a versão indiana colligida pelo pandita Natêsa Sastri, que Cosquin traduziu para francez do *Indian Antiquary* de Bombaim :

«Um pobre velho brahmane recebeu outr'ora de seu pae moribundo tres conselhos:

— Não recuses nunca a refeição da manhã. (*Refere-se á imposição ritualistica para terminar sacramentalmente o jejum.*)

— Não digas o que os teus olhares viram. — Serve lealmente o teu rei. Todos os dias, muito cedo o brahmane vae dar os bons dias e appresentar os seus respeitosos cumprimentos ao rei e abençoal-o, proferindo esta sentença: Quem semeia o bem, colherá o bem; e semeando o mal, colherá só mal. E assistia á sua oração.

Um certo dia, em dia do jejum (o undécimo dia da lua, *ékadassi*), o rei que tinha toda a confiança no velho, mandou-o ao aposento da rainha buscar a sua cimitarra, que lhe esquecera. Ao atravessar o jardim, o brahmane surprehendeu a rainha acompanhada do ministro do rei. Entrou na camera e pegou na cimitarra; porém, fiel ao segundo conselho de seu pae, nada disse ao rei do que vira.

A rainha temendo ser denunciada pelo brahmane, desmaiada, com audacia accusou-o d'elle ter-lhe feito propostas deshonestas. O rei furioso, chamou dois dos seus algozes, e disse-lhes :

— Ide á porta oriental da cidade, e arranjae lá um grande caldeirão cheio de azeite, e tratae de o pôr a ferver. Amanhã irá ali um homem que vos hade fazer a pergunta: «Está tudo feito?» Sem considerar quem elle possa ser, amarrae-o de pés e mãos e atirae-o ao azeite fervente.

Depois o rei chamou o brahmane e deu-lhe ordem para no dia seguinte, logo de manhã, ir á porta oriental e perguntar aos dois homens, que encontrará ao pé de um grande caldeirão, se: «Está tudo feito.» E seja qual fôr a resposta, vem trazer-m'a.

No dia seguinte, de manhansinha, o brahmane dirigiu-se

para a porta oriental; mas, no seu caminho um amigo saiu-lhe ao encontro e pediu-lhe de quebrar com elle o jejum da véspera, compartilhando a refeição do doudecimo dia (*imposição sacramental avadasi*.) Lembrando-se do primeiro conselho de seu pae, o brahamane acceitou o convite, apesar de toda a pressa em cumprir o seu recado.

Emquanto elle se achava assim impedido, o ministro que tinha sido informado pela rainha da ordem do rei, não pode resistir ao desejo de saber se esta ordem já tinha sido cumprida, vae ter com os algozes, e pergunta-lhes: Se estava tudo feito? Immediatamente os algozes o agarraram e atiraram-no ao azeite fervente.

O brahamane despedindo-se do seu comensal, foi ter com os algozes, e fazer-lhe a pergunta prescripta.

«Sim, responderam-lhes elles; está tudo feito. O ministro está bem morto, já executámos a ordem do rei.

O rei estupefacto ao vêr diante de si o brahamane com tal resposta, ameaçou-o de o mandar matar, se não declarasse toda a verdade sobre o seu comportamento com a rainha. Então o brahamane contou o que vira, e o rei depois de ter punido a culpada, nomeou o velho brahamane seu ministro.» (Cosquin, *op. cit.*, p. 48.)

E' tambem interessante este thema tradicional do folk-lore judaico: «Um homem piedoso e rico, pertencente á côrte, tinha um filho gentil e bem figurado, e instruido. A' hora da morte esse homem piedoso recommendou ao filho -- nunca saisse da Synagoga, desde que o ministro officiante se levante para a oração, e comece o *Kaddisch*, até final da prece. E igualmente, se alguém se levantar a fim de dizer *Barbu*, por não ter ouvido o officio, espere que elle tenha terminado a sua oração. Foi o que eu fiz toda a minha vida, e tudo me saiu bem nos meus negocios. Tambem, se tu passares por alguma cidade em que haja alguma synagoga e que tu ouças o ministro officiante, entra e não saias antes do officio acabado.

Este homem piedoso expirou a seguir. O filho era muito estimado de toda a gente, elle tinha um cargo na côrte; era elle o escanção do rei e da rainha (o que lhes enche os copos), que lhes corta o pão e carne. Estimavam-no extremamente, e pela sua parte elle só tinha boas intenções. Vendo isto o ministro, encheu-se de inveja, e tratou de dizer ao rei:

-- Senhor, tendes olhos e não vêdes que o joven copeiro é amante da rainha.»

E assim por diante. A marcha da narrativa é completamente a mesma da legenda do *Pagem de Santa Izabel*. (*Ibid.*, p. 42 do App.)

Além da lenda do Pagem, anda ligada tambem á rainha

Santa Izabel a da *esmola convertida em rosas*, repetida nos contos populares portugueses. Do milagre das rosas, escreve M.^{lle} Busquet, no seu livro *La Normandie romanesque et merveilleuse*: «O milagre das rosas é conhecido e popularisado em muitos departamentos de França e da Allemanha. Não podemos recordar os nomes de todas as santas personagens, em cujo favor elle se operou; citaremos apenas de memoria Santa Elisabeth de Hungria, e San Mayel, um dos patronos mais venerados do antigo priorado de Souvigny, onde existia o seu tumulo.» (*Op. cit.*, p. 385.) M.^{lle} Busquet refere o Milagre das Rosas, passado com a filha do Senhor feudal Nicoláo d'Estousteville, que em 1116 fundara a Abbadia de Valency-en-Caux. O Sire d'Estousteville, na sua construcção, com que doutou a igreja que edificara, ratinhava os salarios dos mestres escultores, architectos e pedreiros, que mandara vir da Allemanha, e forçava os seus vassallos a servirem n'esse trabalho, mandando lhes distribuir rações insufficientes. A propria filha de Sire d'Estousteville, é que empregava generosamente todos os seus peculios, e de vez em quando da cosinha paterna soccorria aquella gente esfaimada. Uma tarde, quando ella ía, como de costume, fazer algumas distribuições aos artistas estrangeiros, tendo o que era de comer no regaço, e levando na mão um cangirão de vinho, aconteceu encontrar-se com seu pae. Ladino nas suas suspeitas, o avaro castellão avançou furioso para a filha, e perguntou-lhe em um tom de arripiar:

— Que levas ahi, com tanta cautella assim resguardado?

— Meu pae, são rosas e agua. (A primeira excusa graciosa que se lhe offereceu á lembrança.)

O inexoravel castellão não se fiou na doce voz da filha, e ordenou-lhe com um gesto violento, que mostrasse o que levava na saia. E esperando vêr a provisão de comestiveis, qual não foi a sua surpresa, vendo cair a seus pés bastantes flores do roseiral; e ainda levado por um brutal impulso despejando no chão a vasilha que a filha levava na mão, o furor injusto do pae cruel foi novamente enganado, por que uma agua limpida e cristalina espalhou-se em gotas scintillantes pela relva.» (*Op. cit.*, p. 383, ss.) Como Santa Izabel, no seculo XIII, tambem Maria d'Estouteville se meteu a freira em um convento de carmelitas no seculo XII. N'este livro ainda cita uma outra heroína do milagre das rosas, M.^{lle} Bréauté, filha de um castellão de Saint-Valency-en-Caux; depois da morte de seu pae deu largas á sua piedosa caridade fundando a *Gafaria* (*Leproserie*) de Sainte Marie de Clemencé.

Pelo processo legendogonico, *variam* os nomes das pessoas e das localidades *persistindo* os themes lendarios.

A ingratidão dos filhos. (Pag. 108). **O caixão de pedras.** — Acha-se nos fableaux da Edade Média: *Le bourgeois d'Abbeville*, por Bernier (*Recueil de Fabliaux*, p. 166); o Conto do Sapo, no *Doctrinal de Sapience*, fl. 21, v. A herança de pedras acha-se no testamento de Fauchet, em que os logrados são os frades; ha outras versões nas *Histoires plaisantes et ingenieuses*, p. 146; e em Piron, *Fils ingrats*, comedia. Esta historia affecta outras fórmas, como é o episodio da intervenção do neto que se prepara para exercer a mesma crueldade com o pae. Nos *Contos nacionaes para crianças*, n.º 1, ha uma referencia a uma versão popular ainda corrente em Portugal. Nas *Horas de Recreio*, do P.º João Baptista de Castro, p. 81, vem este thema da *Velha que dá o que tem á filha*. Antonio Prestes no *Auto dos dois Irmãos*, tem este thema: «no cabo do qual Auto se trata como estes dois filhos se casaram a furto do pae, e o pae não os querendo vêr, houve quem os metesse d'amisade, de maneira que o pae lhes deu tudo o que tinha. Depois que lh'o deu não o quizeram mais vêr nem agasalhar, até que o pae se fez que queria morrer, e encheu um cofre de areia, e meteu dentro um rifam, que diz: Quem se desherda antes da morte, e com isto fenece o Auto, etc.»

A venda das gallinhas. (Pag. 113). — Esta anedocta acha-se extremamente vulgarisada: nas *Facetieuses journées*, p. 107; nas *Repues franches*, de Villon; nas *Facetie di Poncino*, na Arcadia di Brenta, p. 152; nos *Nouveaux Contes à rire*, p. 262; nos *Contes du siur d'Ouville*, t. II, p. 471; no *Courrier facétieux*, p. 355; na *Histoire générale des Larrons*, p. 20; na *Bibliothèque de Cour*, t. II, p. 23. As variantes dão-se entre o objecto da compra e a pessoa que paga. No Conto *Des trois Aveugles* vem esta peripecia como episodio. (*Recueil de Fabliaux*, p. 85.) Nas *Novelle* de Morlini, n.º XIII, fab. II, e em Bebelius, liv. II, conto 126, acha-se este mesmo conto do jesuita portuguez, e ainda corrente nas facecias populares.

O medico de boa fé. (Pag. 111.) — Este conto popular e os cinco que se lhe seguem foram transcriptos do celebrado livro *Arte de Furtar*, attribuido ao P.º Antonio Vieira, o grande prégador do seculo XVII; apparecem hoje aqui sob o nome do seu verdadeiro auctor, Alexandre de Gusmão, ministro e secretario de D. João V.

Na Academia de Sciencias de Portugal, fizemos uma communicação, tendo por fim resolver o problema litterario, posto pelo vogal José Pereira de Sampaio (Bruno), sobre quem seja o author da *Arte de Furtar*. Este academico, n'um trabalho apresentado, ha annos, em sessão, estabeleceu a prova

definitiva de que esse tratado não fôra escripto pelo P.^e Antonio Vieira, mostrando que, em 1741, Barbosa Machado, no artigo bio-bibliografico do insigne orador, não incluiu entre as suas obras, a *Arte de Furtar*, citando-a, no Supplimento da *Bibliotheca Lusitana*, a edição de Amsterdam de 1744, (da qual ha duas edições do mesmo anno, com paginação differente in-4.^o de xii-508 p., e outra em differente typo, com retrato, de 409 p.). Ferreira Gordo, dando conta á Academia das Sciencias de um exame dos Manuscriptos portuguezes da Bibliotheca de Madrid, ao referir-se aos do P.^e Antonio Vieira, escreve: «Do mesmo ou de *João Pinto Ribeiro, Arte de Furtar*, e se acha já prohibido pelo Edital de 1755.»

E, como José Sampaio não tenha revelado a parte positiva do problema até ao presente, lançámo-nos n'essa investigação, sem invadir a esphera de actividade de um critico que muito presamos. Eis as considerações que estabelecemos para encontrar a solução desejada:

De todos os escriptores portuguezes do seculo xviii, só o ministro Alexandre de Gusmão era capaz de simular o estylo do P.^e Antonio Vieira; como elle, nasceu no Brasil, estudou no Collegio dos Jesuitas de Santos, o que não é indifferente para o apocryfismo litterario; aos vinte annos acompanhou para Paris, como secretario de embaixada, o conde da Ribeira Grande, em 1715, formando-se ali em direito civil, e, no regresso, incorporou-se na Universidade de Coimbra, em 1719

D. João V enviou-o para Roma, a auxiliar seu irmão Bartholomeu de Gusmão, onde se demorou sete annos, adquirindo o conhecimento pratico das girias da Curia. Desde 1734, foi encarregado dos despachos da Secretaria do Estado para o Brasil. N'este complicado serviço, encontrou continuados e industriosos roubos e fraudes da Fazenda, aos quaes oppôz habéis regulamentos e expedientes, que melhoraram os rendimentos do Estado. Em 1742, entra para o Conselho Ultramarino, onde também prestou valiosos serviços, para reprimir engenhosos latrocinios, que se lhe revelavam como uma completa *Arte de furtar*. Com o seu raro talento de escriptor, e uma observação ironista, adquirida nas viagens e longa residencia em Roma e em Paris, e com o malicioso espirito de engenhoso interprete de cifras diplomaticas, era facil a Alexandre de Gusmão, nascido no ultimo quinquennio do seculo xvii, imitar o estylo digressivo e faceto do padre Vieira, fazendo habilmente imprimir, na Holanda, a «*Arte de Furtar*, gazua geral dos reinos de Portugal». Em 1740, em carta de 2 de maio, escreveu Alexandre de Gusmão a Barbosa Machado respondendo ao pedido de apontamentos biograficos para a *Bibliotheca Luçitana*. Por esse tempo, elaborava elle, na sua mente, este livro, com um estylo em que a belleza resalta da

verdade da observação e das situações pittorescas que descreve. E' inquestionavelmente um *moderno*, com uma fina critica, que não possuíam Luiz Antonio Verney, o Cavalheiro de Oliveira e José da Cunha Brochado. Do estylo de Alexandre de Gusmão trataram Fr. Fortunato de S. Boaventura e Camillo Castello Branco, por modo a determinar qualidades identicas ás da *Arte de Furtar*, conforme o documentam esses trechos.

De todos os escriptores da primeira metade do seculo XVIII, só o ministro Alexandre de Gusmão era capaz de simular o estylo de Vieira, e de fazer esse livro faceto e de mordente moral a *Arte de Furtar*. Frei Fortunato de S. Boaventura, nos seus *Subsidios para se escrever a Historia litteraria de Portugal*, fallando da decadencia da força e magestade da lingua portugueza nos escriptos rethoricos, contrapõe: «*resplandecem mais no gabinete do Soberano* (D. João V) do que nas cadeiras sagradas e professas, do que nos offerecem um claro testemunho os *Decretos e Avisos régios, que escreveu Alexandre de Gusmão.*» (*Op. cit.*, p. 193.) Foi nos ocios d'esta redacção official, que o perspicaz ministro phantasiou esses quadros realistas, nos ditos e considerandos Moraes, que fazem da *Arte de Furtar*, além de um profiquo documento, uma digna obra litteraria. Por uma intuição do character do estylo, Camillo Castello Branco roçou pela verdade do problema que Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* suscitou, dando em 1749 noticia da *Arte de Furtar* edição de 1744. No *Curso de Litteratura portugueza*, p. 162, reconheceu Camillo nos escriptos de Alexandre de Gusmão: «*esperteza de observação, na solercia da critica, e para quem antepõe estudos sociologicos a preluxidades linguisticas, o Secretario de D. João V, excede Antonio Vieira e D. Francisco Manoel de Mello.*»

A Matrona de Epheso. (Pag. 116).—Sobre esta tradição e sua fórmula popular, vid. p. 116 e nota correspondente p. 273.

A par da variante do seculo XVIII, additamos-lhe agora outra para mostrar a sua degradação.

«Uma romana, morrendo-lhe seu marido, de quem fôra sempre estimada, mandou-o enterrar no cemiterio dos enforcados, que juntamente com a força estava diante das suas casas, e ficou carpindo a falta de seu marido com gemidos e prantos lastimosos. Ouvindo-os um soldado que estava de guarda a um corpo de um justicado veio consolal-a e lhe assistiu toda a noite, deixando o cadaver só, que entretanto foi levado pelos parentes. Amanhecendo, viu o guarda a falta, e deu-se por perdido; mas a mulher remediou o caso, dizendo-lhe que desenterrasse o corpo de seu marido, que o pendurasse no força, como o outro estava. Assim o fez, e obrigado

á viuva pelo arbitrio, e esta ao soldado pela compaixão que tivera d'ella, casaram-se ao dia seguinte, trocando a viuva repentidamente os excessivos choros em excessivas alegrias.» (Marques Soares, *Devertimento de Estudiosos*, t. II, p. 258.)

O pobre chagado e as môscas. (Pag. 121.) -- Fabula em nome de Esopo, na collecção de Planudes; encontra-se em nome do imperador Trajano referida nas *Antiguidades judaicas* de Flavio Josepho, liv. XVIII, cap. 1, recebida da tradição oral. Deu-lhe todo o relêvo do brilho litterario Ramalho Ortigão nas *Farpas*, applicando o caso aos politicos ávidos da monarchia bragantina. Tambem com o seu fino gosto deu fôrma litteraria ao Conto do *Manto novo do rei*, que já andava na tradição escrita do *Conde de Lucanor*, de D. Juan Manoel, do seculo XIV, e na redacção da Andersen nos seus Contos ingenuos.

O Anjo e o Eremita. (Pag. 117.) -- Na concepção deita vulgar, a harmonia do universo e o destino humano estão sob a vontade da Providencia, a que tudo coordenadamente obedece; mas na successão dos acontecimentos elles contradizem essa crédula confiança. O ditado: *Deus escreve direito por linhas tortas* resalva esse outro anexim que diz contra a justiça providencial: *Dá Deus nozes a quem não tem dentes*. Este problema instantane do destino humano provocou a especulação philosophica do genio judaico, mais do que em qualquer dos outros ramos da raça semita, e expressou essas flagrantes antinomias da vontade de Deus em poemas como o de *Job* e em contos como este do *Anjo e o Eremita*. O genio judaico poz no *Ecclesiaste* o preblema na sua crueza: «Ha justos sobre os quaes peza a desgraça como se vissemos como impios, e ha tambem impios que vivem tão socegados como se vissemos como justos. Tenho visto correr as lagrimas dos innocentes sem que alguém os console; e tambem visto privados de todo o succôrro importante resistirem á violencia. . . Eu comprehendo, que o homem não pode por nenhum modo descobrir a razão das obras de Deus, que passam sob o sol; quanto mais elle se afadigar a procural-a, menos a encontrará» Gaston Paris, seguindo este pensamento dos hebreus, achou a sua mais antiga expressão poetica, no livro de *Adjaib* ou *Livro das Maravilhas* de Zachariah ben Mohammed e tambem no *Talmud*, notado pelo folk-lorista Baring-Gould. D'essas fontes orientaes antiquissimas do Conto é que elle passou para a tradição mussulmana korânica e para a tradição chirtãs occidental da Edade Média. Reconhecida esta fonte primitiva da concepção casuista, importa descrever o seu quadro aproximando os dois paradigmas semitas.

«Moysés andando atormentado pelo problema da distribuição dos bens e dos males sobre a terra, Deus o arrebatou ao cimo de uma montanha, e quiz fazer lhe comprehender como se governa o mundo. A' falda da montanha manava uma fonte. Moysés viu approximar-se um cavalleiro para desedentar-se; sobre a borda, ao ir-se embora deixou um sacco de peças de oiro esquecido. Vem depois um pastor, deparou com o sacco, e foi-se embora com elle. O cavalleiro tendo dado pela sua pêrda, tornou á fonte, onde encontrou ali apenas um velho, que havia instantes chegara, tendo posto no chão o seu carroto para descansar um pouco. O velho bem protestou que não vira sacco algum, e invocou o testemunho de Deus, mas o cavalleiro ergueu o sabre e matou o. Moysés estava cheio de horror e de indignação diante de tamanha injustiça. Mas Deus disse-lhe:

— Não te espantes pelo que acabas de vêr. O velho tinha outr'ora assassinado o pae d'esse cavalleiro; o ouro pertencia legitimamente, sem que elle o soubesse, ao pastor, que o achou; o cavalleiro tinha-o adquirido por mal, e com elle ía fazer máo emprego; assim a todos justiça foi feita.»

Agora a versão do Koran (xviii, 64-81); é Iaveh que falla: «Moysés encontrou um de nossos servos, favorecido de graça e esclarecido de sciencia.

— Posso eu seguir-te, disse-lhe Moysés, a fim de que tu me ensines uma parte do em que foste ensinado ?

O desconhecido respondeu:

— Tu não tens a paciencia bastante para andares longo tempo commigo, pois que tu não poderás supportar cousas de que tu não comprehenderás o sentido.

— Se a Deus prouver, disse Moysés, tu me acharás perseverante, e eu não desobedecerei ás tuas ordens.

— Está bem, disse o desconhecido; acompanha-me, mas não me faças perguntas sobre o quer que seja, se eu primeiro te não fallar.

Metteram-se então ao caminho ambos, e entraram para um batel; quando elles desembarcaram, o desconhecido deixou-o em estado de não poder mais servir.

— Tu acabas agora de praticar uma acção clamorosa, disse Moysés; arrobaste este batel, para se afogarem todos os que vão dentro d'elle.

— Não te disse eu que te faltaria a paciencia para me acompanhares ?

— Não me impônhas, disse Moysés, obrigações tão difficeis; e desculpa-me de ter desobedecido ás tuas ordens.

Elles partiram, e immediatamente encontraram um manco. O desconhecido matou-o.

— Que é isto? disse Moysés; acabas de matar um innocente! Que acção detestavel!

— Bem te disse eu, que não terias paciencia bastante para me acompanhares.

— Desculpa-me por esta vez. Se te fizer ainda uma só pergunta, tu não consentirás mais que eu te acompanhanhe.

Elles caminharam até ás portas de uma cidade. Pediram hospitalidade aos habitantes, mas estes lh'a recusaram. Como um muro ameaçasse ruina, o desconhecido compôl-o.

— Tu devias, disse Moysés, pedir a esta gente uma recompensa.

— Nós vamo-nos separar, disse o desconhecido; tu não tens toda a paciencia que é precisa. Eu vou explicar-te os casos que te espantaram: o batel pertencia a pobres pescadores; eu o arrombei, porque atraz de nós chegava um rei que se apoderaria de todos os navios em bom estado. Quanto ao mancebo, os seus parentes eram crentes, mas se elle vivesse infectal-os-ia da sua perversidade e da sua incredulidade. Deus lhe dará em troca um filho virtuoso e digno de affeição. O muro é herança de dois orfãos, cujo pae era um homem piedoso; no alicerce d'este muro está um thezouro, e Deus quer que a sua idade de rasão chegue antes d'este thezouro ser achado. Eu não pratiquei nenhuma d'estas acções pela minha cabeça, e eis aqui a explicação, que tu não tiveste a paciencia de esperar.»

Agora a mesma lenda no meio ehristão, vinda pelo syncretismo operado no Egypto, pelo encontro da cultura judaica, do dominio mussulmano e contactos do chisrtianismo occidental; tal e a origem do episodio appenso ás legendas das *Vitae Patrum*. Escreve Gaston Paris sobre a apropriação da lenda judaica: «Pode-se crêr que esta apropriação se effectuou no Egypto, n'este paiz, onde, antes da invasão mussulmana, judeus, christãos e pagãos de todas as variedades viviam uns e outros accomodadamente; conservando por personagens eremitas da Thebaida, a legenda da Edade Média latina, parece ainda attestar essa origem. Esta legenda foi admitida pelos christãos, então, quasi como a encontraram sob uma fórma que parece mais a do Koran do que a dos livros rabbinicos; elles conservaram então quasi inteiramente a applicação exclusivamente temporal; mas para de logo esforçaram-se em referir esta applicação á doutrina propriamente christã transformando-a. . » (*Op. cit.*, p. 181.)

De um Ms. francez da Biblioteca Mazarin do seculo xiv, publicado por Edelestand du Méril, fez Gaston Paris a traducção d'este conto, como a mais antiga fonte d'onde derivaram as versões occidentaes:

«Havia no Egypto um solitario que pedia a Deus para lhe se-

rem revelados os seus juizos. Um dia um Anjo de Deus, sob a apparencia de um ancião lhe appareceu e disse :

— Vem, vamos divagar por este deserto; vamos ter com os santos padres que o habitam e obtenhamos a sua benção.

Partiram os dois, e, depois de muita fadiga, chegaram a uma gruta, aonde encontraram um santo homem, que muito bem os recebeu, lhes lavou os pés e offereceu do que tinha. De manhã, quando elles se despediram, o Anjo rapiocou o prato em que lhes fôra apresentada a comida. Dizia o Eremita comsigo:

— Que ideia haveria para furtar ao santo homem, que nos agasalhou com tão grande caridade, o seu prato ?

O hospedeiro envio atraz d'elles o seu filho, que ainda os alcançou e lhes disse :

— Entregae-me o prato de que vos apoderastes.

Disse-lhe o Anjo :

— O meu companheiro, que ali vae adiante é que tem o prato ; vae-lh'o pedir.

E quando o rapazito lhe passava na dianteira, empurrou-o para o precipicio da borda da estrada, onde morreu. O Eremita vendo isto, ficou cheio de temor, e disse :

— Desgraçado de mim ! o que fômos fazer ao nosso bondoso hospedeiro ! Depois de o termos roubado, matamos-lhe seu filho.

Foram andando ainda, e chegaram a um casebre em que vivia um anachoreta com dois discipulos. Bateram á porta, mas o anachoreta mandou-lhes dizer :

— Que se fossem embora, porque não tinha logar para os agasalhar.

Elles lhe supplicaram de os deixar passar a noite sob o seu tecto, por que estavam cansadissimos ; seguiu se a recusa. Elles insistiram :

— As fêras vão-nos devorar, se não nos accolherdes.

Por fim o anachoreta, impacientado, disse a um dos seus discipulos :

— Conduzi-os para o estabulo.

Ahi chegados, pediram uma luz para vêrem onde é que poderiam deitar-se; foi-lhes recusada a luz. Pediram qualquer refeição ; um dos discipulos trouxe-lhes pão e agua, dizendo-lhes :

— E' da minha ração isto que vos dou ; olhae, que não o saiba meu mestre.

Ficaram toda a noite assim, deitados sobre o chão duro.

Rompendo o dia, disse o Anjo a um dos discipulos :

— Pede a teu mestre, que nos attenda, que temos alguma cousa a dar-lhe.

O anachoreta appareceu lhes, e o Anjo offereceu-lhe o prato

que elle tinha furtado ao santo homem. E continuaram a sua jornada. O Eremita não sabendo que este ancião era um Anjo, disse-lhe com indignação :

-- Afasta-te de mim ; não quero mais a tua companhia. Tu furtas o que pertencia áquelle santo homem que tão bem nos recebeu ; tu fazes morrer seu filho, e isso que lhe roubaste dá agora a um homem que não teme a Deus e não tem compaixão de ninguém.

O Anjo respondeu-lhe :

-- Não pediste tu a Deus, que te revelasse os seus altos juizos ? Eu fui enviado para t'os revelar. O prato que eu furttei áquelle santo bom homem não tinha uma boa origem ; não era conveniente que um homem tão bom e tão piedoso tivesse em sua casa qualquer cousa mal adquirida ; isso que era máo foi dado a um malvado para realisar-se a sua perdição. Quanto ao filho, se eu não o tivesse matado, elle teria assassinado o pae na noite seguinte.

Então o Eremita conhecendo que era um Anjo que lhe falava, lançou-se a seus pés com a face em terra. O Anjo desapareceu, e o Eremita comprehendeu que os juizos de Deus são justos.»

E' este o fundo simples de diferentes narrativas latinas, das quaes uma foi appensada á collecção das Legendas que têm o titulo geral de *Vitae Patrum*, tendo o pequeno conto o titulo: *Do Eremita que foi acompanhado por um Anjo*.

D'esta fórma passou para a elaboração em conto versificado da epoca de S. Luiz e publicado nos Fableaux por Méon em 1825; compilado nas *Gesta Rumanorum* do seculo XIII, e vulgarizado nos sermonarios a começar nos da *Scala Celi* do João o Moço, e nos sermões do arcebispo de Tyro, Jacques de Vitri. O insigne romauista Gaston Paris, fez o traducção d'esta fórma do Conto; considerando-a «muito superior pela felicidade da expressão, pelo encanto dos detalhes, occupando pela sua habil composição um logar á parte na poetica narrativa da Edade Média.» A sua versão acha-se na *Poesia da Edade Média*, da p. 155 a 164. (Ed. Paris, 1885.)

Gaston Paris fez a comparação d'este episodio das *Vitae Patrum*, com a versão mais antiga do Koran (xviii, 64-81), concluindo, se não pela identidade, pelas mais intimas relações, provindo ambas independentemente de uma fonte mais antiga em relação á narrativa arabe, que deriva de uma lenda judaica, pois que ahi figura Moysés, personagem do Velho Testamento d'onde se alimentava a imaginação arabe.

Os dias por millennios. (Pag. 120).—Nas *Cantigas de Santa Maria*, de Alfonso o Sabio, vem metrificada esta lenda, que

encheu a Edade Média : *Como Santa Maria fez estar o monge trezentos annos ao canto do passariño, por que lle pedia que lle mostrasse qual era o bem que aviam os que erem en Paraiso.*

*Quem a Virgem bem servirá
a Paraiso yrá*

E d'aquest um gram miragre
vos quero eu ora cantar
que fezo Santa Maria
por um monge que rogar
lh'ia sempre que lhe mostrasse
qual bem en Paraiso ha.

E que o visse em sua vida
ante que fosse morrer.
E por ende a Graciosa
vedes que lhe foi fazer :
fez-lo entrar n'uma horta
en que muitas vezes iá.

Entrara ; mais aquel dia
fez que hũa fonte achou
mui crara et mui fremosa
et cab'ela se assentou,
e pois lavou mui bem sas mãos,
disse : — Ai Virgem, que será?

Se verei do Paraiso
o que ch'eu muito pedi,
algum pouco de seu viço
ante que saya d'aqui,
e que sábia do que bem obra
que galardom averá !

Tan toste que acabada
houve o monge a oraçom
oyu uma passarinha
cantar logo en tam bom som.
que se escaeceu, seendo
et catando sempre a lá.

A tam grave sabor avia
d'aquel canto e d'aquel lais,
que grandes trezentos anos
esteve assi ou mays,



cuidando que non estevera
se non pouco como está.

Monge algũa vez no ano
quando sal ao vergeu,
des i foi-se a passarinha
de que foi a el mui greu,
e disse: — Eu d'aqui ir-me quero
ca õy mais comer querrá

O convento. E foi-se logo,
et achou um gran portal
que nunca vira, et disse:
— A, Santa Maria, val!
Nom é este o meu mcesteiro,
pois de mi que se fará?

Des i entrou na eigreja,
e ouverom gram pavor
os monges quando o virom,
et demandou-lh' o prior,
dizendo: -- Amigo, vós quem sode.,
ou quem buscadea a cá?

Disse el: -- Busco meu abade
que agora aqui leixei,
e o prior et os frades
de que mi agora quitey,
quando tui a aquela orta
si seen, que mi o dirá?

Quando esto oyo o abade
teve-o por de mal sen
et outrosi o convento,
mais des que souberom ben
de como fora este feito
disserom: — Quem oyrá?

Nunca tan gran maravilha
como Deus por esto fez
polo rogo de ssa Madre
Virgem santa de gran préz,
E por aquesto a loemos
mais quem a non loará.

Mais d'outra cousa que seja?
 ca par Deus gram dereito é,
 pois quanto nós lhe pedimos,
 nos dá seu Filho a lá fé,
 por ella, et aqui nos mostra
 o que nos depois dará.

*Quem a Virgem bem servirá
 a Paraiso yrá.*

Annotando esta legenda, Adolpho Mussafia aponta o trabalho de W. Hertz, *Deutsche Sagen im Elsas*, p. 273, versando a concentração de muitos annos em momentos; como tambem Reinhold Köhler, na *Revista de Philologia alleman*, vol. xiv, e na *Germania*, vol. II, p. 432. Investigou a diffusão da lenda D'Ancona, *Stadii di critica e storia letteraria*, p. 309 a 312; Oesterley na edição de *Schimpf und Ernest* de Pauli, no n.º 537; Paulo Meyer, *Romania*, vol. v, p. 473, publicando a prédica de Martino di Sully; tambem no *Libro de Exemplos*, n.º cx. Ed. Gayangos. Luzel, publicou uma versão oral nas *Legendes chrétiennes de la Basse Bretagne*, t. 1, p. 222; e Carnoy, *Litterature orale de la Picardie*, p. 149. Todos estes Contos figuram o versiculo 4.º do Psalmo 90: Mil annos diante de Deus são como um dia.

A fortuna de Policrates. (Pag. 121.) -- A lenda do tyranno de Sarno e do anel que arrojado ao mar lhe veiu outra vez parar á mão, foi appresentada por Herodoto, *Hist.* Liv. III, e por Atheneu e Thucydides. Provém de um fundo popular, em situações de differentes contos: esperar a desgraça depois de uma felicidade ininterrupta (*supra*, p. 258); o anel arrojado ao mar, que volta á mão do dono, sendo pescado o peixe que o engulira (*ib.*, p. 260.).

Na tradição colhida por Herodoto, Amosis, pharaó do Egypto, separa-se de Policrates para não soffrer a fatalidade que o espera apoz continuadas prosperidades; mas Grote, na sua *Historia da Grecia*, t. IV, pende para o contrario, que foi Policrates que rompeu a alliança com Amosis logo que o viu atacado por Cambyses.

Espelhos regeitados. (Pag. 122.) -- Aparece esta fabula allegorica tratada por Lafontaine. (Liv. I, n.º xx.) Na edição monumental portugueza feita por David Corazzi com as illustrações de Gustavo Doré, cada fabula de Lafontaine foi traduzida por differente poeta, antigo ou moderno, formando assim uma oia litteraria.

Coube-nos esta Fabula *O Homem e a sua imagem*, para a versão portugueza, que fizemos, reproduzindo o original nas mesmas fórmas homeometrica, homeostrophica e homeorythmica :

O Homem e a sua imagem

Um homem singular nos fumos da vaidade,
Tinha-se para si na conta de gentil ;
No espélho a que se vê sempre acha falsidade,
E vivia feliz n'essa illusão pueril.
Para o curar do achaque, a sorte que é cruenta,
Aos olhos lhe apresenta
Por toda a parte o tal conselheiro das damas,
Espélhos nos salões, nas lojas, nas batotas,
Nos bolsos dos janotas ;
Têm-os creadas e amas.

O que ao Narciso occorre ? ! Elle vae-se occultar,
Desesperado então, n'um ignoto logar,
Sem de espélhos querer entrar n'outra aventura.
N'esse local, porém, deslisa a limpha pura
De apazivel regato,
Que reflecte fiel o rosto caricato,
O qual julga inda assim ser phantasia vã.
Tenta á pressa fugir por não vêr tal imagem,
E da linda paragem
Safou-se com afan.

*

Percebe-se o meu fito ;
N'este Narciso afflicto
Alludo a todo a gente, o caso acha-se a esmo,
Nossa alma é este tal vaidoso de si mesmo.
Os espélhos sem conta, eis -- as tolices do homem ;
Dos defeitos nos dão legitima pintura ;
E pela limpha pura
Das **Maximas** o *Livro* é bem que todos tomem.

N'este ultimo verso synthetisou Lafontaine o elogio do celebre livro de Larochevoucauld, *Reflexões ou Sentenças e Maximas moraes*, de 1665 ; foi na quarta edição das *Maximas*, de 1675, que poz a epigraphe: «As nossas virtudes são na maior parte das vezes vicios disfarçados.»

Gaia. (Pag. 123.) — Na tradição portugueza encontra-se um vestigio da Poesia arabe do periodo em que principiou a mis-são de Mahomet. E' a historia dos amores do joven poeta Murakkich, que pedindo em casamento sua prima Esma, filha de Auf, este lh'a recusou dizendo, que era criança e pobre, que se fôsse nobilitar em feitos guerreiros primeiramente. Murakkich voltou passados annos rico e cuberto de gloria; seu tio tinha casado Esma com um rico e opulento arabe do Yémen, mas occultou ao mancebo a cruel nova, dizendo que sua filha tinha morrido. O poeta veio a descobrir o casamento de sua prima, e quasi moribundo, acompanhado de dois escravos partiu para as terras de Nadjan; o cansaço prostrou-o, e os que o conduziam depozeram-o em uma gruta e ahi o deixaram por morto. Traduzimos agora a seguinte situação, para approximal-a da tradição portugueza que anda no *Livro Velho das Linhagens* contada na pittoresca prosa do seculo xiv:

«Murakkich assim abandonado e voltando a si foi descoberto na gruta por um pastor que guardava os rebanhos do marido de Esma.

— Aproximas-te algumas vezes da mulher de teu senhor? perguntou Murakkich, e poderias levar-lhe mensagem secreta?

— Não; respondeu o pastou, mas eu vejo todos os dias uma das suas escravas, que vem ordinhar o leite das minhas cabras para leval-o á sua ama.

— Pois bem, disse Murakkich, eu reclamo de ti um serviço, de que serás largamente recompensado. Toma este anel e lança-o no leite que a escrava leva a Esma.

A' noite, á hora em que a escrava trazia o tarro em que bebia sua ama, o pastor ao deitar o leite tambem deixou cahir dentro o anel. Ao beber, Esma sentiu o anel que tenia contra os seus dentes; tomou-o na mão, mirou-o ao clarão do fogo, e conheceu por certos signaes que n'elle gravara quant'ora o dera a seu primo. Pediu explicações á escrava, que tambem estava maravilhada. Então Esma chamou seu marido e lhe disse:

— Manda chamar o pastor das tuas cabras e d'elle sabe d'onde lhe veio este anel.

O pastor respondeu:

— Eu recebi este anel de um homem que encontrei na gruta de Djebban. Pediu-me que lançasse esse anel no leite destinado a Esma. Fiz o que elle me pediu. Quanto ao mais ignoro o seu nome e a sua tribu, e quando o deixei na gruta estava quasi a expirar.

— Mas, a quem pertence este anel? perguntou o marido á consorte.

—E' o anel de Murakkich, respondeu Esma ; está a expirar, apressemo-nos a ir buscal-o.» (1)

Esta mesma situação se descreve na lenda do rei Ramiro, que procurava sua mulher que estava em poder de Abencadão; pelo paralelo se verá que a tradição arabe se naturalizou em Portugal, accomodando-se ás nossas lendas nacionaes ; uma fonte representa a mesma ideia do leite dos rebanhos do deserto, e tanto o poeta, querendo saber da sua namorada Esma, e Ramiro sua esposa Gaia, empregam o mesmo meio, do anel, que tambem vamos encontrar empregado por Tristão em uma mensagem a Yseult. Esta tradição pertence ao cyclo dos *Moalacats*, que andaram na memoria das tribus até receberem forma escripta, vindo pela corrente oral communicado as classes populares dos *Mallaudi* e dos *Mosarabes*, de preferencia a qualquer redacção poetica escripta.

Escreve Villemarqué, para mostrar como apesar da grande transformação artistica dos Contos de *Tristão*, pelos romancistas, não desfiguraram completamente as situações, que se não conheçam os traços da physionomia primitiva. Assim «Uma ballada muitissimo espalhada na Armorica deu-lhe a presença da semelhança da situação do conto rustico com o do troveiro: Um joven principe bretão feito prisioneiro, querendo informar sua mãe, manda-lhe um mensageiro portador de um anel, que o fará reconhecer.» (p. 82.) No Romance da *Gaia*, é pela entrega de um anel que Ramiro se annuncia a Gaia, sua mulher em poder de Almançor. Tristão, vendo-se doente em um paiz estrangeiro manda uma mensagem a Iseult e é o anel que brilha em um dedo que o faz ser levado á rainha.

Como Sepulveda, que tirava os seus romances das chronicas hespanholas, João Vaz, compilou a tradição dos amores de *Gaia* de algum documento escripto. Qual elle fosse ninguem o póde asseverar. É certo que se encontra a narração d'esses amores com esta fórma graciosa no *Livro velho das Linhagens*: «e este rey D. Ramiro se vê casado com huma rainha, e fege n'elle rey D. Ordonho; e pois lha filhou rey Abencadão que era mouro, e foilha filhar em Salvaterra no logo que chamão Mayer: entom era rey Ramiro nas Asturias: e quando Abencadão tornou adusea para Gaia, que era seu castello, e quando veo rey Ramiro não achou a sa molher e pesoulhe ende muito, e enviou por seu filho D. Ordonho e por seus vassallos, e fretou suas naves, e meteu-se em ellas, e veyo aportar a Sanhoane da Furada; e pois que a nave entrou pela foz cobriua de panos verdes, em qual guiza que cuidassem que erão ramos, cá entonce Douro era cuberto de

(1) Ap. Lamartine, *Historia da Turquia*, t. 1, p. 79.

hum parte e da outra darvores; e esse rey Ramiro vestiose em panos de veletto, e levou consigo sa espada, e seu corno, e falou com seu filho e com os seus vassallos que quando ouvissem o seu corno que todos lhe acorressem, e que todos juvecem pela ribeira per antre as arvores, fóra poucos que ficassem na nave para mantela, e el foi-se estar a hum fonte que estava perto do castello; e Abencadão era fóra do castello; e fora correr seu monte contra Alfão; e hum donzela que servia a rainha levantouce pela menhã que lhe fosse pela agoa para as mãos; e aquella donzela havia nome Ortiga; e ella na fonte achou iazendo rey Ramiro, e nem o conheceo, e el pediolhe dagoa pela aravia, e ella deulha por hum antre, e el meteo hum camafeo na boca, o qual camafeo havia partido com sa molher a rainha pela meadade; el deuse a beber e deitou o anel no antre, e a donzela foice, e deo agoa á rainha, e cahiolhe o anel na mão, e conheceu ella logo; a rainha perguntou quem achara na fonte; ella respondeu que não era hi ninguem: ella dice que mentia, e que, lhe non negace, ca lhe faria por ende bem, e mercê; e a donzela lhe dice enton que achara hum mouro doente e lazarado, e que lhe pedira dagoa que bebece, e ella que lha dera; e entonce lhe dice a rainha que lhe foce por el, e se o hi achasse que lho adusesse. A donzela foi por el, e dicelhe ca lhe mandava dizer a rainha que fosse a ella; e entonces rey Ramiro foise com ella; e el entrando pela porta do paço conheceo-o a rainha, e dicelhe—«Rey Ramiro, quem te aduse qui?»—E el lhe respondeu—«ca o teu amor»—: e ella lhe dice que vinha a morrer, e el lhe respondeu, ca pequena maravilha: e ella dice á donzela que o metese na camara, e que lhe não dese que comece, nem que bebece; e a donzela pensou del sem mandado da rainha; e el jazendo na camara chegou Abencadão e derãolhe que jantace, e despois de jantar foice para a rainha; e desque fizerão seu plazer, dice a rainha — «se tu aqui tivesses rey Ramiro, que lhe farias?» O mouro então respondeu — «o que el a mi faria: matal-o» Então a rainha chamou Ortiga que o adusesse da camara, e ella assim o fez, e aduseo ante o mouro, e o mouro lhe disse — «es tu rey Ramiro?» — e elle respondeu — «eu sou» — e o mouro lhe perguntou — «a que vieste aqui?» — elrey Ramiro lhe disse entom — «vim ver minha molher que me filhaste, a torto; ca tu havias comigo tregoa, e nom me catava de ti:» — e o mouro lhe disse — «vieste a morrer; mas querote perguntar: se me tiveces em Mier que morte me darias?» — Elrey Ramiro era muito faminto e respondeolhe assim — «eu te daria um gapão assado e huma regueifa, e fariate tudo comer, e dartehia em cima en sa çapa (côpa?) chea de vinho que bebesses: em cima ahrira portas do meu curral, e faria chamar todas as mi-

nhas gentes, que viessem ver como morrias, e fariate sobir a um padrão, e fariate tanger o corno, até que te hi sahice o folego.»—Então respondeo Abencadão—«essa morte te quero eu dar.»—E fez abrir os curraes, e fez sobir em um padrão que hi entom estava; e começou rey Ramiro entom seu corno tanger e começou chamar sua gente pelo corno que lhe acorressem, ca agora havia tempo; e o filho como ouvio, acorreolhe com seus vassallos, e meterãose pela porta do castello, e el deceuse do padron adonde estava, e veyo contra elles, e tirou sa espada da bainha, e descabeçando até o menor mouro que havia em Gaia, andarão todos á espada, e nom ficou em essa villa de Gaia, pedra sobre pedra que tudo não fosse em terra; e filhou rey Ramiro sa molher com sas donzellas, e quanto haver ahi achou, e meteu na nave, e quando forão a foz d'Ancora amarrarão as barcas, e comerão hi e folgarão, e D. Ramiro deitouce a dormir no regaço da rainha, e a rainha filhouce a chorar, e as lagrimas della caerão a D. Ramiro pelo rosto, e el espertouse, e disselhe, porque chorava, e ella disselhe — «choro por o mui bom mouro que mataste» — e então o filho que andava hi na nave ouvio aquella palavra que sa madre dissera, e disse ao padre — «padre não levemos comnosco mais o demo». —Entom rey Ramiro filhou uma mó que trazia na nave, e ligoulha na garganta, e anchorouha no mar, e dês aquella hora chamarão hi Foz d'Ancora. Este Ramiro foice a Myer e fez sa corte, e contoulhe tudo como lhe acaecera, e entom baptisou Ortiga, e casou com ella, e louvoulhe toda sa corte muito, e poslhe o nome D. Aldara, s fege nella hum filho, e quando naceo poslhe o padre o nome Albozar, e disse entom o padre, que lhe punha este nome por que seria padre e senhor de muito boa fidalguia; e morreo rey D. Ramyro. Deos lhe aya saude a alma, requiescat in pace. (1)

Os amores de Machim e Anna de Harfet. (Pag. 149.) — Na legendogonia, os nomes de pessoas e de logares favorecem a formação de relações historicas, geographicas e agiologicas, que facilmente entram na corrente da tradição e se impõem como realidade. E' uma efflorescencia parasitica custosa de extirpar. Do nome de *Machim*, dado a uma parte da ilha da Madeira pelos navegadores portuguezes, fez-se no meado do seculo xvi a lenda de *Machim*, um cavalleiro inglez, que fugindo com uma dama casada foi no baixel levado pelas tempestades á ilha desconhecida, que vindo a ser descoberta pelos portuguezes conservaram, não se imagina por que revelação

(1) *Mon. his.*, II, *Scriptores*, p. 180-181. Esta mesma legenda se encontra no *Livro das Linhagens do Conde Dom Pedro* (*Mon. Hist.*, *ibid* p. 274-277) com algumas variantes na acção.

esse nome de *Machim* como testemunha d'essa prioridade ingleza.

A lenda, como todas as invenções phantasistas, abunda em detalhes e situações romanescas, que servem quasi sempre para se descobrir as suturas dos elementos tradicionaes e até os intuitos do fabricante da lenda. E' o que se dá com a lenda de *Machim*, que o historiador inglez Henry Major, no seu livro *Life of Prince Henry de Portugal*, procurou dar-lhe fóros de documento histórico, por assim convir authenticar a prioridade da descoberta da Madeira por um inglez. Mas esta tradição de *Machim* é, na lenda, communicada por um castelhano, que estivera captivo dos Mouros, João de Morales ou João de Amores, ao capitão João Gonçalves Zarco, que por indicações d'este seu piloto singra para a ilha a que aportara o namorado inglez. Ha por tanto o intuito de alliar as duas iniciativas *ingleza* e *castelhana*, de que o descobrimento dos navegadores portuguezes, seria a resultante. Esta circumstancia revela-nos a rasão da lenda: a glorificação das navegações *ingleza* e *castelhana* phantasiou-se n'esse momento historico dos esponsaes e casamento de Philippe II com Maria Tudor, em 1550-55. A fórma mais antiga em que essa tradição foi reduzida é a que Valentim Fernandes, alemão, compilou sob o titulo *Descrição ou Noticia das Ilhas do Atlantico*, que com mais seis Relações varias vendeu ao erudito bibliothecario Peutinger, e hoje conservadas na bibliotheca de Munich. O interesse que Peutinger teve sempre das cousas das Navegações portuguezas, levou Valentim Fernandes ou de Moraviu, habil arranjador da vida, a explorar esta curiosidade; assim o primeiro opusculo da colleção vendida é a traducção da *Chronica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, por Azurara. Esta Chronica, que tanto preconisava o Infante D. Henrique, foi desconhecida de Pedro Nunes e de todos aquelles que não fallaram da lenda Infantista; só foi utilisada por João de Barros, em 1552 na sua *Decada 1*, alterando-a estylisticamente e dando pasto ás amplificações rhetoricas de outros narradores. Portanto a copia de Valentim Fernandes, foi feito pouco antes de 1552, isto é, quando Barros, andava redigindo a *Decada*; anulla a declaração de Valentim Fernandes no fim do seu manuscrito: *Deus seja louvado, ano de 1506 aos 14 dias de Novembro acabez aqui de escrever e tralladar esta historia da Guinne — Valentim Fernandes.* O anno foi posto para apagar qualquer relação com o exemplar explorado por João de Barros, por isso que era vendido para a Allemanha. Mas este conhecimento de Valentim Fernandes, suscita o reparo ao septimo folheto do *Descobrimento e Noticia das Ilhas do Atlantico*, pois desprezando a narrativa de Azurara que cita os dois navegadores da Casa do Infante, João Gonçalves e Tris-

tão Vaz, n'este folheto é que fabrica a lenda do descobrimento pelo *Machim*. Note-se que este manuscrito de Valentim Fernandes não tem data, e que os argumentos do historiador inglez Major tiram a sua força da attribuição de 1507, que está na relação que antecede esta.

Só depois de 1550 é que Antonio Galvão, começando o seu *Tratado dos Descobrimientos antigos e modernos que sam feitos em a Era de 1550*, é que allude—*outros tambem affirmam*— á noticia a que dera curso Valentim Fernandes, que lhe sobreviveu. Por este simples fio propagou-se a lenda engalanada com o caso dos amores, já amplamente contado pelo Dr. Gaspar Fructuoso, na sua historia geral do Archipelago dos Açores, *Saudades da Terra*, de 1590, e depois metrificado em oitava rima por Manoel Thomaz, no seu poema epico *Insulana*, de 1634, e romanceado pelo seu amigo D. Francisco Manuel de Mello, na *Eparaphora Amorosa*, de 1658, inventando um Francisco Alcoforado, creado imaginario da Casa do Infante D. Henrique, que redigiu á Relação para conhecimento de seu amo. A *Epanaphora amorosa* appareceu traduzida em francez em folheto com o nome de Francisco Alcanforado, em 1671, e depois tambem em inglez. Foi n'esta forma independente do corpo das *Epanaphoras*, que se encobriu o seu intuito novellesco, vindo pela sua raridade a ser considerado como um precioso documento historico, que Henry Major aproveitou com a entusiastica credulidade na *Vida do Infante D. Henrique*. O Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo na edição das *Saudades da Terra*, do Dr. Gaspar Fructuoso, de 1873 (Historia das Ilhas do Porto Santo, Madeira, Deserta e Selvagem) refutou peremptoriamente os argumentos em que se justificava Major, e Camillo Castello Branco, na *Lenda de Machim*, Reflexões á Vida do Infante D. Henrique, tambem dissolueu esse erro, que prejudica a importante monographia. Mas apesar d'esta mancha, que a Academia real das Sciencias, tentara apagar em uma nova traducção, que não foi levada a effeito, ainda se lê: «Se não fosse a forte mão dos historiadores inglezes, já ha muito que a personalidade do Infante D. Henrique teria desaparecido entre nós, em meio de insignificantes episodios, que alguns conterraneos do Infante tem avolumado, levados pelo espirito de partido.» (Boletim da Academia, vol. viii, p. 47.) Major continuou a rhetorica de João de Barros, que ampliou estylisticamente o simples texto de Azurara escripto «*por mandado do Infante*» o que explica o panegyrico, de attribuir aos homens do Infante, as ilhas que já figuram nos mappas do seculo xiv; d'ahi sua linguagem dubia, não fallando em *descobrimientos* mas dizendo: *e assy chegaram á ilha* que sechama agora do Porto Santo,» e da ilha da Madeira, tambem dubiamente: no «*anno seguinte*

passaram-se á outra da Madeira.» João de Barros desconhecia os documentos cartographicos do seculo xiv e xv, d'ahi a sua improvisação de descobrimentos; nas cartas geographicas italianas de 1351 (reinado de D. Affonso iv), de 1375 (reinado de D. Fernando) e de 1384 (inicio do reinado de D. João I) vêem apontados esses nomes de *Porto Santo, Insule de Lengam* (da Lenba ou Madeira) *Insule deserte, Insule salvage*. João de Barros foi provavelmente illudido pelos herdeiros de João Gonçalves Zarco, que e *fizeram escriptura mui particular d'este descobrimento, e querem que toda a honra e trabalho d'elle lhes seja dada.»* Está-se a vêr d'onde soprava o vento da falsa tradição, cuja poeira empanou as vistas historicas de João de Barros, que contagiou Damião de Góes. Mas as vagas noticias d'estes descobrimentos no seculo xiv, pre-infantistas, e ainda o nome de alguns navegadores, fizeram crear outra lenda, cujos vestigios se vão achar no nome de *Machim*, encontrado em diversos annos em documentos por Brito Rebello e Jordão de Freitas: «em 1375 e em 1379, quer dizer, no reinado de D. Fernando, vivia em Lisboa um marítimo, mestre de barco d'este rei, chamado *Machim*, que como se sabe é o nome de uma das villas da ilha da Madeira, cabeça da capitania de Tristão Vaz, e ao qual varios autores tem pretendido encontrar origem no nome lendario do amante de Anna d'Arfet.» (Freitas, *Quando foi desooberta a Madeira*, p. 11.) «Mais importante, porém, será consignar que—ns cap. xix, fls. 47, da copia que a Bibliotheca da Ajuda possui de *Saudades da Terra* de Gaspar Fructuoso, este auctor açoriano diz que a Ilha de Ferro, nas Canarias foi casualmente descoberta, *depois de tornado Colon*, por um biscainho chamado João *Machiuu*, do qual ficaram duas filhas, chamadas Maria *Machim* e Luiza *Machim*, que viviam no tempo do auctor d'aquella obra, escripta em 1590. A descripção que Gaspar Fructuoso faz d'este descobrimento, leva-nos a crêr que o nome de *Machim* se tornou lendario nos relances do descobrimento da Madeira e das Canarias, archipelagos visinhos um do outro » (*Ib.*) Por 1590, tambem o conego da sé do Funchal, Jeronymo Dias Leite, escrevia com a lenda de *Machim* a *Historia do Descobrimto da Ilha da Madeira*, e tambem a *Insulae Materiae Historia*, que Manoel Constanancio publicou em Roma em 1590, onde se lê que *Macino* em tempo de D. João I, descobrira aquella ilha, e deriva o nome de *Machino*: «ea enim a *Macino* reperta est; tum primum cum Joannes, hoc nomine primus Imperio Lusitaniae potiretur. — Oppidum *Machici* a nomine *Praetfecti* nuncutum...» (*Ib.*, 10.) N'este texto colloca-se a lenda de *Machim* em 1384, começo do reinado de D. João I; e para a ajuda da formação da lenda o João de Morales torna-se em *João de*

Amores, que em vez de castelhano, é historicamente o nome do porteiro da Camara de D. João I, agraciado pelo monarcha como o reguengo de *Linha Pastora*.

Da Relação do conego Jeronymo Dias Leite transcreveu Manoel Thomaz conego da sé do Funchal, a lenda poetica para a *Insulana*; e d'este poema tomou D. Francisco Manuel Mello o quadro que romanceou na *Epanaphora amorosa* em 1660, em que se refere tambem a Historia do Descobrimento escripto em latim pelo Dr. Manoel Clemente (publicada em 1590.) O nome de *Machim*, aparece tambem em um pirata italiano, mencionado por Diogo Gomes; em *Machim* Fernandes, grumete, mencionado no Livro das Despezas do Thezoureiro da Casa da Mina; e para mais localisar a lenda em Inglaterra, no seculo XVIII, ahí se nomeia um astrónomo Johnes *Machim*, e um Dr. João *Machim* da Inquisição de Hespanha.

Como a critica intencional pretendeu desvalorisar os nomes das ilhas nas cartas italianas considerando-os de inclusão tardia, o Visconde de Santarem observa que a indicação do Archipelago da Madeira só apparece nas Cartas posteriores á Expedição de D. Affonso IV ás Camaras (1331-1344) sendo esses nomes traduzidos dos nomes portuguezes em *italiano*, como tambem o fizeram para os das ilhas dos Açores.

Valentim Fernandes, o ardiloso socio de Nicolao de Saxonia, habéis impressores da *Vita Christi*, no melhor periodo da sua prosperidade industrial, imprimiu e dedicou ao rei D. Manoel o livro das *Viagens de Marco Polo, e de Nicoláo Veneto e a Carta de um Genovez*, em 1502; estas Relações maravilhosas e mixto de fabulas mandara-as traduzir em portuguez para exploração do gosto do genero da geographia phantastica. Esta sua tendencia exploradora vê-se na impressão da novella do Cyclo de Santo Graal, a *Historia do mui nobre Vespasiano*. O Impressor foi-se convertendo em editor, e como auctor plagiando descaradamente o *Almanach perpetuum* de Abraham Zucuto, de 1496, no seu *Reportorio dos Tempos*, de 1557.

Entre as Relações geographicas que compilou para vender para o estrangeiro, não era como homem de sciencia que procedia, mas para satisfazer curiosidades scientificas como as do celebre humanista Peutinger, que lh'as pagavam. Pelas suas relações com os mais influentes fidalgos da côrte, elle pôde tirar uma copia do raro manuscrito da *Chronica da Conquista da Guiné* por Gomes Eanes de Azurara. N'esta Chronica, então consultada por João de Barros, é que viu o factio do descobrimento das ilhas do *Porto Santo e Madeira*. João de Barros que diffundeu a inexacta versão de que pelos annos de 1418-1420, os Portuguezes descobriram primitivamente aquellas ilhas e lhes deram os nomes, «em que excede a lista

do anterior *chronista* Azurara, do qual o mesmo Barros confessa ter derivado as noticias de que se serviu.» (Major, *Life*, cap. v, pag. 66.) Servindo-se da mesma fonte, Valentim Fernandes na *Noticia das Ilhas do Atlantico*, que compilou para o erudito Peutinger, altera a narrativa de Azurara, substituindo os nomes de João Gonçalves e Tristão Vaz, pelo nome de *Machim*, um inglez que aportou impellido pela tempestade á ilha do Porto Santo e d'ahi passando depois á ilha da Madeira, ao fim de seis mezes; ali fabricou de um grande tronco um batel, no qual se aventurou ao mar, chegando a Marrocos. O sultão o mandou de presente ao rei de Castella, o qual estava em guerra com o rei de Portugal, pouco caso fez de *Machim*, que em Hespanha morreu. E' a primeira Relação que elabora a lenda de *Machim*, nome corrente, na tradição popular de marinheiros do tempo do rei D. Fernando. Convinha ao genio imaginoso de Valentim Fernandes bordar esta lenda; como observa o Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, sobre o caracter d'essa relação: «Descobrimientos e successos ultramarinos extraordinarios e até maravilhosos, eram a espectativa supersticiosa dos espiritos ao fêcho do seculo de quatrocentos e introito do de quinhentos; espectativa tanto mais exigente, quanto ia irem recuando diante das prôas exploradoras, os fabulosos paizes com que as lendas maritimas as embalavam. Livre, pois, que lisongeasse esta paixão da epoca, voava do mercado litterario e por bom preço. —Publicaram-se então e ainda depois muitos d'este genero e n'este intuito. E a relação do caso de *Machim* usado era para o intento; participava do erotico maravilhoso da Edade Média e de tragico-maritimo do gesto do tempo: amores mallogrados; um rei intervindo; um marido trahido; uma dama Anna d'Harfet raptada por modo impossivel; uma fuga mais impossivel que o rapto; tempestades; ilhas encantadoras e desertas; Harfet morta de dôr d'alma. *Machim* e os companheiros captivos de mouros; e elle, por conclusão finando-se por essas terras de Hespanha; novella ultra-romantica de todos os quatro costados!

«Se não houvera razão de acreditar que a lenda de *Machim* fôra inventada para fins politico-internacionaes—suspeitalo-iamos inspirada pela Egeria gananciosa de algum editor de livros de então;... mas nada obsta a que com a invenção do estadista quizesse especular o industrial da letra redonda; até é vulgar ainda hoje, ser este o instrumento d'aquelle, quando não tratam de potencia a potencia.

«Será pois o celebre inedito de Valentim Fernandes o mais antigo documento portuguez, ou melhor, em portuguez, do caso de *Machim*? Isto mesmo corrobora-lhe a presumpção de haver sido, não a origem da lenda mas o primeiro tenta-

me de nacionalisação d'ella. O nome e circumstancias de Valentim Fernandes vinculados ao caso de *Machim*, constituem a nosso vêr, uma das maiores rasões contra a realidade do successo » (Ed. *Saudades da Terra*, p. 372)

A alliança do aventureiro *inguez* Machim com a revelação, do seu maravilhoso descobrimento a João de Morales, *castelhano*, manifesta um intuito da lenda, quando Carlos V planeava e negociava o casamento de seu filho Philippe II com Maria Tudor, rainha de Inglaterra, filha de uma princeza *castilhana*.

Por este tempo se encontrava Valentim Fernandes em Lisboa com Antonio Galvão, que trabalhava no seu *Tratado de todos os Descobrimentos antigos e modernos que são feitos em a Era de 1550*, impresso annos depois da sua morte, em 1563. A parte que n'este tratado relata o descobrimento da ilha da Madeira, allude á nova explicação divergente da de Azurara :

«No anno de 1344, reynando Dom Pedro de Aragão, o quarto, dizem os chronistas do seu tempo, que lhe pediu ajuda dom Luys de Lacerda, neto de D. João de Lacerda para ir conquistar as ilhas Canarias.

«*Tambem querem* que n'este meio tempo fôsse a ilha da Madeira descoberta, que está em trinta e dois grãos, *por hum Ingres que se chamava Machim*, que vindo de Inglaterra para Hespanha com uma mulher furtada, fôra ter á ilha com tormenta e surgiram n'aquelle porto que se agora chama *Manchico*, de seu nome tomado, e pela amiga vir do mar enjoada, sayu em terra com alguns da companhia, e a náó com tempo se fez á vela, e ella faleceu d'anojada *Machim*, que a muito amava, para sua sepultura fez huma ermida do bõ Jesu, e escreveu em uma pedra ho nome seu e d'ella; e a causa que o alli trouxera, e poz-lh'a por cabeceira; e ordenou um barco de tronco de uma arvore, que alli havia muito grossa, e embarcou-se n'elle com os que tinha, e foram ter á costa Dafrica sem velas nem rêmo. Os mouros houveram isto por cousa milagrosa, e por tal os apresentaram ao senhor da terra, e pela mesma causa os mandou a elrei de Castella.»

Todos estes detalhes, característicos da invenção phantastica, denunciam que Valentim Fernandes lhe communicára a sua Relação, ainda hoje inedita na Bibliotheca de Munich. Mas Antonio Galvão, que resalvara a transcripção da narrativa, *Tambem querem*, transcreve depois a narrativa de Azurara, syncrretizando-a com a de Valentim Fernandes:

«No anno de 420, descobriram (João Gonçalves o Zarco e Tristão Vaz) a ilha da Madeira, e se passaram a ella onde ainda acharam a ermida e pedra que contava como *Machim* alli estivera. *Outros dizem*, que vendo um *Castilhano* os dese-

jos que o Infante tinha de descobrir novo mundo, lhe dera conta como elles acharam a ilha do Porto Sancto, e por ser cousa pequena nam faziam d'ella estima. Que foi causa de mandar ho Infante Bertolomeu Perestrello, Joam Gonçalves Zarco, Tristam Vaz Teixeira, e pelos sinaes e derrotas que o *Castelhano dera do Porto Sancto*, fôram ter a elle, e depois de alli estar dois annos, no de 420, se passaram á ilha da Madeira, onde acharam como *Machim ali estivera.*» (Op. cit. fl. 15.)

Quando em 1563 se publicou o *Tratado dos Descobrimentos* por Antonio Galvão, que a estas versões ajuntava a resalva: *Outros querem*, trabalhava Gaspar Fructuoso na Historia geral das Ilhas Atlanticas, as *Soudades da Terra*, e ao tratar do descobrimento da ilha da Madeira transcreve na sua narrativa a lenda de *Machim*. Mas a adopção da lenda, embora phantasiada, obedecia á necessidade de corrigir o erro manifesto adoptado por João de Barros, dando Porto Santo e Madeira descobertos em 1418-1420, o que era desmentido pelas mappas e relações da seculo xiv. No Boletim de la Sociedad geographica de Madrid (vol 1, p. 109, 1877) foi publicada a relação de um frade mendicante hespanhol do seculo xiv com o titulo *Conocimiento de todos los Reynos e Terras e Senorios que son por el mundo. E los señales e armas que han cada tierra e senhorio per sy. E do los Reys e señorios que los proveen*. N'elle descreve as viagens feitas e menciona tambem as ilhas *Selvage, Desierta, Lecname e Porto Santo*, logo depois das Canarias e antes dos Açores. Escreve Jordão de Freitas: «Das informações fornecidas pelo livro de aquelle franciscano se serviram o normando João de Bettencourt e seus companheiros nas expedições que fizeram ás Canarias em 1402 (quer dizer 16 annos antes de João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz haverem aportado ao Porto Santo) como consta da obra de Pierre Bontier e Jeham Le Verrier domestiques da dit sieure de Bettencourt, editado por Pierre Bergeron em 1630.» (1) Os documentos de Baronio publicados por Costa Macedo provaram á evidencia que em 1331 e 1345, D. Affonso IV organisara expedições ás Canarias. De tudo isto resulta, que Azurara quiz interessadamente glorificar o Infante D. Henrique com o descobrimento que não fez; e que João de Barros ampliou com mais phantasias o texto de Azurara. A lenda de *Machim*, obedecia a uma necessidade de coordenações chronologicas. Antonio Galvão, escrevia no seu *Tratado dos Descobrimentos*, consignando estes dados:

(1) Jordão de Freitas *Quando foi descoberto a madeira*, p. 7.

«No anno de 1393, reinando em Castella el rei dom Anrique III, pela informação que *Machim* d'este lhe dera, e a companhia de sua não moveu a muytos de França e Castella irém a descobril-a e a gram Canaria, principalmente Andaluzes, Biscainhos. . . , *querem que fossem os primeiros* que houveram vista das Canarias e saíssem n'ellas e cativassem cento e cincoenta pessoas: *outros querem* que fosse isto no anno de 1405.» N'esta expedição como vimos apparece um *Machim*, biscainho. O valor historico da lenda é nullo; achadas as datas authenticas de 1331 e 1345, a lenda fica substituida pela realidade, subsistindo apenas o romance geographico, a que deram fórma litteraria Manuel Thomaz no poema a *Insulana*, e Dom Francisco Manuel de Mello na *Epanaphora amorosa*. O Doutor Gaspar Fructuoso apresentando essa lenda nas *Soudades da Terra*, tinha, além do seu conhecimento do *Tratado dos Descobrimentos*, noticia de um biscainho João *Machim* que descobrira a ilha de Ferro, conhecendo ainda em 1590 duas filhas d'esse navegador. Todos estes vestigios que tornaram lendario o nome de *Mochim*, usado por diversos maritimos portuguezes, italianos e biscainhos, mostram que só muito tarde é que a lenda de *Machim* se tornou castelhana e ingleza.

O texto das *Soudades da Terra* ficou inedito até á abreviação clara e systematica da *Historia Insulana* feita pelo P.^e Antonio Cordeiro.

A narrativa do Dr. Gaspar Fructuoso merece ser lida e conhecida para se apreciar melhor a fórma que, passados muitos annos, lhe deram Manoel Thomaz e D. Francisco Manoel de Mello. Eis o cap. iv, da *Historia das Ilhas Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagem* :

DA HISTORIA MAIS VERDADEIRA E PARTICULAR COMO O INGLEZ MACHIM ACHOU A ILHA DA MADEIRA.

«Ainda que já atraz tenho contado brevemente o que se conta do inglez *Machim*, que, desgarrado com tormenta foi ter á ilha da Madeira (1) (a qual ainda nunca fôra descoberta)

(1) No cap. 11, diz de João Gonçalves e Tristão Vaz: «se foram ambos nas barcas até á Ponte de S. Lourenço e de lá até á Bahia e porto de *Machim*, e desembarcaram. . . onde acharam uma choupana derribada, e d'alli foram onde agora está a igreja de Christo na Villa de *Machim*, e ahi acharam uma cruz em uma arvore com letras, que diziam — *Aqui chegou Machim, inglez com tormenta, e aqui jaz uma*

e tudo foi relatado conforme do que escreve o notavel capitão Antonio Galvão, em um *Tratado que fez de novos Descobrimentos*; agora quero contar mais particularidades do descobrimento da mesma ilha, como então prometti. Direi tambem mais verdadeira e particularmente seguida, *segundo outros* que melhor a inquiriram e examinaram, da maneira que aconteceu esta saudosa historia cheia de muitas saudades.

«No tempo d'El-rei Duarte de Inglaterra, houve um nobre inglez, afamado cavalleiro, a que chamavam de alcunha o *Machim*, o qual por ter altos pensamentos e ser tambem de haveres fortes, andava de amores com uma dama de alta linhagem, a que chamavam Anna de Harfet. Proseguindo elle com extremo seus amores, veiu ella tambem a amar muito a quem a amava; porque, emfim o amor, se não fôr com amor, não tem egual paga; e, como este (como as cousas odoríferas) se não podem encobrir aonde está encerrado, com mostras e suspeitas que de si deram, foram descobertos os amantes, por se quererem ambos muito (que ainda ás vezes a prohibição de uma cousa é causa de maior desejo d'ella, e é isca de maior incendio o querer alguém apagar o fogo amoroso, pois nossa natureza mais incita, e aspira ao que mais lhe é vedado. . . os parentes, cuidando deitar agua no fogo, e não alcatrão — para divertir a corrente do amor — com aprazimento de El-rei a casaram em Bristol com um homem de alto estado. Machim foi d'isto mui lastimado, e ella muito descontente, e não tendo nenhum meio á paixão e d'estes extremos com que ambos se viram, mostrando com lagrimas ardentes a lastima d'este casamento, accordaram com grande segredo fugirem para França, com quem Inglaterra então tinha grandes guerras. E fallando Machim com alguns aggravados e parentes, a quem descobriu seu peito e todo seu talento e thesouro, (que tinha encerrado onde estava seu coração, e amor,) dêram-se as fés e juraram de ir todos com elles para França. E para melhor pôrem em effeito esta partida foram secretamente poucos a poucos ter a Bristol, onde estavam certas náos de mercadores carregados para Hespanha, determinados a meterem-se em uma d'ellas, e, por força, fazendo-se á vela, passaram-se a França, fazendo saber com todo secreto este seu accôrdo a Anna de Harfet para vir ter com elles e fugirem. E, ordenado o dia que as náos estivessem despejadas de gente principal, um dia de festa, sendo o mes-

mulher que com elle vinha. —E tanto que elles isto viram, se tornaram para a ilha do Porto Santo e levaram as mostras da Madeira no navio que veio de Lagos, no dito anno. . . »

tre e mercadores em terra, e estando Anna de Harfet avisada, cavalgou o mais secreto que houve, em seu palafrem, e levando um crucifixo, e todas suas joias de prêço, deu consigo no logar ordenado, onde a estavam já esperando com um batel. Meteu-se n'elle com o seu Machim, que com seus creados e amigos a recolheram e levaram a uma das náos que tinham prestes, a qual fizeram logo á vela, e cortadas as amarras, recolheram o batel. Acertou porém de ventar uma grande tormenta, revolvendo as ondas, como invejosas d'aquelle desenvolto amor, com que logo se afastaram da terra; e como anouteceu, havendo conselho que poderiam sahir as outras náos atraz ella, porque haviam de entender que passavam a França, desviaram-se d'esse caminho esperando de ir tomar as derradeiras partes de França em Gascunha ou Hespanha. E, como o piloto e mestre ficaram em terra, e os que iam na não não sabiam tomar a terra nem a altura d'ella, achando vento próspero, correram para onde os levava a ventura com todas as velas, por não os alcançarem; e em poucos dias se acharam em uma parte de uma terra brava toda coberta de arvoredos até ao mar, de que ficaram espantados e confusos. Logo detraz da ponta viram uma enseada grande, e metendo-se n'ella deitaram ancora, lançaram um batel fóra, fôram vêr que terra era; e não podendo sair com a quebrança do mar, fôram dar a uma rôcha, que entrava no mar da banda do nascente, onde saíram bem á sua vontade, e d'ahi se foram á praia entre o arvoredos e o mar, até darem em uma fermosa ribeira de bôa agua, que por entre o arvoredos se sahia ao mar, não achando animal nem bicho nenhum, porém acharam muitas aves e viram o arvoredos tão grôso e espêsso, que os poz em espanto. Entre outras arvores, acharam junto do mar uma mui grande e grossa, que da antiguidade tinha um ôco no pé onde entravam como uma casa. Tornando com esta nova á não, o Machim e os companheiros, entendendo que era terra nova, pozeram em vontade de a pedirem aos Reys de Hespanha. Anna de Harfet, como ia enjoada e mareada do mar, rogou ao Machim que a lavasse a terra a vêr aquella ribeira, e desmarear-se alguns dias do enjôo. Fel-o'elle assi, mandou levar roupas e mantimentos a terra, para estar ali alguns dias de vagar, em quanto o tempo lhe desse, levando consigo alguns companheiros para estarem em sua companhia na terra, e outros e iam vinham á não; mas como a fortuna corre em alguém não lhe dá vagar de repouso. A terceira noite depois que chegaram levantou-se um grande vento tão forte sobre a terra, que a não se desamarrou; os que dentro estavam deram á vela, sem poderem parar, seguiram por onde o vento os levava, e em poucos dias, dizem, que foram dar á costa de Ber-

beria, onde fûram logo cativos dos Mouros e levados a Marrocos. Quando amanheceu, os que ficaram em terra não viram a náó, quedaram-se mui tristes, dando-se logo por perdidos e desesperados de mais poderem d'ali sahir. A dama de Machim de se vêr ficar ali, pasmou, e nunca mais falou, e d'ali a tres dias morreu. Machim, pelo muito que lhe queria, arrebatava, e, vendo se desterrado de sua patria, e seu amor morto, que era todo o conforto de seu desterro, não lhe lembrava já saudades da terra; só as tinha insoffríveis da sua Anna de Harfet, que diante de si prestes via feita em terra. Com estas com que ficava, e com ardentes suspiros e lagrimas a acompanhava ali; onde estavam agasalhados a mandou enterrar e poz-lhe uma cruz de páó á cabeceira, e uma mesa ou campa de pedra com o seu crucifixo sobre ella, e aos pés do crucifixo poz um letreiro em latim, em que contava toda o seu tristissimo successo e o que n'aquelle viagem tão sem ventura lhe tinha acontecido, que se em algum tempo ali viessem christãos, fizessem n'aquelle logar uma igreja da invocação de Christo. Acabado o que pediu aos companheiros que, com a roupa que tinham e aves que tomassem, se fôssem onde a ventura os guiasse, pois elle a não tivera de lhe viver sua amiga; e que queria ali ficar e morrer onde matara Anna de Harfet, e só com sua saudade acompanhando o corpo morto, pois ella o acompanhara vivendo.

Os companheiros movidos de piedade lhe disseram todos que o não haviam de deixar e que ali haviam de morrer e ficar com elle. O Machim, que muito lhes agradeceu aquelle amor, e mais lhe agradecera sua crueldade se só o deixaram, de dôr e paixão de sua amiga não durou mais de cinco dias. Os companheiros, que não com pouca saudade de sua companhia o enterraram junto de sua Anna de Harfet, pozeram-lhe outra vez a cruz á cabeceira, e, deixando o mesmo crucifixo como Machim o pozera, e estas duas sepulturas n'aquelle terra erma, por tristissimo expectaculo saudoso e amoroso, meteram-se no batel em que vieram da náó, (posto que *outros querem* que o fizeram do tronco da arvore, que grossa era capaz de muitas pessoas,) e indo ter á costa do Berberia, fôram lá cativos dos Mouros e levados a Marrocos, onde já estavam cativos os outros companheiros da náó, tão sem prazer e sem ventura.

CAP. V. — Ao tempo que a náó que trouxe Machim á lha da Madeira, desgarrou da dita ilha e foi ter a Berberia, onde fôram cativos com os outros que depois vieram da mesma companhia,—havia em Marrocos muitos cativos, entre os quaes estava *um Castelhana* por nome João Damores, homem do mar e bom piloto, mui entendido na arte de navegar, o

qual como lá viu *estes inglezes* que da ilha vieram desgarrados quiz saber d'elles que ventura os trouxera a Berberia e os chegara áquelle estado de cativoiro... e por que os tristes sempre tem algum alívio em contar suas tristezas, elles lhe contaram a João Damores os amores de Machim miudamente:

O João Damores era homem esperto nas cousas do mar, e sobretudo curioso: — perguntou a estes companheiros de Machim de que porto de Inglaterra partiram e que tempo trouxeram e que derrota levaram, e em quantos dias vieram ter áquella terra nova, e quando a não desamarrou, que caminho trouxeram, e em quantos dias vieram ter á costa de Berberie.— N'este tempo faleceu em Castella o Mestre de Santiago, pessoa de grande estudo e, deixou em seu testamento que por sua alma tirassem certo numero de cativos de Africa, e entre elles tiraram o piloto João Damores. E como no mesmo tempo havia guerra entre Portugal e Castella, andava por capitão de uma armada João Gonçalves Zargp, guardanda a costa do Algarve, porque faziam n'elle muito dano os Biscainhos. E andando assim na costa de Andaluzia, houve vista do navio em que vinha de Africa João Damares com outros resgatados o qual alcançou e tomou. O piloto João Damores como se viu em poder dos christãos, foi-se logo ao capitão e contou-lhe tudo o que havia passado e *sabido dos Inglezes e da terra nova que acharam*, que pedia pertencer a El-rei de Portugal. O Capitão ficou muito alegre com o que lhe ouviu, lançou logo mão d'este piloto, e trazendo-o comsigo—e fazendo a volta para o Algarve trouxe o piloto ao Infante D. Henrique. que estava n'este tempo em Sagres. . mandando logo a João Gonçalves que fôsse com o piloto a Lisboa offerrecel-o a El-rei seu pae... El-rey, tanto que viu e ouviu a João Gonçalves Zargo, houve muito prazer com a nova que elle lhe deu da terra nova e fez-lhe muita honra. E vindo n'este tempo a Lisboa o Infante Dom Henrique vêr-se com El-rey para este descobrimento da ilha nova, ordenaram que o mesmo João Gonçalves a fôsse descobrir com o piloto que tomara, pois que estava *informado com os inglezes* onde demorava; e mandando-lhe aparelhar um navio de Armada e um barinel partiram... e logo fôram demandar á *Ilha do Porlo Santo* — *a qual havia dois annos que era descoberta por uns navios de Castelhanos*, que iam para as ilhas de Canarias, as quaes, havia pouco tempo que—*uns francezes tinham achadas*, e por isso o piloto tomou esta derrota.» (Esta referencia do Dr. Gaspar Fructuoso revela-nos a apagada reminiscencia da expedição do sieur Jean de Bettencourt ás Canarias em 1402, que se dirigira pelas informações do *Conocimiento de totalos Reynos* do frade mendicante castelhano, dos fins de seculo xiv, confessadas na *Histoire de la première decouvert-*

te et conquete des Canaries, faite des l'an 1402, por dois ser-venturarios do aventureiro normando.

«Havia fama entre os navegantes e homens do mar, que desde a ilha do Porto Santo, *apparecia um negrume* mui grande e espantoso. . . Conhecendo elles que era terra, houveram todos muito prazer, e deram uns aos outros grandes gritos com alegria, zombando do medo passado e do espanto que tinham, sendo aquillo ilha e terra tão formosa. Viram logo uma praia grande e espaçosa, e o piloto pelos signaes *conheceu que era a terra dos inglezes.*»

Na *Historical and descriptive accaunt of the Island of Madeira*, considera T. M. Hughes, que : «Esta historia (de *Machim*) achou cabida nas Chronicas hespanholas, nas quaes apparece com significativa *diferença*, de ter *Machim* sobrevivido e *chegado a Castella* muitos annos depois de cativo dos Mouros, *sendo evidente intuito d'esta variante o pretexto a qualquer direito da Hespanha á ilha da Madeira.*» (p. 5 e 6.) O que Hughes presentiu, leva a deduzir que a fabricação da lenda anglo-castelhana, fôra para lisongear a omnipotencia de Carlos V, quando negociava o casamento de seu filho Philippe II com Maria Tudor, rainha de Inglaterra. A diferença da lenda dando como falecido *Machim* junto de Anna de Harfet, e ficando alli sepultado na Madeira abandonado pelos outros companheiros, é a versão seguida pelo Dr. Gaspar Fructuoso nas *Saudades da Terra* estylisticamente romanticada. E esta diferença é a que segue, encostando-se em toda a marcha da acção e phrases sentimentaes, D. Francisco Manoel de Mello, que acobertou a sua narrativa com o nome supposto de Francisco Alcoforado, ficticio escudeiro do Infante D. Henrique. Na dedicatória da *Epanaphora amorosa* D. Francisco Manoel de Mello, indica uma das fontes d'esta narrativa : «O Doutor Manoel Clemente, que foi prégador de trez Pontifices em Roma, compoz d'esta historia um livro em latim, que dedicou á Sant. de Clemente VII. Antes e melhor que todos, Francisco Alcoforado, escudeiro do Infante D. Henrique fez de todo este successo uma Relação, que offereceu ao mesmo Infante, tão cheia de singeleza como de verdade, por ser um dos companheiros n'este descobrimento : *a qual Relação original eu guardo como joya preciosa vinda á minha mão por extraordinario caminho*» O historiador Major cansou-se a imaginar genealogias de D. Francisco Manoel de Mello para explicar heranças de papeis da familia de João Gonçalves Zarco ; e Alvaro Rodrigues de Azevedo refutando essa investigação ainda chegou a formular a hypothese de ter D. Francisco lido uma relação manuscrita de poucas paginas do conego Dias Leite. Mas, lidos os capitulos iv e v, da *Historia do Descobrimto da Madeira* pelo Dr. Gaspar Fructuoso, chega-se á evidencia de que a *Epanaphora amorosa* fôra escripta

sobre traslado da narrativa de Fructuoso. Mas como era possível essa leitura, se o texto manuscrito e unico existia inedito na Livraria do Collegio dos Jesuitas da cidade de Ponta Delgada, na ilha de San Miguel, e ahi se conservou sempre reservado até á expulsão dos jesuitas pelo Marquez de Pombal? Apesar d'este poderoso obice, D. Francisco Manoel de Mello leu e tomou nota da narrativa da *lenda de Machim* da versão do Dr. Gaspar Fructuoso: O modo como isto se effectuou é o *extraordinario caminho* a que allude na dedicatória e que sómente hoje se esclarece. D. Francisco Manoel de Mello *quebrou o degredo* do Brasil, e dirigindo-se para Portugal aportou na ilha de S. Miguel em 1658, como se sabe por Carta de 14 de Junho, na qual diz: «ventos inimigos e inimigos como os ventos, me fizeram arribar n'esta ilha de San Miguel, depois de 84 dias de molestissima viagem. Eu a passei com pouca saude, porque vim do Brasil sem ella. Mas o agasalho do Governador d'esta terra Luiz Velho, fará resuscitar os mortos, quanto mais convalescer os doentes. Aqui fico... desejando de achar via segura para me ir a provar a vèntura d'essa Côte... (1) Pelas suas intimas relações com o Governador, os Jesuitas acercaram-se do antigo alumno do Collegio de Santo Antão, por irmandade, e lhe mostraram o thezouro inedito de Fructuoso de que eram depositarios perpetuos. Como á ida para o degredo do Brasil, D. Francisco Manoel estivera na ilha da Madeira, um mez, leu de curiosidade o poema da *Insulana* do seu amigo o velho conego da sé do Funchal Manuel Thomaz, que no episodio do livro II, relata a lenda de *Machim* seguindo os traços de Fructuoso. D. Francisco Manoel cita-o effectivamente, occultando por conveniencia jesuitica o *extraordinario caminho* por onde lhe viera aquella tradição.

As relações de similaridade da *Epanaphora amorosa* com a *Insulana*, já apontadas desde 1845 por Hughes, e comprovadas pelo dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo em 1873, bem fundamentam uma fonte commum aos dois poetas, que se inspiraram de uma narrativa inedita das *Saudades da Terra*. O erudito annotador d'esta chronica, acha que a publicação da *Insulana*, dedicada em 1634 ao governador da ilha da Madeira, D. João de Menezes, «occulto, mas firme inimigo do dominio dos Filippes», que não é aventureiro que tivesse o pensamento reservado de nos abrigarmos ao protectorado de Inglaterra, para nos libertarmos da tyrannia dos Filippes, ou (quem sabe?) talvez o intuito de predispôr este archipelago a

(1) Prestage. *Esboço*, p. 291: erra no facto de attribuir o regresso a licença concedida por D. Luiza de Gusmão. (p. 263).

desmembrar-se da metropole...» A supposição pode fortificar-se por uma circumstancia historica; em 1634 casou D. João IV com uma fidalga castelhana por negociação do Conde Duque de Olivares, a aprasimento de Filippe IV. Todos os que alimentavam as esperanças da libertação da autonomia de Portugal, sempre sustentadas pelo velho duque de Bragança D. Theodosio, sentiram-as completamente perdidas; e attendendo ao *ódio castelhana*, a emancipação ou desmembramento do Archipelago era-lhes ainda um refugio.

Levado n'este ponto de vista quiz o Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo considerar a *Epanaphora amorosa* de D. Francisco Manuel, impressa com outras narrativas historicas em 1660, como intencionalmente publicada para auxiliar a negociação do casamento da infanta D. Catharina com Carlos II de Inglaterra, levando ella como joia do seu dote a ilha da Madeira: «Com effeito, emquanto D. Luisa mandava em 1660, para a Camara do Funchal, uma carta apocrypha da doação da ilha de Madeira á Infanta D. Catharina, datada de 1656,—D. Francisco Manoel publicava n'esse mesmo anno de 1660 as *Epanaphoras* e a meio d'ellas a III; suppositicia como essa Doação, como ella ante-datada tambem ainda do tempo de D. João IV, emquanto a Regente guardava a mesma doação como extremo recurso,—Mello, *historiava* o descobrimento da mesma ilha como de *origem ingleza*, a fim de tornar menos duro ao pundonor portuguez a allienação d'ella á Inglaterra, e ainda a preço do renome do seu progenitor João Gonçalves Zarco, serenar, quanto possivel a paixão dos povos se o sacrificio da Flor do Oceano chegara a ser consummado.—Porém Mello com tal arte debuchou o quadro, que os toques com que prodigiu o caso de *Machim*, e pelos quaes o imbuu por verdadeiro ao vulgo, são em si mesmo implicitos protestos da sua nobre e illustrada penna contra a pretendida realidade da lenda; foram judicioso ardil do habil escriptor em auxilio de outro ardil patriotico da rainha.» (Ed. *Saud.* p. 386.) Aqui o Dr. Azevedo escreve como advogado; o casamento de D. Catharina de Bragança com Carlos II foi feito por assim convir a Luiz XIV no plano da sua politica; a redacção da *Epanaphora amorosa* depois do conhecimento do autographo das *Saudades da Terra*, em 1658, foi anterior ás negociações do casamento da Infanta, uma das quatro princezas em que Luiz XIV tinha de escolher a consorte; e além de tudo, D. Francisco Manoel de Mello tendo *quebrantado o degredo* do Brasil, não podia entender-se com a Regente, que sempre o hostilizará junto de D. João IV, sendo, aliás, em 1662 rehabilitado pelo Conde de Castello Melhor, ministro que actuou no térmo da regência imposto pela maioridade de D. Affonso VI. Camillo Castello Branco no seu estudo *A Lenda de Machim* — Reflexões á Vida do Infante D. Henri-

que por Henry Major, rejeita a interpretação de Azevedo : «Parece-me que D. Francisco Manoel de Mello não teve o menor intuito politico na formação do seu Romance historico, nem se me afigura que elle se prestasse a illudir o publico sobre assumpto de tamanha gravidade, pondo uma lenda a cobrir uma infamia da Rainha, que para salvar a dynastia empobrecia um reino desfalcando-o vergonhosamente para comprar um genro poderoso. A meu vêr o motivo que teve a victima do despota para escrever a *Epanaphora* é de uma simplicidade tão verosimil como a dos espiritos atribulados que se repousam em imagens de um sentimento entre amoroso e tragico. Elle mesmo o explica ao amigo a quem a offerece: — Vendo-me agora *n'esta solidão, a cujo favor vim fugindo da justiça ou da injustiça do povoado*, me puz a discorrer vagarosamente sobre de que maneira eu poderia satisfazer aquella intima promessa, escrevendo a Relação de algum successo grande que pertencesse a este reino, precelido ou illustrado de affectos amorosos.» (*Sentimentalismo e Hist.*) Não era para Bellas, que D. Francisco Manoel *fugia da justiça ou da injustiça do povoado*; mas sim do degredo perpetuo da Bahia, vindo parar ao fim de oitenta dias de borrascas na ilha de San Miguel, sendo alli na cidade de Ponta Delgada, onde folheou o autographo das *Saudades da Terra*, do Doutor Gaspar Fructuoso, deixado aos Jesuitas, que o guardavam no seu Collegio. Major considerando a *Epanaphora amorosa* como exclusiva obra de D. Francisco Manoel e por elle paraphraseada sobre uma ignota Relação, dava-lhe valor historico por desconhecer o prototypo da lenda que o Dr. Fructuoso romanceou nas *Saudades da Terra*. Nenhum dos criticos da lenda de *Machim* considera esta conexão com a *Epanaphora*; nem tampouco apontam as cartas geographicas, em que o Archipelago da Madeira vem apontado e denominadas as suas ilhas no tempo de D. Affonso IV, circumstancia que dissolve a lenda Infantista. O que na lenda se evidencia é o intuito de unificar a gloria maritima dos *inglezes e castelhanos* apagando as iniciativas dos navegadores portuguezes do seculo xiv. Que facto historico determinaria uma tão especial lisonja? Quando Fernando e Isabel realisavam a unidade imperial iberica, casaram sua quarta filha Catharina de Aragão com o Principe de Galles, Arthur, filho de Henrique VII, de Inglaterra. Tendo fallecido o principe ao fim de cinco mezes, o rei de Inglaterra para não ter de restituir o dote da princeza hespanhola, casou a nóra com o seu filho immediato, que foi Henrique VIII que a coroou como rainha. D'esta união anglo-castelhana nasceu Maria Tudor, que sendo rainha de Inglaterra veiu a casar com Philippe II, conforme os planos imperialistas de Carlos V, que imprimiu na politica peninsular o imperialismo germanico de seu pae. Não é para

estranhar que o *alemão* Valentim Fernandes (de Moravia), folheasse um capitulo de geographia maravilhosa explorando-o como impressor e compilador de viagens extraordinarias e relações manuscriptas. Coincidia a grandeza maritima dos dois paizes com o apagamento de Portugal na Historia, e era essa corrente que o impressor *alemão* servia evhemerizando lendas romanticas com banaes situações phantasticas que se tornaram narrativas novellescas em Gaspar Fructuoso, Manuel Thomaz e D. Francisco Manuel de Mello.

Refutando judiciosamente os argumentos com que Henry Major pretendia tornar documento historico a lenda de Machim phantasiada na *Epanaphora amorosa*, diz Camillo: «Nós, os portuguezes, trabalhamos ha cincoenta annos para expurgarmos da historia os Laimundos, Ortegas e os Pedros Alfardos. Permitta o sr. H. Major que refuguemos dos vossos estudos serios o historiador Valentim Fernandes e mais o historiador Francisco Alcoforado.» (Ob. cit. ed. p. 257, 1914).

A lenda das manchas da lua. (Pag. 164.) — Stanisláo Prato estudou largamente esta lenda no opusculo *L'Uomo nella Luna*, como complemento ao ensaio critico sobre *Caino e le Spine secondo Dante e la tradizione popolare*; n'ella cita versões de diversos paizes: *Contes populaires de la Haute Bretagne*, de Paul Sebilot, 2.^a serie n.º 64; na *Melusine*, de Gaidoz e Rolland, p. 403-6, n.º 5; nos *Norddeutsche Sagen*, de Kuhn e Schwartz, n.º 55; nas *Seize superstitions populaires de la Gascogne*, de Bladé, n.º 4, p. 10. Na tradição popular açoriana é um pescador que andando de noite ás lapas, é arrebatado para a lua. A lenda deriva-se da crença gauleza e scythica da transmigração das almas para a lua. (Vid. Belloquet, *Ethnogénie gauloise*, t. III, p. 184.) A ideia de castigo affrontoso é uma reacção contra o antigo respeito da crença religiosa.

Outra (Pag. 161) -- Pedroso, nas *Superstições populares portuguezas*, colligiu esta lenda como supersticiosa, sob o n.º 578: «O sol passou pela lua e atirou-lhe com uma mão cheia de terra; por isso ella ficou escura e com manchas.»

Lendas de Fevereiro. (Pag. 165) — Na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, vem paradigmas hespanhoes, e é conhecida na França meridional, na Suissa, Inglaterra, Escossia, Italia; vid. p. 103 a 108. Saco Arce traz na sua *Grammatica gallega* este dictado:

Febreiriño corto
Cós teus dias vinteito,
Si durarás mais quatro
Non paraba can nin gato.

Na tradição popular hespanhola de Guadalcanal e Sevilla tambem se encontra esta lenda em que figura San Pedro, que mette o dinheiro em certo logar do *Perro de las especias*. (Ap. Rodriguez Marin, *Cantos populares españoles*, t. iv, p. 382.)

Lenda do sapo e da toupeira. (Pag. 171.) — Vem como forma de superstição nas *Tradições populares portuguezas*, de C. Pedroso, n.º 577.

A obra de San Pedro. (Pag. 172) — Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, t. i, p. 325, explica o sentido mythico das lendas da troca de cabeças.

Lendas. (Pag. 172 a 175.) — Na Italia e Hespanha são frequentes estas lendas, ultimo vestigio da elaboração dos Evangelhos populares a que a Egreja chama apocryphos. Pittré colligiu-as sob o titulo de *Cyclo legendario evangelico*. Na Andaluzia este genero de contos tem um nome popular; chama-se-lhes *Susedios e Suseios*, considerando-os não como contos mas *Sucedidos* (acontecidos). Rodriguez Marin colligiu *Cinco Contezuelos populares andaluzes*, em que San Pedro é o heroe, uma especie de Sancho.

Lenda de Nossa Senhora. (Pag. 175.) — «Os pinhões tambem foram amaldiçoados por denunciarem a passagem da Senhora com barulho. Os fetos egualmente foram amaldiçoados pelo mesmo motivo; e esses então ficaram com as mãos na cabeça (as folhas voltadas para cima). Sob o n.º 614 traz a lenda da origem do Gato—nascido da baba do leão.

A submersão das Cidades. (Pag. 176.) — Esta lenda repete-se na Galliza, substituindo á Virgem San Thiago, e localisa-se em outras lagoas, como a de Doniños e Riega; o historiador Manoel Morguia considera esta crença da submersão de Valverde como a tradição inconsciente e remota passagem das cidades lacustres para as aldeias territoriaes. A lenda da condemnação é commum a outras cidades de origem lacustre, como a *Ars* affundada no lago de Paradrú. Diz o Dr. Anselmo de Andrade, de quem tomamos estes factos: «Na tradição portugueza encontra-se tambem mencionado este genero de peccado e de expiação. Uma cidade transmontana, que negou hospitalidade a um santo, teria soffrido o castigo de ser sepultada nas aguas exactamente como as impias cidades hespanholas.» *Sciencia pre-historica*—As habitações lacustres, p. 17, nota.

Clavinas de Ambrosio. (Pag. 183.) — Com esta locução apparece uma outra: *Voltas de Andreza*, tambem explicavel pe-

los poemas medievaes. Nos poemas de *Tristão* o intrigante que muito se esforça para malquistar o rei March com seu sobrinho o namorado de Iseult, é chamado *Andret*, que se torna typico, dando logar á locução — *Volta de Andrezã*.

Lenda de Chacim e Balsemão. (Pag. 187.) — Sobre a lenda do *Tributo das Donzellas* elaboraram-se muitas outras tradições de etymologia popular ou toponymia, taes como a de *Peito burdelo*, *Figueiredo das Donas*, *Valdoncel*, etc.

Bragança (Pag. 187) — Viterbo extracta um codicilo de 1183 onde vem *Benequerencia*, como alatinisação do nome local, e que explica a lenda.

A sepultura dos dois irmãos. (Pag. 189.) — Esta lenda tambem existe em Verona, contando-se a situação como passada entre Bartholomeo Scaligero e seu irmão, que se assassinaram em uma entrevista amorosa. (Philarète Chasles, *Etudes sur Shakespeare*, p. 159.) Diz o Abbade Castro: «Muitas tradições vogam ácerca d'esta campã, que nós temos por falsas ou viciadas... referindo uns que é a sepultura dos dois irmãos, outros diversas lendas que mais se assemelham a contos de fadas ou de velhas com que embalam as crianças, do que realidades, que tenham por base algum solido fundamento.» (*Panorama*, t. 1, da 2.^a serie, p. 359.)

Quantos pães dá um alqueire? (Pag. 190) — E' uma simples locução figurada, para exprimir o conhecimento pratico, e a experiencia adquirida. Do seu sentido generico converte-se em fórma concreta, quasi objectiva e suscita um conto.

Na sua *Egloga I*, D. Francisco Manuel de Mello descrevendo as qualidades da boa mulher burgueza, escreve entre outras quintilhas:

Unha com carne co'a róca,
Que na feira os fusos feire
Grande alma de maçaroca
E saiba, pois que lhe tóca,
Quantos pães dá um alqueire?

A raposa e o lobo. (Pag. 192.) — Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, p. 362 (vid. nota 1, p. 364 e 365). A fabula dos Highlanders versa sobre uma panella de manteiga; é popular na Noruega, como se vê pela colleção de Absjörnssen, *A Raposa e o Urso*.

A raposa e o gallo. (Pag. 194.) — Nos *Contos Populares da Gram Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 369, vem tambem esta fabula. Acha-se em Lafontaine, *Le Coq et le Renard*.

O rato do campo e rato da cidade. (Pag. 195.) — E' o n.º CVII das *Fabulas de Babrius*: «Dois ratos, um habitando nos campos como verdadeiro labrêgo, e outro recolhido em uma dispensa bem fornecida, combinaram de viverem juntos. O cidadão foi promptamente ceiar ao campo o qual começava a verdejar e a florir. Depois de ter roído algumas raizes de trigo humidas e empastadas de terra, diz:

— Que vida miseravel que tu aqui levas, peor do que a da formiga, roendo alguns grãositos que apodrecem na terra. Eu cá, tenho tudo em abundancia, até mesmo superfluo; comparando-me contigo, eu vivo dentro do Corno de Amalthéa. Se queres anda d'ahi commigo; todos os teus dias a teu grado se tornarão dias de festa, e tu deixarás ás toupeiras o cuidado de esgaravatar este torrão.

Leva elle então o rustico commigo, tendo-o convencido de vir para a habitação e tecto dos homens. Foi-lhe mostrando onde estava a provisão de farinha, onde amontoados os legumes, as ceiras de figos, as talhas de mel e as bocetas de tamaras. Enquanto o camponez ficava maravilhado da opulencia que estava vendo, metendo-se por todos os lados, e arrastando um queijo que tirara de um açafate, vieram abrir a porta. Immediatamente atirou-se de um salto rápido e todo trémulo procurou o esconderijo de um pequeno buraco, soltando confusamente alguns guinchos e sem roçar pelo corpo do seu hospedeiro. Depois de alguns momentos de expectativa botou o focinho de fóra, e quando levava á bocca um figo de caixa, entra um outro homem a buscar qualquer causa. Os dois amigos esconderam-se o melhor que puderam, e o rato dos campos disse para o seu amigo:

— Gosa tuas riquezas, regala-te em jantares assim, ataca-te nas delicias dos teus esplendidos brodios e de todas as satisfações de que gostas sempre em alarmes. Quanto a mim não deixarei a pequena moita de terra que me dá abrigo, e me faculte remoer tranquillamente os meus grãosinhos.» (Trad. de Beyer, p. 85, Ed. 1844.)

A Raposa e o Leão enfermo. (Pag. 199.) — E' a 6.ª *Fabula* de *Loqman*: «Um leão tendo envelhecido, chegou a não poder já ir á caça de outros animaes. Resolveu empregar a manha para alcançar a subsistencia. Fingiu-se doente, e retirou-se a uma caverna. Aconteceu pois que qualquer dos animaes que o ia visitar era por elle despedaçado dentro da caverna e devorado. Veiu visital-o a Raposa, e parando á porta do antro cumprimentou-o n'estes têrmos:

— Como vaes de saude, oh rei dos animaes?

Respondeu-lhe o Leão:

— E porque não entras tu, oh senhora do castello?

Replicou a Raposa:

— Meu senhor, n'essa intenção vinha eu, mas estou a vêr pelas pègadas marcadas no solo, que muitos são os visitantes que entram, e no emtanto não vejo que haja sahido um só d'elles.» (Trad. arabe por Joseph Benoliel, Op. cit. p. 23).

A Fabula cxi de Bahrius *O Leão doente e os Animaes*, é este mesmo thema graciosamente tratado. (Trad. de Beyer, p. 79).

A Fortuna e o moço. (Pag. 205.) — Acha-se nas Fabulas de Babrius, n.º XLVIII: *O obreiro e a Fortuna*

«Uma noite, sobre a borda de um pôço estava dormindo imprudentemente um operario. Elle acreditava que ouvia a Fortuna a rir para elle e dizer-lhe: — Meu amigo, vê lá se acordas! Queres tu, se tu cahires, que os homens me accussem, e que elles a meu respeito digam malévolas palavras? Todos me fazem responsavel, desde que lhes acontece o menor accidente, ou a mais pequena queda.» (Trad. Beyer, p. 44)

O homem, o idolo e o thezouro. (Pag. 211) — Encontra-se este thema nas Fabulas de Loqman: «*O Homem e o Idolo.* — Um homem tinha em casa um idolo a que prestava culto e a quem offerecia cada dia um sacrificio, até dar cabo de tudo o que possuía em despezas com o idolo. Apareceu-lhe o idolo e lhe disse:

— Não desbarates o que te pertence por mim, que depois me leitarás a mim as culpas. (Eis o conceito. Ha tal que depende todos os seus bens no peccado, e que depois pretende que foi Deus que o empobreceu.» (Fab. 16, trad. de Joseph Benoliel.)

E' thema de uma simplicidade primitiva; mas na Fabula de Babrius *A estatua de Mercurio*, ha já o espirito critico do genio grego:

«Um homem tinha um Mercurio de páo; era um artista. Todos os dias lhe offerecia libações e sacrificio, mas não melhorava de fortuna. Por fim, zangado contra o Deus, agarrando-o por uma perna, atirou-o ao chão e escacou-se-lhe a cabeça. Espalharam-se logo muitas moedas de ouro, que este tal foi apanhando e dizendo:

— Mercurio, tu és um deus exquisito e ingrato para os teus adoradores. Emquanto me prosternei diante de ti não me concedeste nenhum dos teus favores, agora que me arrebatei até ao ultraje, é que te tornas liberal. E' um culto inteiramente novo que eu desconhecia.» (*Fabula cxvii.* Trad. Beyer, 1844.)

O Leão doente e os outros animaes. (Pag. 226.) João de Deus, com a sua intuição poetica tratou artisticamente o thema d'esta fabula alegorisando no Leão velho Portugal ca-

hido no meio das facções politicas da pedantocracia liberal, ao serviço de uma dynastia tarada :

Leão moribundo

Achou-se um dia o rei dos animaes
 Por velhice ou doença moribundo,
 E (ha casos n'este mundo
 Incriveis, mas reaes...)
 Quem d'antes mais solícito o servia,
 E' que ás portas da morte o injuria !

Veiu o cavallo e deu-lhe uma patada !
 Veiu o lobo, ferrou-lhe uma dentada,
 Veiu o boi, arrumou-lhe uma marrada !
 Elle, coitado, manso como um lago,
 Apenas lhes lançou um olhar vago.

Mas, quando ouviu um zurro,
 E olhando então devéras,
 Viu aos pinotes vir correndo o burro...
 Ah ! presentindo a injuria,
 O forte de outras éras,
 Rei dos bosques e féras,
 Em summa, o grande, o generoso, o forte,
 Arranca das entranhas
 Um gemido, um rugido, um uivo, um urro,
 Que retumbou por valles e montanhas :
 «Antes a morte ! a morte !

A morte ! a morte !»

(*Campo de Flôres*, p. 252. Ed. 1897.)

As Lebres e as Rãs. (Pag. 228.) — Acha-se nas *Fabulas de Babrius*, n.º XXIV : «As lebres resolveram pôr têrmo á vida, indo-se precipitar na agua turva de um charco, pois que eram os mais medrosos dos animaes, que na sua poltroneria só tinham fôlego para fugir. Assim que ellas chegaram junto de um grande charco, viram sobre as suas margens uma multidão de rãs, que de um salto se precipitaram no lodaçal. As lebres estacaram, e uma d'ellas, enchendo-se de coragem disse :

— Vamo-nos embora. Já não é preciso morrer, porque ainda ha quem tem mais medo do que nós.» (Trad. Beyer, p. 29.)

A Formiga e a Cigarra. (Pag. 238.) — Por muito velha e universal que seja uma fabula, ella pôde pela allegorisação receber um sentido novo, actualisando-se. Assim, representando

na Formiga o povo que trabalha, e na Cigarra a aristocracia que se diverte, faz-se o quadro do conflicto que synthetisa a Revolução franceza. No poemeto *Leviathan*, trata-se assim o thema esopico :

Debaixo de um sol de Agosto,
Na fadiga
A que a precisão obriga,
Gira da aurora ao sol pôsto
A Formiga.

Aqui sobe, ora além desce,
Quasi esbarra ;
De manhã, 'té que anoitece
Canta ociosa de entre a mésse
A Cigarra.

Chega a enxurrada de Outubro :
— Minha amiga !
Fome negra... este olhar rubro...
Que horrenda crise descubro !
Ai, Formiga.»

Com frio, faminta, inquieta
Seu mal narra ;
Responde a outra : «Patéta !
Cura a febre com dieta,
Mãe Cigarra.

«Chasqueavas-me em Agosto,
Na fadiga
Com descuidada cantiga ;
Hoje, vae-te e dança ao gosto
Da Formiga.»

*

E foi o *Seis de Outubro* o grande dia
Da tremenda Justiça ! Dia amargo,
Embate de dois mundos.
Pelo caminho que a Versalhes guia,
Irrompe a multidão que expande ao largo
Doéstos iracundos.

(*Visão dos Tempos*, C. IV, 221).

A Bicha e a Lima. (Pag. 242). — E' a Fabula 28 de Loqman : *O Gato*. Eis a sua versão do arabe por Joseph Benoliel : «Um gato entrou uma vez na officina de um ferreiro, e encon-

trando uma lima cahida, poz-se a lambel-a com a lingua. Ora começou a correr-lhe sangue da lingua e como elle julgasse que era da lima foi-o engulindo, e continuou até que se lhe fendeu a lingua e morreu.» (Op. cit., p. 85.)

O Leão e o Homem. (Pag. 246) — E' entre as Fabulas de Loqman, a 7.^a; eil-a traduzida do arabe: «Um Leão e um Homem iam uma vez em sociedade pelo caminho. Pozeram-se ambos a conversar, e travaram uma contenda a respeito da força e do valor do animo. O Leão insistia na ponderação da sua força e da sua valentia. N'essa occasião avistou o homem, n'uma parêde, um quadro representando o homem a estrangular um leão, e poz-se a rir. Então o Leão lhe disse: — Na verdade, se os leões soubessem pintar como os filhos de Adão, não seria o homem que afogaria o leão, mas o leão que afogaria o homem.» (Op. cit. p. 27.)

Queixumes do Porco. (Pag. 251). — Nas Fabulas de Loqman, vertidas do arabe em portuguez, pelo eximio hebraisante Joseph Benoliel, vem esta lição primitiva: «*O homem e o porco.* Um homem carregou um dia n'um jumento, um carneiro, uma cabra e um pôrco, e foi vendel-os á cidade. O carneiro e a cabra não se agitaram nem se mexeram sobre o animal; quanto ao porco, esse debatia-se de continuo e não podia estar quieto. Disse-lhe o homem:

— Oh tu, o peor dos animaes, porque é que o carneiro e a cabra estão calados e socegados, ao passo que tu nem te acalmas nem te aquietas?

— Oh meu amo, respondeu o porco, cada um porta-se conforme o que mais lhe convem. Ora, eu sei que o carneiro é procurado pela sua lâ, e a cabra pelo seu leite; emquanto que eu, infeliz de mim! sem lâ e sem leite, apenas chegar á cidade, logo serei mandado matar, sem a menor duvida. (*Fabulas de Loqman*, p. 56. Lisboa, Imprensa Nacional, 1898).

João de Deus metrificou esta fabula com extraordinario relêvo artistico, tornando-a uma bella obra de arte. Na versificação varia o ambito dos versos nos seus hemistichios quebrados, fazendo d'essa polymetria modulações de um grande poder dramatico e descriptivo.

INDICE

Litteratura dos Contos populares de Portugal, Pag. v a LXIV.

PARTE II

Historias e Exemplos de thema tradicional e fórma litteraria

O Rei Leir (Do <i>Livro das Linhagens</i>)	1
A Dama pé-de-cabra (<i>Id.</i>)	2
A morte sem merecimento (<i>Id.</i>)	4
A linhagem dos Marinhas (<i>Id.</i>)	5
Exemplo de Philosopho (<i>Mss. de Alcobaca</i>)	»
Exemplo dos trez amigos (<i>Id.</i>)	6
Exemplo allegorico da Redempção (Do <i>Orto do Esposo</i>)	8
A justiça de Trajano (<i>Id.</i>)	9
A morte do avaro (<i>Id.</i>)	10
As miserias da riqueza (<i>Id.</i>)	11
O que Deus faz é pelo melhor (<i>Id.</i>)	13
Um homem da taverna (<i>Id.</i>)	14
Os quatro ribaldos (<i>Id.</i>)	16
A boa andança d'este mundo (<i>Id.</i>)	»
Os dois caminhos (<i>Id.</i>)	17
A Papisa Joanna (<i>Id.</i>)	18
O firmal de prata (<i>Id.</i>)	19
Os quatro ladrões (<i>Id.</i>)	»
O cavalleiro e o pacto com o diabo (<i>Id.</i>)	21
O Diabo escudeiro (<i>Id.</i>)	23
A arte magica das mulheres (<i>Id.</i>)	24
O rei e os cortezaos (<i>Id.</i>)	26
As vestiduras honradas (<i>Id.</i>)	27
Resimunda (<i>Id.</i>)	28
A viuva e o alcaide (<i>Fabularia do seculo XV</i>)	29
O judeu, o escudeiro e as perdizes (<i>Id.</i>)	31
O leão e o pastor (<i>Id.</i>)	32
O lobo e o cordeiro (<i>Id.</i>)	33
Exemplo da cabeça e os membros (<i>Fr. João Alvares</i>)	34
A bilha de azeite (<i>Gil Vicente</i>)	»
A chuva de Maio (<i>Sá de Miranda</i>)	36

O ermitão e o ladrão (<i>Trancoso</i>)	36
D'aquellas sete ao dia (<i>Idem</i>)	37
A donzella recatada (<i>Id.</i>)	39
O odio endurecido (<i>Id.</i>)	42
Minha mãe, calçotes (<i>Id.</i>)	44
O real bem ganhado (<i>Id.</i>)	45
O segredo revelado (<i>Id.</i>)	49
A prova das laranjas (<i>Id.</i>)	52
Os dois irmãos (<i>Id.</i>)	54
Dom Simão (<i>Id.</i>)	60
Os trez conselhos (<i>Id.</i>)	63
Quanto vale a bôa sogra (<i>Id.</i>)	69
O que Deus faz é pelo melhor (<i>Id.</i>)	72
A rainha virtuosa e as duas irmãs (<i>Id.</i>)	74
Quem tudo quer tudo perde (<i>Id.</i>)	80
O falso principe e o verdadeiro (<i>Id.</i>)	83
Constancia de Grizelia (<i>Id.</i>)	91
O barbeiro do rei (<i>Id.</i>)	97
O achado da bolsa (<i>Id.</i>)	100
O capão tornado sapo (<i>Baculo pastoral</i>)	102
Os poderes do ouro (<i>Côrte na Aldeia</i>)	103
O thezouro escondido (<i>Idem</i>)	105
Errames (e Ramos) (<i>Id.</i>)	106
O pagem da Rainha (<i>Baculo pastoral</i>)	»
A ingratição dos filhos (<i>Nova Floresta</i>)	108
A usura de Nossa Senhora (<i>Idem</i>)	111
O medico de boa fé (<i>Arte de Furtar</i>)	»
Não escapa do ladrão quem se paga pela sua mão (<i>Id.</i>)	112
A venda das gallinhas (<i>Id.</i>)	113
O roubo do vestuario (<i>Id.</i>)	»
A roupa dos mendigos (<i>Id.</i>)	114
A casa dos mortos (<i>Id.</i>)	»
As botas fiadas (<i>Id.</i>)	115
A Matrona de Epheso (<i>Hora de Recreio</i>)	116
O pobre chagado e as moscas (<i>Viagem á India de</i> <i>Byrard</i>)	117
O Anjo e o Eremita (<i>Allivio de Tristes</i>)	»
Os dias por millenios (<i>Id.</i>)	120
Fortuna do Polierate (<i>Id.</i>)	122
Espelhos regeitados (<i>Côrte na Aldeia</i>) ..	124
Gaia (<i>João Va7</i>)	125
Os amores de Machim e Anna d'Arfet (<i>Insulana</i>)	149

PARTE III

Lendas, Patranhas e Fabulas

A lenda da Terra (<i>Guarda, Madeira</i>)	160
---	-----

Lenda dos rios (<i>Torre de D. Maria</i>).....	160
Lenda do milho e do centeio (<i>Airão</i>)	162
Tejo, Douro e Guadiana (<i>Mondim, Famalicão</i>).....	163
Lenda da Lua e da Agua (<i>Famalicão</i>)	»
A lenda das aduellas e dos arcos da pipa (<i>Arcos</i>).....	164
Lenda das manchas da Lua (<i>Freixo, Carregado</i>).....	»
Lenda de Fevereiro (<i>Foç do Douro</i>).....	165
Lenda de Salomão (<i>Açores</i>).....	»
Lenda do chorão (<i>Famalicão</i>)	166
Lenda da lenha.....	»
Lenda da ovelha.....	»
Lenda do Cão (<i>Guarda</i>)	»
Lenda da Serpente, do Sapo e do Sardão	»
Lenda da Coruja (<i>Guarda</i>)	167
Lenda do Sapo (<i>Airão</i>)	»
Porque os cães se cheiram (<i>Ilha de S. Miguel</i>)	»
Os tordos e as andorinhas (<i>Saudades da Terra</i>).....	168
Lenda das andorinhas e taralhões.....	»
Canto da Codorniz (<i>Paços de Ferreira</i>).....	»
Onomatopeas (<i>Airão</i>).....	169
O cuco e a roupa	»
Lenda dos animaes (<i>Oliveira de Azeitmeis</i>)	»
Voz do côrvo (<i>Paços de Ferreira</i>).....	170
Lenda do sapo e da toupeira (<i>Chaves</i>).....	171
A prova das lebres (<i>Mondim da Beira</i>)	»
O Goraz (<i>Mondim da Beira</i>).....	»
O grito do cão (<i>Mafra</i>)	»
A orelha do burro (<i>Id.</i>)	172
A criação da mulher.....	»
A obra de S. Pedro.....	»
O canto do gallo (<i>Penafiel</i>)	173
Lenda da codorniz (<i>Cabo Verde</i>)	»
O utra (<i>Açores</i>)	»
A lenda da Arvelinha	»
O balido da ovelha (<i>Famalicão</i>)	174
A romaria da Abbadia (<i>Id.</i>).....	»
Lenda das giestas	»
Lenda do Monte de Nossa Senhora (<i>Porto</i>).....	175
Lenda dos trémoços (<i>Famalicão</i>)	»
Lenda de Nossa Senhora (<i>Id.</i>)	»
A submersão de cidades (<i>Galliça</i>)	176
Origem do nome de Lisboa.....	»
Outra origem (<i>Panorama</i>)	177
A moura Saluquia (<i>Id.</i>)	»
O penhor sagrado	178
A abobada do Mosteiro da Batalha (<i>Chronica de S. Domingos</i>)	»
O Carrilhão de Mafra (<i>Panorama</i>).....	179

Conto applicado (<i>Itinerario da Terra Santa</i>).....	179
A Torre do Ladrão (<i>Id.</i>).....	180
Numero fatidico.....	»
Maria Extravandia (<i>Loulé</i>).....	181
Excerpto de um Conto de Trancoso.....	182
Lenda da Fonte dos Amores (<i>Coimbra</i>).....	183
Clavinas de Ambrosio.....	»
Lenda dos Ferreiros (<i>Penella</i>).....	184
Lenda da Ponte de Domingos Terne (<i>Valflôr</i>).....	185
Lenda da Amendoeira (<i>Lisboa</i>).....	»
A Ponte da Alliviada.....	186
A Ponte da Misarella.....	»
Lenda de Simancas.....	»
Lenda de Chacim e do Mosteiro de Balsemão.....	187
Origem do nome de Bragança.....	»
Origem do nome de Viseu.....	188
Lenda do Crescido.....	»
Lenda de Lamego.....	»
A Torre dos Namorados.....	189
A sepultura dos dois irmãos, em Cintra.....	»
Ainda não se acaba o mundo.....	190
Quantos pães dá um alqueire.....	»
A aguia e a coruja.....	191
Fabula da raposa e o môcho.....	192
A barata e os filhos.....	»
A raposa e o lobo.....	»
A raposa no gallinheiro.....	193
A raposa e o gallo.....	194
O lobo e a ovelha.....	195
O rato da cidade e o rato da aldeia.....	»
A raposa e o leão enfermo.....	199
Agláo ou a Bemaventurança.....	»
O bacorote e as ovelhas.....	200
O corvo e o cavallo.....	»
A formiga e a cigarra.....	201
O cão sôfrego.....	202
A rã e o boi.....	»
A cêga fátua.....	203
O odio e o amor.....	204
A fortuna e o môço.....	205
As lebres e as rãs.....	»
— (<i>Variante</i>).....	206
O lobo e a raposa.....	207
O filosofo e o fanfarrão.....	208
Jupiter e o Sabio.....	209
O carvalho dos ratos.....	210
A tartaruga e a aguia.....	»
O homem, o idolo e o thezouro.....	211

As duas mães	213
O que faz o mal a si mesmo	"
Fabulas de Esopo (<i>vertidas do grego por Manuel Mendes da Vidigueira</i>)	214
I O gallo e a pérola	"
II O lobo e o cordeiro	"
III O lobo e as ovelhas	215
IV O rei dos bugios	"
V A andorinha e outras aves	216
VI O rato e a rã	"
VII O ladrão e o cão da casa	217
VIII O cão e a ovelha	"
IX O cão e a carne	"
X A mosca e a carreta	218
XI O cão e a imagem	"
XII O leão, vaca, cabra e ovelha	"
XIII O casamento do Sol	219
XIV O homem e a doninha	"
XV A bogia e a raposa	220
XVI Juno e o pavão	"
XVII O lobo e o grou	221
XVIII As duas cadellas	"
XIX O homem e a cabra	"
XX O asno e o leão	222
XXI O rato cidadão e montesinho	"
XXII A aguia e a raposa	223
XXIII O gallo e a raposa	"
XXIV O bezerro e o lavrador	224
XXV O lobo e o cão	"
XXVI Os membros e o corpo	225
XXVII A aguia e a coruja	"
XXVIII A raposa e o córvo	"
XXIX O leão e os outros animaes	226
XXX As rãs e Jupiter	"
XXXI A pomba e o falcão	227
XXXII O parto e a Terra	"
XXXIII O galgo velho e seu amo	228
XXXIV As lebres e as rãs	"
XXXV O lobo e o cabrito	"
XXXVI O cervo, o lobo e a ovelha	229
XXXVII A cegonha e a raposa	"
XXXVIII A gralha e os pavões	230
XXXVIX A formiga e a mosca	"
XL A rã e o touro	231
XLI O cavallo e o leão	"
XLII As aves e o morcego	"
XLIII O cavallo e o asno	232
XLIV O falcão e o rouxinol	"

XLV As arvores e o machado	233
XLVI O asno e o mercador	»
XLVII O rato e a doninha	»
XLVIII A raposa e as uvas	234
XLIX O pastor e o lobo	»
L O asno e a cachorrinha	235
LI O leão e o rato	»
LII O milhano e sua mãe	»
LIII O porco e o lobo	236
LIV O velho e a mosca	»
LV O cordeiro e o lobo	237
LVI O homem pobre e a cabra	»
LVII O bogio, o leão e a raposa	»
LVIII A faia e a cananoura	238
LIX A formiga e a cigarra	»
LX O caminhante e a espada	239
LXI O asno e o leão	»
LXII A gralha e a ovelha	»
LXIII O boi e o veado	240
LXIV O lobo e a raposa	241
LXV O leão e os outros animaes	»
LXVI O veado e o caçador	»
LXVII A bicha e a lima	242
LXVIII Os carneiros e o carniceiro	»
LXIX O lobo e o asno doente	243
LXX A pulga e o camello	»
LXXI O caçador e as aves	244
LXXII O cervo e o cavallo	»
LXXIII O butre e mais passaros	»
LXXIV A raposa e o leão	245
LXXV O carneiro grande e os pequenos	»
LXXVI O leão e o homem	246
Fabulas de Manuel Mendes, da Vidigueira :	
A panella de barro e a de cobre	246
O cão e seu dono	247
A nóra e a sogra	248
O ladrão e o anjo	»
A raposa e o leão	249
O soldado e o pifano	»
O lobo esfaimado	250
As duas rãs	»
O caçador e a rêde	251
O lobo mordido pelo cão	»
Queixumes do pórco	»
Notas comparativas	253
Indice	333

*Do Catalogo das Edições da Livraria
Universal — 1900*

THEOPHILO BRAGA

Contos tradicionaes do Povo portuguez, com um estudo sobre a Novellistica popular e Notas comparativas; Contos de fadas, Casos e facecias; Historias e Exemplos de thema tradicional e fórma litteraria. 2 volumes.

O movimento folk-lorico moderno deve-se principalmente á canceira e perseverança genial dos irmãos Grimm, Jacob e Guilherme. Aconteceu-lhes o que muitas vezes succede na historia das descobertas — acharem no meio do caminho o que suppunham encontrar no seu termo. Colombo pretendeu balisar o caminho que levava á India pelo Occidente — e a meio depara-se-lhe um continente novo. A Philologia era o objectivo inicial dos irmãos Grimm, e por fim ella levou-os á exumação da Edade Média, com todas as suas prodigiosas riquezas litterarias e revelou-lhes os veios inexauriveis da poetica e da novellistica popular, e consequentemente ao estabelecimento do grande edificio da Demopsychologia. As consequencias, proximas e longinquoas, d'este movimento fôram incalculaveis e não as podiam prevêr nem talvez sonhar os dois grandes mestres. Restituindo á sua pureza e sinceridade primitivas os documentos da velha literatura nacional, o seu pensamento proseguia a reconstituição ideal da antiga Germania. Mas esta reconstituição ideal, já adivinhada e tentada pelo genio de Luthero, passou ao dominio real, palpavel e concreto, porque foi o ponto de partida para a formação de uma Alma germanica manifestada na brilhante efflorescencia litteraria e nacionalista que assignalou a passagem do seculo XVIII para o seculo XIX e devia ser o prefago idealista da unidade do imperio fundado na unidade da raça. Por fórma que um dos mais notaveis phenomenos politicos e sociaes do nosso tempo teve a sua origem na elaboração mental de dois prodigiosos eruditos, pesquisadores de pergaminhos e velhos códices preparando a formação de uma nacionalidade, incubadores de uma nova hegemonia.

Este simples acto põe a toda a luz a relação que liga os dois mundos — o mundo litterario, na mais vasta acceção da palavra, e o mundo politico e social. Esta relação, intelligivel á *priori*, confirma-a toda a inducção historica. Toda a gente sabe, (para o mostrar com um exemplo de casa) a solidariedade que existe entre o nosso movimento romantico e o seu equivalente politico — o liberalismo. Garrett sentiu pela simples intuição litteraria, o alcance da obra dos Grimm e continuadores, e não sendo rigorosamente um *folk-lorista*, comprehendeu que não ha obra litteraria solida que não venha do povo e não volte para elle.

O merito da obra consideravel do sr. Theophilo Braga está em ter systemasiado pela critica os esforços incoherentes da primeira geração romantica. E hoje não se póde desconhecer que elle trouxe para o inventario da psychologia popular portugueza materiaes de inestimavel valor.

(Em um exemplar dos *Contos populares portuguezes*)

Ao meu collega e amigo

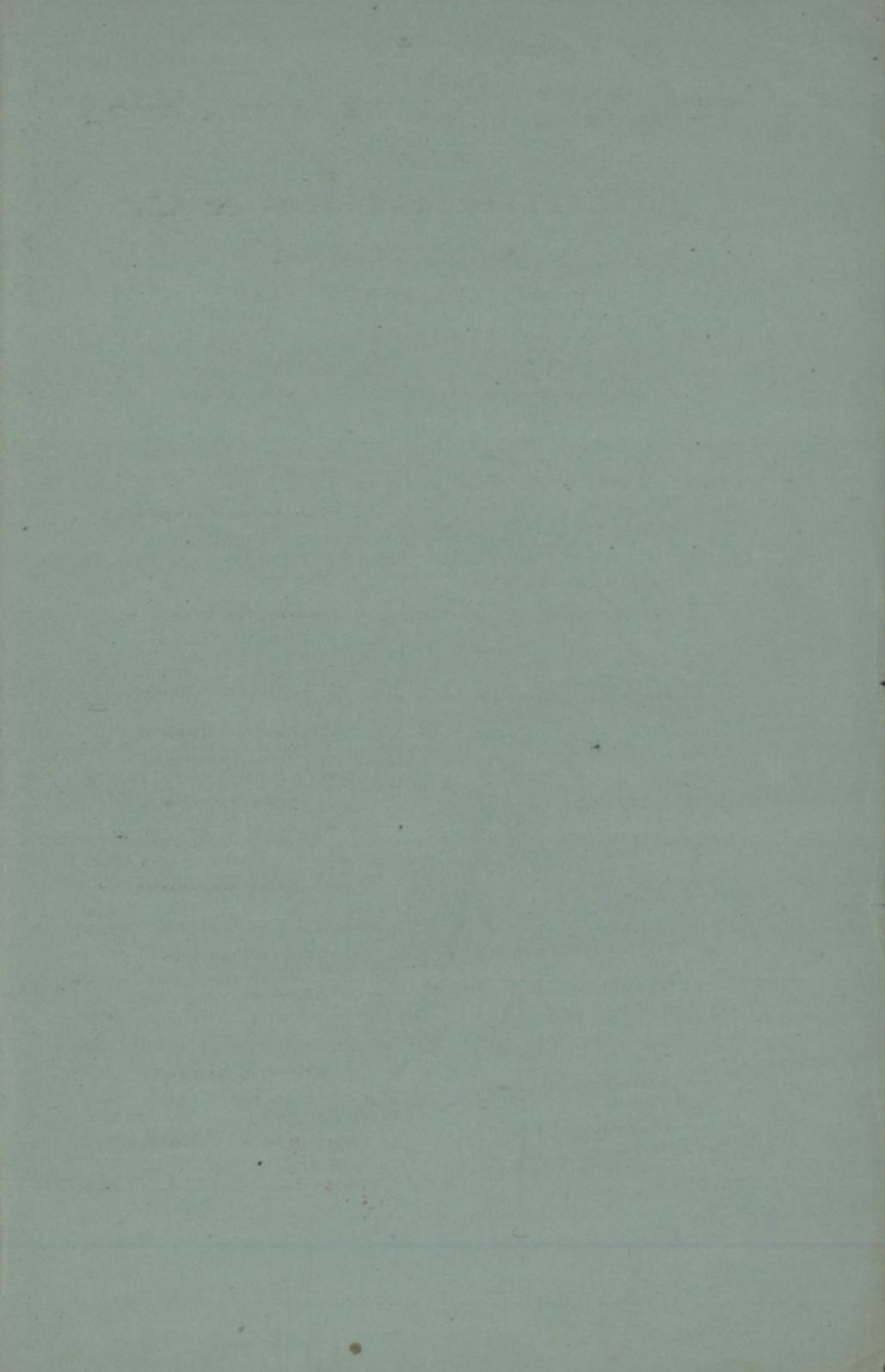
TH. BRAGA

O primeiro explorador scientifico da Tradição popular nacional

*O collector dos Contos
(1879)*

✓
58854





LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

DE

J. RODRIGUES & C.^ª

LIVREIROS — EDITORES

186, RUA AUREA, 188

LISBOA

- | | | | |
|--|--------|---|--------|
| Theophilo Braga | | Silva Pinto | |
| <i>Historia da Poesia popular portugueza</i> —2 vol..... | 1\$600 | <i>O Livro de Cesario Verde, 1873-1877</i> —Reimpressão textual da 1. ^a edic. feita pelo amigo do poeta Silva Pinto—3. ^a edic.—1 vol..... | 500 |
| <i>Cancioneiro popular portuguez</i> —2 vol..... | 1\$600 | Claudia de Campos | |
| <i>Romanceiro geral portuguez</i> —3 vol..... | 2\$500 | <i>Mulheres</i> —Ensaio de psychologia feminina—1 vol..... | 700 |
| <i>Contos tradicionais do Povo portuguez</i> —2 vol..... | 1\$200 | <i>A Esphinge</i> —Romance psychologico—1 vol..... | 700 |
| <i>Theatro popular portuguez</i> , (no prelo). | | Soror Marianna | |
| Anthero de Quental | | <i>Cartas de Amor ao Cavalheiro de Chamilly</i> —Traducção e revisão de Luciano Cordelro—Ill. de Manuel San Romão—2. ^a edição..... | 500 |
| <i>Raios de extincta Luz</i> —Poesias ineditas (1850-1863) publicadas e precedidas d'um largo Escorço biographico por Theophilo Braga—1 vol..... | 500 | Teixeira de Queiroz | |
| <i>O Infante D. Henrique</i> —Com um prefacio de Rod. Velloso e um bello retrato de Anthero, magnifica edição in-4. ^o gr..... | 400 | <i>As minhas opiniões</i> (Estudos psychologicos e sociaes)—1 vol.... | 600 |
| Camões | | Sousa Viterbo | |
| <i>Les Lusíades</i> —traducção em verso francez, por Garin—1 vol.. | 1\$500 | <i>A Esgrima em Portugal</i> —1 vol. in-4. ^o , em papel de linho (Edic. de 100 exemplares numerados.) | 1\$500 |
| <i>Os Lusíadas</i> . Edição commemorativa do 4. ^o Centenario do Descobrimto da India, com argumentos novos em estancias heroicas. Edição do programma official do centenario, profusamente illustrada com desenhos allegoricos, retratos ineditos de Vasco da Gamma e Luiz de Camões.—Cada exemplar 6\$000 rs.; cart. com a propria capa. | 7\$500 | Montufar Barreiros | |
| Dr. Manuel Bento de Sousa | | <i>Armas</i> —1 vol..... | 1\$000 |
| <i>O Doutor Minerva</i> —(Critica do Ensino em Portugal) 2. ^a edição, correcta e augmentada..... | 700 | <i>Os Papeis de meu Pae</i> —2 vol... 1\$200 | |
| <i>A Parvonia</i> —Nova edição, com uma carta-prefacio—1 vol..... | 600 | Corrêa Garção | |
| <i>Discurso em homenagem a Antonio Maria Barbosa</i> —1 vol. in-8. ^o | 200 | <i>Obras poeticas</i> —1 vol. com introduccão e notas de Azevedo de Castro..... | 1\$500 |
| Fernandes Costa | | <i>Historia da literatura espanhola</i> | 400 |
| <i>Memorias de um Ajudante de Campo</i> —2 vols.—com retratos encad..... | 2\$000 | Oliveira Martins | |
| | | <i>Historia de Portugal</i> —traducção de Stephens—1 vol..... | 1\$200 |
| | | Visconde de Condeixa | |
| | | <i>O Mosteiro da Batalha</i> —1 vol. com magnificas illustrações... | 6\$000 |

RO